

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“A GUERRA JÁ CHEGOU ENTRE NÓS”!
O COTIDIANO DE ARACAJU DURANTE A GUERRA SUBMARINA
(1942 -1945)

Luiz Antônio Pinto Cruz

Salvador
Setembro de 2012

Luiz Antônio Pinto Cruz

“A GUERRA JÁ CHEGOU ENTRE NÓS”!
O COTIDIANO DE ARACAJU DURANTE A GUERRA SUBMARINA
(1942 -1945)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Lina Maria Brandão de Aras

Salvador
Setembro de 2012

Luiz Antônio Pinto Cruz

“A GUERRA JÁ CHEGOU ENTRE NÓS”!
O COTIDIANO DE ARACAJU DURANTE A GUERRA SUBMARINA
(1942 -1945)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Data da Aprovação: ____/____/_____.

Prof^a. Dr^a. Lina Maria de Brandão de Aras

Prof. Dr. Antonio Lindvaldo Sousa

Prof^a. Dr^a. Maria Hilda Baqueiro Paraíso

*Aos meus pais:
José Luiz (in memorian) e Maria Rita
Pelo amor, educação e respeito.
Armas imprescindíveis a um bom combatente.*

*A Zé Peixe (in memorian).
Por me fazer ver as histórias das águas sergipanas.*

*À minha tia Zeni, Zenilde Soares Pinto,
Sem seu carinho e apoio jamais teria chegado até aqui.*

*À Terezinha Alves de Oliva
Pela inspiração no ofício de historiar.*

FICHA CATALOGRÁFICA

C957g Cruz, Luiz Antônio Pinto
“A guerra já chegou entre nós!”: o cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942/1945) / Luiz Antônio Pinto Cruz; orientadora Lina Maria Brandão de Aras – Salvador, 2012.
231 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, 2012.

1. Brasil – História. 2. Sergipe – História. 3. 2ª Guerra Mundial, 1939-1945 – Brasil. 4. Guerra Mundial, 1942/1945 – Sergipe. I. Aras, Lina Maria Brandão de, orient. II. Título.

CDU 94(81).082/083”1939/1945”

A guerra chegou, materialmente, ao Brasil, pois há muito já estava nela. A nova situação, porém, impõe tarefas mais concretas e precisas. Antes de tudo, é preciso considerar que esta não é uma guerra, mas é a guerra, a deflagração final das imensas contradições em que o mundo se vem arrastando para se superar, em busca da “continuidade, da sobrevivência, do progresso”. Não nos iludamos, pois o nosso “Pearl Harbor”, aí está, com todas as suas consequências.

Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 1º de Setembro de 1942, p.2

AGRADECIMENTOS

Mourejei durante anos nesta pesquisa, e somente agora, no mestrado em História Social/UFBA, sinto-me mais seguro em apresentar seus resultados. Para quem analisa a relação entre acontecimentos navais e o mundo social, estudar no campus de São Lázaro, foi uma das experiências mais enriquecedora da minha vida. Do casarão se tem uma bela visão do mar, costumava contemplá-lo às cinco horas da manhã, quando chegava à cidade de Salvador. Foi ali, à sombra do pátio de São Lázaro, que me fiz historiador. Volto o meu olhar para essa trajetória. Agradeço e reconheço a quem navegou ao meu lado esses anos, de tantas idas e vindas entre Aracaju e Salvador.

A Deus, meu timoneiro, por me permitir atravessar calmarias e tormentas.

De forma muito carinhosa, agradeço à Joceneide Cunha por conscientizar-me da importância de dar prosseguimento às pesquisas que desenvolvi no tempo da graduação e apontar caminhos. Obrigado por emprestar-me sua valentia e fazer sentir seu carinho, somente assim, eu tive mais coragem em ousar, batalhar e acreditar.

À Prof^ª. Dr^ª. Lina Maria Brandão de Aras, minha orientadora e amiga. Sou grato pela disposição em seguir a bordo comigo nessa aventura de estudar a Costa de Sergipe no tempo da Guerra Submarina. Obrigado por ter sensibilidade em lidar com meu estilo de historiar, lapidar-me e ter paciência em corrigir a minha rota. Espero que este trabalho esteja à altura do que planejamos juntos.

À excelência da banca examinadora, à Prof^ª. Dr^ª. Maria Hilda Baqueiro Paraíso, pelas importantes considerações que guiaram a confecção final deste trabalho, e também, ao Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa, conhecedor dos caminhos históricos dessa pesquisa, pois foi meu orientador no tempo de graduação na UFS. As sugestões e as críticas de ambos foram valiosas no aprimoramento do texto definitivo. Não poderia deixar de sentir a ausência do Prof. Dr. Antônio Fernando Guerreiro de Freitas, que na qualificação, alertou-me dos rumos sociomilitares desta pesquisa histórica e fez-me repensar a estrutura da dissertação.

Aos professores doutores Dilton Oliveira de Araújo, Gabriela dos Reis Sampaio e Maria de Fátima Novaes Pires por acreditarem na proposta de trabalho e terem aberto as portas do mestrado para mim. Ao Prof. Dr. Evergton Sales Souza, que durante a sua gestão à frente da coordenação da PGHS-UFBA, ajudou-me em várias atividades acadêmicas, quando estive impossibilitado de estar em Salvador.

À Marinha do Brasil, que através dos seus representantes na DPHDM - Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha compartilharam informações históricas importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao Primeiro-Tenente Luiz Cesário Nascimento, do Departamento de Publicações, pela doação e remessa do livro *História Naval Brasileira* e edições da *Navigator*. Também sou grato ao Capitão de Corveta Carlos André Lopes da Silva, pesquisador da DPHDM, pelas indicações de leituras e esclarecimentos sobre o mundo naval brasileiro.

Aos jornalistas: Mauro Santayana, que me explicou como encontrou o diário de bordo dos submarinos alemão U-507 na Alemanha. Além disso, apontou caminhos investigativos. Sérgio Torres, da Folha de São Paulo, por compartilhar documentação dos naufragos que chegaram às praias sergipanas; Anna Fontes e Fernando Petrônio da TV Sergipe, pela exposição da pesquisa no programa Terra Serigy e pela visibilidade ao meu objeto de pesquisa nas mídias da Rede Globo, o que facilitou o contato com novos entrevistados, pesquisadores e historiadores de várias partes do Brasil.

A temática socionaval desenvolvida nesta dissertação nasceu no Departamento de História da UFS. Sou grato a todos os meus professores, especialmente à Prof^ª Dra Terezinha Alves de Oliva, que através da sua disciplina - Introdução à História - despertou o interesse em estudar o evento dos torpedeamentos na costa sergipana. Gostaria também de agradecer ao Prof. Msc. Ruy Belém de Araújo por compartilhar revistas históricas norte-americanas dos anos de 1940. Agradeço à Prof^ª Dra Ana Maria Leal Cardoso, do NPGL-UFS, pelos importantes debates sobre mito e imaginário.

Agradeço aos meus entrevistados: José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe), Edmundo Rodrigues da Cruz, Idalina Lima de Sousa, Jardilino Marques, Jorge Sousa, Paulo de Oliveira Santos, Salvelina Santos de Moraes, Eliseu Timóteo e João Martins do Nascimento.

Aos funcionários do Arquivo do Judiciário de Sergipe, Arquivo Público do Estado de Sergipe, Biblioteca Pública Ephifânio Dória, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, Biblioteca Municipal Clodomir Silva e Biblioteca da UFBA, pela atenção e prestação de serviços.

À turma do curso de mestrado em História Social de 2010 pela troca de conhecimentos, debates e reflexões construídos na UFBA. Sou grato às amizades construídas na turma: Rafael Sancho Carvalho da Silva, Carla Côrte de Araújo, Elisa de Moura Ribeiro, Marcelo Renato Siquara Silva, Jorge Emanuel Luz de Souza, Cristian Barreto de Miranda, Vinicius Mascarenhas de Oliveira e Raquel Oliveira Silva.

Em Salvador, duas famílias luteranas me hospedaram com muito zelo e carinho. Em Nazaré, sou grato ao meu amigo Walter Daniel de Oliveira e sua esposa Nicolina Miceli Oliveira. No bairro Saúde, agradeço à família Lima: Sebastiana, Roseane, Regiane, Antônio Gualberto, Raini, Raiane, Lúcia Lima e Raimundo José. Sinto-me um pouco soteropolitano devido o frequente convivo com minhas famílias baianas.

Agradeço às orientações artísticas e arquitetônicas de Loíze Raquel Santos Silva. Às indicações de leitura dos pesquisadores baianos Maria Helena Silva e Raul Coelho Barreto Neto. Ao rigor na tradução dos documentos em inglês realizada por Aline Priscilla Brancalhão Züge. À Nancy Teresa Vasconcelos Lima pela elaboração da ficha catalográfica. Ao Valter Temoteo Albano dos Santos pela valiosa indicação de documentos políticos e militares no tempo do Estado Novo. A Waldefrankly Rolim de Almeida Santos por disponibilizar documentos arcajuanos. A Sheila Farias por ajudar-me na bibliografia da seleção de mestrado e por compartilhar sua experiência na UFBA. Jamais esqueceria Maria Regivânia dos Santos Moreira e seu esposo, Juliano Moreira, sempre zelosos com as cópias de documentos e com os meus trabalhos acadêmicos.

Aos amigos que me ajudaram a atravessar essa jornada, apontando caminhos, ou simplesmente, torcendo por mim. A essas pessoas fica registrada toda minha gratidão. Muito obrigado Josué A. Sander, Mychael W. Züge, Maria Normélia de Faria, Josivânia P. Santos, Fábio S. F. Lima, Mário Resende, Wagner Lemos, Pedro A. de Santana, Ivan Paulo S. Santos, Maria Adélia M. Silva, Elder Sérgio de M. Araújo, Daisy L. de Menezes, Bárbara Sheila G. e Freitas, André Luís Brito, Ismael F. Santos, Luciana O. da Costa, Carla Karinne S. Oliveira, Filipe Dantas dos Santos, Ricardo S. de Jesus, Débora M. Aragão, Rita Leoser de S. Andrade e Tácio Pádua.

E, por fim, mas não por último, o meu maior agradecimento é dirigido a minha família “Pinto Cruz”: minha mãe Maria Rita e meu pai José Luiz (*in memoriam*) pelo amor incondicional. Aos meus queridos irmãos: Cândida Luísa, Maria Clara, Marta Roseane, Inaldo, Wellington, Manoel Francisco, Marcelo, João Paulo e Ovídio (*in memoriam*). A minha Tia Zeni, Zenilde Soares Pinto, a quem mais me incentivou e apoiou em meus estudos históricos. Aos meus tios paternos, Eulália da Cruz e José Trindade Cruz, pelas lições de vida compartilhadas. Enfim, aos meus familiares mais próximos, aqui não citados, mas amados, e que foram (e são) essenciais em minha vida.

À CAPES pela bolsa de pesquisa concedida que me ajudou na aquisição de tecnologia de gravação, no custeio de viagens e na participação de eventos.

RESUMO

As novas gerações brasileiras se acostumaram a pensar a Segunda Guerra Mundial como uma “realidade distante” de suas fronteiras, de suas vidas e de suas histórias. Elas conhecem bem as batalhas sangrentas travadas entre eixistas e aliados na Europa, África, Ásia e Oceania, mas desconhecem as suas histórias socionavais no tempo da Batalha do Atlântico. Pesquisadores definiram o papel do Brasil no maior conflito global como sendo uma “participação simbólica”, “uma beligerância apenas nominal”, “uma sombra da guerra”, enfim, “uma guerra sem guerra”. No entanto, algumas realidades costeiras evidenciam que os brasileiros enfrentaram sim, os ardores da guerra em seu mar territorial e foram obrigadas a seguir as orientações de segurança antissubmarinas. Sob o prisma da micro-história, esta pesquisa analisou um corpus documental variado (jornais sergipanos, documentos oficiais, iconografia, acervos particulares, memorialistas, dentre outros), dialogou com a produção historiográfica nacional e avaliou a memória coletiva dos aracajuanos para perceber como os sucessivos ataques dos U-boots repercutiram no cotidiano da cidade de Aracaju nos anos de 1942 e 1943. A história dos torpedeamentos dos navios mercantes gerou centenas de mortos, dezenas de sobreviventes traumatizados, população costeira amedrontada e um clima de insegurança generalizado, configurando assim, o estado de beligerância nas águas territoriais do Brasil, e mais tarde, a declaração varguista de guerra à Alemanha e à Itália. Portanto, esta pesquisa histórica analisou a Guerra Submarina na costa de Sergipe, centralizando suas análises para o cotidiano dos aracajuanos e suas respostas aos reveses navais, no período de 1942 a 1945.

Palavras-chave: micro-história, sociedade aracajuana, guerra submarina, Brasil e Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

“THE WAR IS ALREADY AMONG US”! DAILY LIFE IN ARACAJU DURING THE SUBMARINE WAR (1942 -1945)

The new Brazilian generations got used to thinking of World War II as a “distant reality”, far from their frontiers, their lives and their histories. They know well the bloody battles between the Axis and the Allies in Europe, Africa, Asia and Oceania, but do not know the social-naval histories during the Battle of the Atlantic. Researchers have defined the role of Brazil in the biggest world conflict as having “symbolical participation”, “a merely nominal belligerence”, “a shadow of the war”, ultimately, “a war without war”. Nevertheless, some coastal realities evince the fact that Brazilian did face the flames of the war in their territorial sea and were forced to follow anti-submarine safety directions. Under the view of micro-history, this study analyzed a varied documental corpus (newspapers from Sergipe, official documents, iconography, private collections, memorialists, among others), conversed with the national historiographical production and evaluated the collective memory of people from Aracaju, in order to perceive how the successive attacks of U-boats affected Aracaju daily life in 1942 and 1943. The history of merchant vessels torpedoing generated hundreds of deaths, dozens of traumatized survivors, fearful coastal inhabitants and an environment of generalized insecurity. This therefore configured the belligerence state in Brazilian territorial waters, and, later, the declaration (by then Brazilian president Getúlio Vargas) of war against Germany and Italy. Therefore, this historical research has analyzed the Submarine War on Sergipe coast, focusing its analysis on the daily life of Aracaju inhabitants and their responses to the naval setbacks in the period between 1942 and 1945.

Key-words: micro-history, Aracaju society, submarine war, Brazil and World War II.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 Submarino: material de propaganda dos EUA em 1942
- Figura 2 Cartaz de Getúlio Vargas
- Figura 3 Despedida do vapor na Ponte do Imperador.
- Figura 4 Manchete da imprensa aracajuana.
- Figura 5 Foto aérea dos naufragos e sua baleeira no litoral de Sergipe
- Figura 6 Hotel do italiano Augusto Marozzi
- Figura 7 Praça Fausto Cardoso e o Palácio Olímpio Campos nos anos de 1930.
- Figura 8 Naufrago José Castelo Branco Vercoso
- Figura 9 Vala coletiva para o sepultamento dos naufragos na costa de Sergipe
- Figura 10 Baleeira abicada na praia sergipana
- Figura 11 Torre da Residência dos Mandarinos
- Figura 12 Torre da Igreja de Santo Antônio
- Figura 13 Torre da Igreja de São Francisco
- Figura 14 Fábrica de São Gonçalo S/A

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Operação Félix: a invasão nazista ao Saliente Nordeste
Mapa 2	Área Costeira de Sergipe
Mapa 3	Costa do Brasil e suas particularidades
Mapa 4	Aquovia do São Francisco: rio da integração nacional.
Mapa 5	Circulação das Mercadorias Malafogadas em Aracaju

TABELAS

Tabela 1	Ações Beligerantes do U-507 na Costa do Brasil
Tabela 2	Averiguações Policiais contra Nicola Mandarino
Tabela 3	Medos comuns identificados e ligados aos acontecimentos
Tabela 4	Cronologia dos Acontecimentos Navais na Costa de Sergipe

LISTA DE SIGLAS

28o BC – 28o Batalhão de Caçadores
ABWEHR - Serviço de Informações do Estado-Maior Alemão.
AIB – Ação Integralista Brasileira
AGJSE – Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe
AIB – Ação Integralista Brasileira
ANL – Aliança Nacional Libertadora
APES – Arquivo Público do Estado de Sergipe
APWB – Acervo Particular de Walter Baptista
ASW – Anti-submarine Warfare (guerra antissubmarina)
CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
DEIP – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
DEOPS – Departamento Especial de Segurança Pública e Social
DPAAe – Defesa Passiva Antiaérea
DPHDM - Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha
EUA – Estados Unidos da América
FAB – Força Aérea Brasileira
FEB – Força Expedicionária Brasileira
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FNNE – Força Naval do Nordeste
Gestapo – Polícia secreta alemã
IHGS – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LBA – Legião Brasileira de Assistência
LDN – Liga da Defesa Nacional
LLA – Lend-Lease Act
NSDAP – Partido Nacional Socialista Alemão do Trabalho
PANAIR – Pan American Airways do Brasil
SE – Sergipe
SS - Steam Ship (navio a vapor)
TSN – Tribunal de Segurança Nacional
U-BOOT – Unterseeboot
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFS – Universidade Federal de Sergipe
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I	
DESTINOS CRUZADOS: A CAMPANHA SUBMARINA NO ATLÂNTICO	32
1.1 – A <i>Kriegsmarine</i> e a Batalha do Atlântico	33
1.2 – O saliente nordestino e suas representações militares	47
1.3 – O gaúcho Getúlio Vargas e o seu estilo de governo	58
1.4 – Aracaju: a cidade naval dos sergipanos	64
CAPÍTULO II	
VIDAS NAUFRAGADAS: TESTEMUNHOS DA BARBÁRIE NAZISTA EM SERGIPE	69
2.1 – O atentado nazista em Sergipe	70
2.2 – Os pilotos do Aeroclube e as vítimas à deriva	77
2.3 – Os naufragos e os nativos praianos	81
2.4 – Os naufragos chegaram à Aracaju	84
2.5 – O drama dos naufragos na percepção dos aracajuanos	91
CAPÍTULO III	
ARACAJU TORPEDEADA: O PERIGO DOS INIMIGOS INTERNOS	110
3.1 – Quinta Coluna: a ameaça do inimigo interno	116
3.2 – O Sigma ainda vive entre os aracajuanos	119
3.3 – Sergipanos simpatizantes da Alemanha Nazista	125
3.4 – Os nazistas detidos em Sergipe	131
3.5 – Os judeus e a cidade de Aracaju	141

CAPÍTULO IV	
ARACAJUANOS E SUAS MEMÓRIAS MALAFOGADAS	146
4.1 – O comércio dos malafogados em Aracaju	147
4.2 – Aracajuanos atalaiados	167
4.3 – Sob a mira da intolerância: as torres da discórdia	172
4.4 – Amarga rotina: o torpedeamento do Bagé em 1943	179
4.5 – A Campanha antissubmarina em Sergipe	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
LISTA DE FONTES	198
REFERÊNCIAS	204
ANEXO	211

INTRODUÇÃO

O Brasil não tinha entrado em guerra. Esses navios, Baependy, Araraquara e Aníbal Benévolo foram torpedeados. Ai Getúlio Vargas declarou guerra daí por diante. Torpedearam os navios brasileiros em águas brasileiras. Dentro da nossa casa!

Prático José Martins Ribeiro Nunes¹, popularmente conhecido como Zé Peixe. Aracaju/SE, 07 de abril de 2007.

A campanha submarina do Eixo no Atlântico Sul trouxe novas implicações à população costeira do Brasil. Antes de compreender esse tempo de beligerância, urge entender as significações da palavra “torpedear”. No mundo da Marinha de Guerra se traduz simplesmente em “lançar torpedos contra” ou “destruir por meio de torpedos”. É uma ação submarina que atende aos propósitos de uma logística militar preestabelecida. Na leitura escalar da micro-história, esse termo náutico também possui outras denotações. Mais do que afundar navios, o ato de torpedear gera implicações sociais bem amplas: a história do navio não se apaga quando ele é tragado pelo mar; a experiência traumática vivida pelos sobreviventes perpassa o tempo eventual em si; os familiares e os amigos dos naufragos também se sentem atingidos; o medo do desconhecido alimenta o imaginário social; e por fim, as agressões navais tendem a despertar conflitos e alimentar o caos.

Sucessivos afundamentos de navios brasileiros foram registrados em águas internacionais ao longo da Segunda Guerra Mundial. Na costa do Brasil, a primeira área atlântica afetada com as investidas nazistas foi o litoral de Sergipe, entre os dias 15 e 16 de agosto de 1942. Outras justificativas para a escolha desse recorte espacial: a grande incidência de torpedeamentos nos anos de 1942 e 1943; a Marinha Mercante atingiu o número de 972 mortos na guerra marítima, sendo que mais de 50% perderam as suas vidas em águas sergipanas; a cidade de Aracaju foi alçada à condição de vítima da Guerra Submarina; e, por fim, os ataques navais dos U-507, em Sergipe e na Bahia, tiveram um grande peso no

¹ José Martins Ribeiro Nunes, mais conhecido como Zé Peixe, nasceu na cidade de Aracaju, em 05 de janeiro de 1927. Ele era adolescente no tempo dos torpedeamentos e suas memórias são privilegiadas, pois sua casa se localizava próximo à Capitania dos Portos de Sergipe. Além disso, ele testemunhou as operações antissubmarinas na cidade, os ensaios antiaéreos, o movimento estudantil e a perseguição aos estrangeiros. Depois da guerra, Zé Peixe se torna prático, um dos mais conhecidos na Marinha do Brasil.

reconhecimento do Estado de Beligerância em todo território nacional (22 de agosto de 1942) e na Declaração Brasileira de Guerra à Alemanha e à Itália (31 de agosto de 1942).

As balizas cronológicas traçadas também dialogam com a perspectiva escalar da micro-história. A baliza inicial tem como marco a declaração brasileira de rompimento diplomático com o Eixo, em 28 de janeiro de 1942, pois este ato tirou a condição de neutralidade do país e tingiu de beligerância os navios nacionais. A baliza final estabelece como limite o dia 4 de maio de 1945, quando os comandantes dos *U-boots* receberam ordem do Almirante Karl Dönitz, então novo Führer, de capitularem: “Todos os submarinos. Atenção, todos os submarinos. Cessar fogo imediatamente. Suspender toda ação hostil contra navegação aliada”.²

Ao elegermos a “Guerra Submarina na costa de Sergipe (1942-1945)” como objeto de estudo não se destacou a batalha naval em si, mas como a sua população costeira respondeu aos atentados no mar. Em amplas variações escalares, o “evento bélico naval” se transformou em “tragédia sergipana”, que, por sua vez, ganhou “projeção nacional”: o Brasil foi atacado pelo Eixo em seu mar territorial. Então, no dia 18 de agosto de 1942, o DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda apresentou a seguinte nota de esclarecimento, que circulou nos quatro cantos do país.

*Pela primeira vez as embarcações brasileiras, servindo o tráfego das nossas costas no transporte de passageiros e cargas de um Estado para outro – sofreram ataque dos submarinos do Eixo. Nestes três últimos, foram afundados em Sergipe os vapores “Baependy” e “Anibal Benévolo” do Lloyd Brasileiro e o “Araraquara” do Lloyd Nacional S.A. O inominável atentado contra indefesas unidades da Marinha Mercante de um país pacífico, cuja vida se desenrola à margem e distante do teatro de guerra, foi praticado com desconhecimento dos mais elementares princípios de direito e humanidade. O nosso país dentro de sua tradição não se atemoriza diante de tais brutalidades e o Governo examina quais as medidas a tomar em face do ocorrido. Deve o povo manter-se calmo e confiante na certeza de que não ficarão impunes os crimes praticados contra a vida e bens dos brasileiros.*³

Essa nota oficial permite visualizar que o “inominável atentado” criou uma configuração de beligerância no horizonte oceânico nacional. Até então, prossegue a nota, o Brasil vivia “à margem e distante do teatro de guerra”. Enquanto a notícia do DIP era irradiada, as autoridades varguistas foram surpreendidas com outras agressões dos nautas estrangeiros. Dessa vez, os submarinos alemães levaram a pique no litoral baiano⁴, as

² Capitão Herbert A. Wener apud HILTON, Stanley E. *Suástica sobre o Brasil. A História da Espionagem Alemã no Brasil (1939-1944)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1977, p. 351.

³ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p. 1.

⁴ Dentro de uma perspectiva comparativa, há diferenciações significativas nos dois lugares costeiros atacados pelos U-507. Em Sergipe, os ataques ocorreram sob o manto da noite e muitos naufragos não perceberam que se tratava de um torpedeamento. À deriva, eles tiveram que contar com a própria sorte ou com o auxílio de outros

seguintes embarcações: o Itagiba, o Arara e o Jacira. Convém destacar que esta pesquisa não se voltou às inúmeras variantes e implicações das agressões submarinas na costa da Bahia, o que requereria mais tempo e exigiria uma análise mais abrangente.⁵

A relação entre a cidade de Aracaju e os torpedeamentos na costa de Sergipe constituem os aspectos essenciais desta pesquisa. Os aracajuanos tinham razões particulares para temer a guerra naval: todos os seus conterrâneos, que seguiam a bordo do Aníbal Benévolo, foram assassinados; apenas dois aracajuanos, tripulantes do Baependy, sobreviveram e transformaram-se em heróis; e, os tripulantes do Araraquara contemplavam o clarão da cidade de Aracaju à noite, quando foram surpreendidos pelas explosões. Essa evidência do naufrágio do Araraquara demonstra que a luminosidade da capital sergipana também era visível para os submarinistas nazistas. Essas e outras marcas da tragédia naval alastram o clima de insegurança para o interior da vida social.

O conjunto dos navios soçobrados pelo submarino alemão U-507, entre o litoral de Sergipe e da Bahia, representou um dos momentos mais dramáticos vividos pelos brasileiros, pois irrompeu a Segunda Guerra Mundial no mar territorial do país. Convém esclarecer, no entanto, que antes desses atentados nazifascistas, os brasileiros vivenciaram uma radicalização da política interna com a decretação do Estado de Sítio⁶ (1935), depois Estado de Guerra⁷ (1936) e por fim, a instituição da ditadura do Estado Novo (1937). Getúlio Vargas concentrou plenos poderes em torno de si; minou a normalidade interna; e perseguiu os integrantes da ANL, e logo em seguida, os da AIB. O evento dos torpedeamentos deixou visível a continuidade de práticas radicais; a inversão de valores em torno dos comunistas

sobreviventes para seguir viagem a bordo de baleeiras, pedaço de madeira, toldo, etc. Não houve socorro às vítimas em mar aberto, as autoridades locais deram assistência somente aos que conseguiram chegar às praias. Enquanto que na Bahia, os ataques ocorreram à luz do dia e a tripulação do Itagiba sofreu um “duplo naufrágio”, primeiro do seu navio torpedeado e depois do Arara, quando este os recolhia da água. Os naufragos dessas duas embarcações foram resgatados pelo iate sergipano Aragipe. O afundamento da barcaça Jacira também foi emblemático, pois estendeu os riscos da guerra marítima aos barqueiros e pescadores.

⁵ Para saber mais dos ataques navais do U-507 na costa da Bahia ver: MOUTINHO, Augusto César Machado. *A Bahia na Guerra: o medo e a sobrevivência em Morro de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. Salvador: UFBA, 2002. (Dissertação de Mestrado em História).

⁶ Estado de Sítio - Suspensão temporária de certas garantias constitucionais determinadas pela necessidade de defesa da ordem pública. Em sua vigência o Executivo assume poderes normalmente atribuídos ao Legislativo e ao Judiciário, e são estabelecidas restrições aos direitos dos cidadãos. Entre outras medidas, o governo pode determinar a obrigação de residência em localidade determinada, a busca e apreensão em domicílio, a suspensão de liberdade de reunião e associação e a censura de correspondência, imprensa e telecomunicações. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/estado_de_sitio 10: 25 2 de dezembro de 2012.

⁷ Estado de Guerra - Situação em que uma nação, com ou sem declaração de guerra, inicia hostilidades contra outra suspendendo todas as garantias constitucionais consideradas direta ou indiretamente prejudiciais à segurança nacional. Em dezembro de 1935, uma emenda constitucional abriu a possibilidade de se equiparar a "comoção intestina grave", com finalidades subversivas das instituições políticas e sociais, ao estado de guerra. Foi com essas características que o estado de guerra foi decretado no Brasil nos anos de 1936 e 1937. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/estado_de_guerra 10: 37 2 de dezembro de 2012.

(antes vistos como marginais, depois como aliados) e dos integralistas (taxados de camisas verdes, galinhas verdes ou quinta-colunistas). Portanto, a ação dos submarinos alemães revelou a gravidade das ocorrências bélicas, mas também que os brasileiros temeram os inimigos internos, reais ou imaginários, criados pelo DIP ou pelos antivarguistas. Havia uma forte preocupação com “o outro” antes da guerra e o torpedeamento dos navios agravou ainda mais a desconfiança coletiva. De acordo com o Correio de Aracaju, de 16 de janeiro de 1943:

A nação está em guerra. O inimigo do exterior ainda pode ameaçar o nosso país. No interior, esse mesmo inimigo está infiltrado em todos os setores da atividade nacional. Está no exército, na administração pública, enfim, em toda parte. Sua ação é bem orientada e hábil. Não pode haver dúvidas de que a quinta-coluna está organizada e que ela constitui a maior ameaça que pesa sobre o Brasil. Independentemente, mesmo de um ataque do exterior, o inimigo poderá levantar-se dentro do Brasil, tentando dominar o nosso país. Nesse terreno não pode haver discrepâncias. É preciso consolidar a união nacional e apoiar a política de guerra do governo. Os inimigos do Brasil precisam ser vencidos e destruídos.¹

Se por um lado, os inimigos do Brasil precisavam ser vencidos. O Brasil também se tornou inimigo do Eixo. O anúncio do rompimento diplomático com as nações do Eixo, no dia 28 de janeiro de 1942 foi encarado como uma declaração brasileira de guerra ao nazifascismo, mas as suas implicações políticas e riscos beligerantes não foram explicados para a população civil, que ainda se imaginava neutro e distante do conflito global.

Qual é o lugar do Brasil na História da Segunda Guerra Mundial? Por que o nordeste brasileiro voltou a ganhar importância geoestratégica no tempo do Estado Novo? Por que a imagem de Sergipe foi construída pelos intelectuais tradicionais como um lugar distante dos brasileiros? O que justifica o silêncio dos historiadores sobre a Guerra Submarina na Costa de Sergipe? Como um medo típico do mundo naval se alastrou para a realidade social dos aracajuanos? Como se deu o processo de apropriação e ressignificação do atentado nazista? De que maneira uma abordagem micro-histórica ajuda a interpretar socialmente os embates marítimos? Enfim, como interpretar tantos torpedeamentos sem ser repetitivo?

Diante de tais indagações, o presente trabalho não teve a pretensão de responder a todas as perguntas, mas apontar caminhos e desenvolver reflexões. Dentro de uma perspectiva escalar, estudaram-se as repercussões dos ataques dos submarinos alemães no interior da cidade de Aracaju. Jaques Ravel apontou as principais contribuições de uma abordagem micro-histórica.

Para mim o mérito da micro-história foi o de ter nos obrigado a refletir sobre o trabalho que vínhamos fazendo quase de maneira normal sem nos colocarmos questões. Espero que possa ter funcionado desta maneira também para outros. O livro “Jogos de Escala” possui uma função que eu diria propositiva, mas também

*uma função de estimular uma crítica às formas de se fazer a história social. Não desejo de maneira nenhuma que todos se tornem historiadores da micro-história, primeiro porque o que considero de mais interessante na micro-história é a variação de escalas proposta. Desta forma estou de acordo que se faça também uma macro e uma meso história, de maneira que se possa complexificar e não simplificar a compreensão da sociedade. Por isso, sim à micro-história, mas não somente ela.*⁸

Ente idas e vindas, o olhar escalar ora ampliava ora reduzia numa inter-relação entre o micro (a cidade de Aracaju e sua costa atlântica), a meso (as práticas varguistas no tempo do Estado Novo), e a macro (a campanha submarina durante a Segunda Guerra Mundial). O que uma abordagem micro-histórica pretende é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos. Portanto, ao pesquisar os torpedeamentos, não se estudou os eventos bélicos em si, mas principalmente, a sociedade aracajuana através dos torpedeamentos. “Os feridos iam chegando macilentos e esfarrapados, a bestial tragédia refletia nos olhos cheios de espanto e angustia (...) Dezenas de cadáveres começaram, então, a chegar às praias sergipanas.”⁹

Os “olhos cheios de espanto” apreenderam imagens terríveis nas praias e responderam ao que viram denominando-as de “bestial tragédia”. O espaço líquido e o social articularam-se à força do desconhecido, às histórias dramáticas dos naufragos e à gravidade das ocorrências bélicas. Para os sergipanos, os afundamentos das unidades mercantes representaram “bestial tragédia”, “presepada do diabo”, “armação da gota serena”, “coisa do cão”, etc. Como diria Jacques Revel, o acontecimento agora permite ler o imaginário de uma sociedade para a qual ele desempenha, ao mesmo tempo, o papel de memória e de mito.¹⁰

As respostas aos horripilantes torpedeamentos foram retiradas do universo sociocultural, com elementos marcantes da identidade sergipana. As representações sociais possibilitam tornar o desconhecido familiar; o não familiar conhecido. Esse processo de apropriação tem muito a dizer aos historiadores. Para Roger Chartier, as representações são “estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade.”¹¹ À luz dessas considerações, a “representação do mundo” criada em Aracaju depois dos torpedeamentos

⁸ GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Exercendo um ofício: entrevista com o historiador Jacques Revel. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo: ABHO. Nº 5. Jun, 2005, v 5, p. 197.

⁹ CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju: guia sentimental da cidade*. Aracaju: Livraria Regina, 1948, p. 259.

¹⁰ Cf. REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala - a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

¹¹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/USP. V. 5, n. 11, jan./abr.1991, p.184.

estaria ligada à posição social dos indivíduos, sendo, portanto, histórica, posto que construídas ao longo do tempo. Chartier ainda afirma que:

*as identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; e ainda que o recorte social... como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo.*¹²

As contribuições de Roger Chartier também ajudaram a criar uma interpretação social para os sucessivos eventos bélicos no mar. O maior problema de se analisar o “torpedeamento das embarcações brasileiras” estava em concebê-lo como meros “afundamentos navais” ou “eventos repetitivos”. Cada embarcação soçobrada possui circunstâncias históricas e espaciais distintas. Dentro de uma escala de análise, o local do naufrágio pode gerar uma leitura social mais ampla da catástrofe. Por exemplo, caso a investida do submarino seja próxima à costa, os símbolos da batalha naval chegarão mais rápido às praias: sobreviventes desesperados, corpos deteriorados, mercadorias avariadas, destroços do barco, pertences dos passageiros e tripulantes. Por outro, se o navio soçobrar em águas internacionais, distante da costa, gera muitas incertezas: por que afundou? Naufrágio acidental, investida militar ou questões climáticas? Caso toda a tripulação desapareça com a embarcação as dúvidas dificilmente eram sanadas.

Os ataques do submarino alemão U-507, capitaneado pelo alemão Harro Schacht¹³, foram registrados próximos à terra firme. Essa revelação macabra assustou os aracajuanos, por esta razão, vários elementos subjetivos foram expostos em manchetes da imprensa sergipana: “a guerra já chegou entre nós”, “selvageria sem precedentes”, “metralhados nossos patrícios”, “o Aníbal Benévolo foi partido ao meio”, “Sergipe nunca em sua vida presenciou cenas tão tristes como nestes dias”, “de luto o Brasil, reina a consternação em todo território

¹² CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Op. cit., p.183.

¹³ Capitão-de-Corveta Harro Schact, nascido a 15 de dezembro de 1907, tinha então 35 anos, era casado, morava em Hamburgo. O seu submarino fora comissionado a 8 de outubro de 1941, tendo afundado no Atlântico Norte nove navios. Comandou o submarino U-507 sucessivos ataques na costa do Brasil: Baependy, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba, Arara, Jacira e Hamaren. Esses torpedeamentos motivaram a declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália. A carreira posterior do Capitão Schact não foi longa. Regressou à Alemanha, depois da bem sucedida viagem ao Brasil. Saiu novamente para operar nas Guianas, onde torpedeou o cargueiro inglês Yorkwood, mas no dia 13 de janeiro de 1943, na posição de Lat 01° 38' S e Long 39° 52' W, um Catalina da VP-83 liquidou-o com toda a tripulação. A viúva, em nome do falecido, recebeu a Cruz de Guerra e, mais tarde, mudou-se de Hamburgo, quando a sua casa foi destruída pelos bombardeios aliados. Ver: GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio. A Marinha na Segunda Guerra Mundial. *História Naval Brasileira*. Volume Quinto. Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha/Serviço de Documentação Geral da Marinha. 1985, pp. 347-348.

sergipano”, “atentado vil e covarde contra nossa soberania”, “as incríveis barbaridades do nazismo”, “a nefanda ação do eixismo”, “não há mais que esperar, Brasil!”.

Enfim, em tempos de resistências regionais à ditadura varguista, a tragédia naval foi apropriada pelo DIP, ao explorar o fervor patriótico: “Sergipe contribuiu para o fortalecimento da unidade nacional” ou “o Brasil é um só”. A leitura dessas manchetes evidencia que a Guerra Submarina não estava dissociada da vida cotidiana. Também demonstra o pânico generalizado por ter os inimigos eixistas chegado tão perto da população costeira de Sergipe.

*Não. Nunca atravessamos uma fase destas.
Nunca, em tempo algum, a ameaça à nossa integridade como nação e como povo, exigiu tanto do nosso espírito de resolução tão decisivas provas de energia, afim de que se mantenha de pé a própria dignidade nacional. (...)
Não é possível sopitar a revolta e a indignação diante do miserável ultraje que sacode, num frêmito, a alma do povo de Sergipe.
É inconcebível, é inacreditável o que estamos presenciando!(...)
Os navios foram torpedeados nas barbas do nosso litoral, à vista da costa do Saco e Mangue Seco, dentro das nossas águas territoriais, invadidas de um modo ultrajante pelo inimigo!¹⁴*

Anteriormente, o “mundo da guerra” era uma realidade exterior à sociedade sergipana, alimentada por informações provenientes de relatos jornalísticos das agências internacionais ou dos programas radiofônicos. Os nautas estrangeiros não só se movimentaram pelas “barbas do litoral”, afundando navios, como também, mataram famílias inteiras ou deixaram outras tantas incompletas. Na capital sergipana, muitos moradores se conheciam, por esta razão, eles não tinham dificuldades em identificar um parente ou um conhecido que desapareceu nos naufrágios da Segunda Guerra Mundial. Não se tratou aqui de reconstruir essas histórias dramáticas para apontar apenas a necessidade de garantir a segurança costeira de Sergipe; nem de explorar o estado terrível de centenas de cadáveres na praia; e muito menos, de apontar os inocentes ou os culpados, os heróis ou os vilões, os aliados e os eixistas, os comunistas e os integralistas, enfim, o bem ou o mal.

O evento náutico lançou luz para o interior da sociedade sergipana, onde uma coletividade dialogou permanentemente com o medo do submarino alemão e esta pesquisa tratou de analisar os conflitos sociais, estudar aspectos do cotidiano, perceber elementos da subjetividade, e principalmente, a superação do medo. Para Jean Delemeau, se os aracajuanos

¹⁴ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p.1.

“não conseguem afastar o medo do submarino completamente dos seus muros, ao menos enfraquecê-lo o suficiente para que pudessem viver com ele”.¹⁵

Além dos muros simbólicos dos aracajuanos, os ataques do U-507 dispersaram o medo para outras localidades costeiras. A Guerra Submarina não teve apenas um forte impacto sobre a navegação mercante, mas também sobre as estruturas socioeconômicas do nordeste, sobre as instituições políticas do Estado Novo e, principalmente, sobre o entendimento do homem comum que desconhecia esse tipo de guerra. As agressões dos *U-boots* revelaram um tipo "característico novo" das guerras mundiais, confrontos tecnológicos que não dependiam mais do enfrentamento direto entre homens como normalmente ocorria até o final do século XIX, quando os brasileiros participaram da guerra contra o Paraguai ou enfrentaram a resistência dos moradores de Canudos, no sertão da Bahia.

A natureza bélica dos submarinos desafiava a compreensão dos sergipanos. Em luta contra inimigos escondidos debaixo d'água, eles não tinham a menor ideia de como se defender deles. Travaram-se batalhas contra o desconhecido, o estranho, o invisível, a imaginação e a surpresa. Mário Cabral, em seu *protesto marítimo*¹⁶, revelou suas impressões sobre os ataques no mar. *Esta guerra, inegavelmente, é a guerra das surpresas. Os fatos que acontecem, são, justamente, aqueles que ninguém espera que aconteçam. Começou pela guerra em si mesma. Ninguém acreditava que ela viesse. Ela veio mais destruidora do que nunca.*¹⁷ Os submarinos existiam equivalentes a inimigos surpreendentes, prestes a atacar ou a desembarcar a qualquer momento, mas não se sabia onde e quando na imensa Costa do Brasil.

Como entender um objeto ausente, um inimigo invisível, enfim, uma guerra submarina? O torpedeamento dos navios mercantes foi um acontecimento bélico que despertou um mar de subjetividades, um turbilhão de emoções, enfim, um amplo leque comportamental. A maioria dos aracajuanos nunca viu um submarino, mas suas histórias de ataques despertaram um medo coletivo e criaram fortes representações simbólicas do inimigo marinho invisível: "máquina infernal", "presepada do diabo", "armação da gota serena", "coisa ruim", "fio do cabrunco" etc. De acordo com as reflexões de Roger Chartier, as

¹⁵ DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 12.

¹⁶ Documento oficial do mundo do Direito Marítimo. Esse tipo de protesto refere-se a toda anotação feita no diário de navegação de fatos ocorridos a bordo relativos a danos ou avarias que podem sofrer a embarcação, a carga ou passageiros. É considerado, também, como qualquer deliberação do comandante com sua tripulação. Contudo, para adquirir eficácia plena, deve ser ratificado pela autoridade legal. O Arquivo do Judiciário de Sergipe possui um fundo documental com vários protestos marítimos, alguns deles fazem alusão ao tempo da guerra.

¹⁷ CABRAL, Mário. Protesto Marítimo. Aracaju, 26 de setembro de 1942. Arquivo do Judiciário de Sergipe.

representações permitem visualizar um objeto ausente e compreender as diferentes leituras sociais criadas para o submarino no tempo da guerra.

*A representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma "imagem" capaz de um reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é.*¹⁸

Ver, mas sem ver, como isso seria possível? De que maneira o historiador deve compreender a dimensão simbólica dos torpedeamentos? As comunidades costeiras de Sergipe não viram os submarinos alemães, mas ouviram suas histórias, acolheram os náufragos em estado de choque, ficaram perplexas com os corpos mutilados e recolheram as mercadorias e destroços navais que boiaram até a praia. Esses elementos reunidos deixavam o submarino perceptível aos olhos imaginativos dos aracajuanos.

A preocupação de que o inimigo poderia estar em qualquer lugar na ampla costa brasileira o que gerou um clima de insegurança coletivo e deixou os militares sobressaltados. A esse respeito, o *Correio de Aracaju* afirmou que *o inimigo pode realmente estar em todos os pontos do mar brasileiro, no desaguadouro dos rios, nas praias desertas, sob os coqueiros ou sob as areias, esperando o momento de atacar pela traição, de afundar navios, de matar brasileiros.*¹⁹

A busca pelo inimigo invisível alimentou o imaginário social e despertou angústias e medos. As investidas bélicas na costa sergipana foram amplamente registradas em diferentes tipologias documentais: acordos secretos, atas dos juízes, cartas particulares, cartazes, depoimentos dos náufragos, diário de bordo, documentos oficiais, documentos secretos, editais da marinha, fotos, inquéritos, jornais, mapas, memorialistas, monumentos, processos, prontuários, protestos marítimos, ofícios, relatórios policiais, revistas, telegramas, dentre outras. As informações extraídas desses documentos foram confrontadas criticamente com as obtidas nas entrevistas.

As fontes orais acrescentaram elementos subjetivos imprescindíveis à abordagem qualitativa e ao enfoque interdisciplinar desta pesquisa. Afinal, como içar do mar da memória coletiva as informações sobre as histórias dos torpedeamentos? Diante de um oceano de pequenas histórias, Ecléa Bosi alerta que quando “puxamos a rede veremos o quanto ela vem

¹⁸ CHARTIER, Roger, *op. cit.*, p.20.

¹⁹ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 30 de setembro de 1942, p.2.

carregada de representações ideológicas. Mais do que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a vida privilegiada para chegar até o ponto de articulação da história com a vida cotidiana”.²⁰ E conclui: “a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais. A fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios, obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa”.²¹

As experiências cotidianas dos naufragos e dos aracajuanos ocuparão um papel de destaque nesta pesquisa. Convém esclarecer que o estudo do cotidiano não se equivale apenas à compreensão das tendências situacionais do dia-a-dia. Do individual ao coletivo, o homem convive com um cotidiano cheio de significações, de mudanças e de permanências. A vivência cotidiana, segundo Agnes Hellen, não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico, enfim, nas vidas entrelaçadas: é a verdadeira ‘essência’ da substância social.²² O estudo das experiências cotidianas permitiu visualizar como a população costeira de Sergipe conviveu com a ameaça da guerra submarina em seu interior social.

Ao ouvirmos práticos, faroleiros, portuários, pescadores, barqueiros, catadores de caranguejo, dentre outros, percebemos que a história naval do país ainda marginaliza a sua imensa população costeira. Normalmente, os historiadores da Marinha do Brasil sempre estudaram o seu passado institucional a partir dos seus documentos oficiais e dos seus navios de guerra, entretanto, ela precisa permitir que homens e mulheres comuns, moradores da sua imensa costa atlântica, também contribuam com suas memórias para o processo de reconstituição do seu passado, pois, desta forma, eles se tornarão sujeitos e se sentirão mais integrados à história naval brasileira.

Quando se revisa a literatura histórica sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, enfocando especialmente a temática da Campanha Submarina no Atlântico Sul, logo se percebe que poucas informações foram publicadas, essa problemática justifica o porquê dos brasileiros sentirem dificuldade de explicar o irromper da guerra em seu território nacional. Afinal, quando “começou” de fato a guerra? A principal referência bibliográfica da Marinha do Brasil sobre o assunto, o livro *História Naval Brasileira* é elucidativo ao anunciar que quando o Capitão-de-Fragata Harro Schacht, Comandante do Submarino alemão U-507, “*autor do afundamento dos cinco mercantes brasileiros, nas proximidades da foz do rio Real,*

²⁰ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, pp. 19-20.

²¹ *Ibidem*, p. 20.

²² HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p. 20.

*na costa de Sergipe, entre os dias 15 e 16 de agosto de 1942, agressão que levou o Brasil a declarar o Estado de Guerra com as potências do Eixo”.*²³

Sempre me intrigou o fato de que, durante muito tempo, os historiadores republicanos dedicaram pouca atenção às leituras sociais sobre os ataques dos submarinos alemães e italianos na costa do Brasil. Isso talvez tenha ocorrido porque alguns historiadores permaneceram “enclausurados” na desconfiança de os que submarinos norte-americanos seriam os responsáveis pelos torpedeamentos. Eles não aceitavam a versão eixista, pois os publicitários do Estado Novo forjavam as informações a seu bel-prazer. Vagner Camilo Alves, por sua vez, conclui suas interpretações sobre a Guerra Submarina afirmando: *penso já ser momento de sepultar, definitivamente, qualquer hipótese esdrúxula atribuindo à marinha norte-americana a responsabilidade pelas perdas navais brasileiras.*²⁴

Se por um lado a militância ideológica utilizava a história brasileira como bandeira de luta contra os EUA, por outro, Maria Helena Rolim Capelato preferiu analisar as práticas dos historiadores tradicionais. Ela percebeu que eles se interessavam pouco pelo Estado Novo porque “a historiografia colocava para si como limite temporal a década de 1930, e raramente eles avançavam para além desse marco. Prevalencia a concepção de que o distanciamento no tempo era imprescindível à boa reconstituição historiográfica”.²⁵

Contemporâneo dos acontecimentos analisados na obra, o olhar de João Falcão mescla o “jovem militante comunista” e o “historiador mais maduro”. Ambos procuram reconstruir os conflitos sociopolíticos no tempo do Estado novo, com ênfase aos ataques dos submarinos do Eixo e a luta dos pracinhas na Itália. “Vivi intensamente aqueles anos da guerra, com paixão. E das causas que abracei no decorrer dos meus 79 anos nenhuma foi maior do que a da vitória dos Aliados contra o Eixo, porque estava em jogo a sobrevivência da liberdade dos povos”.²⁶ Vale assinalar que uma pesquisa histórica envolvida pela paixão militante pode de um lado apontar aspectos significativos e por outro, esquecer ou ignorar elementos sociopolíticos importantes da Era Vargas.

Augusto César Machado Moutinho, outro baiano, em sua dissertação *A Bahia na Guerra: o medo e a sobrevivência em Morro de São Paulo durante a Segunda Guerra*

²³ GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio. Op. cit. , p. 316.

²⁴ Cf. ALVES, Vagner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial – História de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

²⁵ CAPELATO, Maria Helena. Estado Novo: Novas Histórias. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto. 2007, p. 190.

²⁶ FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora da UnB, 1999, p. 22.

Mundial, estudou a realidade de Morro de São Paulo diante dos ataques do U-507 aos navios mercantes Arara e Itagiba.

*O povo baiano, durante o período de 1942 a 1945, viveu intensamente a forte mobilização para o conflito e todos os seus agravantes. Os afundamentos de navios brasileiros em águas nacionais motivaram a população baiana, que, incentivada pela imprensa e por estudantes, exigia o estado imediato de beligerância. A forte mobilização, acompanhada de um panorama geral de escassez, especulação e carestia, tornou-se marca desse período na Bahia. Mas, a reação da população do povoado de Morro de São Paulo ganhou outros contornos. Os morristas vivenciaram de forma eminentemente particular os efeitos do conflito.*²⁷

Diante do cenário de insegurança, os morristas temeram uma invasão alemã ao território baiano. O medo era alimentado por vários elementos: a brutalidade dos torpedeamentos, as intencionalidades políticas do Estado Novo e pelo imaginário social. Os ataques dos submarinos alemães foram vividos por uma coletividade e despertaram um clima de insegurança generalizado nas cidades costeiras de Sergipe.

“O Brasil na mira de Hitler”, de Robert Sander²⁸, é um livro que conta a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. A narrativa envolvente e a rica pesquisa iconográfica são os dois pontos altos da obra. No entanto, ele demonstra desconhecer a história dos torpedeamentos na costa sergipana e baiana. Na parte “Terror na praia”, por exemplo, ele afirma que *primeiro chegaram malas, caixotes, fardos... levados por pescadores, a notícia não demorou a chegar ao cais do porto de Aracaju*. Ele ignorou o papel dos pilotos do Aeroclube de Sergipe, não confrontou os dados coletados com a historiografia naval brasileira, errou o nome de alguns naufragos e anunciou um pioneirismo temático da sua obra sem levar em consideração a pesquisa de outros jornalistas, os estudos dos militares e as análises dos historiadores. Essas críticas, no entanto, não arranham a importante releitura jornalística da tragédia.

No tempo do Estado Novo, o olhar de desconfiança social recaiu sobre os estrangeiros eixistas (alemães, italianos e japoneses). Marina Helena Silva, em suas pesquisas sobre os imigrantes teuto-brasileiros na Bahia, percebeu como nos bastidores políticos as disputas manifestam-se e, no âmbito social, afloram os conflitos entre imigrantes ligados aos países do Eixo e parcela significativa da população baiana. O afundamento dos navios brasileiros acirrou ainda mais os conflitos sociais e espírito nacionalista.

²⁷ MOUTINHO, Augusto César Machado, *op. cit.*, p.6.

²⁸ SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 19.

A partir da década de 40, os imigrantes alemães, italianos e japoneses passaram a ser manchete na imprensa nacional. Em meio às notícias relativas aos afundamentos de navios brasileiros, chamam a atenção às denúncias contra os alemães, acusados de desenvolver atividades contra a segurança nacional, além da existência de notícias que se referem às mobilizações, de cunho nacionalistas, lideradas por estudantes secundaristas e universitários e por profissionais liberais, além dos apelos desses segmentos ao governo varguista para que o Brasil aderisse ao conflito.²⁹

A dissertação foi desenvolvida ao longo de quatro capítulos. O primeiro, “Destinos cruzados: a Guerra Submarina no Atlântico Sul”, teve como objetivo analisar a história do submarino e evidenciar como as suas ações beligerantes chegaram à costa do Brasil no tempo da Batalha do Atlântico. Para tanto, outras questões foram avaliadas: como as práticas varguistas na ditadura do Estado Novo contribuíram para atrair os U-boots? Por que o Saliente Nordeste se tornou uma área geoestratégica cobiçada no tempo da Segunda Guerra Mundial? E por fim, qual a realidade sociopolítica de Sergipe nos anos de 1940?

A questão central do segundo capítulo – “Vidas naufragadas: testemunhos da barbárie nazista” - foi compreender como se construiu a memória social em torno dos torpedeamentos. E mais, os naufragos e os sergipanos, normalmente marginalizados pela historiografia militar e tradicional, tornaram-se os principais sujeitos dessa investigação social. Somente assim foi possível perceber as memórias traumáticas dos sobreviventes e o processo de apropriação de uma cidade amedrontada.

No terceiro capítulo “Aracaju torpedeada: o perigo dos inimigos internos” enfocou-se as tensões sociomilitares instauradas no cotidiano da capital sergipana: a definição de quinta-coluna; os conflitos com os integralistas locais; a advertência policial aos aracajuanos simpatizantes da Alemanha; a prisão de alemães nazistas; e por fim, as ricas percepções de um judeu refugiado sobre o clima de guerra em Aracaju.

Por conseguinte, o quarto capítulo intitulado: “Aracajuanos e suas memórias malafogadas”. Avaliaram-se os significados sociais atribuídos aos torpedeamentos, destacando a riqueza cultural das respostas aracajuanas aos naufrágios. Dentro do universo linguístico local, duas palavras foram evidenciadas: malafogados e atalaias. Investigou-se também, o retorno dos U-boots no ano de 1943, o fim da ditadura varguista em 1945 e as afamadas torres da discórdia que alimentam o imaginário dos sergipanos até os dias atuais.

²⁹ SILVA, Marina Helena. Acordos internacionais, mercado interno e cotidiano baiano - a crise nas relações teuto-brasileiras (1937-1945). *Textos de História*, vol. 16, nº 2, 2008, p. 169.

Ainda se tem muito a fazer sobre a importância do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Nas últimas décadas, o olhar do historiador brasileiro se regionalizou ao compreender os embates navais e as transformações sociais geradas pela Guerra Submarina. Além do mais, os pracinhas também tiveram um importante papel no front italiano. Desde então, trabalhos acadêmicos foram escritos evidenciando uma releitura sobre o posicionamento do país no maior confronto da história.

*... um erro afirmar que a participação brasileira, com pouco mais de 25 mil homens, foi “simbólica”. Não há nada de simbólico na perda da vida de centenas de jovens, e nas marcas indeléveis que o horror da guerra deixou para os outros milhares de combatentes que retornaram ao Brasil. Soldados, aviadores e enfermeiras combateram o nazifascismo e deram de si a contribuição máxima que se pode exigir de um cidadão: defender a pátria com o risco da própria vida. (...) Se não fosse por indivíduos como esses, lutando em todo o mundo contra a barbárie fascista, o presente livro jamais poderia ser escrito.*³⁰

O torpedeamento dos navios mercantes, a saga dos soldados da borracha, os suprimentos enviados pelo Brasil para os Aliados, a ocupação dos *marines* no nordeste, a vigilância costeira dos soldados, a perseguição aos estrangeiros “eixistas” e a participação dos pracinhas no front europeu demonstram a importância dos brasileiros na luta contra o nazifascismo. Na interpretação de Jardimino Marques³¹, contemporâneo dos torpedeamentos, houve um abraqueamento da Segunda Guerra Mundial. Ele apresentou outra maneira de ver esse momento dramático, “a guerra é um sinal de perigo para toda geração”. E continua: “diante do que se passou na guerra, dos torpedeamentos, de muita gente morrer e do avião bombardear submarino. O pessoal vivia assombrado. O pessoal vivia com medo. Então essas coisas o povo não pode esquecer porque é parte principal de uma geração”.³²

Portanto, a história da Guerra Submarina em Sergipe é parte principal de uma geração. A passagem do U-507 trouxe o caos, mas os sergipanos souberam, pouco a pouco, reordená-lo e a lutar pela democracia do pós-guerra. Aprenderam também a superar os seus medos, a reverter uma situação angustiante e desesperadora. Meses mais tarde, eles encararam com mais segurança o torpedeamento do Bagé em 1943. Quando a Segunda Guerra Mundial terminou em 1945, a cidade de Aracaju teve que se reinventar.

³⁰ FERRAZ, César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005 p. 71.

³¹ Jardimino Marques nasceu no município de Santa Brígida (BA), no dia 12 de janeiro de 1916. Com 14 anos migrou para Aracaju, em busca de uma vida melhor. Na capital sergipana formou família e trabalhou como ajudante de pedreiro e foi integrado momentaneamente à guarda municipal em 1942.

³² Entrevista de Jardimino Marques realizada em Aracaju-SE, 23 de agosto de 1999.

CAPÍTULO I
DESTINOS CRUZADOS:
A CAMPANHA SUBMARINA NO ATLÂNTICO

Sob a visada do periscópio, o olhar do assassino encoberto. E o submarino não escolhe vítimas nem conhece bandeiras a respeitar. Sua missão é a de estabelecer o terror nos mares.³³

O olho do periscópio capta pequenas informações e ao reuni-las, consegue desenvolver leituras e ações mais amplas. Essa articulação entre o todo e a parte, também faz lembrar uma abordagem micro-histórica, pois ao eleger a costa de Sergipe como campo de análise, como escala de uma investigação, não se perdeu de vista outras margens atlânticas, os interesses das nações beligerantes, que ultrapassaram as ações militares e atingiram a população civil.

Os homens da superfície e os das profundezas tiveram seus destinos cruzados ao longo da Segunda Guerra Mundial. Esses embates geram histórias traumáticas para uns e vitoriosas para outros. Sob o prisma da História Social, a peculiaridade de se ler um “evento militar” reside no aspecto de compreender suas interferências na vida cotidiana e perceber como simbolicamente uma cidade também pode se sentir torpedeada. Os aspectos subjetivos e as respostas sociais às investidas dos submarinos alemães também precisavam ser pesquisadas.

Neste primeiro capítulo analisamos a história do submarino, evidenciando como as suas ações beligerantes chegaram à costa do Brasil no tempo da Batalha do Atlântico. Além disso, outros aspectos foram aqui trabalhados: as práticas varguistas na ditadura do Estado Novo; a importância geoestratégica do Saliente Nordeste; e por fim, uma breve análise do contexto sociopolítico de Sergipe. Do macro ao micro, ou vice-versa, a leitura escalar permitiu analisar fenômenos bélicos, visualizar como a guerra naval interfere na vida social e perceber como o submarino tem o poder de mexer com o imaginário coletivo de diferentes gerações e na arte de pensar um recorte histórico.

³³ *Folha da Manhã*. Aracaju-SE, 26 de agosto de 1942, p.2.

2.1 – A Kriegsmarine e a Batalha do Atlântico

Em diferentes momentos da história, o homem se sentiu desafiado a explorar o mundo subaquático e a recuperar bens valiosos que seguiam a bordo dos navios naufragados, mas como realizar tal proeza? Graças a sua imaginação criativa e às ambições da ciência moderna, ele quis ir além da superfície marítima. O foco da engenhosidade naval era mergulhar até as profundezas oceânicas. Pouco a pouco, os primeiros protótipos de barcos submersíveis foram criados. Eram verdadeiras geringonças, que mais ameaçavam a vida dos seus tripulantes. Ainda não se dominava plenamente a tecnologia de se navegar debaixo d'água. À medida que as pesquisas navais avançavam mais os cientistas se animavam em explorar o mundo subaquático. Por que o fundo do mar atraía tanto os homens da ciência? O que justificou tanto investimento, em diferentes épocas, para se criar um barco que possibilitasse a mobilidade humana sob o mar?

Para mergulhar nesse “mundo das profundezas”, os primeiros submarinos surgiram ao longo do século XIX. Assim, os cientistas norte-americanos e europeus provaram que, com posse de conhecimento tecnológico acumulado pela sociedade oitocentista, o homem poderia sim, desafiar os fenômenos naturais e atingir a ambição de nadar como se fosse peixe. E os primeiros “peixes mecânicos” surgiram na costa atlântica dos EUA, no tempo da Guerra de Secessão. Logo depois, na Europa, modelos mais modernos foram construídos. Essa modernização do mundo naval despertava o interesse de várias nações, a exemplo do Brasil.

Em 6 de maio de 1925, uma reportagem da Folha da Noite evidenciava que a elite letrada brasileira acompanhava com interesse os avanços tecnológicos da sociedade industrial. A matéria revelou também como o mundo da ficção científica inspirou os novos projetos da engenharia naval. Pouco a pouco o fundo do mar pôde ser explorado ora por escafandristas ora por submarinistas.

A fantasia dos mais imaginosos romancistas do passado tem descrito as mais bizarras invenções que permitem navegar-se pelo ar ou sob a superfície das águas. Quem desconhece as aventuras de Julio Verne? A história do seu Nautilus? a viagem ao redor da lua? Ora ás invenções sonhadas desde eras remotas nós já chegamos. E o interessante é notar que foi realizada em primeiro lugar a que se pensava mais difícil - a navegação aérea.

Andar debaixo d'água é ainda um problema apenas parcialmente resolvido, conquanto o gênio humano tenha começado a trabalhar sobre ele antes que cuidasse da maneira de andar pelo ar.

Há dois tipos diversos de aparelhos que permitem ao homem descer e mover-se abaixo da superfície d'água: o aparelho individual do escafandrista e o submarino. Mas em ambos os casos a esfera de ação é limitada pela grande dificuldade, que gradativamente se vai tornando impossibilidade, de resistir á pressão da água, que aumenta enormemente , à medida que aumenta a profundidade.

É claro que um escafandrista não pode trabalhar como normalmente se não a 20 ou 25 metros de profundidade: um indivíduo de robustez excepcional pode descer a 30 metros e permanecer algum tempo sob pressão desse ambiente, mas tais casos são raros.

Também o submarino não pode descer a um nível muito baixo, pois correria o risco de romper-se da pressão da água, como acontece com uma casca de ovo, que se aperta com a mão.

Entretanto o incentivo para descer às maiores profundidades é grande. E cresceu depois da guerra, por causa do enorme número de vapores que foi a pique pela ação dos submarinos, com cargas de alto valor e que jazem de 100 a 150 metros abaixo da superfície do mar.

Há muito ouro e muita prata nos navios afundado. E essas cargas, como todas as cargas perdidas no mar, estão á disposição de quem as vá buscar. E escafandristas já se têm aventurado em procura-las³⁴

O desenvolvimento tecnológico do submarino corrigiu suas falhas estruturais, melhorando sua resistência e atendendo às reivindicações dos seus tripulantes. Enquanto alguns engenheiros navais almejavam trazer à superfície a riqueza submersa dos navios alvejados na Primeira Guerra Mundial. Outros, por sua vez, mais vinculados às marinhas de guerra, preocupavam-se em transformá-lo em uma poderosa arma naval. Em virtude disso, ele deixou de ser um barco exótico, potencial limitado, para desabrochar em uma máquina de guerra avançadíssima e complexa. Para Antony Preston, suas necessidades específicas atuaram como estímulo para a indústria melhorar cada item de seus equipamentos – o motor a diesel, o periscópio e o torpedo, para citar apenas três deles. Sua flexibilidade inesperada como arma mudou completamente a natureza da guerra naval.³⁵

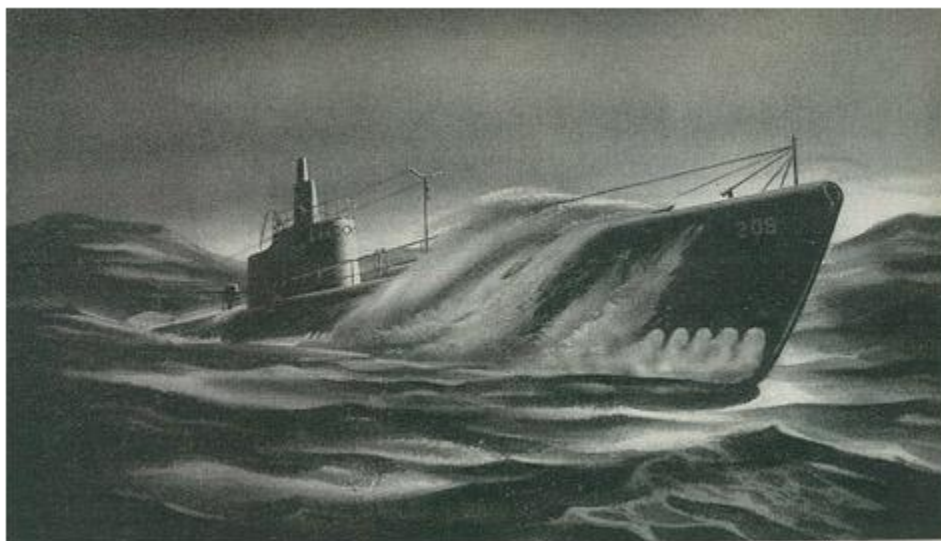
Além de mudar a natureza da guerra naval, o submarino também teve o poder de alimentar o medo coletivo de inúmeras populações costeiras do Atlântico. À luz da História Social, queremos visualizar as diferentes percepções sociomilitares sobre essa arma naval. “Submarino” é uma palavra que desperta várias significações e traduções. Na língua inglesa, ela se traduz em *submarine* ou *u-boat*.

Para os alemães, o termo correto é *u-boot*, abreviação de *unterseeboot*, que designa a versatilidade de se navegar “sob as águas marinhas”. Muitos brasileiros sentiram dificuldades em entender como o homem conseguia navegar debaixo da água e esse estranhamento gerou um clima de insegurança. O presente estudo avaliou os fenômenos sociais gerados pelos ataques dos submarinos alemães na costa do Brasil, em virtude desse aspecto, utilizou-se preferencialmente a expressão germânica: “U-boot”.

³⁴ A navegação submarina. In: *Folha da Noite*. São Paulo-SP, 6 de maio de 1925, p.1.

³⁵ PRESTON, Antony. *Submarinos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1983, p. 23.

Figura 1 – Submarino: material de propaganda dos EUA em 1942.³⁶



Em tempo de beligerância, os tripulantes da Marinha Mercante ou da Marinha de Guerra tinham a difícil tarefa de perscrutar o horizonte oceânico com a intenção de localizar o filete do periscópio escondido por entre as ondas. No entanto, muitas vezes, o olho mecânico do submarino se aproximava incólume à intensa vigilância naval. Por esta razão, os marujos denominaram os U-boot de “arma oculta”, “inimigo invisível”, “terror dos mares”, “lobos cinzentos”, “bando de lobos”, “vacas leiteiras”³⁷. As vacas leiteiras eram os submarinos-tanques, que reuniam outras unidades em mar aberto, em pontos pré-determinados e os reabasteciam de combustível, torpedos, munição, víveres, água, mantimentos e medicamentos. Evacuavam com os feridos e enfermos, trocando-os por tripulantes de reserva. Apesar de seu número reduzido, as vacas leiteiras prestaram inestimáveis serviços à ampliação da guerra no Oceano Atlântico. No entanto, elas eram belonaves maiores, por esta razão, o seu grande volume e mergulho lento fizeram-no particularmente vulneráveis.³⁸

A maior missão submarina da Segunda Guerra Mundial aconteceu no Oceano Índico, durando 203 dias. O capitão Wolfgan Luth, comandante do U-9, U-138, U-43, U-181, afundou 52 barcos com 237 000 toneladas.³⁹ Anteriormente, na Primeira Guerra, os submaristas sofriam com a ar rarefeito em seu interior e com o mau cheiro interno,

³⁶ Anúncio Institucional - York Refrigeração - Seleções Nº 1 - Fevereiro de 1942.

³⁷ *Entre 1941 e 1944 os alemães iniciaram a construção de 17 submarinos “tipo XIV”, porém só 10 foram lançados ao mar e entraram em operações. Apesar do seu número reduzido, as “Vacvas-Leiteiras”, restaram inestimáveis serviços à devastadora campanha submarina realizada pelos germânicos no decorrer da guerra.* In: A Segunda Guerra Mundial. *Enciclopédia*. (Tomo V). Rio de Janeiro/Guanabara: Codex. 1966, p. 20.

³⁸ PRESTON, Antony, op. cit., p. 35.

³⁹ A Segunda Guerra Mundial, op.cit., p. 282.

denominaram-no de “navio para porcos”⁴⁰. Com um humor sombrio, os alemães apelidaram os submarinos abatidos de “caixões de ferro”. Mesmo hoje em dia a crueldade da guerra dos *U-boot* causa estremecimento, mas não podemos deixar de admirar a coragem daqueles homens que conduziram seus pequenos submarinos ao mar sob qualquer tempo.⁴¹

Os marinheiros da superfície e os das profundezas têm especificidades nas práticas do seu ofício naval. Por um lado foram os primeiros a serem retratados por filmes, livros e reportagens como se fossem homens rudes e valentes. Por outro, os submarinistas eram retratados como frios criminosos, piratas do eixo, espões ocultos, assassinos dos mares, etc. David Mason sugere mais cautela com os estereótipos e pediu respeito aos homens das profundezas. *Todos nós, mesmos os mais impressionáveis, nunca deixamos de reconhecer que os submarinos, “nossos” ou “deles”, são tripulados por homens valentes, de um moral elevadíssimo e um domínio técnico que se impõem à nossa admiração.*⁴²

Na atualidade, o submarino é uma arma naval imprescindível a qualquer marinha de guerra. A relação dos alemães com essa belonave gerou inúmeras histórias nos mares do mundo. Em 1933, a ascensão dos nazistas ao poder representou um momento de reestruturação do poderio bélico germânico. A Kriegsmarine, sob a orientação do Almirante Erich Raeder, iniciou um programa reconstrução da sua armada submarina. Ao Capitão-de-fragata Karl Dönitz⁴³, um dos mais argutos comandantes de *U-boots*, foi encarregado dessa tarefa. Ele recebeu a seguinte descrição:

*Karl Dönitz não apreciava brincadeira sobre questões de Estado e das Forças Armadas, e sua face nórdica, com linhas tipicamente prussianas, raramente se iluminava com um sorriso. Assim, apesar de absurda na época uma hipótese como aquela, de atingir, um dia, o mais alto posto do poder, não provocaria a menor ruga na testa daquele que se preparava justamente para observar o mundo da perspectiva de um periscópio.*⁴⁴

Com o avançar dos anos de 1930, o mundo caminhou firmemente em direção à maior conflagração militar da história moderna. Algumas potências desejavam a guerra como meio de atingir metas nacionais, enquanto outros países tentavam desesperadamente evitá-las.⁴⁵ Em

⁴⁰ Os antigos marinheiros chamavam os primeiros submarinos de “navio para porcos”.

⁴¹ PRESTON, Antony, op. cit., p. 23.

⁴² MASON, David. *Submarinos alemães: a arma oculta*. Rio de Janeiro: Renes. 1975, p. 1.

⁴³ “Os nossos U-boots são a arma decisiva desta guerra”. Ao dizer essas palavras, Hitler não escondia suas simpatias pelo berlinense Doenitz. É um manifesto reconhecimento da “tática do bando submerso”, contrária à “tática de superfície” sustentada pelo grande almirante Erich Raeder, o duro chefe do Estado Maior da Marinha, há muito tempo (desde 1928). Por diversas vezes Hitler demonstrara sua preferência pelas teorias de Doenitz. SANI, Massimo, op. cit., p. 73.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 70.

⁴⁵ HILTON, Stanley E, op. cit., p. 17.

1º de setembro de 1939, as tropas alemãs invadiram a Polônia, ainda não se tinha noção se seria um conflito interno ou se ampliaria para outros continentes.

Apesar das incertezas militares, os submarinos britânicos e alemães estavam a postos e prontos para um novo acerto de contas. Na escalada da guerra pelo Velho Mundo, tornou-se importante perceber que as conquistas territoriais se associaram às amplas pretensões navais da Alemanha Nazista. Ao conquistar o mar da Noruega, dominar a costa atlântica da França e obter a adesão mediterrânea da Itália, a Kriegsmarine (Marinha de Guerra Alemã) adquiriu saída para todos os mares europeus. De acordo com as análises geoestratégicas de Stanley Hilton, a costa francesa representou uma grande conquista para as ambições globais dos nazistas.

O comando alemão de submarinos observou ansiosamente o progresso da Blitzkrieg contra os Países Baixos e da Campanha contra a França em maio e junho, sabendo que a vitória sobre esta última traria a tremenda vantagem de bases para submarinos nas costas do Canal da Mancha e do Golfo de Biscaia. Logo no dia seguinte à assinatura do armistício franco-alemão, em Compiègne, um trem especial carregando torpedos, pessoal e material necessários à manutenção dos submarinos saíram da Alemanha para os portos biscaios.⁴⁶

Partindo de Lorient, Bordeaux, Brest, Saint Nazaire, La Rochelle e La Pallice, os submarinos alemães poderiam agora atingir rapidamente as rotas densamente povoadas de embarcações mercantes do Atlântico, economizando mais tempo nas patrulhas.⁴⁷ Eles não precisavam mais fazer longas viagens desde o Báltico e podiam ampliar seu raio de ação até a Terra Nova e a costa oriental da América. De posse das bases francesas, portanto, a Kriegsmarine desenvolveu um arco de operações mais amplas.

O espírito de beligerância ensandeceu os nazistas. As atenções militares deles agora se voltaram para a Inglaterra e estrangularam suas as vias marítimas de comunicações. O controle das bases francesas, a apropriação dos recursos bélicos das nações dominadas, a ação submarina e o isolamento das linhas de suprimentos iludiram os generais nazistas, pois previam que a derrota da Inglaterra era uma questão de tempo. Envolvidos pela ideologia do arianismo, eles se sentiam acima de tudo e de todos. *O símbolo da águia sobre o globo terrestre, construído em 1939, representa o projeto nazista de domínio do mundo. A águia, animal sagaz, que do alto paira sobre tudo e todos, simboliza a superioridade alemã sobre o mundo.⁴⁸*

⁴⁶ HILTON, Stanley E, op. cit., p. 28.

⁴⁷ PRESTON, Antony, op. cit., p. 32.

⁴⁸ CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. *Revista USP. Dossiê 50 anos de final de Segunda Guerra*. São Paulo: USP. 1989.

Pouco a pouco, a águia nazista avançou pelas águas oceânicas do Atlântico Norte. Dentro dessa simbologia hitlerista, essa “águia” sagaz dos nazistas equivale ao poder de caça do “lobo”, pois os marinheiros alemães chamavam seu submarino de lobo e, quando eles agiam juntos, de “alcatéia de lobos” ou “bando de lobos” ou “lobos cinzentos”. Então, os alemães acreditavam que sua mantilha seria forte o suficiente para estrangular as linhas de suprimentos dos ingleses. “A nova distribuição dos U-boots no Atlântico compreendia oito frotas, todos sob a Área Oeste de Operações, em Brest. As outras forças ficaram na Alemanha (4° e 5°) e na Noruega (11° e 13°).”⁴⁹ A Inglaterra não se rendeu aos bandos de lobos, criando uma ofensiva antissubmarina através do sistema de comboio, em que os navios mercantes navegavam em grupos, escoltados por navios e aviões de guerra.

A expansão oceânica da Kriegsmarine preocupava Winston Leonard Spencer-Churchill, que via na Batalha do Atlântico, o aspecto dominante em toda a guerra. “Nem por um momento poderíamos esquecer que tudo o que estava acontecendo em outros lugares, em terra, no mar ou no ar, dependia em última análise do seu resultado, e em meio a todos os outros cuidados nós víamos sua evolução com esperança ou apreensão”.⁵⁰ A Guerra Submarina foi um aspecto vitalmente importante para as ambições dos nazistas e as primeiras grandes vitórias dos *U-boots* também se devem às estratégias criadas por Doenitz.

*A inteligência de Doenitz foi colocada, sobretudo a serviço da Guerra Submarina. Testemunharam-no seus escritos: “Nossa única finalidade é afundar embarcações inimigas, onde quer que se encontrem e sejam de qual tipo forem. E temos que afundá-las sem sofrermos perdas relevantes. Para conseguir isso, é preciso usar o cérebro, a malícia, a surpresa, que continuam sempre a serem os fatores determinantes na arte da guerra”.*⁵¹

Convém ressaltar que os ingleses não estavam rigorosamente sós. Eles enfrentaram os nazistas com o apoio de outras nações que compõem a Comunidade Britânica e com o auxílio dos movimentos de resistência dos países ocupados pelos alemães. De acordo com as análises de João Falcão, ao lado da Inglaterra se encontravam: parte das Forças Armadas Polonesas, que continuaram a luta em defesa de seu país, os franceses rebelados, chefiados pelo general Giraud e pelo coronel Charles de Gaulle; tropas do Canadá, da Austrália, da Nova Zelândia e da África do Sul, que chegaram à Grã-Bretanha.⁵² Em 1942, a Batalha do Atlântico entrou em

⁴⁹ PRESTON, Antony, op. cit., p. 34.

⁵⁰ PATERSON, Michael. Batalha do Atlântico. In: *Decifreadores de códigos: a história e os relatos dos heróis secretos da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Larousse do Brasil. 2009, pp.116-117.

⁵¹ SANI, Massimo, op. cit., p. 75.

⁵² FALCÃO, João, op. cit., p. 19.

seu estágio mais violento. Ela passou a significar muito mais que a sobrevivência da Grã-Bretanha – era o palco decisivo da Segunda Guerra Mundial e seu vencedor ganharia a guerra.

Quem também parecia disposta a enfrentar a marinha alemã foi a Esquadra Norte-Americana do Atlântico, que apesar de assumir a posição de neutralidade, insistia em manter a linha comercial com sua pátria-mãe. Solícitos demais, os Estados Unidos tiraram proveito da situação dos ingleses. O presidente Franklin Roosevelt, então, resolveu:

Oferecer “toda ajuda em função da escassez da guerra”, e já emprestara 50 velhos destróieres para propósitos de escolta recebendo em troca os direitos de bases em possessões coloniais britânicas. A insistência dos norte-americanos em manter a sua linha comercial com os ingleses, transformou os seus navios em novos alvos dos U-boots. Ainda assim, os Estados Unidos relutaram em se envolver na Segunda Guerra Mundial, o Presidente Roosevelt nada fez além de exprimir sua indignação. De sua parte, Adolf Hitler estava firme na decisão de evitar hostilidades com os americanos, recusou-se a levantar as restrições aos U-boots.⁵³

A expansão da guerra pelo Velho Mundo encerrou as atividades comerciais marítimas. As economias agroexportadoras da América Latina foram abaladas com a perda do mercado europeu. De acordo com o discurso de Getúlio Vargas, “se há mercados fechados à venda dos nossos produtos em consequência da guerra, em compensação, para eles não se canalizam economias nossas em troca dos artigos que nos forneciam”.⁵⁴ Para enfrentar essa nova crise conjuntural, o Brasil não queria reviver os tempos difíceis de 1929, que se prolongaram até o limiar dos anos de 1930. Era preciso dinamizar suas práticas econômicas internas e estreitar acordos comerciais com seus vizinhos americanos. “O Governo age, não somente com o propósito de desenvolver as trocas internas, mas, também, negociando convênios com as nações credoras, no sentido de pagar em utilidades o serviço as nossas dívidas, reduzindo-as na base dos valores em bolsa”.⁵⁵ Em 29 de outubro de 1940, o Brasil e os Estados Unidos assinaram um Acordo de Cooperação.

No tempo da Segunda Guerra Mundial, os países americanos formaram uma aliança diplomática entre si chamada de “Hemisfério Ocidental”. Esse grupo se manteve neutro e atento ao confronto europeu e asiático. Apesar de envolvidos pela neutralidade, os navios dos Estados Unidos socorreram a Inglaterra com suprimentos. Foi por isso que algumas dessas embarcações foram alvejadas pelos *U-boots*. No entanto, nem americanos e muitos menos os alemães estavam interessados em criar uma situação de beligerância um com o outro. No entanto, o ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, criou uma configuração

⁵³ PRESTON, Antony, op. cit., p.37.

⁵⁴ Discurso de Getúlio Vargas no Dia da Marinha, a bordo do Encouraçado Minas Gerais. Documento oficial. 11 de junho de 1940.

⁵⁵ Idem.

de guerra com o Japão. “Dois dias depois, Adolf Hitler suspendeu todas as restrições a ataques contra embarcações americanas e no dia 11 de dezembro declarou guerra aos Estados Unidos”.⁵⁶

A Declaração de Guerra Alemã aos Estados Unidos da América foi assinada pelo ministro Joachim von Ribbentrop. Ela elucida as razões militares que levaram os nazistas a visualizar os norte-americanos como uma ameaça real às suas pretensões bélicas.⁵⁷ A declaração de guerra não foi surpresa para o Alto Comando de *U-boot*, pois o Almirante Dönitz e seu estado-maior achavam que ela seria inevitável. Os planos para Operação Rolo-Compressor ou Paukensschlag já estavam prontos, e a 25 de dezembro seis *U-boots* partiram para a travessia do Atlântico a fim de atacarem a marinha mercante americana. A Marinha Americana mantivera contato estreito com a Marinha Real, que colocou à disposição daquela, todos os relatórios sobre táticas antissubmarinas. Não obstante, a violência da Paukenschalag pegou a Marinha Americana completamente de surpresa, e certa falta de preparação levou a uma perda de 500 navios nos primeiros seis meses.⁵⁸

À época, o Brasil viu com apreensão o envolvimento dos Estados Unidos na guerra, pois o país assumiu compromissos oficiais como o “bom vizinho”. Em 24 de julho de 1941, foram regulamentadas as atividades da Comissão Mista de Oficiais de Estado Maior do Exército Brasileiro e o Chefe da Missão Militar Americana. De acordo com o documento bilateral assinado pelo General Eurico Gaspar Dutra e pelo Brigadeiro-General Lehmann W. Miler, os novos parceiros deveriam direcionar seus trabalhos para os seguintes postulados:

⁵⁶ PRESTON, Antony, op. cit., p.37.

⁵⁷ Eis o texto nazista na íntegra: O Governo dos Estados Unidos tendo violado da maneira mais flagrante e de modo crescente todas as regras da neutralidade a favor dos adversários da Alemanha e sendo continuamente culpado da mais severa provocação à Alemanha desde a explosão da guerra Europeia, provocada pela declaração de guerra Britânica contra a Alemanha em 3 de Setembro de 1939, finalmente recorreu ao uso de atos militares de agressão. Em 11 de Setembro de 1941, o Presidente dos Estados Unidos declarou publicamente que tinha ordenado à Marinha Americana e Força Aérea a atirar imediatamente em qualquer navio de guerra Alemão. Em seu discurso de 27 de Outubro de 1941, ele mais uma vez afirmou explicitamente que sua ordem estava em vigor. Agindo sob essa ordem, navios da Marinha Americana, desde o início de Setembro de 1941, atacam sistematicamente as forças navais Alemãs. Assim, destróieres Americanos, como por exemplo, o Gerrer, o Kearney e o Reuben James, abriram fogo em submarinos Alemães conforme o plano. O Ministro da Marinha Americana, Sr. Knox, confirmou que destróieres Americanos atacaram submarinos Alemães. Além disto, as forcas navais dos Estados Unidos, sob ordens de seu Governo e contrarias às leis internacionais tratam e apreendem navios mercantes Alemães nos mares como se fossem navios inimigos. O Governo Alemão, portanto, estabelece os seguintes fatos: Embora a Alemanha tenha aderido estritamente às regras da justiça internacional em suas relações com os Estados Unidos durante todo o período da atual guerra, o Governo dos Estados Unidos, a partir de violações primarias da neutralidade finalmente procedeu a atos de guerra contra a Alemanha. O Governo dos Estados Unidos através disso virtualmente criou um estado de guerra. O Governo Alemão, consequentemente, cessa relações diplomáticas com os Estados Unidos da América e declara que sob estas circunstancias trazidas pelo Presidente Roosevelt, a Alemanha a partir de hoje também se considera estando em estado de guerra com os Estados Unidos da América. In: RIBBENTROP, Joachim von. Documento Oficial. Declaração de Guerra Alemã aos Estados Unidos da América. Berlim, 11 de dezembro de 1941.

⁵⁸ PRESTON, Antony, op. cit., p.40.

- 1 – *Promessa do Brasil de auxiliar com todas as suas forças e com os meios de que disponha a defesa comum do continente americano;*
- 2 – *Promessa do Brasil de construir bases aéreas e navais e de autorizar-lhes o uso aos demais países pan-americanos;*
- 3 – *Promessa do Brasil de organizar a defesa de sua costa e das ilhas ao longo do litoral, bem como as vias e meios de comunicações do país;*
- 4 – *Promessa dos Estados Unidos de empregarem suas forças armadas para auxiliarem o Brasil na defesa contra os ataques de forças armadas de Estados não americanos;*
- 5 – *Promessa dos Estados Unidos de auxiliarem o Brasil na aquisição do armamento e de todos os meios materiais de que necessitar para os fins em causa, bem como no fornecimento de técnicos que este declare precisar.*⁵⁹

A leitura desse acordo evidencia que o Brasil tinha mais postulados a cumprir, tamanha desconfiança dos norte-americanos com alguns representantes do Estado Novo. Evidencia, também, o quanto era difícil sustentar a neutralidade brasileira. Ao consultar a documentação pessoal do presidente Getúlio Vargas, Maria Celina Soares D’Araújo percebeu a preocupação do Chefe da Nação em garantir a Soberania Nacional. “A concessão das bases do Nordeste foi por ele percebida como uma imposição: ou o Brasil cedia parte do seu território ou seria considerado inimigo dos Aliados”.⁶⁰ Diante destas imposições, “o Brasil era, segundo Vargas, jogado em uma aventura que não escolhera e que não controlaria”.⁶¹

Os japoneses não atacaram o Brasil, mas a pressão norte-americana fez o governo varguista repensar a sua condição de neutralidade. Esta “aventura involuntária” criou divergências entre a alta cúpula do governo. Em 8 de dezembro de 1941, o ministro Vasco Leitão da Cunha enviou uma correspondência, em caráter confidencial, ao ministro da Justiça Francisco Campos, onde analisou o bombardeio de Pearl Harbor e compartilhou seu indicativo de rompimento diplomático com o Eixo.⁶² No terreno das ideias, a discussão dos

⁵⁹ Regulação das atividades da Comissão Mista Brasileiro-Americana de Oficiais de Estado-Maior. Documento oficial. Termo de Ajustes. 24 de julho de 1941. In: LEITE, Mauro Renault, NOVELI JÚNIOR. *O Marechal Eurico Gaspar Dutra: O dever da verdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1983, pp. 441-443.

⁶⁰ D’ARAÚJO, Maria Celina Soares. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 49.

⁶¹ Idem.

⁶² O Senhor Presidente da República reuniu hoje de manhã o Ministério, para tratar da situação internacional. Propôs manifestar a solidariedade do Brasil aos Estados Unidos da América em face da agressão do Japão, no que foi apoiado pela unanimidade dos presentes. Salientou Sua Excelência que esta solidariedade não implicava a entrada do Brasil em guerra, mas simplesmente honrar compromissos assumidos e a nossa tradicional amizade para com aquele país e pugnar pelos verdadeiros interesses do Brasil. Ficariamos, assim, em estado de não beligerância, favorecendo por todos os meios e modos os Estados Unidos da América, sem tomar, no entanto, parte militar do conflito. Cogitou-se da possibilidade de, como consequência, romper o Japão suas relações diplomáticas com o Brasil, mas não se cogitou de tomarmos nós esta iniciativa. Meditando sobre estes e outros pontos da reunião ministerial de hoje, achei de bom aviso esclarecer o ponto de vista, si não do Ministério, pelo menos do encarregado do expediente do Ministério da Justiça, numa questão de tal gravidade, e acabo de dirigir ao Senhor Presidente da República, uma carta particular, dizendo, em suma, o seguinte: - *Quer me parecer que a simples declaração de solidariedade aos Estados Unidos não tira a nossa atitude do terreno das palavras para o terreno da ação. Muito ganharíamos com uma atitude ativa, e não passiva, ao honrar os compromissos assumidos. Seria melhor para dignidade nacional não aguardarmos que o agressor do continente rompesse suas*

mandatários sobre a chegada da guerra às América gerou impasses dentro do Estado Novo e colocou líderes varguistas em campos opostos. O ministro Oswaldo Aranha e o Almirante Henrique Guilhem simpatizavam pelos aliados e nutriam um profundo sentimento pró-americano. Enquanto, o ministro Eurico Gaspar Dutra e o chefe de polícia Filinto Müller não escondiam a preferência pelas nações do eixo.

A intransigência norte-americana contribuiu para deteriorar a neutralidade do Brasil. Após o bombardeio japonês à base Pearl Harbor, os Estados Unidos passaram a pressionar o cumprimento dos acordos assumidos e exigiram que o Brasil declarasse guerra ao Eixo, mas não foi o que aconteceu. Getúlio Vargas fez valer seu estilo de governar, pois demonstrava estar preocupado com as fragilidades militares do Brasil e os problemas econômicos gerados pela crise conjuntural. Mesmo com as vantagens financeiras oferecidas pela política da boa vizinhança o presidente relutava em anunciar a guerra, pois os seus militares se sentiam despreparados. Em 21 de dezembro de 1941, o presidente Getúlio Vargas recebeu o ministro Oswaldo Aranha e registou em seu diário a reunião tensa que teve com ele.

À noite, recebi o Oswaldo. Disse-me que o governo americano não nos daria auxílio, porque não confiava em elementos do meu governo, que eu deveria substituir. Respondi que não tinha motivos para desconfiar dos meus auxiliares, que as facilidades que estávamos dando aos americanos não autorizavam essas desconfianças, e que eu não substituiria esses auxiliares por imposições estranhas.⁶³

Por um lado os norte-americanos desconfiavam dos auxiliares de Getúlio Vargas. Por outro, os nazistas acompanhavam, com desânimo, a marcha rápida do Brasil para a órbita aliada. Desde 1941, que Washington negociou com o Rio de Janeiro o estabelecimento de bases aéreas no Nordeste e o fornecimento de produtos estratégicos.⁶⁴ O ano de 1942 foi um divisor de águas para os brasileiros, pois em 15 de janeiro teve início a Terceira Reunião de Chanceleres das Repúblicas Americanas, na cidade do Rio de Janeiro. Os representantes existas também participaram do evento continental: Kurt Prüfer (Alemanha), Ugo Sola (Itália) e Itaro Ishii (Japão). Eles se esforçaram em persuadir o presidente Getúlio Vargas a manter a posição de neutralidade, pois estes estavam cientes do impacto que a decisão

relações diplomáticas conosco. Bastaríamos aguardar a declaração formal de guerra por parte dos Estados Unidos da América para procedermos nós àquela ruptura. - Não envio estas palavras a título de sugestão ou alvitre, pois que cabe ao Ministério Exterior fazê-lo quando julgar oportuno. Envio-as ao Senhor Presidente afim de que fique perfeitamente inteirado do meu modo de pensar no assunto. In: CUNHA, Vasco Leitão da. Documento confidencial endereçada ao Ministro da Justiça Francisco Campos. Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1941. Disponível em < <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil>> acessado em 20 de dezembro de 2011, 19:20.

⁶³ VARGAS, Getúlio, *Diário*. São Paulo/Rio de Janeiro, Siciliano/ Fundação Getúlio Vargas, 1995, vol. II, p. 443.

⁶⁴ HILTON, Stanley E, op. cit., p. 23

brasileira causaria no mundo latino-americano. O embaixador Kurt Prüfer advertiu que o provável rompimento de relações diplomáticas necessariamente levaria à guerra. Foi, assim, numa atmosfera de intensas pressões conflitantes que os chanceleres dos países hemisféricos se sentaram para debater o destino do mundo ocidental, debate que se processaria sob os olhos atentos dos agentes oficiais do Terceiro Reich.

Entre as deliberações desse evento diplomático, uma se destacou: a proposta norte-americana de declaração de guerra conjunta ao Eixo. Proposta polêmica, que não encontrou respaldo entre a maioria dos chanceleres, que preferiu manter a neutralidade. A chegada da guerra às Américas não teve o poder de unir, mas de evidenciar as cisões políticas no interior do bloco latino-americano, pois argentinos e chilenos não aderiram à declaração conjunta e nem se sentiam intimidados pelos Estados Unidos.

As jovens repúblicas não eram mais colônias, quando eram obrigadas a seguir imposições externas. Os norte-americanos se apresentavam como um bom vizinho, mas algumas nações preferiram vê-los como um vizinho bem distante da América do Sul. Elas queriam respeito à soberania e às escolhas diplomáticas de cada estado. A postura solar dos estadunidenses foi eclipsada pelos interesses opostos de quem não os via como autoridades.

O Brasil resolveu, então, posicionar-se na guerra, mas criou suas próprias condições, não querendo desagradar “gregos nem troianos”, o ministro Oswaldo Aranha encontrou um meio termo: - oficializou o rompimento diplomático com a Alemanha e a Itália, em 28 de janeiro de 1942. Arrancar essa declaração de rompimento das autoridades varguistas não foi fácil, mas os Estados Unidos tinham o que comemorar. Afinal, *o Brasil era de importância crucial para sua política latino-americana em geral, para a defesa hemisférica, e para sua mobilização econômica.*⁶⁵

No dia 29 de janeiro de 1942, Kurt Prüfer e seus colaboradores se transferiram para a Argentina, onde passaram a executar suas atividades diplomáticas voltadas para a América do Sul. Os alemães demonstraram o entendimento de que as portas diplomáticas se fecharam e com frieza transferiram suas atividades para a Argentina; os italianos demonstraram irritação com o governo varguista. Da Itália, Benito Mussolini chegou a pedir para que dissessem para o encarregado de negócios brasileiros em Roma que o *Duce* tinha memória de elefante e chegaria o dia em que o Brasil pagaria caro por essa decisão. Afinal, onde e como a Itália realizaria os desejos do seu *Duce*?⁶⁶

⁶⁵ HILTON, Stanley E, op. cit., p. 241.

⁶⁶ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole. 2003, p. 280.

A guerra era uma questão de tempo. A população brasileira não foi conscientizada da gravidade da situação. A tomada de posição contrária aos países eixistas fez a “declaração de rompimento” ser encarada pelos nazifascistas como uma “declaração de guerra do Brasil”. Autoridades políticas e militares sabiam dos riscos e tomaram medidas mais positivas no sentido de garantir sua defesa e as Forças Armadas do Brasil conjugaram seus esforços e estudaram a possibilidade de invasão do continente sul-americano pelos inimigos eixistas. A agitação nos quartéis prenunciava tempos difíceis. Eis um trecho do *Plano de Defesa do Nordeste* elaborado pelo General Leitão de Carvalho, em 30 de maio de 1942.

Que natureza de hostilidades poderia praticar contra o país, ou seus interesses e a partir de que momento?

O torpedeamento dos navios mercantes brasileiros havia começado antes da ruptura das relações. Mas o ataque ao nosso território, ou a outros pontos do continente, dependia de circunstâncias favoráveis e de tempo. Na investigação das possibilidades desse ataque, consideramos somente o grupo ítalo-germânico, excluindo o Japão... O inimigo poderia desenvolver seus esforços progressivamente, iniciando-os desde logo, com ações de curso ou ataques submarinos (...).

Inimigo: O adversário que teríamos de enfrentar, se a guerra viesse até o nosso continente, estava desde que o governo rompeu as relações com as potências do Eixo: seriam a Alemanha, a Itália e o Japão.

(...)

Terreno: A parte do território mais exposta a um ataque do inimigo era, como já assinalamos, a região litorânea que se estende da Bahia ao Maranhão.⁶⁷

Após o rompimento diplomático com a Alemanha e a Itália, os navios mercantes brasileiros se tornaram alvos de ataques em águas internacionais. Ainda não se tinha a plena convicção da nacionalidade dos agressores navais, por esta razão, os documentos oficiais atribuíam aos “submarinos não identificados”, a responsabilidade da tragédia. Os sucessivos barcos torpedeados no exterior enfureceram os brasileiros. No entanto, como as unidades da Marinha Mercante singravam áreas beligerantes, as autoridades varguistas relutaram em considerar o ataque aos navios brasileiros uma afronta ao país.

Com a autorização do Parlamento Alemão, a Kriegsmarine adotou uma política de “guerra submarina sem restrições”, o que significava que não só os navios dos países beligerantes, mas também daquelas nações que eles acreditavam estar ajudando o inimigo, poderiam ser atacados e afundados sem aviso ou explicação.⁶⁸ À medida que a ação dos U-boots se expandia para todo oceano Atlântico, aumentava a importância da América do Sul para o esforço de guerra inglês e para a mobilização americana, o interesse dos estrategistas

⁶⁷ Plano de Defesa do Nordeste. General Leitão de Carvalho. *Documento Confidencial*. 30 de maio de 1942.

⁶⁸ PATERSON, Michael, op. cit., p. 117.

militares alemães pela melhoria e expansão de seu aparato de espionagem no Brasil aumentava proporcionalmente.⁶⁹

A Marinha Mercante do Brasil perdeu vários navios nessa caçada sem restrição empreendida pelos U-boots na costa leste dos Estados Unidos. O naufrago Francisco Lustosa Nogueira, radiotelegrafista do navio mercante Olinda, descreveu a experiência bélica que viveu. Era 21 de fevereiro de 1942 e a imagem intimidadora do submarino à superfície criou um clima de angústia e pavor a bordo.

Eu, abaixo assinado, Francisco Lustosa Nogueira, 2º radiotelegrafista do S.S. Olinda, de propriedade da Companhia de Comércio e Navegação, declaro ao senhor cônsul do Brasil em Norfolk o seguinte: mais ou menos às 12:40 horas do dia 18 achava-me eu na estação do rádio, de quarto, quando fui avisado pelo Comissário que o submarino se acha na superfície do mar, a uma milha mais ou menos do navio, do lado boreste à retaguarda. O submarino emitia sinais em códigos Morse, telegrafia visual. Incontinenti voltei à estação, pois tinha deixado a mesma para ver o submarino, para emitir o S.O.S. caso necessário. Infelizmente um dos projéteis do submarino inutilizou antena do rádio, sendo desse modo impossível qualquer providência por intermédio da estação, o submarino já tinha dado uns sete tiros dos quais dois ou três acertaram o alvo, na popa, à meia-nau e na antena. Por ordem do imediato, a quem estava designado, ajudei a baixar a baleeira Nº 2 e pusemos-nos ao mar, eu e mais uns 21 homens. Nesse ínterim o submarino cessou de atirar para dar tempo à tripulação pôr-se ao mar. A baleeira em que eu me achava foi descida em primeiro lugar. Fomos descendo ao sabor das ondas, digo, a baleeira com a tripulação e fomos abordados pelo submarino. O capitão alemão escolheu-me para ir a bordo da nave alemã e fez-me diversas perguntas entre as quais: de onde vínhamos, para onde íamos, qual a carga do navio, se levávamos material de guerra. Disse-me depois que queria conversar com o comandante do navio brasileiro. Foram depois batidas duas fotografias, uma na baleeira com os tripulantes e outra da minha pessoa. Cinco minutos depois abordava a baleeira em que se achava o meu comandante. Logo após ter conversado com o mesmo e deixado a baleeira seguir o seu rumo, vi o submarino recomeçar o seu ataque. Atirou umas 15 vezes mais ou menos, com três e quatro minutos de intervalo de um tiro para outro. Diversos projéteis atingiram o navio, que se incendiava e adernava pouco a pouco. A tripulação alemã, prevendo, a chegada de um avião americano, fez movimentar o submarino, submergindo.⁷⁰

Mais do que um fatídico encontro bélico na costa atlântica dos EUA, a memória de Francisco Lustosa Nogueira permitiu visualizar, com riqueza de detalhes, as práticas de abordagens dos submarinistas alemães em relação às atividades comerciais desempenhas pela Marinha Mercante do Brasil. Ficou evidente também, que eles não afundaram de imediato o navio porque queriam estudar o seu alvo e colher informações estratégicas para seus superiores. Qual era a carga do navio? Para onde se destinava? Qual a nacionalidade dos tripulantes? As respostas dessas perguntas ajudavam a Kriegsmarine a repensar suas operações de ataque.

⁶⁹ HILTON, Stanley E, op. cit. p. 28.

⁷⁰ *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Ministério das Relações Exteriores. Volume II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944, pp. 76-77.*

Apesar do clima de apreensão, o comandante do submarino agressor agiu com cavalheirismo em relação aos tripulantes do Olinda, pois permitiu que eles arriassem a baleeira e seguissem ao sabor das ondas. Contudo, a orientação emanada por Döenitz para seus submarinistas era de outra natureza, pois não se devia salvar e nem trazer ninguém a bordo. Segundo sua visão: “não tenham qualquer cuidado com os barcos dos navios. As condições do tempo ou a proximidade da terra não devem ser levadas em consideração. Preocupem-se apenas com seus próprios barcos. Precisamos ser duros nesta guerra”.⁷¹

O olhar do radiotelegrafista ainda apontou os dois aspectos importantes para este estudo. Em primeiro lugar, a tripulação do *U-boot* conseguiu estabelecer um diálogo com o radiotelegrafista e o comandante do navio Olinda, evidenciando uma preocupação dos seus tripulantes em saber manejar a língua portuguesa ou espanhola. Segundo, logo após o torpedeamento, ocorreu uma intensa mobilização militar empreendida pela marinha americana, mas o submarino agressor desapareceu das vistas dos náufragos do Olinda.

Até fins de abril de 1942, a Marinha Mercante Brasileira perdeu sete navios com 174 vítimas fatais. O torpedeamento de tantos navios representou para o Brasil a comprovação da existência de um inimigo externo, inimigo esse que avançava cada vez mais para sua costa atlântica. Os pedidos de Getúlio Vargas aos Estados Unidos, para que os navios mercantes brasileiros fossem dotados de um sistema de defesa eficaz e de uma proteção da Marinha de Guerra Americana, não puderam ser satisfeitos de imediato. Os barcos dispunham tão somente de uma peça de artilharia, insuficiente perante o poder de fogo e a vantagem da surpresa dos submarinos do Eixo. Os responsáveis militares brasileiros estavam conscientes da insipiência dessa medida e decidiram, alguns dias mais tarde, pintar de cinza todos os navios da Marinha Mercante. Aproveitava-se a ocasião para pintar de amarelo o interior das lanchas de salvamento, para facilitar sua localização aérea. Pertinente, mas inquietante iniciativa.⁷²

Adolf Hitler parece estar cumprindo a promessa feita há tempos de intensificar a Guerra Submarina, e é indiscutível que tem obtido alguns êxitos, embora pagando-os a um preço que não se sabe se é compensador. Não resta dúvida de que esses esforços nazistas aumentarão na primavera. A substituição do almirante Erich Raeder, comandante chefe da esquadra alemã, pelo almirante Karl Dönitz, grande perito em Guerra Submarina, indica decidida transformação da política naval germânica. Karl Dönitz afastou três altos chefes navais partidários da construção

⁷¹ PATERSON, Michael, op. cit., p. 125.

⁷² SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai a guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri/SP: Manole, 2003, p. 293.

*intensiva de navios de superfície, e exigiu da indústria bélica alemã, um esforço especialíssimo para o aumento da produção de submarinos.*⁷³

Em virtude das sucessivas hostilidades navais no exterior, a polícia varguista recrudescceu a campanha nacionalista aos estrangeiros taxados de “eixistas”. A violência sofrida pelos imigrantes manchou ainda mais a imagem do Brasil e deixou as autoridades nazistas enfurecidas. Alemães e italianos enfrentaram dificuldades variadas nas prisões do Estado Novo. Celas atulhadas e com péssimas condições higiênicas, além dos métodos violentos durante os interrogatórios. Como pode “arianos” serem tratados com desprezo e inferioridade por um povo miscigenado? As sementes ideológicas lançadas pelo Terceiro Reich não encontraram solo fértil entre todas as autoridades brasileiras. Então, a Alemanha Nazista enviou, através do embaixador espanhol, uma advertência ao ministro Oswaldo Aranha, este respondeu imediatamente. Eis a resposta incisiva do Itamarati:

*Vossa Excelência desculpará minha franqueza, mas um governo que, como o alemão, tem procedido para com o Brasil contra os princípios internacionais mais elementares, torpedeando os seus navios e sacrificando vidas de brasileiros, não merece de nossa parte a atenção de uma resposta e reclamações que ele perdeu o direito de fazer.*⁷⁴

As divergências diplomáticas, o comércio marítimo com os Aliados, a perseguição aos alemães e as bases americanas eram demonstrações de que o Brasil já poderia ser considerado uma nação beligerante. Adolf Hitler, em conferência com o Almirante Erich Raeder em 15 de junho, finalmente autorizou ataques aos navios brasileiros em águas territoriais do Brasil e no início de julho, um grupo de dez submarinos partiram de portos franceses para águas brasileiras.⁷⁵

1.2 – O saliente nordestino e suas representações militares

Saliente, uma palavra originária do latim, que significa “que salta”, “espaço bem notado”, “lugar que se projeta” ou “área que sobressai”. Com um olhar atento à cartografia costeira do Brasil, logo se aperceberá que uma parte da região Nordeste se sobressai, debruçando-se em direção ao Atlântico Sul e bem mais próximo à África. Essa “saliência” é

⁷³ A Campanha Antissubmarina. Serviço Especial da Inter-Americana. Washington/EUA. In: *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE. 23 de março de 1943.

⁷⁴ Mensagem de Oswaldo Aranha ao Embaixador da Espanha. 2 de julho de 1942. Arquivo Histórico do Itamarati. In: HILTON, Stanley E, op. cit., p. 291.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 292.

formada pelos seguintes estados da federação: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, incluindo-se aí as ilhas de Fernando de Noronha e de Trindade, além do atol das Rocas.

Convém esclarecer que a expressão “Saliente Nordestino”, bastante corriqueiro na documentação política do Estado Novo e nas informações históricas publicadas pelas Forças Armadas, não foi uma invenção brasileira, mas uma apropriação. Ela foi uma construção dos militares norte-americanos. Afinal, por que essa região da América do Sul despertou tanta polêmica ao longo da Segunda Guerra Mundial? Adolf Hitler realmente cobiçava os domínios de um país tropical?

Na escalada da guerra, os nazistas enviaram suas tropas para a África do Norte. Essa mobilização inimiga fez os Estados Unidos formularem muitas questões. Quais as reais intenções do Eixo em ampliar seu raio de atuação para o território africano? Será que as colônias francesas foram utilizadas como bases de apoio? Dentro da logística militar dos norte-americanos, a África não era o fim, mas o meio para se atingir o Brasil. Desde então, os bons vizinhos chamaram a atenção das autoridades varguistas para o risco de invasão do Eixo ao Saliente Nordestino e insistiam em ajudar os brasileiros. No entanto, a ocupação estrangeira, mesmo que pacífica, não foi bem aceita pelos militares brasileiros.

A questão central não era apenas a proximidade da África, mas antecipar os passos das tropas germânicas para não serem surpreendidos por elas. O saliente era essencial na defesa do continente, por esta razão a localidade costeira ganhou algumas denominações: “Cinturão do Atlântico”, “Pote de Ouro”, “Corredor da Vitória” e “Trampolim para Vitória”. A palavra *trampolim* é uma representação de algo que não existe por si só, mas para dar impulso, ser uma área de transição ou servir de degrau para se chegar a outro ponto. O salto para a vitória só seria possível em três circunstâncias: 1 - quando as tropas nazifascistas fossem expulsas da África; 2 - os submarinos eixistas deixassem de ser uma ameaça ao mundo naval brasileiro; 3 - as bases aeronavais brasileiras contribuíssem para a vitória definitiva dos Aliados.

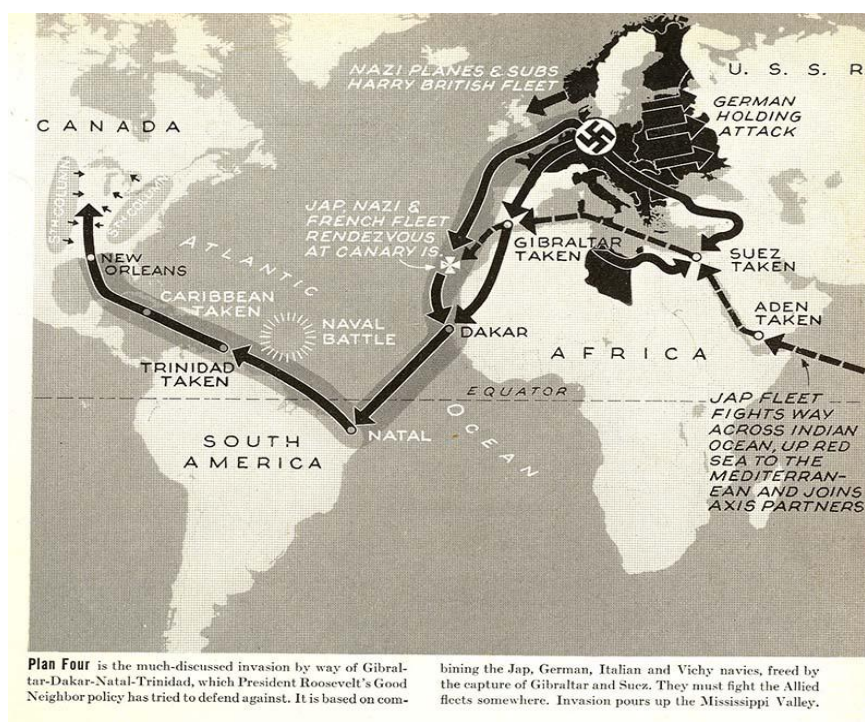
Em toda a Segunda Guerra Mundial, as tropas nazistas não invadiram o território praiano brasileiro, mas o medo disso acontecer foi suficiente para aumentar o efetivo do Exército no Nordeste de seis mil para cinquenta mil homens, modernizar as Forças Armadas do Brasil com novos equipamentos militares. De acordo com os estudos de *Claudio Moreira Bento*, o Plano de Defesa do Teatro de Operações do Nordeste estabeleceu como missões:

Impedir o Eixo de estabelecer bases aeronavais no Nordeste; vigiar a costa para assinalar forças do Eixo em tentativas de desembarque e ações corsárias; manter a todo custo as bases aeronavais de Natal e Recife; impedir o Eixo de estabelecer-se

em Fernando de Noronha e, manter forte massa de manobra em Campina Grande, capaz de socorrer Natal e Recife.⁷⁶

Como os homens comuns da região praiana não podiam fazer frente aos soldados nazistas ou aos submarinos eixistas, mas podiam somente ajudar a enfrentar a batalha naval: adotando o blecaute, evitando queimadas, vigiando a movimentação naval, etc. Das capitais nordestinas até as colônias de pescadores, ainda é possível encontrar antigos moradores com memórias do tempo da Segunda Guerra Mundial, pois essas localidades receberam uma grande concentração de tropas nacionais e estrangeiras.

Mapa 1 – Operação Félix: a invasão nazista ao Saliente Nordestino⁷⁷



Este mapa elaborado pelos Estados Unidos evidencia o caminho Gibraltar - Dakar - Natal como a mais provável rota dos nazistas até o continente americano. O plano de invasão eixista à costa brasileira foi denominada *Operação Félix* - que previa tropas alemãs cruzarem a Espanha, apossarem-se de Gibraltar, instalarem-se na África e se utilizarem de Fernando de

⁷⁶ BENTO, Claudio Moreira. A Participação Militar do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942-1945). Conflitos Externos Brasileiros. Disponível em <<http://www.ahimtb.org.br/confliext17.htm>> Acessado em 30 de junho de 2012, 16:06.

⁷⁷ Diferentes planos dos nazistas para invadir a América. Disponível em: <http://klee-klaus.business.t-online.de/krieg_und_werbung.htm> acessado em 10 de junho de 2012, 18:30.

Noronha como base de submarinos para atuarem no Atlântico Sul. “Nós edificaremos uma nova Alemanha no Brasil”, palavras atribuídas a Adolf Hitler.⁷⁸

Com o advento da guerra, a projeção geográfica do Nordeste no Atlântico Sul tornava-o um ponto estratégico de ligação aérea entre a Europa e as Américas, a África, a Europa e até o Oriente Médio. Para fazer frente a qualquer pretensão nazista de invadir a América, os *marines* americanos montaram uma linha defensiva iniciada na sua costa atlântica se encerrando no Saliente Nordestino. A ampla curva da linha lembrava o formato de um “arco-íris” e a cidade de Natal ganhou a representação de “pote de ouro”.

Caso o enfoque cooperativo da Política de Boa Vizinhança fracassasse e as autoridades varguistas não permitissem a presença dos militares estadunidenses, estes já tinham elaborado um plano de invasão ao Nordeste.

*Preocupados com uma possível invasão de tropas nazistas no Nordeste do Brasil, os militares americanos prepararam uma contraofensiva, um plano conhecido como “Pote de Ouro”, que consistia no transporte aéreo de dez mil tropas ao Brasil caso a ameaça se concretizasse, e o início posterior por navio de mais de cem mil homens.*⁷⁹

A política da Boa Vizinhança não falhou e as tropas americanas não precisaram invadir o Brasil. O General Eurico Gaspar Dutra, então ministro da guerra, aprovou o projeto dos Estados Unidos de enviar tropas para a ocupação do Norte e Nordeste. A defesa dessas regiões era necessária, pois se acreditava que estivesse sob a iminência de invasão, objetivando atingir as Caraíbas ao Norte e as zonas industriais ao Sul.⁸⁰ A questão de defesa nacional recolocou o Nordeste nos centros das atenções político-militares no tempo do Estado Novo.

Ao longo do ano de 1941, uma missão naval norte-americana avaliou a infraestrutura de várias cidades nordestinas. Em 4 de setembro, as condições portuárias da cidade da Bahia foram avaliadas e elogiadas pelo Almirante Jonas H. Ingram, que afirmou: “Salvador era

⁷⁸ “*Nous édifierons une nouvelle Allemagne au Brésil*”, do livro *Hitler m’a dit* (p. 78), do escritor nazista Hermann Rauschning, editado pela Cooperation, Paris. 1939. IN: JOFFILY, José. *Harry Berger*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1987. p. 19. “*Aqui, no Brasil*”, disse Hitler ao seu amigo Hernam Rauschning, apontando o mapa americano, “*criaremos uma nova Alemanha. Encontraremos tudo de que precisamos. E com a riqueza contida no solo mexicano, a Alemanha será rica e forte*”, Hitler ainda declarou: “*Se há lugar onde a democracia é suicídio e sem significação, é precisamente na América Latina*”. Os Objetivos Alemães nas Américas. *Em Guarda – Para Defesa das Américas*. Washington/USA: Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos/*Business Publishers International Corporation of Philadelphia*. Ano 4. Nº 11. 1944, p. 38.

⁷⁹ HILTON, Stanley E, op. cit., p. 244.

⁸⁰ Projeto dos Estados Unidos de enviar tropas para ocupação do Norte e Nordeste Brasileiros. Ofício Secreto do Ministro da Guerra ao Presidente da República. Número 77/53. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1941. In: LEITE, Mauro Renault, NOVELI JÚNIOR. *O Marechal Eurico Gaspar Dutra: O dever da verdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1983, pp. 457-461.

muito superior a Recife em todos os sentidos como base naval, menos posição. A diferença de quatrocentas milhas em distância faz uma grande diferença”.⁸¹ O porto do Recife, bem situado estrategicamente no meio do Saliente Nordestino, foi escolhido para sediar a Força Naval do Atlântico Sul. Além disso, a capital pernambucana servia de referência para as “operações na vizinhança de Cabo de São Roque, que é o mais vital ponto estratégico na região sul-americana”.⁸²

A declaração de neutralidade impusera ao Brasil a difícil tarefa de fazer respeitar suas águas territoriais que se estendiam a 3 mil milhas de costa atlântica. Sua Marinha de Guerra teve de enfrentar a missão com efetivos insuficientes, tanto no que se referia ao número de unidades, como no que respeitava à sua capacidade combativa.⁸³ Ao permitir que os Estados Unidos instalassem várias bases aeronavais em seu território, o Brasil acabou arrastado para o meio das tensões bélicas em 1941. Embora ambas as nações fossem neutras e agissem em nome da “solidariedade continental”, bastava apenas seu “vizinho do norte” declarar guerra ao Eixo, que conseqüentemente, criaria uma configuração belicista para seu “vizinho do sul”.

No limiar da Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas queria se manter distante do conflito “o que nos cumpre é manter estrita neutralidade. (...) Ninguém pode dominar a consciência alheia e, em consequência, cada qual pode ter as suas simpatias, mas a obrigação de todo brasileiro patriota é conduzir-se de modo a preservar o Brasil da guerra”.⁸⁴ Em sintonia com essa visão do mandatário, ministro Osvaldo Aranha afirmou:

*O governo do Brasil abster-se-á de qualquer ato que direta ou indiretamente facilite, auxilie ou hostilize a ação dos beligerantes. Não permitirá também, que os nacionais ou estrangeiros residentes no país pratiquem ato algum que possa ser considerado incompatível com os deveres de neutralidade do Brasil. Fica absolutamente interdito aos beligerantes fazerem do litoral e das águas territoriais brasileiras, bases de operações navais contra os adversários. Todo ato de hostilidade inclusive a captura e o exercício do direito de visita, praticado por navio ou aeronave beligerante, em águas territoriais brasileiras e ofenda a soberania da Nação. As aeronaves militares dos beligerantes não terão autorização para voar sobre território brasileiro.*⁸⁵

⁸¹ Relatório do Almirante Jonas H. Ingram sobre a Área Equatorial. 4 de setembro de 1941. In: MORISON, Samuel E. *History of United States Naval Operations in World War II*. Boston, 1948. Volume II.

⁸² HILTON, Stanley E, op. cit., p. 77.

⁸³ WYNNE, J. Pires. Augusto Maynard. In: *História de Sergipe* (1930 – 1972). Vol. II. Rio de Janeiro: Pongetti. 1973, p. 108.

⁸⁴ Posição do Brasil na América. Discurso de Getúlio Vargas, na ilha do Viana, na homenagem da Federação dos Marítimos. Documento Oficial. 29 de junho de 1940.

⁸⁵ A Segunda Guerra Mundial - O Brasil em guerra I. *Revista semanal*. Rio de Janeiro: Codex Ltda. 1966, p. 2.

Com o avançar da Segunda Guerra Mundial, o ministro varguista mudou a cautela das palavras e via a aproximação com os Estados Unidos como um caminho natural do Brasil. Ao estudar a política externa do Estado Novo, Ricardo Seitenfus afirmou que “Oswaldo Aranha percebe rapidamente que o caminho da neutralidade tende a se estreitar e os acontecimentos militares vão, um dia ou outro, precipitar o Brasil na guerra. Vargas, ao contrário, parece ainda crer que poderia ficar à margem do conflito”.⁸⁶ Quais as razões militares que fizeram a Kriegsmarine expandir a Guerra Submarina para o Atlântico Sul? Essa pergunta é difícil de ser respondida, pois se liga a várias respostas. Primeiro, o Almirantado Britânico resolveu desviar alguns dos seus navios mercantes para os portos da África do Sul, o que significava considerável aumento no valor estratégico dos portos brasileiros que serviam de pontos intermediários entre a África do Sul e a Inglaterra.⁸⁷ Segundo, espiões nazistas acompanhavam as relações político-militares entre o Brasil e os Estados Unidos, revelando a ocupação dos *marines*. Terceiro, por uma questão de estratégia. De acordo com as análises militares de Kurt Jurgers, chefe do Departamento Histórico da Marinha da Alemanha, os *U-boots* vieram para o Atlântico Sul *porque o Atlântico Norte estavam em dificuldades, já que os americanos desenvolveram com rapidez equipamentos antissubmarinos. Decidirão então, atacar os cargueiros na costa brasileira, que abasteciam os aliados com matérias-primas importantes*.⁸⁸

Para Georges Duby, o Brasil se apresentava como uma das principais linhas de suprimentos de material bélico dos Aliados⁸⁹. Em seu mapa histórico da guerra, Duby mostrou o Atlântico Sul como uma importante rota dos comboios dos EUA. Um dos objetivos dos *U-boots* foi obstruir o abastecimento de mercadorias para as nações aliadas. Entre os dias 15 a 16 de agosto de 1942, os submarinos alemães invadiram as águas jurisdicionais brasileiras e afundaram três embarcações em Sergipe: O Baependy, o Araraquara e o Aníbal Benévolo. Diferente do que previram os militares norte-americanos e brasileiros, o Saliente Nordestino não era a única área vulnerável da costa do Brasil. Do Oiapoque ao Chuí, os U-boots geraram inúmeras histórias no tempo da Segunda Guerra Mundial, muitas delas ainda permanecem desconhecidas.

⁸⁶ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003, p. 310.

⁸⁷ HILTON, Stanley E, Op. cit., p. 27.

⁸⁸ TORRES, Sérgio. Naufrágio do Araraquara. Caderno Mais. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 8 de julho de 2007, p. 6 e 7.

⁸⁹ DUBY, Georges. *Atlas historique*. Paris: Larousse, 1987. p. 94-95.

O litoral de Sergipe, com 163 km de extensão entre a foz do Rio São Francisco, ao norte, e a do Rio Real, ao sul. Limita-se com o oceano Atlântico (a leste), ao estado da Bahia (ao sul e oeste) e de Alagoas (ao norte). Sergipe é o menor estado entre as 27 unidades federativas do Brasil, ocupando uma área de 21.910 km². A movimentação de submarinos alemães militarizou a área atlântica dos sergipanos. Abaixo, o mapa que permite visualizar a área costeira dos torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros, iniciados em 15 de agosto de 1942.

Mapa 2 – O Saliente Nordestino e o litoral de Sergipe, onde o U-507 iniciou seus ataques.⁹⁰



À margem do “cobiçado saliente”, Sergipe também não fazia parte da região Nordeste em 1942. No tempo do Estado Novo, o menor estado brasileiro integrava a região “Este” (1938-1943), logo depois denominada região “Leste”. Uma divisão regional decretada nos termos da Lei N^o 311, de 2 de março de 1938, para vigorar de 1944 a 1948. O Leste envolvia os seguintes estados: Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. No imaginário coletivo dos sergipanos entrevistados para esta pesquisa, algumas memórias evocavam essa antiga divisão região do país: a Leste Ferroviária, a Bacia Hidrográfica do Leste, o Comando Naval do Leste, dentre outras.

⁹⁰ Mapa do Saliente Nordestino, destacando o litoral de Sergipe, área inicial de ataque do U-507.

Diante das atrocidades cometidas pelo U-507, as Forças Armadas do Brasil acreditavam que a guerra iria recrudescer ainda mais contra o país. Por esta razão, dividiu o espaço brasileiro em “zonas de guerra”: Amazônico, Nordeste, Centro Meridional, Meridional, Mato Grosso, Marítimo e Rio São Francisco. Após tanta relutância varguista, o ministro Oswaldo Aranha analisou a tragédia naval e reconheceu a necessidade de uma resposta à agressão eixista. Então, o Brasil declarou “Estado de Beligerância em Todo Território Nacional” (22 de agosto de 1942). Para, logo depois, oficializar o “Estado de Guerra” (31 de agosto de 1942). De acordo com um trecho do documento redigido pelo ilustre diplomata brasileiro: “Não há como negar que a Alemanha ou Itália praticou contra o Brasil atos de guerra, criando uma situação de beligerância que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança e da América”.⁹¹

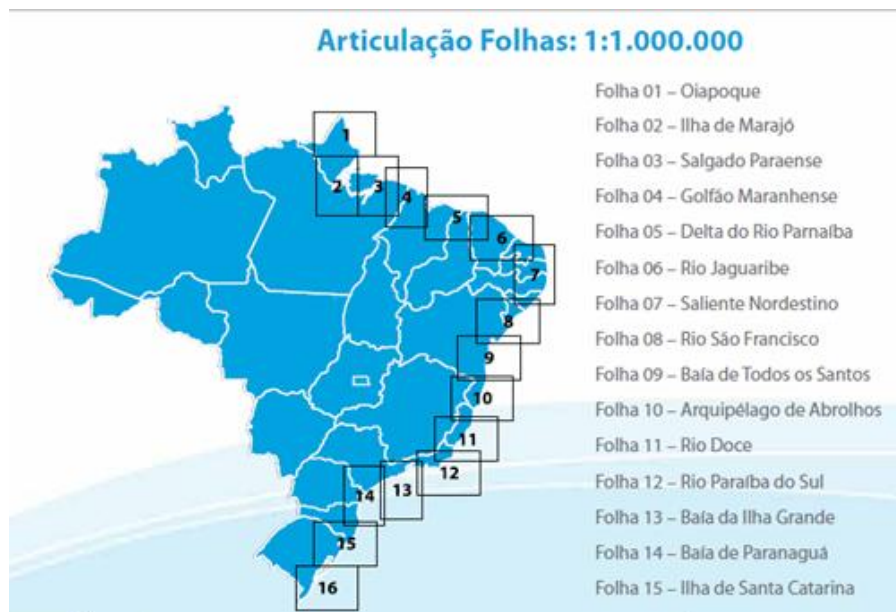
A costa do Brasil é uma área enorme e muitas localidades atlânticas ainda precisam ter suas histórias reconhecidas e pesquisadas, pois uma área costeira não pode se destacar em detrimento da outra. O historiador social também tem um papel importante na elucidação de temáticas da Segunda Guerra Mundial, antes pensadas apenas por militares. A história dos torpedeamentos dos navios mercantes no litoral sergipano, por exemplo, lança luz para microacontecimentos esquecidos, que repercutiram intensamente na vida social.

Amapá, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina e Rio Grande do Sul são estados brasileiros banhados pelo mar. Cada trecho litorâneo possui informações variadas sobre a importância do mundo atlântico para os brasileiros da região costeira. Em áreas pontuais da costa de Sergipe ainda se conservam memórias documentais sobre a passagem dos U-boats nos anos de 1942 e 1943.

A movimentação da corrente marítima do Brasil, o mar de água doce na Foz do São Francisco, a ausência de bases navais, as praias desabitadas, o litoral raso de águas quentes, o farol da Cotinguiba e as informações de carta náutica formavam um conjunto de elementos favoráveis para os experientes navegadores germânicos escolherem o litoral sergipano. No entanto, a situação começou a se inverter para os aliados, quando as Forças Armadas do Brasil e os *marines* americanos reforçaram a sua segurança costeira. Com o aprimoramento das tecnologias navais, os lobos cinzentos perderam o elemento surpresa e passaram a ser caçados com mais facilidade pelos aviões de guerra.

⁹¹ Aranha, Oswaldo. Nota do governo brasileiro aos governos da Alemanha e Itália. *Agressão – documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

Mapa 3 - Costa do Brasil e suas particularidades⁹²



Com 7.408 quilômetros de extensão, ou 9.198 se forem acrescentadas as reentrâncias, o litoral do Brasil tem muitas histórias da Segunda Guerra ainda desconhecidas. Se por um lado o submarino italiano iniciou seu ataque no litoral cearense (folha 06 – Rio Jaguaribe), por outro, os submarinos alemães escolheram o mar de Sergipe (folha 08 – Rio São Francisco) e, depois, o litoral da Bahia (folha 09 – Baía de Todos os Santos).

Os ataques do U-507 apresentaram uma reflexão importante para as autoridades varguistas: “a guerra já chegou entre nós”.⁹³ As atrocidades da Kriegsmarine poderiam ser um sinal de que algo ainda pior estava por vir: um desembarque de tropas nas praias locais. Em caráter de urgência, os civis foram convocados a superar seus medos e servir à Pátria. Gaúchos, catarinenses, paranaenses, paulistas, cariocas, mineiros e baianos compuseram as tropas que se deslocaram para a região costeira através do sertão nordestino, graças à aquovia do rio São Francisco, conhecido, na época como "rio integração nacional". Eles vieram a bordo dos vapores Comendador Peixoto, Benjamin Guimarães, dentre outros. Ao estudar esse mundo fluvial, o pesquisador Donald Pierson mostrou como a Segunda Guerra Mundial fez parte da vida dos ribeirinhos.

Em tempos mais recentes o São Francisco tem servido de estrada para alguns dos brasileiros (...). Durante a II Guerra Mundial, quando os submarinos inimigos começaram a dificultar seriamente a navegação ao longo da costa oriental, tropas do sul deslocavam-se para o norte por meio do São Francisco, pois nesse tempo não

⁹² *Macrodiagnóstico da Zona Costeira e Marinha do Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2008, p. 20.

⁹³ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 30 de setembro de 1942, p.4.

*havia qualquer ligação ferroviária ou rodoviária contínua. A cidade de Pirapora, localizada no ponto terminal da estrada de ferro que partia do Rio de Janeiro para o norte, e na extremidade sul da linha de transporte fluvial, ficava então periodicamente cheia de soldados. Entrementes, concordaram os Estados Unidos em embarcar materiais estratégicos e de necessidade urgente para o Sul do Brasil por via do São Francisco, reduzindo assim a constante ameaça de submarinos inimigos que operavam ao longo da costa. As barcas especiais construídas em Novas Orleans para esse fim, porém, foram a pique antes de chegarem ao Brasil.*⁹⁴

Durante a Guerra Submarina, o transporte de passageiro deixou de ser feito pelo mar. *Para uma pessoa ir ao Rio atualmente, ou vai de avião, ou por terra até Juazeiro, Estado da Bahia, aí toma o navio S. Francisco acima, desembarcando já em território mineiro, daí seguindo por terra até a capital da República.*⁹⁵ Isso tornou bem mais longa a viagem interestadual para os aracajuanos. O Dr. Olímpio Mendonça, juiz aposentado de Aracaju, descreveu a sua viagem de Sergipe para o Rio de Janeiro.

*Como sabe saí de Aracaju no dia 29 de agosto em trem da LESTE BRASILEIRO, passando por Alagoinhas e Bonfim, até a cidade de Juazeiro, onde tomei um vapor (gaiola) da Companhia Baiana, no dia 3 de setembro, que me conduziu a Pirapora, onde cheguei depois de 15 dias de viagem. Dizem que a viagem foi uma das melhores, pois devido a vazante do rio, há viagens em que os vapores demoram até 25 dias, quando não há maior demora como aconteceu com o vapor “Juracy Magalhães”, que se acha encalhado há cerca de seis meses, aguardando a enchente do rio. Em Pirapora demorei três dias, por falta de transporte, tomando o trem da Central do Brasil que atravessou o território mineiro, passando por várias localidades, inclusive Belo Horizonte, chegando nesta Capital (Rio de Janeiro) a uma hora da manhã do dia 23 do corrente. A viagem foi um tanto enfadonha, mas original e bem interessante, sendo que a parte do rio São Francisco merece especial registro. Por isto mesmo, isto é, pelo que há de atraente e por não confiar no momento em outras vias de transporte, foi que preferi a viagem pelo rio São Francisco.*⁹⁶

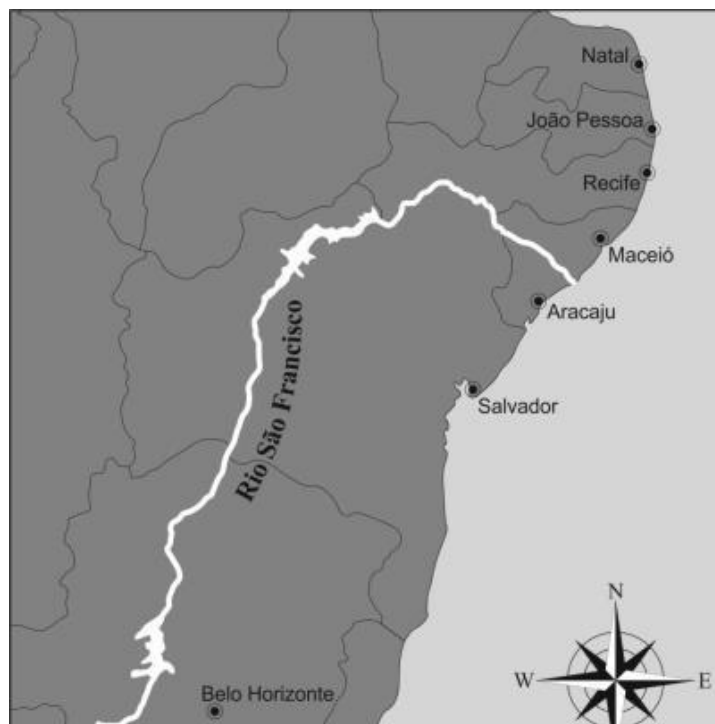
Da foz até Piranhas/AL e de Juazeiro/BA a Pirapora/MG eram os dois trechos navegáveis. As quedas d'água típicas de um “revelo de planalto”, entre os dois trechos citados, impediam uma navegação plena em todo o leito do rio. Enquanto o Baixo São Francisco despertava preocupação dos inimigos adentrarem a embocadura, o trecho de Juazeiro a Pirapora representava um caminho de águas tranquilas.

⁹⁴ PIERSON, Donald. *O Homem no vale do São Francisco*. Rio de Janeiro – RJ: SUVALE, 1972, pp. 30-31, Tomo I.

⁹⁵ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 28 de janeiro de 1944, p. 2.

⁹⁶ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 3 de novembro de 1942, p. 2.

Mapa 4 – Aquovia do São Francisco: rio da integração nacional.⁹⁷



Para os ribeirinhos dessa região sanfranciscana, especialmente os mais místicos, as águas do rio eram protegidas pelas carrancas. Jardilino Marques afirmou que “havia uma preocupação com o submarino, mas tudo ficava entre os militares. O povo não podia saber senão ficava assombrado. Época de guerra não podia saber, só quem podia saber era a gente. A gente do Corpo de Bombeiro, soldado, exército e polícia”.⁹⁸

A Segunda Guerra nas águas do Atlântico Sul também se revestiu de muitas expectativas sociais. Para ampliarmos as análises sobre as vivências costeiras, perguntamos ao prático Zé Peixe sobre as histórias dos submarinos alemães terem adentrado as embocaduras de alguns rios sergipanos (São Francisco e Vaza-Barris)? Ele questionou esses relatos publicados em jornais, inquéritos, processos e fontes orais. O velho prático foi muito elucidador em sua resposta. “É conversa! Que nada! Para o submarino entrar tem que ter um prático. O povo falava isso, mas não tinha prova não. Como é que ia entrar? Se ele entrasse ia ser bombardeado. E a barra pra sair? Eu sou prático e trabalho com navio. Se eu não tiver no navio, o navio encalha”. Então, o submarino poderia entrar nas embocaduras fluviais de Sergipe se tivesse um prático? O velho lobo do mar respondeu: “Ele [o submarino] podia

⁹⁷ “Aquovia do São Francisco: rio da integração nacional”. Arte do mapa criada pelo design gráfico Bruno Felipe de Jesus Soares e desenvolvida exclusivamente para esta pesquisa história. Aracaju-SE, 02 de junho de 2012.

⁹⁸ Entrevista de Jardilino Marques realizada em Aracaju-SE, 23 de agosto de 1999.

trazer um quinta-coluna, chamando um prático pra entrar no porto, mas que nada! São Cristóvão entrou, encalha. Não é todo mundo que entra ali. A Barra de Estância, a mesma coisa. A Barra de São Francisco, ali é mais difícil’.⁹⁹

A segurança terrestre, marítima e aérea foi reforçada na costa sergipana. Aviões anfíbios dos Estados Unidos amerissavam no rio Sergipe, em frente à casa de Zé Peixe. E como ele afirmou, caso o submarino entrasse na boca da barra seria bombardeado. Os “Cati” - como alguns aracajuanos costumavam chamar esses aviões militares - decolavam pela manhã bem cedinho e amerissavam no entardecer. Era um espetáculo vê-los no rio Sergipe.

Aqui tinha um avião Catalina. Um avião que posava dentro d’água. Catalina, avião anfíbio. Ele vinha, saía 5 horas da manhã, sobrevoava a costa até onde ele podia ir, rodava tudo. Quando chegava de tarde, quando pousava aqui [aponta para o rio], era tardinha, já no pôr-do-sol. Ai ele vinha. Ele era anfíbio, terra e água. Passava a noite ai no Rio Sergipe. Ai os colegas da Capitania iam buscar os pilotos, os comandantes, os aviadores e botaram na terra. No outro dia de manhã, antes do dia amanhecer, já iam voando. Americanos! Procurando submarino lá no mar, querendo bombardear submarino.¹⁰⁰

Apesar de suas limitações, as Forças Armadas do Brasil exerceram bem o seu papel. De acordo as declarações do Almirante Jonas H. Ingram, Comandante das Forças Navais do Atlântico Sul, “temos cumprido rigorosamente o nosso programa no Atlântico Sul”. E continua, “limpamos a nossa zona de submarinos inimigos, estando a navegação aliada mais segura do que nunca. Devemos uma parte dessa eficiência à intrepidez dos marujos brasileiros, bem como a dos aviadores, cuja colaboração tem sido inestimável”.¹⁰¹

1.3 – O gaúcho Getúlio Vargas e o seu estilo de governo

Antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, a sociedade brasileira já vivia um clima de insegurança generalizado diante dos conflitos ideológicos, que culminaram no golpe de 10 de novembro de 1937, que desencadeou a instalação de regime autoritário, um novo governo batizado de Estado Novo. A justificativa para o golpe dado por Getúlio Vargas¹⁰² era a de que

⁹⁹ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE. 07 de abril de 2004.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ VIDAL, Germano Seidl. O Brasil na Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <<http://www.brasilinter.com.br/guerraproscrita/brasilnaguerra.htm>> Acessado em 29 de junho de 2012, 19:35.

¹⁰² Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja (RS) no dia 19 de abril de 1882, filho de Manuel do Nascimento Vargas e de Cândida Dornelles Vargas. Foi deputado federal pelo Rio Grande do Sul (1923-1926), Ministro da Fazenda (1926-1927), Presidente do Rio Grande do Sul (1928-1930), Revolucionário em 1930, Presidente da República (1930-1945), Constituinte em 1946, Senador pelo Rio Grande do Sul (1946-1949) e Presidente da República (1951-1954). Faleceu no Rio de Janeiro em 24 de agosto de 1954.

a autoridade nacional deveria ser preservada para além dos particularismos locais e dos partidos regionais, a fim de evitar que a Nação sofresse riscos de convulsões sociais e políticas. O Estado Novo assume um carácter eminentemente centralizador após a elaboração da Constituição de 1937, seguido de amplas reformas administrativas e políticas através do Poder Executivo.¹⁰³

Em virtude dessas reformas, os partidos, as eleições e o poder legislativo deixaram de existir sumariamente; o judiciário era controlado pelo executivo; os governos estaduais foram entregues aos interventores federais; a censura foi imposta aos meios de comunicação; os sindicatos e suas ações trabalhistas sofreram influências varguistas. O amor à Pátria era defendido acima do indivíduo, dos estados e das regiões. Os idealizadores da ditadura varguista não estavam interessados apenas em cultivar um forte nacionalismo, mas também, em criar um Estado realmente novo, um Estado que tinha prevalência sobre o cidadão brasileiro.

Afinal de contas, o Estado Novo era uma ditadura fascista? Aos olhos dos pesquisadores tradicionais, como o sergipano J. Pires Wynne, ele representava mais um “arremedo de regime totalitário”. Ela traçou um perfil de Getúlio Vargas com uma forte carga subjetiva e uma leitura crítica às suas práticas políticas. Eis suas palavras.

Getúlio Vargas, artilheiro, atilado e manhoso, alegando insegurança das instituições, que ele dizia ameaçadas, reunindo as Forças Armadas e contando com os Governadores, resolvia dar o golpe de 10 de novembro de 1937, e fechava o Congresso Nacional, lançava a sua Carta Constitucional, instituindo o Estado Novo, situação que se estenderia até 1945. (...) Era um arremedo de regime totalitário, com o seu Chefe Nacional, senhor de plenos poderes, e os dirigentes dos Estados eram Interventores, nomeados diretamente pelo Chefe, de acordo com o seu critério de escolha.¹⁰⁴

Do golpe de 1930 até o Estado Novo, o autoritarismo varguista se revestiu de governo provisório, e depois, mascarou-o em governo constitucional, até torná-lo transparente na ditadura de 1937. Contemporâneo da Era Vargas, Evaristo de Moraes Filho demonstrou verdadeira aversão ao ditador. “Foi com o apoio das forças armadas que apeou do poder, prendeu e exilou por quinze anos o Sr. Washington Luís, homem digno e também eleito pelo voto popular. Muitos outros adversários foram exilados e mantidos fora da pátria”. E continua:

¹⁰³ ALVES, Paulo. O poder judiciário no Estado Novo (1937-1945). *Revista História*. São Paulo-SP. N. 12, 1993, p. 263.

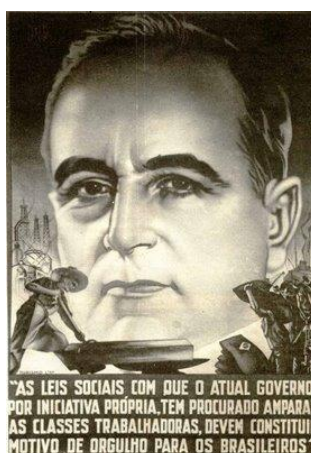
¹⁰⁴ WYNNE, J. Pires, op. cit., pp. 163-164.

*Duas Constituições foram por ele rasgadas, a de 1891 e 1934, e a de 1937 não foi cumprida. Também com apoio das classes armadas foi dado o golpe ditatorial de 1937, em pleno período democrático, com eleições à vista e a Nação se preparando para apoiar nas urnas. Com o DIP funcionando e os adversários silenciosos, vivemos durante oito anos um período de prepotência, horror e morte. Só Deus sabe o que aconteceu nesta terra e quantos chefes de família desapareceram.*¹⁰⁵

O estilo personalista de Getúlio Vargas, apontada por Evaristo de Moraes Filho, se materializava nas seguintes ações: “apeou o poder”, “exilou os adversários”, “rasgou constituições”, “recebeu apoio das classes armadas”, “silenciou os críticos e publicou suas verdades através do DIP”. Em virtude dessas leituras críticas marcadas por uma forte carga de subjetividade, ele foi chamado de “revolucionário”, “golpista”, “chefe da nação”, “líder caudilhista”, “ditador fascista”.

A elite letrada criou uma aversão ao Estado Novo, mas os homens e mulheres comuns se sentiram mais próximos do líder da nação. A tal ponto que as expressões demonstravam afeto e proximidade, incomum à formalidade e distância dos presidentes anteriores. Para os sergipanos entrevistados para esta pesquisa, Getúlio Vargas era “Gegê”, “Pai dos Pobres” e “Trabalhista”. Enfim, simbolizou tempos melhores para os trabalhadores. As imagens produzidas pelo DIP atendiam aos interesses do presidente em ter um forte carisma popular como também de permanecer no poder. No cartaz a seguir, Getúlio Vargas é a temática central e em volta dele emerge a temática da industrialização do país e o mundo dos trabalhadores.

Figura 2 - Cartaz de Getúlio Vargas evocando o mundo do trabalho¹⁰⁶



¹⁰⁵ MORAES FILHO, Evaristo de. *A Cigarra*. Rio de Janeiro-RJ, outubro de 1954, p. 55.

¹⁰⁶ Carta de Getúlio Vargas. Disponível em <http://historiadecifrada.blogspot.com.br/2009/11/era-vargas_23.html> Acessado em 7 de julho de 2012, 19:00.

Em 1º de maio de 1940, Getúlio Vargas apresentou sua visão sobre a política trabalhista durante o pronunciamento no Estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. Diante de operário, patrões, educadores, estudantes, lavradores, artesãos, feirantes, militares, jornalistas, marítimos, portuários e funcionários públicos, o Chefe da Nação falou: “Trabalhadores do Brasil: - Aqui estou, como de outras vezes, para compartilhar as vossas comemorações e testemunhar o apreço em que tenho com o homem de trabalho, como colaborador direto da obra de reconstrução política e econômica da Pátria”. E prosseguiu: “o nosso progresso não pode ser obra exclusiva do Governo, sim de toda a Nação, de todas as classes, de todos os homens e mulheres, que se enobrecem pelo trabalho, valorizando a terra em que nasceram”.¹⁰⁷

Por que a fisionomia de trabalhista é associada a Getúlio Vargas? Por que a imagem dele ainda é forte no mundo sociopolítico do país? O Jardilino Marques, entrevistado para esta pesquisa, respondeu às questões: “Getúlio Vargas era a favor do povo. Getúlio Vargas era trabalhista legítimo. Trabalhista é aquele que governa a favor do povo. Partido dos Trabalhadores era em Getúlio Vargas, não é o de hoje que diz que é Partido dos Trabalhadores para enrolar o povo”.¹⁰⁸

Com ar irônico e breve, os conceitos de trabalhista e trabalhadores foram citados dentro de uma relação entre o passado e presente, onde o trabalhismo de Getúlio Vargas era a “favor do povo” e o trabalhismo representando pelo PT mais “enrolava o povo”. A visão de Jardilino Marques se associa ao imaginário social construído em torno dele. De acordo com as análises históricas de Maria de Lourdes Mônico Janotti,

*O imaginário sobre Getúlio Vargas é tão poderoso que oblitera a ação das demais figuras públicas contemporâneas e mesmo as que lhe são posteriores. Além disso, esse imaginário torna-o centro convergente das explicações construídas sobre o processo histórico, sobrepondo a personagem às diferentes conjunturas políticas e, ao fazê-lo, acaba por conceder-lhe um caráter atemporal. As menções às qualidades de Vargas – enigmático, esperto, calculista, manobrador, simpático, afável, carismático, inteligente, distante etc. – e as inúmeras anedotas contadas a seu respeito, nas quais se manifesta excepcional presença de espírito, tirocínio político e capacidade de sedução, são representações conotativas de atributos permanentes e inatos ao seu caráter.*¹⁰⁹

¹⁰⁷ Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho, pronunciado no Estádio do Vasco da Gama, Rio de Janeiro. Documento Oficial. 1º de maio de 1940. In: Vargas, Getúlio. A Nova Política do Brasil. Volume 7. Rio de Janeiro: José Olímpio, p. 291.

¹⁰⁸ Entrevista de Jardilino Marques realizada em Aracaju-SE, 23 de agosto de 1999.

¹⁰⁹ JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. O imaginário sobre Getúlio Vargas. *História Oral* – Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo: Prol Editora Gráfica Ltda. Número I, julho de 1998, p. 118.

Afinal quem foi Getúlio Vargas? Uma pergunta singela, mas difícil de responder. Revolucionário, tornou-se símbolo de mudança em 1930. Com o passar do tempo, ele sobreviveu aos golpes de opositores reais e imaginários, perseguiu os comunistas e tornou-se adversário feroz do movimento integralista. Contrariando conselhos dos militares, cortou relações diplomáticas com a Alemanha e a Itália. Ao estudar o perfil de Getúlio Vargas, Boris Fausto perseguiu seus passos, seus gestos, seus jeitos de falar, suas práticas políticas, enfim, seus símbolos de autoridade.

Nem fascista ou nazista, Getúlio Vargas era gaúcho. O seu estilo governista se fundamentava em um personalismo prático e gauchesco. Em 11 de junho de 1940, defendeu a estrutura política que montou ao afirmar que “passou a época dos liberalismos imprevidentes, das demagogias estéreis, dos personalismos inúteis e semeadores de desordens”.¹¹⁰ E, no mesmo documento, ele se orgulhava do Estado Novo naquele tempo de incertezas e inseguranças globais.

*Felizmente, no Brasil, criamos um regime adequado às nossas necessidades sem imitar outros nem filiar-se a qualquer das correntes doutrinárias e ideológicas existentes. É o regime da ordem e da paz brasileiras, de acordo com a índole e a tradição de nosso povo, capaz de impulsionar mais rapidamente o progresso geral e de garantir a segurança de todos.*¹¹¹

Para Boris Fausto, o berço político dele é o ponto de partida para se traçar um perfil sobre essa ilustre personalidade do Brasil. Depois de compreender seu mundo gaúcho, deve-se relacionar às novidades de se tornar um libertador das velhas estruturas oligárquicas. Uma gama de experiências novas emergiu no Rio de Janeiro, mas Getúlio Vargas demonstrou-se habilidoso e soube fazer frente às novidades, conseguindo “inverter” ações dos opositores e “inventar” levantes ameaçadores para se revestir de mais poder. Ágil e sábio, a raposa das querências conseguiu criar raízes na presidência.

*Quem foi esse homem, na definição de seus traços psicológicos, de sua vida familiar, de suas ideias e, principalmente, de suas ações políticas? Um ser dissimulado, que escondia seus propósitos e ambições, ou apenas um personagem reservado? Um homem acossado por ameaças reais ou imaginárias, ou um governante seguro de seu poder? Um ditador fascista, ou um político pragmático que agia de acordo com as condições de sua época? Um benfeitor dos trabalhadores e dos “humildes”, ou um manipulador das grandes massas? As respostas a estas e muitas outras perguntas não são simples, mas trilhar o caminho combinação das alternativas propostas, evitando o maniqueísmo, nos levará a conhecer melhor a figura de Getúlio.*¹¹²

¹¹⁰ Discurso de Getúlio Vargas no Dia da Marinha, a bordo do encouraçado Minas Gerais. Arquivo de Getúlio Vargas. 11 de junho de 1940.

¹¹¹ Idem.

¹¹² FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 13.

Boris Fausto ainda alerta que é preciso ter cautela com as múltiplas faces atribuídas ao homem político. Por que Getúlio Vargas se tornou um dos políticos mais emblemáticos na História do Brasil? Como o DIP teve um papel importante na construção de uma imagem mítica do ditador? Um nacionalista ferrenho ou um típico homem das querências? Se por um lado, a sua imagem começou a ser cultuada quando ele esteve à frente das transformações econômicas e sociais, como um nacionalista que resistiu aos trustes estrangeiros, como primeiro estadista a vir em socorro dos humildes, implantando no país uma legislação trabalhista. Por outro, a “repulsa batia em teclas pessoais – a frieza, o caráter dissimulado – e em traços negativos do homem público, entre eles o autoritarismo, que atingiu sua forma plena no Estado Novo, e a manipulação assistencialista dos trabalhadores”.¹¹³

Em 1939, quando a Segunda Guerra Mundial eclodiu, a imagem enigmática de Getúlio Vargas enganou até os representantes das nações beligerantes, que não tinham plena convicção de quem realmente era o presidente brasileiro. A postura camaleônica do ditador permitiu que os membros do seu governo transitassem entre os Aliados e o Eixo, defendendo os interesses socioeconômicos do país. Pouco a pouco, a batalha do Atlântico dava sinais que a guerra chegaria ao país. Os navios da Marinha Real Britânica empreenderam vários embates com o encouraçado alemão *Admiral Graf Von Spee* em águas do Atlântico Sul. Depois da perseguição na costa brasileira, encouraçado seguiu em direção ao estuário do Rio do Prata, onde a tripulação germânica pôs seu barco à pique para não cair em mãos inimigas, em 17 de dezembro de 1939. Esses embates evidenciavam a amplitude da batalha naval e o grande alcance dos modernos navios de guerra.

A partir de 1940, militares brasileiros e ingleses se estranharam em outras oportunidades. Em 11 de fevereiro, o Cruzador inglês *HMS Hawkins* invadiu e desrespeitou as águas neutras da costa do Brasil, pois visava apreender o cargueiro alemão *Wakama*, que também foi afundado por sua tripulação. Em 1 de dezembro, o barco *Itapé* foi detido pela Marinha Real Britânica, que aprisionou 22 passageiros de nacionalidade alemã. Seis dias depois, o navio Buarque foi apreendido e liberado pelo governo inglês no dia 30 de dezembro de 1940. Paulatinamente, o mundo da guerra naval envolveu a Marinha Mercante Nacional. Essa situação incomodava as autoridades varguistas, pois a neutralidade declarada não era

¹¹³ FAUSTO, Boris, op. Cit, p. 12.

garantia de segurança para os marítimos e para a zona litorânea do país¹¹⁴. Estava cada vez mais difícil, manter o Brasil distante do conflito global.

As nações beligerantes não respeitaram as suas águas jurisdicionais. Então, o governo brasileiro enviou uma nota de protesto ao governo britânico, e este, em sua resposta, voltou a manifestar que não podia aceitar uma regulamentação à qual não dera seu reconhecimento.¹¹⁵ Diante das violações marítimas, o General Eurico Gaspar Dutra chegou a sugerir que o Brasil declarasse guerra aos britânicos. Sugestão, obviamente, que não foi acatada.

1.4 – Aracaju: a cidade naval dos sergipanos

O projeto político que inventou a cidade de Aracaju em 1855, transformando-a em nova capital de Sergipe Del Rey, trazia em sua essência uma projeção universal perceptível em dois aspectos. Primeiro, em uma província que se sentia isolada no império brasileiro. E segundo, nas crescentes atividades portuárias, que atraíram negociadores de várias partes do mundo. Os navegadores estrangeiros, especialmente os comerciantes, eram bem vindos ao Vale do Cotinguiba. Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Aracaju cresceu para além da área do planejamento original e sentiu as transformações sociais impostas pelo mundo republicano, pelo conservadorismo oligárquico e pela ditadura varguista.

À época do Estado Novo, os estados brasileiros eram administrados por interventores federais nomeados diretamente por Getúlio Vargas, normalmente militares de sua inteira confiança. Em 20 de março de 1942, o Chefe da Nação nomeou o coronel Augusto Maynard Gomes, então juiz do Tribunal de Segurança Nacional, como interventor de Sergipe, no lugar do capitão Milton Pereira de Azevedo.

Em 27 de março de 1942, o interventor Maynard desembarcou em Aracaju. Neste segundo mandato ele estava inteiramente “incorporado ao espírito do Estado Novo, numa postura que tinha a fidelidade a Vargas como marca principal do seu governo, distanciou-se do revolucionário das revoltas tenentistas de 1924 e 1926, identificando-se inteiramente com

¹¹⁴ Em outubro de 1939, os representantes das nações americanas se reuniram na cidade de Panamá, para concertarem medidas tendo em vista a preservação dos seus interesses em face do conflito mundial. Nessa ocasião foi fixado o limite de 300 milhas marítimas, em torno do continente americano, como Zona de Segurança, dentro da qual as nações americanas desejavam manter a sua neutralidade. A guerra submarina, iniciada no Atlântico Norte, iria, progressivamente, aproximar-se do litoral brasileiro. Nos anos de 1939 e 1940 não houve torpedeamento de navios próximo ao nosso litoral. No ano de 1941, ocorreram três torpedeamentos de navios de nacionalidade estrangeira, a mais de 400 quilômetros da costa brasileira. CAMBESES JR, Manuel. A participação da Força Aérea Brasileira na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: INCAER – Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica. 2009, p. 6.

¹¹⁵ A Segunda Guerra Mundial – O Brasil em guerra I. *Revista semanal*. Rio de Janeiro: Codex Ltda. 1966. p.4.

o sistema autoritário”.¹¹⁶ O baiano Jardimino Marques, entrevistado para esta pesquisa, realizou a seguinte descrição do governante e das suas práticas getulistas.

Eu conheci ele como governo (...). Ele era forte, baixo, cabeçudo e de muita coragem e muita disposição. Foi baleado no pé montado a cavalo numa revolução. Aqui teve uma revolução. Houve bala pra lá, houve bala pra cá. Foi baleado, mas foi tratado e assumiu o governo. Foi um bom governo. Foi governo por duas vezes parece. A ordem dele era feita. Era um homem que gostava de cumprir o que dizia. E outra, era bom. Tinha um coração bom. Ele era um político generoso. Ele era getulista. Ele era Getúlio Vargas. E tudo que era getulista era a favor do povo, era humano. Getúlio Vargas era a favor do povo. Getúlio Vargas era trabalhista legítimo. Trabalhista é aquele que governa a favor do povo (...). Partido dos Trabalhadores era em Getúlio Vargas, não é hoje que diz que é Partido dos Trabalhadores para enrolar o povo.¹¹⁷

O getulista Augusto Maynard Gomes escolheu o seu genro, o comerciante José Garcez Vieira, como novo prefeito de Aracaju. Nos anos de 1940, a capital sergipana chamava a atenção dos forasteiros por vários aspectos: a organização arquitetônica, as atividades navais no estuário, os negócios agropecuários, a presença de comerciantes estrangeiros e pelos jardins floridos em diferentes pontos da cidade. Com um olhar atento para o mundo da política local, Jardimino Marques recordou dele com muita gratidão, pois ele foi agraciado com favores trabalhistas, aspectos assistencialistas comuns na Era Vargas. De acordo com suas palavras: “Ele foi o meu prefeito. Foi José Garcez Vieira que me colocou na prefeitura. Ele era casado com a filha de Maynard, Dona Helena. Ele era bem branquinho, magrinho, sequinho, de certa estatura, um pouco comprido (...)” E continua:

Ótimo prefeito! Nunca deixou de pagar o funcionário em dia. Gostava de ver a cidade florida. As praças era uma coisa linda na gestão dele. Foi bom prefeito. Nunca deixou de atender o funcionário. O gabinete dele era aberto para o funcionário (...). Ele como prefeito fazia reformas nas casas. Ele foi um prefeito caprichoso e ninguém pode negar. Eu fui para Guarda Municipal com ele. Ele era genro de Maynard. Não era homem muito comunicativo, não tinha gesto de alegria e de carinho de tratar as pessoas. Ele era bem frio como Maynard.¹¹⁸

Além de ser uma cidade limpa e florida, o prefeito José Garcez Vieira procurou estimular o comércio fluvial marítimo em tempos de crise conjuntural. A navegação a vapor ocupou um papel central na sociedade aracajuana dos anos de 1940. Aliás, o mundo naval foi um elemento simbólico capaz de construir não só a cidade de Aracaju em 1855, mas também, contribuiu para constituir a identidade naval dos seus moradores.

¹¹⁶ OLIVA, Terezinha. In: DINIZ, Diana Maria Faro Leal (coord.) *Textos Para História de Sergipe*. Aracaju: UFS/Banese, 1991, p.152.

¹¹⁷ Entrevista de Jardimino Marques realizada em Aracaju-SE, 23 de agosto de 1999.

¹¹⁸ Idem.

Apesar da estreita relação entre a cidade e os navios, o estuário do rio Sergipe nunca inspirou confiança aos viajantes navais devido a instabilidade da boca da barra, a mobilidade dos bancos de areia e a dependência da maré. Mesmo com essas dificuldades naturais, o navio a vapor era o principal meio de transporte não só dos sergipanos, mas dos brasileiros no tempo do Estado Novo. Na memória coletiva ainda se encontra registrado os nomes dos navios a vapor: Aníbal Benévolo, Brasiluso, Comandante Capela, Comandante Alcídio e Itassucé.

“Singrando as águas mansas do estuário, entra o porto, procedente do sul, um vapor de passageiros. Um longo apito, repetido, frenético, ecoando nos ares”¹¹⁹. Do antigo Inflamável até o Bairro Industrial, eles ficavam abrigados e fundeados em pontes. O navio a vapor fez parte da identidade cultural dos aracajuanos.¹²⁰ Conhecedor sensível da paisagem marítima de Sergipe, Zé Peixe afirmou que *a presença do navio era um espetáculo para os aracajuanos. Espectadores em terra. No meio do rio com lanchas e com canoas. Todo mundo satisfeito, dando adeus, tchau-tchau para o navio. Era uma festa quando passava o navio aqui.*¹²¹

Figura 3 - Despedida do vapor na Ponte do Imperador. Aracaju, década de 1930.



Após a estivação das mercadorias e os passageiros se alojarem a bordo, a tripulação anunciava, através de sucessivos apitos, o momento de zarpar. A despedida era algo marcante, tanto para quem partia, quanto para quem ficava na Ponte do Imperador. Na foto, pessoas

¹¹⁹ CARVALHO NETO. O Romance da História. A Proclamação da República em Sergipe, in: *Revista de Aracaju*. Ano III, 1949. Nº 2, p. 33.

¹²⁰ De acordo com as pesquisas do Padre Aurélio Almeida, a primeira nau a vapor que entrou na Barra do Cotinguiba foi a sumaca *Conceição* em 1853. Quando o ancoradouro se localizava na Barra dos Coqueiros, para onde o Dr. Oliveira e Silva transportara do Porto das Redes a Alfândega, em 1852. ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. *Esboço Biográfico de Inácio Barbosa*. Aracaju: Funcaju/Sercore, 2002.

¹²¹ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE. 07 de abril de 2004.

estão aglomeradas na Rua da Frente se despedindo do navio. Quem seguia a bordo nutria diferentes percepções da cidade. Do boroeste visualizava-se o Trapiche do Lima, a rua da Frente, os mercados, as lojas comerciais, a praça Fausto Cardoso, o Palácio Olímpio Campos, a Ponte do Imperador, as casas residenciais, a Capitania dos Portos (que em reverência, alguns vapores emitiam seu último apito defronte à força marítima), o Inflamável e as palhoças na praia de Formosa. Do bombordo, viam-se os verdejantes coqueirais da Ilha, os manguezais e a Atalaia Nova. E da popa, Aracaju ia ficando para trás, esta última imagem mais parecia uma bela tela, com cores formosas e amenas, onde ainda era possível ver ao fundo o Morro do Urubu, a Igreja de Santo Antônio e o fumar das chaminés das Fábricas, no bairro Industrial.

As atividades portuárias alicerçaram a cidade. No dia 15 de agosto de 1942, por exemplo, os aracajuanos aguardavam ansiosamente pela chegada do navio Aníbal Benévolo, que fazia o trajeto Ilhéus-Salvador-Aracaju. Contudo, devido a problemas técnicos no abastecimento de água, a tripulação foi orientada a aguardar a sua resolução e pernoitar no porto soteropolitano, atrasando a viagem para a cidade de Aracaju.

O senhor Henrique Jacques Mascarenhas Silveira, comandante do referido navio, afirmou que cumpria rigorosamente o itinerário da viagem costeira, mas foi proibido de levantar ferros porque:

O desarranjo havido no porto da Baía, no tocante ao encanamento para abastecer os navios de água, demandou muito tempo para ser reparado, e esse concerto determinou a retenção de todos os vapores e, conseqüentemente, o seu atraso na partida para prosseguimento da viagem.¹²²

O Aníbal Benévolo, que deveria zarpar às 6 horas da tarde, do dia 14 de agosto, só pôde fazê-lo ao meio dia de 15 de agosto. A viagem de Salvador para Aracaju processou-se, “em consonância com as instruções emanadas do Estado Maior da Armada, isto é, navegando-se bem próximo da costa, com as luzes dos camarotes e salões apagadas, conservando apenas acesos o que chamamos de ‘faróis de navegação’”. Por que navegar próximo à costa e com as luzes apagadas?

Era o tempo da Segunda Guerra Mundial e várias unidades navais do Brasil foram torpedeadas em águas internacionais. Em seu mar território, os navios brasileiros não tinham sido atacados. Apesar disso, a Marinha do Brasil visualizava a necessidade de proteger os navios mercantes brasileiros e garantir a segurança das pessoas a bordo. Ao estudar as

¹²² Depoimento do Comandante Henrique Jacques Mascarenhas Silveira. Naufrágio do Aníbal Benévolo, op. cit., p. 93.

relações militares entre o Brasil e os Estados Unidos no tempo do Estado Novo, o historiador Ricardo Seitenfus expôs o drama naval da época:

*Até fins de abril de 1942, a marinha mercante brasileira perdeu sete navios com 174 vítimas fatais. Os pedidos de Getúlio Vargas aos Estados Unidos, para que os navios mercantes brasileiros fossem dotados de um sistema de defesa eficaz e de uma proteção da marinha de guerra americana, não podem ser satisfeitos de imediato. Os barcos disporão tão somente de uma peça de artilharia, insuficiente perante o poder de fogo e a vantagem, da surpresa dos submarinos do Eixo.*¹²³

Apesar de tantos colegas morrerem no exterior, muitos homens mourejavam no mar do Brasil. Medidas paliativas foram adotadas pelos navios da marinha mercante. Eles deveriam ser pintados de cinza para se camuflar ao horizonte oceânico e as baleeiras de amarelo para facilitar sua localização aérea. A navegação a vapor era o principal meio de transporte entre as cidades costeiras. Ela ainda servia de ligação entre esse mundo atlântico com o fluvial amazônico e com o estuário do Rio da Prata para se chegar à cidade de Cuiabá. Mais do que levar e trazer mercadorias dos variados rincões do Brasil, os navegadores oceânicos transmitiram experiências, ideias e culturas.

Os aracajuanos, que ainda aguardavam o Aníbal Benévolo, desenvolviam várias atividades navais em seu cotidiano. Desde a mudança da capital para Aracaju em 1855, iniciou-se o processo de invenção de uma cultura portuária que, mais tarde, se consolidou. O que era uma cultura portuária se transformou numa tradição naval. A fundação de Aracaju foi um legado da gestão de Inácio Barbosa, mas a sua invenção enquanto uma cidade portuária foi um processo coletivo. Esse legado permaneceu vivo nas gerações que lhe sucederam. O navio a vapor se tornou um personagem marcante da vida cotidiana de tal forma que era sempre saudado com alegria quando sua chaminé fumegava na entrada da barra e seu apito rouco anunciava mais uma ancoragem.

Dois dias de atraso e nada dos aracajuanos visualizarem sinais de fumaça ou sons roucos do apito do Aníbal Benévolo. O comandante Henrique Jacques Mascarenhas Silveira foi o último a vê-lo e comentou o que aconteceu: *singrávamos a sete milhas da costa sergipana, na posição de 15 milhas ao sul do farol do rio Real, quando, precisamente, às 4 horas e 5 minutos, da manhã do dia 16 de agosto, foi o navio violentamente sacudido*¹²⁴... tchibum! O que faz um lobo cinzento nestes ensolarados trópicos?

¹²³ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003, p. 293.

¹²⁴ *Agressão – documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, pp. 92-93.

CAPÍTULO II
VIDAS NAUFRAGADAS:
TESTEMUNHOS DA BARBÁRIE NAZISTA EM SERGIPE

*Se eu perdesse a vida
 No mar
 Não podia hoje
 T'á ofertar
 Os nevoeiros, as forjas, os Baependys.*

Oswald de Andrade¹²⁵

De acordo com a documentação da época, não foram os náufragos que primeiro chegaram à cidade de Aracaju, mas foi a cidade de Aracaju que encontrou os náufragos ainda à deriva. Como isso é possível? Para compreender bem esse processo de apropriação das informações, é necessário perceber as feições navais da capital sergipana e entender essa história na ótica dos pilotos do Aeroclube de Sergipe e, também, os contatos dos sobreviventes com a população litorânea.

A questão central deste primeiro capítulo consiste no entendimento de que a memória sobre os torpedeamentos ganhou visibilidade graças à atuação dos sergipanos, pois estes trouxeram a experiência traumática do mar para o interior da vida social. Em outras palavras, as histórias dos submarinos nazistas, que normalmente são atribuídas aos náufragos, foram, na realidade, construções textuais dos aracajuanos baseadas nas experiências dos sobreviventes, em outras palavras, é “na história vivida que se apoia a memória coletiva”.¹²⁶ Urge, portanto, relacionar o “mundo das águas beligerantes” e a “sociedade costeira”, nesta interseção, Aracaju se transformou em uma cidade sitiada e bombardeada por notícias conflitantes o tempo todo.

A sucessão de acontecimentos dramáticos abriu frestas, permitindo visualizar entre elas: as motivações políticas nos atos de quebra-quebras, mascaradas como se fossem uma ação de patriotismo ou um espírito de retaliação ou um acerto de contas. Nesse território de subjetividades, os aracajuanos tinham os nervos à flor da pele, em instantes, tudo mudava

¹²⁵ O poema *Fabulário Familiar* foi escrito em 1942. Através dele, Oswald de Andrade expressou a dor que comoveu o Brasil diante dos naufrágios na costa de Sergipe e da Bahia. Percebe-se na palavra “Baependys”, redigido no plural, uma clara alusão aos navios torpedeados na guerra e mais, que brasileiros também se sentiram atingidos por essa tragédia naval. Ver: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas VII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, 11 v, p. 187.

¹²⁶ HALBWACHS, Maurice (1877-1945). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 60.

repentinamente no cenário urbano. Seja por uma notícia impactante ou pelas práticas de violência, ambas tiraram o sossego dos cidadãos no tempo da guerra.

Os conceitos de Roger Chartier iluminaram a penumbra dos textos censurados e evidenciaram as variadas formas de se ler um documento. Além do mundo da leitura em si, seus estudos históricos permitiram relacionar a “sociedade aracajuana” ao “evento dos torpedeamentos”. Trazer a ofensiva submarina do mar para o interior da vida social foi um processo de apropriação bastante difícil. A gravidade das ocorrências navais exigiu que a população construísse um sentido diante do desconhecido “torpedeamentos”, uma vez que as representações se associaram aos esquemas intelectuais típicos da cultura dos aracajuanos, e estes aprenderam a criar as suas respostas por que: o “presente” adquiriu sentido ameaçador, a “guerra marítima” precisava se tornar inteligível e o “medo do submarino” tinha que ser domado.

O papel das representações ajudou a entender os discursos da imprensa acerca da realidade costeira e ainda como os jornalistas locais exerceram o seu ofício para compreender o mundo bélico atlântico. Um texto pode aplicar-se à situação do leitor e, como configuração narrativa, pode corresponder a uma refiguração da própria experiência. Por isso, entre o texto e o sujeito que lê, coloca-se uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova forma de compreensão de si próprio e do mundo. O autor esclarece que os agenciamentos discursivos e as categorias que os fundam – como os sistemas de classificação, os critérios de recorte, os modos de representações – não se reduzem absolutamente às ideias que enunciam ou aos temas que contêm, mas possuem sua lógica própria – e uma lógica que pode muito bem ser contraditória, em seus efeitos, como letra da mensagem.¹²⁷

2.1 – O atentado nazista no litoral de Sergipe

Os horrores praticados por Adolf Hitler e seus comandados não tinham limites. Em 15 de junho de 1942, o alto escalão da Kriegsmarine resolveu direcionar parte de suas unidades navais para a costa do Brasil. Na percepção dos nazistas, era preciso impor um ataque exemplar ao governo varguista, que lhe servisse como advertência.¹²⁸ Os *U-boots* deveriam singrar o Atlântico Sul, torpedear os navios brasileiros, minar áreas costeiras e bombardear embarcações inimigas que cruzassem o seu caminho. Com posse de informações estratégicas

¹²⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 187.

¹²⁸ FALCÃO, João, op. cit., p. 99.

e privilegiadas, os submarinos alemães¹²⁹ escolheram a costa de Sergipe para iniciar o maior ataque naval sofrido pela Marinha do Brasil no tempo da Segunda Guerra Mundial.

De acordo com o dossiê da *História Naval Brasileira*, ao longo da Segunda Guerra Mundial, o litoral de Sergipe se tornou uma das áreas de maior incidência de torpedeamentos na costa do Brasil.¹³⁰ A emergência de submarinos gerou vários naufrágios, entre eles, o Baependy e o Araraquara em 15 de agosto de 1942, e no dia seguinte, o Aníbal Benévolo. Depois, as mesmas belonaves rumaram para o litoral baiano, onde alvejou o Itagiba e o Arara em 17 do mesmo mês. Sobrou até para a barçaça Jacira, que cruzou a sua rota com a dos submarinistas, por medida cautelar, os inimigos resolveram bombardeá-la, em 18 de agosto de 1942. Como derradeiro ato, antes do regresso triunfal à Europa, os homens das profundezas ainda atacaram o barco sueco Hamaren.¹³¹ Portanto, esses golpes desferidos contra os navios mercantes naturalmente causaram profunda consternação no interior da sociedade brasileira. Em números, o porquê das investidas do U-507 alarmarem tanto a população costeira de Sergipe e da Bahia.

Tabela 1 - Ações Beligerantes do U-507 na Costa do Brasil¹³²

NAVIOS	LOCAL	DATA DO ATAQUE	Nº DE TRIP.	Nº DE PASS.	SALVOS		MORTOS OU DESAPARECIDOS		TOTAL DE MORTOS OU DESAPARECIDOS
					TRIP.	PASS.	TRIP	PASS.	
Baependy	Sergipe	15/08/1942	73	233	18	18	55	215	270
Araraquara	Sergipe	15/08/1942	74	68	8	3	66	65	131
Aníbal Benévolo	Sergipe	16/08/1942	71	83	4		67	83	150
Itagiba	Bahia	17/08/1942	60	121	50	95	10	26	36
Arara	Bahia	17/08/1942	35		15		20		20
Jacira	Bahia	19/08/1942	5	1	5	1			
TOTAL GERAL			318	506	100	117	218	389	607

Na percepção da marujada, o navio mercante era bem mais do que um meio de transporte, representava o “lugar de trabalho”, “espaço de convivialidade”, “segundo lar”,

¹²⁹ Para Arthur Oscar Saldanha Gama e Hélio Leôncio Martins, somente o U-507 atacou indiscriminadamente a navegação de cabotagem em Sergipe e na Bahia, naquele mês de agosto de 1942.

¹³⁰ Além do U-507, outros submarinos atuaram em Sergipe ao longo da Segunda Guerra Mundial. Os estudos históricos da Marinha do Brasil apontaram o nome deles: U-128, U-518, U-185 e U-161. Essa movimentação hostil ocasionou o afundamento do Baependy, Araraquara e Aníbal Benévolo em 1942. No ano seguinte, as vítimas navais foram: o nacional Bagé, o estrangeiro *Fitz John Porter* e outros dois barcos não identificados, mas seus destroços chegaram à região praiana da foz do rio São Francisco e da Barra dos Coqueiros/SE. Ver GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio, op. cit.

¹³¹ Convém esclarecer que na Declaração de Guerra do Brasil, nas informações publicadas pela imprensa da época e nos documentos oficiais do governo, normalmente apenas “cinco torpedeamentos” eram citados. O Jacira e o Hamaren, também atacados pelo U-507, não tiveram, a mesma amplitude das agressões ao Baependy, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba e Arara. O Jacira por se tratar de uma barçaça e seu afundamento não ter gerado mortes. E o Hamaren por ser um navio estrangeiro e nem todos tomaram conhecimento dessa tragédia.

¹³² SERAFIM, Carlos Frederico Simões & BITTENCOURT, Armando de Senna. *A Marinha na República. A Importância do Mar na História do Brasil*. Brasília: Ministério da Educação. 2006, p. 151.

“serviço à pátria”, enfim, “razão de ser” dos tripulantes.¹³³ Quando alvejado, o navio levava poucos minutos para ser tragado pelo mar. A imagem do Baependy, do Araraquara, do Aníbal Benévolo, do Itagiba, do Arara, do Jacira desapareceram na linha da superfície, mas as suas memórias não foram apagadas da História Naval do Brasil. Esta pesquisa analisou um a um os navios alvejados pelo U-507, com exceção do barco sueco Hamarem, pela carência de informações.

O Baependy, de fabricação alemã, era um navio de casco de aço, com 119 metros de comprimentos, de 14,10 m de boca e 9,26 m de pontal. Pertencia ao Lloyd Brasileiro. Deslocava a 4.801 toneladas brutas e 3.006 líquidas, com a velocidade máxima de 11 milhas por hora. Tinha duas cobertas e 2.250 H.P. Transportando também carga, sua capacidade era de 75 passageiros na 1ª classe e 244 na 3ª classe. No dia 15 de agosto, zarpou do porto de Salvador rumo à Recife e depois a Manaus, levando a bordo 73 tripulantes e 250 passageiros, entre os quais, 141 militares do 7º Grupo de Artilharia de Dorso, que ficariam sediados em Recife.¹³⁴

O navio Araraquara era armado em iate, visando a navegação de grande cabotagem. Ele pertencia à frota dos “Ara” do Lloyd Nacional. Fora construído na Itália nos estaleiros de Cantiori Nevale, em Trieste e registrado na Capitania dos Portos do Rio de Janeiro em 1937, sob o número 42. Deslocava 4.871 toneladas de registro, por 2.974 líquidos, medindo 117 metros e 970 centímetros de comprimento, por 16.379 de boca, 7.440 de pontal e 5.410 de calado. Sua velocidade máxima era de 12 milhas horárias. A tripulação compunha-se de 41 homens.¹³⁵

O navio Aníbal Benévolo, ex-Comandante Alvim, foi construído em estaleiro alemão em 1905. Comprimento de 86 m, boca 11,50 m pontal 6.62. A velocidade horária variava entre 10 milhas (máxima) e 8 milhas (econômica). Nas acomodações dos passageiros, a 1ª classe a lotação máxima era de 93 pessoas, enquanto a 3ª classe suportava 61 pessoas.

¹³³ A tripulação do navio mercante era composta por homens que desenvolviam diferentes práticas trabalhistas: comandante, imediato, pilotos, radiotelegrafista, médico, conferente, mestre, carpinteiro, marinheiros, moços de convés, maquinistas, cabofoguistas, foguistas, carvoeiros, comissários, cozinheiros, ajudante da cozinha, padeiro, paioleiro, botequineiro, copeiro, taifeiros, barbeiros, músicos e praticante.

¹³⁴ Enquanto o referido pesquisador apresentou 250 passageiros outros estudiosos apresentam 233 passageiros a bordo do Baependy. Portanto, não há consenso em relação ao número efetivo de passageiros dos navios torpedeados. WYNNE, J. Pires, op. cit., p. 93. Segundo Milton Fernandes da Silva, naufrago do Araraquara, “havia a bordo 177 pessoas (81 tripulantes e 96 passageiros)”. Essa informação diverge do número divulgado pelo governo à época, de que o navio carregava 142 pessoas. Erro que pode ter sido premeditado, na tentativa governamental de reduzir o impacto da tragédia. Documentos pessoais do naufrago Milton Fernandes da Silva, in: TORRES, Sérgio, op. cit., pp. 6 e 7.

¹³⁵ *Correio de Aracaju*. Aracaju, 18 de agosto de 1942, p. 1.

Tonelagem bruta de 1.905 e líquida de 984.¹³⁶ Ao meio-dia de 15 de agosto de 1942, o Aníbal Benévolo partiu de Salvador com destino à cidade de Aracaju, onde concluiria sua viagem costeira.

Armado em escuna, o Itagiba era movido a motor de óleo cru, era um navio de longa cabotagem, sendo utilizado tanto para o transporte de passageiros como de carga. Ele pertencia à frota da Companhia Nacional de Navegação Costeira. Registrado em 1915, na Capitania dos Portos do Rio de Janeiro sob o número 236, foi construído na Inglaterra, cidade de Tronn, estaleiros do Ailsa S.B. & Cia Ltda. Tonelagem bruta 2.055. Seu comprimento era de 87.550. De boca tinha 13.070, de pontal, 5.610, de calado, 4.090. Sua velocidade máxima era de 10 milhas e econômica de 8. Sua tripulação era formada por 63 homens. Tinha capacidade para 139 passageiros.¹³⁷

O navio Arara também torpedeado, mudara de nome várias vezes: Serra Azul, Providência, Bos-Taco. Armado em escuna, para navegação de grande cabotagem e carga. Foi registrado em 1938 na Capitania dos Portos do Rio de Janeiro, sob o número 401. Construído em Castrie on Tyne, na Inglaterra, nos estaleiros de Hawthorn, de Leslie & Cia Ltda, deslocava-se 1.075 toneladas brutas e 655 de registro. De comprimento, media 73.260. De boca, de pontal, 3.960, e mantinha o calado de 2.800. Sua velocidade máxima era de sete milhas e a econômica de 5. Sua tripulação era de 28 pessoas e comportava 33 passageiros. Pertencia ao Lloyd Nacional.¹³⁸

A ação submarina despertou um medo coletivo da guerra. A época dos torpedeamentos - que foi chamada pelos homens e mulheres comuns de “época do cão”, de “presepada do diabo” ou de “armação da gota serena”- contabilizou 607 mortos e 217 sobreviventes. Esse atentado nazista na América do Sul soma-se a outros exemplos da Segunda Guerra Mundial que revelaram *um grau de crueldade até então desconhecido, de que as populações civis foram as principais vítimas.*¹³⁹

O sergipano Joel Silveira, contemporâneo desses eventos bélicos, questionou o número de vítimas apresentado pela imprensa e pelas companhias navais. Na visão do arguto jornalista, as perdas humanas foram bem maiores e a magnitude dos torpedeamentos ainda precisa ser desvendada pelos historiadores. “Os mortos anônimos (os que nunca foram identificados, gente pobre que viajava na terceira classe dos navios afundados) que lá ficaram

¹³⁶ *Agressão – documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, pp. 69-70.

¹³⁷ *Correio de Aracaju.* Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p. 1.

¹³⁸ *Idem.*

¹³⁹ DROZ, Bernard & ROWLEY, Anthony. *História do Século XX.* Lisboa: Dom Quixote, 1988, v.2, p. 116.

enterrados na deserta praia sergipana.”¹⁴⁰ Para tripulantes e passageiros do Aníbal Benévolo, que seguiam viagem rumo à Aracaju, “tudo acabou na madrugada do dia 16 de agosto de 1942, quando sobre todos eles se abateu o duplo silêncio da morte e do anonimato”.¹⁴¹

Ao reunir os números dos naufrágios, a Marinha do Brasil evidenciou a mobilidade do inimigo em uma grande área costeira, a rapidez das operações de ataques e ameaça aos barqueiros oceânicos. Além disso, possibilitou uma leitura mais segura da tragédia e permitiu desenvolver comparações. Em Sergipe, os ataques ocorreram sob o manto da noite e muitos naufragos não perceberam que se tratava de um torpedeamento. Em poucos minutos o navio foi tragado. À deriva, eles tiveram que contar com a própria sorte ou com o auxílio de outros sobreviventes para seguir viagem a bordo de baleeiras, pedaço de madeira, toldo, etc. Não houve socorro às vítimas em mar aberto, as autoridades locais deram assistência somente aos que conseguiram chegar às praias.

Na Bahia, os ataques ocorreram à luz do dia e a tripulação do Itagiba sofreu um “duplo naufrágio”, primeiro do seu navio torpedeado e depois do Arara, quando este os recolhia da água. Os naufragos de ambos foram resgatados pelo iate sergipano Aragipe e saveiro baiano Deus do Mar, ambos os levaram até o cais mais próximo. Outro evento gerado em águas baianas pelo U-507 foi o bombardeamento da barça Jacira. Este episódio não vitimou seus tripulantes, mas foi emblemático pelas seguintes razões. Em primeiro lugar, porque os submarinistas alemães demonstraram preocupação com os barqueiros, pois eles poderiam apontar suas coordenadas navais. Segundo, os mantimentos a bordo foram saqueados pelos nautas. Terceiro, a guerra marítima se tornou uma ameaça para todos os viajantes oceânicos e não apenas aos navios a vapor.

Mais do que afundar navios, é preciso visualizar dentro da temática militar da “Guerra Submarina” outras implicações de caráter metodológico e interpretativo. A Batalha do Atlântico não pode se restringir unicamente aos confrontos marítimos e aos naufrágios, pois suas significações sociais são mais amplas. Após o rompimento diplomático com o Eixo, a palavra “torpedeamento”¹⁴² se tornou comum nas manchetes dos principais diários em 1942.

¹⁴⁰ SILVEIRA, Joel. 16 de agosto de 1942. In: *A feijoada que derrubou o governo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004, p. 74

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Convém esclarecer, no entanto, que o termo bélico “torpedeamento” era uma palavra nova para muitos brasileiros em 1942, exceto para os militares, políticos e intelectuais, que vivenciaram as tensões navais da Primeira Guerra Mundial. Em abril de 1917, um bloqueio naval imposto pela Alemanha à Grã-Bretanha, França, Itália e todo o Mediterrâneo Oriental levou ao torpedeamento do navio brasileiro Paraná, que navegava nas águas bloqueadas. A consequência imediata foi a ruptura de relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha. Logo a seguir, em maio de 1917, outro navio brasileiro foi afundado por submarinos alemães. Dessa vez, a reação do presidente Venceslau Brás foi ainda mais severa: enviou mensagem ao Congresso Nacional solicitando a

A princípio, para registrar os ataques submarinos aos navios brasileiros em águas internacionais e, depois, em seu mar territorial. Repetitivas, as matérias traziam o nome do navio alvejado e das vítimas do naufrágio, mas não se aprofundavam nas questões sociomilitares, devido a forte censura do DIP e a cautela do governo, preocupado em manter a condição de neutralidade.

Constatamos graves problemas no teor das matérias jornalísticas sobre as primeiras agressões nazistas no Brasil. Primeiro, os repórteres desconheciam a geografia costeira de Sergipe e tinham dificuldade em manejar topônimos tão exóticos (Atalaia, Barreta, Aruana, Mosqueiro, Caueira, Abaís, Saco, Mangue Seco, rio Japarutuba, rio Sergipe, Vale do Cotinguiba, etc.) Em segundo lugar, o erro mais comum era atribuir a tragédia naval somente à costa da Bahia. Terceiro, os jornalistas não desenvolveram uma leitura comparativa entre as ações do U-507. Por fim, simplificaram a gravidade das ocorrências bélicas no Brasil e, até, deturparam o testemunho dos naufragos.

As histórias dramáticas, as informações sobre o submarino agressor e as fotos da tragédia eram as solicitações mais comuns dos proprietários dos principais jornais brasileiros. Assis Chateaubriand, dono do Diário dos Associados, realizou uma solicitação a Walter de Assis Ferreira Baptista: *PEÇO CARO AMIGO FINEZA REMETER URGENTE FOTOGRAFIAS AÉREAS TOMADAS LOCAL SOBREVIVENTES PT MUITO AGRADECIDO SDS CHATEAUBRIAND.*¹⁴³ Bem ou mal fundamentada, com ou sem fotografia das praias sergipanas, as histórias sobre a Guerra Submarina foram construídas e ganharam os quatro cantos do Brasil. Elas interferiram no processo de significação e de apropriação. Mesmo apartados de Sergipe, o discurso jornalístico tendeu a construir imagens múltiplas da emergência do Estado de Beligerância, a maioria com informações distante da realidade nordestina.

*Á medida em que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los sob a forma de conjuntos, sobre os quais se destacam às vezes alguns entre eles, mas que abrangem muitos outros elementos, sem que possamos distinguir um do outro, nem jamais fazer deles uma enumeração completa.*¹⁴⁴

encampação dos navios mercantes alemães estacionados em portos brasileiros, o que, na prática, estabelecia o fim da neutralidade. Outros dois navios brasileiros foram torpedeados, enquanto internamente crescia a agitação popular e nacionalista, favorecendo claramente uma tomada de posição do governo ao lado dos Aliados. O ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, devido à sua ascendência alemã, foi substituído por Nilo Peçanha. Não se deve esquecer também que os Estados Unidos, principal aliado do Brasil em questões internacionais, haviam recuado de seu isolamento inicial e declarado guerra à Alemanha em abril de 1917. Afinal, em 27 de outubro o Brasil proclamou o estado de guerra contra o Império Alemão.

¹⁴³ MELO, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de. *Telegrama endereçado a Walter Baptista*. Agosto de 1942.

¹⁴⁴ HALBWACHS, Maurice, op. cit, p. 72.

Ainda se tem muito a fazer pela memória dos torpedeamentos na costa sergipana. Desentranhar o sentido sociopolítico de determinadas leituras históricas é uma tarefa complicada demais. Atualmente, a compreensão do “fenômeno dos torpedeamentos” exige uma aliança entre a História Social e a História Naval. Para que juntas construam trabalhos sociomilitares mais fundamentados, evidenciando uma Segunda Guerra Mundial presente não apenas no mar territorial, mas na vida cotidiana dos brasileiros. Aracaju é um exemplo raro na história contemporânea do Brasil de uma cidade que se sentiu vítima da Guerra Submarina. Para entender essa condição, foi preciso reunir informações do mundo social dos sergipanos e avançar sobre o mar da guerra.

Figura 7 - Manchete da imprensa aracajuana.¹⁴⁵



Em sua prática de pesquisa, o historiador tradicional visualizava o jornal censurado do tempo do Estado Novo como “documentos imprestáveis”. Sem a áurea da verdade límpida e o espírito contestador da liberdade de expressão, o mundo jornalístico representava o mundo da ditadura varguista, do nacionalismo exacerbado, do moral-civismo e da influência crescente do americanismo. Contudo, os desafios de interpretar um documento em tempo de ditadura não o faz uma fonte histórica pior ou melhor, seja do ponto de vista ideológico-partidário ou simplesmente metodológico. No processo de coleta de dados, análise de informações e construção textual, os documentos relevantes de uma época não podem ser desprezados.

¹⁴⁵ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 30 de setembro de 1942, p. 4.

2.2 – Os pilotos do Aeroclube e as vítimas à deriva

Aguardado no ancoradouro de Aracaju, o navio Aníbal Benévolo deveria atracar no dia 15 de agosto de 1942, mas problemas técnicos fizeram-no sofrer reparos no porto soteropolitano e atrasar a viagem costeira. O dia 16 começou a raiar e nada do “Benévolo”, como a população aracajuana costumava chamá-lo. Então, as pessoas começaram a buscar informações sobre a chegada do vapor, pois o atraso, fora do comum, despertou preocupação de Gentil Homem de Menezes, então Capitão dos Portos de Sergipe, que teve a ideia de procurar os jovens pilotos do Aeroclube de Sergipe para vistoriar o litoral sul. Os pilotos moravam numa república, vizinha à Capitania dos Portos. Eles acordavam ao alvorecer, por volta das 5 da manhã, porque o curso de pilotagem ocorria logo ao nascer do sol. Enquanto preparavam o café matinal, para depois seguirem para o Aeroclube, perceberam uma movimentação na porta de casa. Quando Walter Baptista abriu a porta, logo visualizou o Capitão dos Portos, nervosamente, andando de um lado para o outro. Este se direcionou até o jovem piloto e disse: “*O Aníbal Benévolo deveria chegar a Aracaju há dois dias e não deu entrada na barra. Desconfio de avarias nas hélices. Peço a vocês que efetuem uma busca no mar para ver se encontra o navio*”.¹⁴⁶

Walter Baptista, apesar de bem moço, já era instrutor de pilotagem e presidente do recém-formado Aeroclube de Sergipe. Prontamente, os jovens pilotos atenderam ao pedido do Capitão dos Portos e agilizaram as tarefas domésticas e dirigiram-se para o aeródromo, na zona oeste da cidade. Lá, todo o equipamento aéreo foi checado rapidamente. Com os aviões preparados e abastecidos, estava tudo pronto para iniciar a vistoria costeira.

O Aeroclube de Sergipe se localizava no Campo do Anipum, próximo ao Matadouro, à margem da estrada de rodagem, a cerca de seis quilômetros do perímetro urbano. A ideia de formar um clube civil aéreo partiu da ousada geração de Walter Baptista. Esses jovens aviadores conseguiram, com muito esforço e determinação, erguer o primeiro clube civil aéreo da cidade. Com a sede própria, eles abriram a pista de pouso, construíram hangares e montaram a oficina mecânica. Pouco a pouco o número de aviões aumentou assim como os interessados no curso de pilotagem. Quando solicitados para missões importantes, os aviadores auxiliavam voluntariamente as Forças Armadas e o governo estadual. Faziam parte do clube: Antônio Leite Cabral, Durval Maynard, Eliseu Santos, Evandro Freire, José da Rocha Novais, José Figueiredo Monte, Lindolfo Calazans, Osório Ribeiro, Valter Rezende e muitos outros.

¹⁴⁶ BAPTISTA, Walter de Assis Ferreira. *Documento*. Aracaju-SE, 30 de agosto de 1982.

A história de Walter Baptista se confundia com a do Aeroclube de Sergipe. De acordo com suas palavras, “inicieei meu trabalho em prol de Sergipe em 23 de outubro de 1939 quando fundei o Aeroclube de Sergipe com uma plêiade de jovens sergipanos”. No tempo da guerra, essa associação ganhou importância nacional e, segundo Walter, “naquele tempo o sentimento de patriotismo era preponderante entre os jovens. O Clube nasceu, e em poucos anos já éramos o 2º colocado em número de horas voadas, ficando a nossa frente apenas São Paulo”.¹⁴⁷

Durante a guerra, ele voou mais de uma centena de horas sendo que, muitas vezes, a gasolina corria por suas próprias despesas. Naquele tempo do Estado Novo, o espírito nacionalista precisava superar as dificuldades individuais. “Todos os brasileiros deveriam sempre cultivar o seu patriotismo”, pelo menos era isso que defendia o governo ditatorial getulista. Dispostos a cooperar com a Capitania dos Portos de Sergipe, eles aceitaram a missão e aprontaram os aviões e seguiram em direção ao litoral. Simbolicamente, os pilotos representavam a cidade naval à procura do Aníbal Benévolo.

Após a decolagem, o avião de Walter alçou voo rapidamente, acompanhado pelo colega Lourival Bonfim. Enquanto Aracaju ficava para trás, um infinito manto azul se descortinava à medida que o avião ganhava altitude. No cumprimento da missão, eles vasculharam o litoral centro-sul de Sergipe. Como voaram alto e por dentro, a cerca de 30 quilômetros da costa e não encontraram o navio, resolveram mudar de estratégia.

No retorno à Aracaju, alteraram o curso do voo. Dessa vez voaram mais baixo, foi quando começaram a avistar os primeiros sinais de naufrágio. A 60 quilômetros da costa, os raios de sol iniciam sobre “esquisitas manchas”, que mais pareciam enormes vitórias régias. Em torno das quais, pessoas lutavam contra as ondas, em meio a uma infinidade de destroços. Era uma imagem tão assustadora e desconhecida, que o piloto o caracterizou como “um quadro dantesco e de horripilante dramaticidade”. Portanto, Walter Baptista e Lourival Bonfim foram os primeiros a avistarem a luta dos náufragos pela sobrevivência e agonia deles para atingir a praia.

Ambos avistaram, então, um sobrevivente se aproximando da terra firme. Mais adiante, eles localizaram mais náufragos, bem distantes da praia. Voltaram e aterrissaram na Praia de Mangue Seco na divisa de Sergipe e Bahia, onde foram ao encontro do viajante insólito. Convém esclarecer, que na maré baixa, a areia úmida da praia se transformava em

¹⁴⁷ BAPTISTA, Walter de Assis Ferreira. Palestra concedida aos rotarianos de Sergipe. *Documento Datilografado*. A preleção foi sobre sua vida e o que fez em benefício de Sergipe no tempo da Segunda Guerra Mundial. Na gestão de José Francisco Sobral, Governador do Distrito. S/d.

“pista de pouso improvisada”. Ali em Mangue Seco, os dois o esperaram. Afortunadamente, o náufrago seguiu viagem agarrado a uma grande tábua. À deriva, o corpo dele se tremia ora de frio, ora de medo. Do ponto onde o seu navio afundou até a praia de Mangue Seco, ele teve que se equilibrar diante das ondulações. A situação era desesperadora, as suas mãos estavam engelhadas, respiração ofegante e exausto. Andou meio que cambaleando até jogar-se na areia, pois estava gravemente ferido. Cheio de escoriações, o que ele mais queria era sentir seus pés no chão.

Em busca de respostas, os aviadores foram ao seu encontro e perguntaram quem era e o que aconteceu? O náufrago se chamava Firmino Gomes da Silva, cozinheiro do Aníbal Benévolo. Inicialmente, ele parecia desorientado e exaurido pelo grande esforço. Logo depois, tranquilizou-se. O piloto Lourival Bonfim era médico radiologista, avaliou o estado da vítima, percebeu a fratura na bacia e ofereceu carona. A tudo recusou, afirmando que jamais entraria em um veículo a motor. A experiência vivida no mar o traumatizara. A recusa se justifica porque ele acreditava que a maquinaria do navio, especialmente a caldeira, havia explodido e levado o Aníbal Benévolo a pique, por volta das 04:10 da madrugada.

O cozinheiro Firmino preferiu ficar na praia. Ali, imóvel na dor, exceto nas lembranças, que insistiam em naufragá-lo pela segunda vez. Os pilotos prometeram providenciar socorro e comunicar às autoridades sergipanas sobre o naufrágio “acidental”. Em diferentes ocasiões da sua vida, o piloto Walter Batista rememorou o encontro com marcante que teve como cozinheiro.

o Dr. Lourival Bonfim, meu companheiro de voo, tinha pressa em regressar a Aracaju porque já ultrapassa a hora que deveria chegar ao Hospital de Cirurgia. Já passava das 8 horas da manhã. Voltamos. Em Aracaju comunicamos a ocorrência ao Capitão dos Portos e ao Cel. Augusto Maynard Gomes. O interventor imediatamente providenciou para mandar apanhar o cozinheiro do Benévolo.¹⁴⁸

Cada náufrago trouxe sua versão da tragédia. A priori, tanto o cozinheiro quanto os pilotos pensavam que o naufrágio do Aníbal Benévolo foi acidental. Essa impressão inicial foi transmitida para os aracajuanos. Essa notícia consternou a cidade. O interventor Augusto Maynard Gomes solicitou que os pilotos continuassem as buscas e trouxessem mais informações da tragédia.

¹⁴⁸ BAPTISTA, Walter de Assis Ferreira. Solicitação de Revisão sobre a pesquisa “Baependy” publicada na Revista O Expedicionário de junho de 1982. *Documento Datilografado e endereçado para Dilton Feliciano Pinto – Diretor Responsável do “O Expedicionário”*. Aracaju/SE. 30 de agosto de 1982, p. 1.

Figura 8 - Foto aérea dos naufragos e sua baleeira no litoral de Sergipe¹⁴⁹



No entardecer, os pilotos sobrevoaram novamente o litoral centro-sul e encontraram mais naufragos a bordo de baleeiras e outros materiais flutuantes. Até que avistaram mais um chegando à praia. Pousaram e foram ao seu encontro. Para surpresa deles, o naufrago não seguia a bordo do Aníbal Benévolo como eles imaginavam, mas sim do Baependy. Outro aspecto que os surpreenderam ainda mais foi saber que o navio foi alvejado por submarino inimigo. Esse testemunho do naufrago Oswaldo Ferreira Ariosa¹⁵⁰ abriu os olhos dos sergipanos para o desconhecido torpedeamento, e este trouxe consigo a estranheza, a agonia e o medo. Em caráter de urgência, os pilotos regressaram e bombardearam com as novidades alarmantes.

Com o passar do tempo, outros naufragos deram à costa. Dessa vez, as vítimas eram passageiros e tripulantes de outro navio, o Araraquara. Esse torpedeamento foi o que mais preocupou as autoridades aracajuanas. O naufrago Milton Fernandes da Silva, 1º piloto da embarcação, explicou o por que: *Às 21 horas, achando-se o navio quase do través com a cidade de Aracaju, com o clarão da mesma à vista. Eu dormia no meu camarote, quando fui despertado por um estampido seco, seguido de estremecimento do navio.*¹⁵¹

¹⁴⁹ Foto aérea dos naufragos na praia de Sergipe. Preto e Branco. APWB. 1942.

¹⁵⁰ Oswaldo Ferreira Ariosa era naufrago do Baependy. Tinha 26 anos de idade, militar, natural do Rio de Janeiro. Com ferimentos leves e ligeiras contusões, Oswaldo ficou internado no Hospital de Cirurgia em Aracaju.

¹⁵¹ SILVA, Milton Fernandes da. *Relatório da Última Viagem do Navio Motor Araraquara*. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1942, p. 2.

As pessoas a bordo foram surpreendidas com o repentino torpedeamento. Entretanto, o ponto mais revelador nesse documento, foi que o torpedeamento ocorreu diante do “clarão de Aracaju”, o que significa que ela se encontrava no campo de visão tanto para os tripulantes do navio Araraquara quanto os nazistas do U-507. Essa situação de beligerância foi omitida da maioria dos aracajuanos, estes pensavam que os torpedeamentos só ocorreram na barra de Estância, num mar distante da sua realidade.

Caso essa informação da proximidade do submarino se espalhasse pela cidade, seria suficiente para deixar as pessoas em estado de pânico. A agressão nazista no litoral sergipano transformou Aracaju em uma cidade sitiada e ameaçada pela Guerra Submarina. Graças ao depoimento dos sobreviventes, ao relatório policial e aos monumentos históricos, foi possível situar as localidades aonde os náufragos chegaram ou movimentaram-se: Araraquara (Aracaju, São Cristóvão e Itaporanga); Aníbal Benévolo e Baependy na mesma região praiana (Itaporanga, Barra de Estância e região baiana de Mangue Seco).

2.3 – Os náufragos e os nativos praianos

Os locais dos naufrágios, a movimentação da correnteza marítima, a proximidade da costa e a intensidade do vento interferiram na dispersão dos sobreviventes pela costa de Sergipe, que chegaram às praias praticamente desertas com exceção das barras fluviais, onde se localizavam as colônias de pescadores, povoados e cidades. Estas comunidades costeiras foram impactadas pela aparição repentina de gente estranha. O náufrago Valter Ferreira, ao rememorar a tragédia, explicou porque ele e seu grupo assustaram os moradores do povoado Coqueiros, às margens do rio Real, em lado baiano.

*Vilma, mulher jovem e bonita, teve de ficar nua com todos os seus companheiros da embarcação, para tapar, com suas roupas, um enorme rombo no fundo do barco que viria a ser a salvação. Como foram os primeiros náufragos a chegar a Coqueiros, aqueles 27 homens e uma mulher, todos nus, espantaram pacatos pescadores, que só depois de muitas explicações aceitaram a estranha invasão de seu tranquilo povoado.*¹⁵²

¹⁵² Ver depoimento do náufrago Valter Ferreira, passageiro do Baependy, ao jornalista Narciso Batar. *Jornal do Brasil*. 8 de julho de 1971. O torpedeamento do Baependy. Ver trechos desse mesmo depoimento em WYNNE, J. Pires, op. cit., p. 98.

“*Eu vi, eu senti*”. Esse aspecto da história-relato, da história-testemunho, não deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica.¹⁵³ Os pescadores “pacatos” se espantaram porque se sentiram ameaçados pelo repentino, estranho, desconhecido, o novo... Na visão de Jean Delemeau, a imagem de pessoas seminuas e a notícia da tragédia assustaram os habitantes do povoado Coqueiro, porque gerou “*uma emoção-choque, frequentemente precedida da surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça*”.¹⁵⁴

Salvelina Santos de Moraes¹⁵⁵ se recordou deste episódio lembrado por Valter Ferreira, justamente porque o seu tio Henrique Francisco dos Santos, moço de convés do Baependy, também seguiu a bordo da mesma baleeira que a potiguar Vilma Castelo Branco. Salvelina apresentou outro jeito de narrar os episódios que não viveu, mas que ouviu falar por seu tio.

*Todos tiveram que tirar a roupa na barca. No meio desses homens, apenas uma mulher: Vilma Castelo Branco. Foi meu tio Henrique que por sinal salvou ela. Aí deram na praia de Estância e da praia de Estância, todos estavam morrendo de fome. Foi quando um homem e a sua esposa viram eles. A mulher desmaiou com medo deles. Mas o homem tirou coco e disse: - eu não tenho comida, mas tenho coco com farinha pra vocês. E foi isso que eles comeram. Mandaram aviso ao prefeito. E o prefeito mandou uma condução para Estância. Deram roupas a eles, uma coisa que antigamente chamava de pé de anjo e roupa também. (...) Depois disso, o meu tio ficou quase um ano sem embarcar.*¹⁵⁶

Tanto o naufrago Valter Ferreira quanto a aracajuana Salvelina Santos de Moraes rememoram o mesmo episódio, mas certos detalhes diferentes. O sociólogo francês Maurice Halbwachs alerta que são os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que são “memoráveis”, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo. “Lembram” muito do que não viveram diretamente.¹⁵⁷

Os naufragos foram amparados pelos homens e mulheres costeiros e por esta razão, eles também fazem parte da história dos torpedeamentos. Os praianos não foram apenas expectadores de uma ofensiva submarina, pois a comunidade costeira também foi obrigada a seguir orientações de segurança marítima. Além do mais, os pescadores se tornaram os olhos

¹⁵³ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp. 2003, p. 9.

¹⁵⁴ DELUMEAU, Jean, op. cit., 1989, p.23.

¹⁵⁵ Salvelina Santos de Moraes nasceu na cidade de Aracaju, em 22 de fevereiro de 1932. No tempo dos torpedeamentos, o seu pai, o faroleiro Teodoro José dos Santos prestou variados serviços à Marinha do Brasil. Por esta razão memória dela apresenta detalhes ricos do que aconteceu nas praias sergipanas, as mercadorias malafogadas e as múltiplas atividades da Capitania dos Portos.

¹⁵⁶ Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju-SE, 19 de julho de 2006.

¹⁵⁷ HALBAWACHS, Maurice, op. cit, p. 12.

e os ouvidos da Marinha do Brasil e a sua vigilância foi de grande serventia no tempo da Segunda Guerra Mundial.

Para ter uma ideia do importante papel desempenhado pelos homens costeiros, o comandante Henrique Jacques Mascarenhas Silveira recordou dos sergipanos com gratidão. “Eu e os demais náufragos fomos carinhosamente recebidos pela população, que num gesto generoso, nos forneceu roupas, sapatos, tudo enfim. Ainda ali, recebemos os necessários socorros médicos enviados pelo governo de Sergipe.”¹⁵⁸

De um lado a outro do Rio Real, localizavam-se as antigas colônias de pescadores. Elas tiravam seu sustento da pescaria e da catação de caranguejos. Além do extrativismo da coco e da mangaba. Gente do mundo fluvial-marítimo, de vida humilde e palhoças modestas. Apesar da penúria social, os náufragos se comoveram com gesto nobre dos caboclos, pois compartilharam o pouco que tinham com eles. Adolfo Artur Kern, náufrago do Baependy, não se esqueceu das práticas católicas de uma anciã, às margens do rio Real. Ela atribuiu à providência divina a salvação deles.

*Fomos recolhidos numa pequena canoa, em uma paragem denominada Mangue Seco, no limite da Bahia com Sergipe, porém território baiano. Tivemos o primeiro socorro prestado por aquela gente muito humilde e modesta, mas que nos deixou a convicção de que é uma das grandes reservas do país. Gente sem cultura, porém cristã e humana, que sofria tanto quanto nós. O auxílio nos foi prestado por um grupo de pescadores e por uma velha cabocla. Esta, que possui um oratório, foi logo agradecer à Virgem Nossa Senhora o nosso salvamento. O que eles possuíam ficou logo à nossa disposição.*¹⁵⁹

Para visualizar as distâncias percorridas e as comunidades costeiras que receberam os náufragos, as reportagens do Correio de Aracaju detalharam a mobilidade das vítimas por entre dunas, mangues, coqueiros, restingas e morros. Além de seguirem a bordo de canoas sobre as águas do rio Real e do rio Piauí. Quem veio do mar também revelou suas impressões dos moradores da região do rio Real, acima de tudo, a gratidão pela acolhida. De acordo com o Correio de Aracaju, eles chegaram ao extremo norte do litoral baiano e andaram por Moita Verde e depois Coqueiro. De lá partiram para Estância/SE, a bordo da canoa de nome sugestivo: “Vencedora”

Os náufragos do Baependy, depois de ficarem à mercê das ondas durante 10 horas seguidas, chegaram à praia, no lugar Moita Verde, às 5 horas da manhã do dia 16, aí encontrando uma casa onde tomaram água e comeram umas bolachas que conseguiram trazer a bordo numa lata.

¹⁵⁸ Agressão – documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p. 92.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 90.

Daí saíram a pé pelos morros até Coqueiro, de onde novamente seguiram para o Sítio Santo Antônio de propriedade do Sr. João Salgado de Carvalho. Em Coqueiro, arranjaram um cavalo que servia para carregar o menor Gilberto Lima, que ferira as pernas e deslocara o joelho na escada de bordo, quando subia correndo, na ânsia de não ir ao fundo com o navio, que submergia. Ai, eles tiveram grande acolhida. De Santo Antônio, que fica à margem direita do Rio Real, em terras baianas, foram transportados para Estância na canoa a motor Vencedora, de propriedade do Sr. João Salgado de Carvalho.¹⁶⁰

Esses naufragos do Baependy chegaram às 20 horas, do dia 16 de agosto de 1942, à cidade de Estância/SE. Alguns foram internados no Hospital Amparo de Maria. Os demais hospedados espontaneamente nas residências das famílias estanciana. Imediatamente, o prefeito Arquibaldo Silveira comunicou ao interventor Augusto Maynard Gomes sobre as últimas ocorrências e este solicitou o traslado dos naufragos. No dia 17 de agosto, às 11 horas, eles rumaram de automóvel para Aracaju.

2.4 – Os naufragos chegaram à Aracaju

Enquanto os automóveis estancianos rumavam para Aracaju, os seus moradores criaram uma expectativa pelo encontro. Até que surgiu a notícia de que os naufragos seriam hospedados no Hotel Marozzi. Essa informação atraiu diferentes grupos sociais à Rua João Pessoa, no centro comercial de Aracaju. Às 11 horas da manhã, uma multidão se formou. O abalo emocional dos familiares dos desaparecidos, a revolta dos amigos dos naufragos e o ufanismo nacionalista dos ginásianos transformaram o movimento de apoio às vítimas em manifestação política.

Figura 6 - Hotel do italiano Augusto Marozzi¹⁶¹



¹⁶⁰ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p.1.

¹⁶¹ Foto do Hotel Marozzi. Disponível em: <<http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2009/11/hoteis-de-aracaju.html>> Acessado em 8 de junho de 2012, 16:48.

À base do improviso, cartazes de protestos foram feitos pelos ginasianos. Eles estampavam mensagens patrióticas ou ofensas às nações do Eixo. Às onze e meia, chegou ao local, trazida por um estudante, a Bandeira Nacional. De repente, ecoaram gritos em desforra ao nazismo, ao fascismo e ao quinta-colunismo. Instigado pelo brio cívico, um estudante subiu até a janela do referido hotel e falou diretamente ao povo. Como resultado, estava iniciando um grande comício, no qual foram ouvidos vários oradores.¹⁶² Os discursos traziam as novidades trágicas e formularam questões pertinentes sobre aquele momento de dor.

Eles queriam uma represália à altura das agressões sofridas, como única forma de honrar a soberania afrontada. O orador gritou: “Viva ao Brasil!” Unissona, a multidão respondeu: “Viva! Viva! Viva!”. Os discursos estudantis estavam marcados por um nacionalismo ufanista típico do Estado Novo. Inicialmente, as manifestações dos aracajuanos contra as agressões submarinas se transformaram em manifestações de apoio a Getúlio Vargas, que saiu com a imagem de “Chefe da Nação” ainda mais fortalecida. No entanto, é necessário sair da superfície dos acontecimentos e mergulhar nas profundezas dos significados sociais.

Os jovens mais idealistas tinham pressa, queriam a declaração de guerra imediata. O que era para ser uma manifestação de apoio aos náufragos, dava sinais de descontrole. Com a multidão defronte ao prédio, o hoteleiro Marozzi se sentiu intimidado, mas criou uma estratégia para se proteger da violência cega do povo, apareceu na janela enrolado na bandeira do Brasil.¹⁶³ Outro italiano foi poupado, José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) explicou por que, “teve um aí que não teve nada com ele. Frederico Gentil, esse homem era construtor. Ninguém topou nele. Ninguém buliu com ele porque ele já era daqui. Os filhos dele já eram sergipanos”.¹⁶⁴ O nome de batismo dele era *Gentile Frederico*, mas depois preferiu abraçar-se para Frederico Gentil.

Neste estado de tensão social, vários elementos são simbólicos e dinâmicos. O hotel Marozzi se transformou em hotel dos náufragos; o seu proprietário aninhou-se à bandeira nacional; outro italiano abraçou seu nome; o estudante invadiu a propriedade de um “fascista”, sentindo-se um soldado aliado; a multidão ululante caçou os representantes do nazifascismo na cidade. Esse conjunto de acontecimentos entrelaçou a tragédia marítima ao interior da vida social. E podemos acrescentar ainda: esses comportamentos se relacionam aos

¹⁶² *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p 1.

¹⁶³ CHAVES, Rubens Sabino Ribeiro. *Aracaju: pra onde vai?* Aracaju: Edição do Autor, 2004, p. 82.

¹⁶⁴ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

significados atribuídos e à apropriação das dimensões sociopolíticas sempre renovadas no tempo.

Então, o comício reiniciou. Graças às pesquisas de João Falcão, ao entrevistar o Professor José Calazans Brandão da Silva, foi possível identificar alguns nomes nesta emblemática manifestação do Hotel Marozzi. Embora organizada pela juventude, os oradores eram líderes civis, que pegaram carona no protesto estudantil.

*Tendo à frente os estudantes ginasianos, os populares aclamavam os nomes dos presidentes Getúlio Vargas, Franklin Roosevelt e coronel Augusto Maynard. Da sacada do hotel, falaram: José Fernandes, em nome da Liga Estudantil de Defesa Nacional; João Monteiro, presidente da Associação Sergipana de Imprensa; Carlos Garcia, advogado e jornalista (do PCB); João Vieira de Aquino, representante das classes trabalhadoras; João Freire Ribeiro e Sebastião Oliveira. Todos os oradores reafirmaram a convicção de que o governo brasileiro reagiria à altura pela ofensa à nossa soberania e denunciaram a ação da quinta-coluna e dos espiões nazistas.*¹⁶⁵

Durante as explanações, um grito ecoou entre os manifestantes clamando: - “Guerra à Alemanha Nazista!” Desde então, os discursos políticos se voltaram para a Declaração de Guerra, como única forma de desafrentamento. Alemanha ou Itália deveria pagar por invadir as águas territoriais brasileiras, afundar dezenas de navios e ainda assassinar centenas de pessoas, entre as quais, dezenas de sergipanos. As aspirações dos manifestantes eram justas e legítimas, mas os representantes do Estado Novo estavam acostumados a ouvir a si mesmos e não aos clamores populares.

Aracaju estava inquieta, revoltada com os torpedeamentos. Os naufragos foram aguardados, na verdade, no Palácio Olímpio Campos e para lá seguiu uma romaria que se formou em direção à Praça Fausto Cardoso. Com a multidão mais dispersa em frente à sede do governo, tinha-se a noção mais evidente da amplitude do movimento social. Era gente de toda parte da cidade, fazendo manifestações de pesar pelo lutuoso e bárbaro atentado.¹⁶⁶ Aproveitando a altura do coreto da praça, outros oradores se pronunciavam para multidão no início da tarde. Até que, o interventor Augusto Maynard Gomes apareceu na sacada do Palácio Olímpio Campos e “concitou os sergipanos a ter calma e confiança no Governo Federal, pois este agiria em defesa da soberania nacional no momento oportuno”.¹⁶⁷

¹⁶⁵ FALCÃO, João, op. cit., p. 102.

¹⁶⁶ FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Os interventores da ditadura de Getúlio Vargas e os interventores do golpe de 29/10/1945. In: *História Política de Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1989. Vol. II, p. 88.

¹⁶⁷ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p.1.

Figura 7 - Praça Fausto Cardoso e Palácio Olímpio Campos.¹⁶⁸



Às 14 horas e 30 minutos, os automóveis estacionados com os náufragos do Baependy finalmente chegaram à cidade. Muitos estavam feridos e se apoiavam aos ombros dos companheiros de viagem. Foi um momento de emoção pesada coletiva. A imagem das vítimas da agressão submarina alimentou ainda mais a ira dos manifestantes. A partir daquele momento, as ações da multidão se tornaram mais violentas e extremadas, imprevisíveis e perigosas. Depois de um breve silêncio em respeito aos náufragos, os manifestantes estavam dispostos a agir imediatamente.

De acordo com os documentos de época, a imagem dos náufragos persuadiu os aracajuanos a responder a afronta do nazifascismo. Desde então, estava declarada guerra aos alemães, italianos e integralistas residentes na cidade. Um a um caçado pelos manifestantes. Da Praça Fausto Cardoso, a multidão entulhou a Praça da Catedral. O inquérito policial instaurado, na época, seguiu os passos dela.

O povo na hora da chegada esta Capital, dos náufragos da Baependy, acorreu para a casa de residência de Nicola Mandarino, e não houve como contê-lo na sua determinação. A Polícia, fazendo-se impor sobre a grande massa popular, conseguiu retirar Nicola Mandarino e sua família da própria residência, evitando piores resultados.

Acusado de ter uma estação de rádio transmissora; de hospedar em sua fazenda agrícola situada no município de Itaporanga, tripulantes do submarino alemão que

¹⁶⁸ Antigo cartão postal de Aracaju.. Disponível em: <<http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2012/02/praca-de-automoveis.html>> Acessado em 8 de junho de 2012, 17:38.

*bombardeara os nossos navios mercantes; de possuir grande cópia de armas e munições, somente essa última acusação ficou plenamente constatada.*¹⁶⁹

A quem interessava construir e perpetuar a imagem de espião para Nicola Mandarino? A invasão a casa dele estava escamoteada de interesses diversos e, por isso é preciso separar a emoção do momento, o discurso nacionalista e a prática de retaliação, para somente depois, visualizar outras intenções: o acerto de contas entre militantes comunistas¹⁷⁰ e os antigos adeptos do integralismo; a inveja dos comerciantes locais, a cobiça pelas propriedades dos estrangeiros e oportunismo do povo em saqueá-la.

Os amigos, os vizinhos e os clientes de Nicola Mandarino sumiram, pois temiam por suas vidas, caso demonstrassem auxílio à família do italiano. Salvelina Santos de Moraes ainda se recorda do barulho dos quebra-quebras e da suspensão das aulas. *A gente tava na escola. A professora disse: Oi, todo mundo pega seus livros, suas pastas e corre e vai embora. Porque o negócio aí não ta bom não. Foram mais de 15 dias de quebra-quebra aqui em Aracaju dos estudantes. A polícia não podia parar não.*¹⁷¹ Salvelina também rememorou que os ataques às residências eram intercalados. *Os estudantes naquela hora paravam e tudo. Daqui há pouco os estudantes pegavam e quebravam tudo de novo. Eu sei que as lojas dele [Nicola Mandarino] não ficaram em pé. Todas quebradas. Nessa época a filha dele tava noiva pra se casar. Tinha por sinal o vestido de noiva na vitrine. Quebraram tudo*¹⁷².

Depredações e turbulências se verificaram e a zanga agressiva e patriótica do povo era tamanha que a custo conseguira a polícia dominar o ânimo dos mais exaltados.¹⁷³ “Os colegiais agora engrossados pela massa gritava e pedia desforra. As autoridades policiais veem-se obrigadas a intervir por várias vezes a fim de conter a multidão e evitar distúrbios”.¹⁷⁴ O mito “Nicola Mandarino” foi construído em torno de elementos subjetivos e suspeitas não comprovadas. Pouco a pouco, as novas gerações esqueceram o tempo dos torpedeamentos e a áurea negativa em torno de Nicola Mandarino se dissipou. Os novos

¹⁶⁹ SANTIAGO, Enoque. Relatório do inquérito policial sobre o envolvimento dos estrangeiros nos torpedeamentos dos cinco navios brasileiros. Departamento de Segurança Pública de Sergipe. Aracaju, 10 de outubro de 1942, p. 2.

¹⁷⁰ Com a entrada no Brasil, formava-se, finalmente, a aliança do País com a União Soviética, tão sonhada pelos comunistas brasileiros. Enfim, a União Nacional poderia ser praticada abertamente, e a defesa do governo, ainda que com algumas ressalvas, não causaria mais constrangimentos aos comunistas, que poderiam pregar a aliança dos “patriotas” e “antifascistas” contra o inimigo comum. SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948). São Paulo: Annablume, 2009, p. 136.

¹⁷¹ Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju-SE, 19 de julho de 2006.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ WYNNE, J. Pires, op. cit., p. 103.

¹⁷⁴ *Folha da Manhã*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p.3.

Mandarino se destacam na política, na economia e na sociedade, dissociando a família das antigas ligações aos submarinos alemães.

Os atos de vandalismos eram chamados pela imprensa de “manifestação de protesto”, “agitação patriótica”, “ações de desafrontamento”, “retaliação aos inimigos eixistas”. Os aracajuanos entrevistados para esta pesquisa preferem utilizar o termo “quebra-quebra”. Eles se tornaram comuns na época. Primeiro às casas e lojas dos estrangeiros taxados de eixistas. Em segundo, às residências dos antigos seguidores do sigma; terceiro, boicotando as lojas dos sergipanos que torciam pela Alemanha Nazista no início da guerra. De acordo Mário Cabral, *tiveram lugar, então, durante dois dias, incêndios e cenas de depredação à propriedade particular dos alemães e italianos, sem que nenhuma força humana se pudesse opor à indignação da alma sergipana.*¹⁷⁵

A alma sergipana não se indignou por apenas dois dias, mas por semanas, meses e anos. Do dia 16 de agosto em diante, o caos se instalou na vida dos aracajuanos. Quando se soube que nenhum sergipano sobreviveu ao naufrágio do Aníbal Benévolo, o tumulto só aumentou nos quatro cantos da cidade. Dezenas de famílias aracajuanas se sentiram atingidas pelo furor da Guerra Submarina.

*O Aníbal Benévolo foi torpedeado às 4 horas da manhã de segunda-feira, dia 17 de agosto de 1942, nas imediações do rio Real. Segundo colhemos, ele foi atingido em cheio por um torpedo, que o partiu ao meio. Todos os passageiros dormiam àquela hora matutina. Não tiveram tempo, pois, de subir dos seus camarotes, presumindo-se, que tinham todos perecidos.*¹⁷⁶

Sem chão desde que receberam a notícia de que nenhum sergipano sobreviveu ao naufrágio do Aníbal Benévolo, os familiares dos passageiros e tripulantes caíram no mais completo desespero em Aracaju. Era doloroso saber que o navio partiu ao meio e que as pessoas não tiveram tempo suficiente de sair do barco. O luto se espalhou pela cidade torpedeada, assim, a tragédia militar virou social. De acordo com Ibarê Dantas, *multidões inflamadas de patriotismo acorrem às ruas, invadem casas de supostos colaboracionistas e enchem as praças, expressando sua indignação. Aracaju foi uma das cidades a viver esse drama.*¹⁷⁷

É interessante observar como o “calor do acontecimento” acabou gerando ondas de protestos desordeiros, manifestações políticas e conflitos com os estrangeiros. Esses

¹⁷⁵ CABRAL, Mário, op.cit., pp. 153-154.

¹⁷⁶ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p.1.

¹⁷⁷ DANTAS, José Ibarê Costa. *Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasiliense, 1989, p. 154.

comportamentos evidenciaram que os efeitos devastadores do U-507 vão além do torpedeamento em si, pois o evento deixou transparecer antigos conflitos sociais. O prático Zé Peixe era um menino nessa época, mas ainda recorda da mobilização estudantil na cidade de Aracaju. Com o olhar de um ginásiano, acompanhou a tudo de perto.

A passeata que tinha na rua o povo gritava. Queremos guerra! Queremos guerra! Queremos guerra! Cada um magrinho [risadas de Zé Peixe, recordando seu tempo escolar]. Queremos guerra! Queremos guerra! Aquele povo todo pela rua. [Zé Peixe levanta e marcha] Queremos guerra! Queremos guerra! Pela Praça do Palácio. O interventor era Augusto Maynard Gomes. Quem gritava era o pessoal do Colégio, os estudantes e gente da rua que acompanhava também.¹⁷⁸

O que acontece com uma sociedade propensa a valorizar o “patriotismo exacerbado” e os padrões de classe, mais do que um simples sentir medo, insegurança e bom senso? O espírito nacionalista motivou a formação de várias manifestações estudantis que normalmente acabavam em tumultos. Caso fosse preciso, a mocidade mais idealista estava disposta a morrer por sua nação. Paulo de Oliveira Santos¹⁷⁹ lembrou o sentimento de “brasileirismo” tão cultivado pelo Estado Novo.

Havia um sentimento realmente de brasileiro, sentimento de amor à pátria muito mais verdadeiro, muito mais espontâneo mesmo dentro do coração, do que nos dias atuais. Aquele amor febril pela pátria brasileira. E eles faziam aquilo [passeatas, quebra-quebra, manifestações, alistamento militar, etc.] como se tivessem prestado um serviço importante ao Brasil e realmente estavam (...), havia também a cooperação dos operários na época, agora, o comando era justamente estudantil.¹⁸⁰

A história dos aracajuanos ainda é pulsante nas veias de quem viveu esse tempo. De 1942 para cá, ela se remodelou devido a diferentes influências. E, assim, a história dos torpedeamentos era contada e recontada pelos que viam e os que ouviam dizer. Contemporâneo ou não, muitos relatos dramáticos se cristalizaram na memória coletiva e entremeados por várias influências: o discurso oficial, o partidário, o religioso, o militar. Não se busca aqui distinguir o verdadeiro do falso, o real do imaginário, mas sim ter ciência que a fonte oral não apresenta fatos absolutos e verdades imutáveis. Entretanto, torna-se uma importante evidência do tempo presente.

A compreensão dessa memória parte de questões levantadas no presente, como nos ensina Ecléa Bosi, *de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação*

¹⁷⁸ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

¹⁷⁹ Paulo de Oliveira Santos nasceu em Aracaju, no dia 26 de novembro de 1933. Quando jovem fez curso técnico, mas se destacou mesmo, como comerciário. Era conhecido entre os aracajuanos como “Oliveira de A. Fonseca”, em alusão à loja onde trabalhou como gerente durante 30 anos.

¹⁸⁰ Entrevista de Paulo de Oliveira Santos realizada em Aracaju-SE, 10 de agosto de 1999.

*veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais. A fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa.*¹⁸¹ Essa interpretação sutil pode ser percebida no movimento estudantil. Em meio aos atos de protestos juvenis, nem sempre a ideologia político-partidária ou o espírito cívico-nacionalista do Estado Novo se colocava acima de tudo e de todos, às vezes, por camaradagem estudantil, os conflitos cessavam ou adaptavam à situação.

Dois episódios evidenciaram a importância do coleguismo naquele momento. Em primeiro lugar, Ariosvaldo Figueiredo recordou de um ato público no Cine-teatro São João, na cidade de Estância, onde um dos jovens aracajuanos sofreu hostilidade por ser taxado de integralista.

Hernani Prata, fiscal federal de ensino, militante comunista, então em Estância, quer proibir a sessão, alega que o estudante Mirabeau Cesar é integralista. Ariosvaldo Figueiredo, Presidente da Caravana reage, protesta, alega que ideologia de Mirabeau Cesar é irrelevante se todos, naquele momento, combatem a ditadura. As ameaças de Hernani Prata não impedem a realização da sessão cívico-patriótico, o cinema lotado com o apoio da sociedade estanciana, à frente o jornalista Alfredo Silva, diretor do jornal “A Estância”, que prestigia os jovens da Liga Estudantil da Defesa Nacional. Discursaram, no Cine-Teatro São João, Ariosvaldo Figueiredo e Mirabeau Cesar.

Mirabeau Cesar não só enfrentou a situação constrangedora como deu a volta por cima e ainda discursou ao lado do presidente da Caravana. Outro momento de camaradagem estudantil foi recordado por Jorge Souza¹⁸². “Os estudantes, naquele tempo, saía tarde da noite com a lata de piche fazendo um V né. Que toda a casa que encontrasse com um V era para arrebentar, que já sabia que era quinta-coluna né. Era contra o Brasil”. Ele disse que sua família sofreu esse drama em Aracaju, “mas eles não chegaram a arrebentar, pelo menos uma casa que eu fazia parte, porque tinha estudante nessa família né”.^[sic]¹⁸³ Enquanto grupo social, os estudantes aracajuanos também criaram suas regras e limitações, respeitavam a farda estudantil como se fosse uma farda de guerra. Outro detalhe, é que V não representava somente quinta-coluna ou vitória aliada, mas também era uma explícita advertência social.

2.5 – O drama dos naufragos na percepção dos aracajuanos

¹⁸¹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1987, p. 20.

¹⁸² Infelizmente, não foi possível realizar uma biografia desse entrevistado, pois ele se mudou e perdemos seu contato.

¹⁸³ Entrevista de Jorge Sousa realizada em Aracaju-SE, 28 de maio de 1999.

A campanha dos submarinos nazistas em águas sergipanas foi a principal novidade estampada na imprensa estadual. O Correio de Aracaju, o Nordeste, a Folha da Manhã e o Sergipe Jornal constituem um importante acervo jornalístico sobre o ataque do U-507 na costa do Brasil. Através desse território textual, o historiador pode analisar a luta pela sobrevivência no mar; mapear as áreas costeiras aonde os naufragos chegaram; perceber as repercussões da tragédia no cotidiano das cidades litorâneas; e, ainda, identificar o modo como em diferentes lugares e momentos a realidade bélica foi construída, pensada e dada a ler.

As memórias dos naufragos e dos homens costeiros ganharam pouca visibilidade na historiografia tradicional. Esses dois grupos outrora marginalizados, tornaram-se os sujeitos centrais dessa investigação. O historiador social precisava analisar o papel dos jornalistas, dos aviadores, da gente do mar, dos militares e de outros grupos na formação das memórias coletivas sobre os torpedeamentos. Portanto, realizamos o intercruzamento das informações emanadas dos jornais, dos documentos oficiais, das fontes orais e dos memorialistas.

Convém informar que, no início dos anos de 1940, não havia crítica política na imprensa no tempo do Estado Novo, a primeira página dos jornais aracajuanos só tratava da guerra, raros eram os números em que se cuidavam das coisas da terra e do povo.¹⁸⁴ Após os torpedeamentos, a situação se inverteu momentaneamente. Esse evento deixou a sociedade sergipana transtornada e desejosa de mais informações, pois muitos conterrâneos vinham a bordo do Aníbal Benévolo, que seguia para o ancoradouro de Aracaju. Então, os jornalistas locais comemoraram o fim do ostracismo e partiram às praias locais em busca das novidades bélico-náuticas. Histórias dramáticas vieram do mar e geraram expectativas variadas em terra.

Era o alvorecer da guerra no horizonte marítimo nacional. No entanto, quando os redatores começaram a fechar a primeira edição, eles enfrentaram o entrave de sempre: o DEIP-SE. No dia 17 de agosto, o Correio de Aracaju foi “torpedeado” pelos censores varguistas. Esse sumiço causou estranhamento aos seus leitores, mas a diretoria do jornal esclareceu as razões políticas que impossibilitaram a sua publicação:

*Em vista de necessitar a imprensa de autorização oficial para publicar notícias referentes ao torpedeamento de nossos navios, e porque essa autorização só nos chegou muito tarde, o ‘Correio’, não circulou ontem. Dará hoje, entretanto, edições sucessivas, informando ao povo os últimos acontecimentos.*¹⁸⁵

Essas edições sucessivas do Correio de Aracaju, além de ser um valioso registro histórico produzido no calor dos acontecimentos, também apresentaram a melhor coletânea de

¹⁸⁴ FIGUEIREDO, Ariosvaldo, op. cit., p. 96.

¹⁸⁵ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p.2.

informações jornalísticas produzidas sobre ataques de submarinos estrangeiros na costa do Brasil. Dentro da ótica dos naufragos e dos pilotos do Aeroclube, as matérias começaram a ser produzidas nos dias 16 e 17, mas a autorização para publicar as matérias veio somente no dia 18 de agosto.

A leitura dessa breve nota evidencia as barreiras impostas pelo DEIP-SE à circulação de informações na capital sergipana. Os exemplares do Correio de Aracaju, publicadas no dia 18 de agosto de 1942, levaram até as mãos e olhos dos aracajuanos, os pormenores da tragédia naval. O Correio de Aracaju se tornou uma fonte privilegiada para as histórias dos naufragos, como “interpretações aracajuanas” dos acontecimentos bélicos e não testemunhos escritos pelos próprios sobreviventes. Isso significa dizer que a natureza das reportagens, das entrevistas ou dos editoriais era apresentada como um espelho da realidade social, quando, na verdade, era uma peneira daquilo que o governo ditatorial permitia publicar. Esse mundo dos bastidores das redações precisa ser compreendido dentro de uma abordagem que evoque as relações de poder e os interesses velados.

Antes de naufragar nas histórias da Guerra Submarina, Aracaju já estava mergulhada no mar da intolerância do Estado Novo brasileiro (1937-1945). A realidade da imprensa local evidenciou as práticas do regime varguista para os jornalistas.

*O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político.*¹⁸⁶

As sutilezas invisíveis nas páginas, as informações políticas impostas e outras asperezas do DIP e DEIPs não impedem que os jornais sejam vistos como fontes históricas. De acordo com as análises da historiadora Maria Helena Capelato, esse instrumento de comunicação é reconhecido hoje como material valioso para pesquisar e estudar uma determinada época, considerando nas suas reflexões que a imprensa participa da história ao comentá-la e ao registrá-la, pois é por meio dela que se trava uma “constante batalha pela conquista de corações e mentes. Compete ao historiador reconstituir os lances e peripécias dessa batalha cotidiana na qual se envolvem múltiplas personagens”.¹⁸⁷

Tanto em tempo de guerra como na paz, seja na ditadura ou na democracia, o jornal permanece como poderoso instrumento de manipulação e de intervenção na vida social.

¹⁸⁶ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005, p. 129.

¹⁸⁷ CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP. 1988, p.13.

Contudo, não se pode subestimar a capacidade dos brasileiros em questionar a censura governista ou acreditar que a população agiu univocamente a favor dos ditames varguistas. Com os jornais em mãos, os leitores assumem o comando diante da informação ou desinformação.

O naufrago, nesta pesquisa histórica, não foi visto apenas como “aquele que naufragou”. Ele representou ao mesmo tempo o “sobrevivente dos torpedeamentos” e era a “testemunha de que a guerra chegou ao Brasil”. De acordo com as análises de Márcio Seligmann-Silva, esta dupla noção é de extrema importância, pois localiza a testemunha como alguém que atravessou uma experiência singular: ela viu a morte com os próprios olhos. O sobrevivente é também alguém que mora nesta morte e não consegue abandoná-la inteiramente. E continua:

Existe aqui uma problematização da capacidade de testemunhar. A vivência da (quase) morte seria “excessiva” para o testemunho e para a sua transmissão. Devido a sua estrutura temporal singular – o evento é visto como um passado que não passa -, o testemunho é visto como um modo de construir uma ponte para fora do evento traumático. Esta ponte, por sua vez, que paira entre o passado e o presente, é sempre precária, insuficiente.¹⁸⁸

Esse “passado que não passa”, renova-se constantemente no ato de memorização em diferentes épocas, pois cada geração se apropria das histórias de maneira distinta. Esta “ponte temporal” entre o ontem e o hoje, o vivido e o ouvir dizer, o real e imaginário, o visível e invisível promovem releituras e apresentam informações insuficientes para trazer à tona a história dos navios atacados pelos U-507. Não se poder emergir toda história naval, pois muitas informações do Baependy, Araraquara e Aníbal Benévolo se perdeu na voragem do mar, mas fragmentos das memórias naufragadas podem ser içados.

O sobrevivente dos torpedeamentos será sempre “o naufrago que não morreu”. Na experiência traumática deles se percebeu como as águas sergipanas e baianas se tornaram um lugar comum para se registrar ações dos *U-boots* em 1942 e 1943. Seja à superfície social ou nas profundezas oceânicas, a costa de Sergipe se tornou uma referência obrigatória para os estudiosos que procuram entender o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Em virtude destas questões bélicas, as agressões submarinas tiveram o poder de unir “naufragos e sergipanos” à condição de vítima da guerra marítima. Os relatos dramáticos das vítimas abalaram o cotidiano da população litorânea. Quando os naufragos partiram de volta para suas residências em outros estados da federação, os sergipanos continuaram diante de um

¹⁸⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunhos da barbárie. In: *Revista Entre Livros*. São Paulo: Ediouro Gráfica. Nº 28, agosto de 2007, p.33.

mar ameaçador. Portanto, os horrores praticados pelos nazistas contra os náufragos, sempre vinham à tona nas lembranças dos sergipanos, porque eles incorporaram e apropriaram as memórias traumáticas registradas em seu mar territorial.

*Testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o “histor” de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitivamente, mas ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.*¹⁸⁹

Estancianos, itaporanguenses, sancristovenses e aracajuanos, moradores da região costeira de Sergipe, também podem ser considerados testemunhas dos torpedeamentos. Essa microrregião atlântica se encontrava facilmente histórias sobre submarinos, torpedeamentos, náufragos, nazismo e guerra. Homens e mulheres costeiros sempre tinham algum “causo” para contar. Salvelina Santos de Moraes ainda se recorda de um naufrago em especial, o seu tio, Henrique Francisco dos Santos, moço de convés.

*O Baependy, que ele trabalhava, não entrava nessa barra de Aracaju. Ia direito pra Recife, superlotado de gente. Na hora do bombardeio, as pessoas tavam dançando que era o aniversário do imediato. Aí o povo tava dançando no navio quando recebeu o torpedeamento.*¹⁹⁰

A leitura desse texto permite evidenciar como Salvelina construiu uma memória sobre os instantes finais do Baependy. José Martins Ribeiro Nunes também se recordou da festa a bordo do Baependy. As pessoas vinham “*tocando, dançando e ia lá pro norte. O problema é quando o navio foi atacado. Eles não esperavam aquilo. Daqui que aquele povo se prevenisse*”.¹⁹¹ A tripulação e os passageiros entraram em estado de pânico. O que se ouviu a bordo foi uma gritaria, um corre-corre, um desespero total. As pessoas nem sabiam direito como lançar as baleeiras ao mar. As cordas que as prendiam haviam sido pintadas recentemente, impedindo o desatamento dos nós.

Segundo Zé Peixe, *não deu tempo de arriar a baleeira. Às vezes a baleeira não arriava direito. Tinha criança e povo de idade.*¹⁹² O Baependy foi a primeira vítima do U-507 na costa do Brasil.

¹⁸⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: editoras 34. 2006, p. 57.

¹⁹⁰ Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju-SE, 19 de julho de 2006.

¹⁹¹ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

¹⁹² Idem.

*A pique é ir pro fundo. Morrerá muita gente! Salvou gente também! Agora, teve navio que ia até com baile tocando, navio dançando tudinho [Baependy]. Tinha outro navio [Aníbal Benévolo] que ia todo mundo dormindo quase. Era de madrugada, morreu muita gente. Deu gente na costa, fora o povo que morreu na praia. Teve também muitos náufragos. Náufragos, deu muito, os que se salvaram.*¹⁹³

Mangue Seco, Coqueiro, Pontal, Crastro, Saco, Abaís, Caueira, Mosqueiro, Aruana, Atalaia, Atalaia Nova e Barra dos Coqueiros foram regiões praianas que receberam as vítimas e os destroços navais. Cada sobrevivente, cada salvado, cada cadáver era um testemunho da barbárie nazista no Brasil. Ao recolher esses testemunhos, os sergipanos também se sentiram vítimas da Guerra Submarina. Primeiro, porque todos seus conterrâneos que seguiam a bordo do Aníbal Benévolo foram assassinados. Segundo, os homens costeiros preservaram traços do ocorrido. Terceiro, houve um temor coletivo da guerra no mar se estender a terra. Quarto, a visão que eles tinham do mar mudou bruscamente após os torpedeamentos.

Neste sentido, os testemunhos dos náufragos e dos sergipanos são cruciais no processo de construção histórica da ofensiva do U-507 na América do Sul. Isso significa dizer que a Guerra Submarina desafiou tanto os homens do mar como a população sul-americana, especialmente, os residentes na região atlântica, pois a invisibilidade do inimigo mexia com imaginário coletivo de ambos.

Os mais debilitados foram encaminhados para o Hospital Amparo de Maria em Estância e Hospital de Cirurgia em Aracaju. Contusões, equimoses, escoriações, fraturas, manchas e queimaduras eram os problemas físicos mais comuns. Com os nervos à flor da pele, os sobreviventes apresentaram quadro dramático de angústia, ansiedade, pânico e tensão. Quem recebeu alta foi encaminhado aos seguintes hotéis: Avenida, Central, Marozzi e Rubina. Alguns também foram alojados no Palácio Olímpio Campos, sede do governo sergipano.

Acreditava-se na época, que outros sobreviventes perambulavam pelo litoral centro-sul de Sergipe, às cegas por entre dunas, mangues e coqueirais. Em busca de uma cabana que oferecesse abrigo, água, comida e descanso. Sobreviver a um ataque naval sem aviso prévio era uma tarefa difícil, mas sobreviver à deriva - sem os equipamentos adequados - era uma situação extrema.

O soldado Oswaldo Ferreira Ariosa tinha 26 anos de idade, natural do Rio de Janeiro. Ele relatou os pormenores da ofensiva submarina sobre o seu navio.

O soldado Oswaldo Ferreira disse a nossa reportagem que conseguiu salvar-se com o apoio de uma taboa, tendo levado 2 dias sem nenhum alimento e que tendo

¹⁹³ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

*sua taboa de salvamento se aproximado do submarino, vira em cima do mesmo um homem com uma forte lanterna de mão projetando luz sobre os náufragos, disse ainda lhe parecer ter visto mais dois submarinos, e que o “Baependy” recebera dois consecutivos torpedos, submergindo num espaço de 3 a 5 minutos, não sendo por isso podido arriar nenhuma baleeira.*¹⁹⁴

A Guerra Submarina trouxe novidades assustadoras aos leitores dos jornais aracajuanos. O medo emergiu assustadoramente diante dos testemunhos da barbárie. A imprensa local ainda publicou relatos afirmando que os submarinos agressores atiraram rajadas de metralhadora sobre as vítimas na água. Com letras garrafais, o Correio de Aracaju apresentou a seguinte manchete: *METRALHADOS OS NOSSOS PATRÍCIOS*. Em 18 de agosto de 1942, o referido jornal afirmou: *“dentre os cadáveres encontrados hoje pela manhã, na praia do Mosqueiro, acha-se o do 2º piloto do Araraquara*¹⁹⁵. Ainda segundo a mesma reportagem: *no centro da cortiça, de que se utilizara para salvar-se, nota-se duas perfurações produzidas, provavelmente, por balas de metralhadora, o que faz ver como agem os sicários do Eixo, torpedeando navios e metralhando aqueles que se procuravam salvar.*¹⁹⁶

Outros tripulantes também conseguiram salvar-se a bordo de tábuas. O primeiro foi Raimundo Correa da Silva, 30 anos e moço de convés do Baependy. Ele seguiu ao sabor da corrente marinha, sempre em direção à costa. Por força da escuridão reinante, não avistou o submarino agressor, mas percebeu o clarão do holofote e a projeção de lanternas de mão quanto estava à deriva.¹⁹⁷ Em outra tábua seguia o aracajuano Deoclides Gomes da Silva, moço de convés do Baependy. Tinha 26 anos de idade e residia no Rio de Janeiro. O seu testemunho revelou a sequência dos eventos dramáticos que o torpedeamento gerou, seja a bordo do navio ou para quem se jogou no mar.

*Deoclides Gomes da Silva, nosso conterrâneo, disse ter conseguido salvar-se com o auxílio também de uma taboa, levando um noite sem nenhum alimento. Disse ainda que o “Baependy” conduzia passageiros e tropa e que, num dos porões de que ele e o marinheiro João eram os fiéis, também conduzia 36 mil contos de níqueis, tendo dito que o torpedeamento se dera mais ou menos às 19 horas da noite de sexta-feira, sem nenhum aviso por parte do submarino atacante, que por duas vezes torpedeou o navio, também alvo do holofote do bárbaro agressor, que pouco tempo depois afastava-se da carniçada e dos destroços que causara, em plena escuridão do mar e do céu; que ninguém via um aos outros e apenas se ouviam os angustiados e lancinantes gritos dos náufragos, que logo não foram mortos pelas terríveis explosões dos torpedos.*¹⁹⁸

¹⁹⁴ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p. 1.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Idem.

Em meio à escuridão reinante e ao mar aberto, apenas ouviam-se os gritos desesperados pelos parentes, os pedidos de socorro, o choro das vítimas e os gemidos de dor e cessaram. À luz do dia, os naufragos viam em sua volta, os símbolos da ofensiva submarina: destroços dos navios, mercadorias avariadas, mortos e manchas de óleo. A correnteza arrastou e dispersou esses sinais de soçobramento pela orla atlântica de Sergipe.

O paraibano Firmino Gomes da Silva tinha 40 anos, casado, cozinheiro do Aníbal Benévolo e residia na cidade de Belém, Pará. O tripulante desconhecia a presença do submarino e pensava que o seu navio foi a pique devido a problemas técnicos, relacionado à explosão da caldeira. Ele foi a primeira vítima localizada pelos aviadores do Aeroclube de Sergipe, na região próxima à foz do rio Real, mas em lado baiano.

De acordo com as informações recolhidas pela reportagem do Correio de Aracaju,

O naufrago Firmino disse ter-se salvo com o apoio de um pedaço de pau que encontrara sobre as águas, tendo nadado 32 horas, até encontrar a praia do lugar denominado Coqueiro, ao meio dia de 2ª feira. Durante seu percurso sobre as ondas sempre teve muita coragem e muita fé de salvar-se e na segunda-feira, às 6 horas, já tendo avistado terra e ansioso para alcançá-la, largou-se do pau que estava ferindo e machucando, muito embora o tivesse ajudado a flutuar, com o intuito de poder nadar e mais depressa alcançar a costa, onde afinal chegou completamente despido, pois para logo safara-se do pijama que se esfarrapara ainda na luta para sair do seu camarote, já cheio d'água com o grande estrondo, que se deu cerca das 4 horas da manhã, quando quase todos ainda dormiam, pulou do beliche e dele saiu, em menos de um minuto, já tendo que nadar debaixo d'água para cima cerca de 3 metros até a tona, de onde viu então o Benévolo partido ao meio, pois que o torpedo o atingira em cheio, na casa das máquinas. O navio assim partido, tomando a forma de um V, no espaço de 2 a 3 minutos, submergiu completamente tendo levado no seu bojo quase todos os tripulantes e passageiros, de vez que, pela manhã, em pleno mar, apenas quatro homens nadavam, inclusive ele, sem que de logo se fossem juntar uns aos outros.¹⁹⁹

Às 04 horas da madrugada, a maioria das pessoas descansava nos camarotes, quando o Aníbal Benévolo foi tragado, em poucos minutos, pelo Atlântico. Ele conduzia mais de 130 pessoas entre tripulantes e passageiros, destes aproximadamente 35 eram crianças. Quando o repórter tocou nesse assunto, o marujo Firmino encheu os olhos de lágrimas e ao recordar delas correndo a bordo do navio: - *Choro com pena dos meus companheiros e dessas criancinhas que devem se encontrar trancadas, no fundo do mar, dentro de camarotes do meu Aníbal Benévolo.*²⁰⁰ Muitas famílias aracajuanas seguiam a bordo desse navio e ninguém sobreviveu. O drama dos naufragos se entrelaçou às intensas manifestações de dor das famílias locais.

¹⁹⁹ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 21 de agosto de 1942, pp. 1 e 3.

²⁰⁰ Idem.

Outro entrevistado pelo Correio de Aracaju foi o alagoano Manoel Nunes da Silva, moço de convés do Aníbal Benévolo, de 32 anos de idade, solteiro, natural do Estado de Alagoas, residente do Rio de Janeiro. Ele descansava em seu beliche ao sentir a trepidação, seguida pela detonação do torpedo. Quando percebeu que a embarcação estava afundando, agiu rápido.

Relatando, como se salvara, disse-nos que, à hora do torpedeamento, já se encontrava ele acordado, embora ainda encontrado deitado no seu beliche. Ouvia um enorme estrondo. Porque tivesse de logo atinado que se tratava de uma explosão de grandes proporções, aflito, vestiu seu colete salva-vidas e correndo subiu para o convés. Ali, vendo Manoel Nunes que o navio já se encontrava quase submerso, atirou-se ao mar, de vez que já não era possível valer-se de qualquer uma das baleeiras, e confiado nos braços, nadara um pouco para afastar-se do perigo existente nas proximidades do navio, em tal momento. E foi assim que, dentro de dois ou três minutos, voltou o seu olhar para o “Benevolo”, não mais o vendo. Havia este já completamente submergido levando todos os passageiros e tripulantes, os quais naquela trágica hora ainda dormiam, salvo os tripulantes que ainda estavam no quarto.

Por sorte sua, disse-nos então o marítimo, viu sobre o mar uma pequena balsa, que certamente se desgarrara do navio no momento da imersão. Nadou então de encontro com a mesma até alcançá-la e a um dos muitos laços de taboas que também flutuavam. Já dentro da balsa, remando com o pedaço de taboa, já tendo clareado o dia, avistara sobre as ondas apenas, mais três náufragos, tendo logo conhecido o cozinheiro Firmino.

Deles, porém, lhe distanciaram as correntes marinhas. Chegou à costa às 20:30 horas do mesmo domingo do torpedeamento, ignorando o nome da praia onde pisou. Caminhara então rumo norte apenas vestido de cueca e camiseta, até o Mangue Seco, onde chegou às 14 horas da segunda-feira, quando então se alimentou e descansou em casa de um senhor chamado Salgadinho.²⁰¹

Apenas duas mulheres sobreviveram: Alaíde Lemos Cavalcante e Vilma Castelo Branco. A naufraga Alaíde viajava a bordo do navio “Araraquara”, em companhia do seu marido, o sargento Lins Cavalcante, de seus três filhos menores e de um irmão, dos quais todos desapareceram em meio ao mar revolto. Ela conseguiu se salvar graças a uma pequena baleeira, em companhia de quatro marinheiros. No entanto, esse bote de madeira logo se encheu d’água, forçando a que os náufragos tirassem suas roupas e tampassem os vazamentos. O grupo seguiu vagando, todos nus, ao sabor das ondas, durante toda a noite. Alaíde ficou envergonhada de expor sua nudez aos quatro companheiros da baleeira.

Ao amanhecer de domingo, percebendo que eu procurava proteger o meu natural pudor com as tiras da vestimenta esfarrapada, um dos companheiros arrancou a camisa e deu-me declarando: - Dona, não tenha receio, a senhora nos considere irmãos nesta desgraça.²⁰²

²⁰¹ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 24 de agosto de 1942, p. 1.

²⁰² Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 19 de agosto de 1942, p. 2.

As agitadas águas da costa de Sergipe eram implacáveis com uma embarcação de pequeno porte e Alaíde também se desesperou ao ver a água entrar em seu refúgio seguro. Em virtude dessa fragilidade, a orientação geral era que o grupo permanecesse imóvel para não danificar ainda mais a baleeira, caso contrário, eles enfrentariam outro naufrágio. De acordo com a reportagem, o grupo dela ficou à deriva durante duas noites e um dia. Eles chegaram à praia de Estância, eis a sua história dramática:

- Sou Alaíde Lemos Calvacante. – disse-nos pausadamente, - casada com o subtenente do exercito Luiz Lins Cavalcante, muito conhecido em Sergipe, onde moramos há 10 anos passados.

Meu marido foi instrutor de tiro de Guerra de Propriá e depois veio servir na capital. Era ele, como todos aqui o sabem, além de sua profissão de militar, dado às letras, pois que publicava sempre produções em versos. Deixamos aqui muitas relações, pois meu marido era muito bom, jovial, comunicativo. Queríamos voltar ao norte, matar a saudades dos nossos sertões, das nossas praias, dos nossos coqueiros farfalhantes. Por isso o Cavalcante solicitara ao General Pinto Guedes, de quem era amigo a sua transferência pra cá. Foi atendido com a designação para servir no Batalhão aquartelado em Campina Grande. Eu ficaria em Recife, minha terra, até que meu marido, que é alagoano, instalasse a nossa casa.

A satisfação devia ser extraordinária, interrompemos.

- Sim é verdade, Luiz que conta hoje 38 anos de idade, e tempo de serviço dobrado por atividades em períodos revolucionários, pretendia, dentro de 11 meses justos, requerer reforma e dedicar-se a outro ministres civis. Era só em que ele falava. Apesar de ser bem moço, estava já cansado de servir a tropa. Embarcamos no rio no Araraquara, que trazia carregamento bélico, uns dez oficiais muito jovens, recentemente convocados e várias famílias. Era também passageiro o meu irmão sargento Valdemar Figueiredo Lemos. Eu, meu marido, meus três idolatrados filhos, pedaços do meu coração, o Antônio, 11 anos, nascido aqui em Sergipe, Helio de 10 e Noemi de 1 ano e 8 meses, achavam-nos repousando no camarote. Meu querido esposo contava historietas às crianças que riam muito. Nisto (eram 9 horas da noite), ouvimos um fortíssimo estrondo acompanhado de um tremendo abalo no vapor. Espalha-se o pânico, a confusão. Gritos lancinantes varam a noite negra. A pessoa do vapor se altera rapidamente. Subimos aos trancos para o tombadilho. Como alucinado meu esposo grita-me: Salve-se, Alaíde, que eu tomo conta das crianças. Empurrava os maiores para a baleeira que lhe estava a mão e com a filhinha nos braços procurava descer com alguma dificuldade. Tripulantes e passageiros se atiravam ao mar procurando agarrar-se às baleeiras. Agarrei-me a uma baleeira de borco sobre as águas e consegui subir, depois de um mergulho, auxiliada pelas ondas bravias, furiosas, a uma das travessas que servem de assento.

- E conseguiu, assim, acomodar-se? Interrogamos

- Sim, ficando com as costas para o fundo da embarcação. Cinco tripulantes, inclusive um velho, que muito me auxiliaram passando-se um cabo para segurança, ficaram comigo nesta posição na baleeira que começou a andar ao sabor das ondas, emborcada sempre. Respirávamos por dois buracos feitos pelos nossos companheiros de deslitas no fundo da embarcação, pelos quais, lobrigamos, na maior aflição, as luzes de foguetes das baleeiras que se distanciavam da que nos conduzia.

A luta com as ondas encapeladas, pois que começou a chover horrivelmente, arrancou-nos a roupa, deixando-nos seminus. Um vagalhão violento arrebatou um dos nossos companheiros, muito moço, português, sepultando-o no mistério das águas traiçoeiras.

Ficaram 4 companheiros. Navegamos ao sabor das ondas, sem rumo, durante toda a noite. Ao amanhecer do domingo percebendo que eu procurava proteger meu natural pudor com as tiras da vestimenta esfarrapada, um dos companheiros arrancou a camisa e deu-me declarando: Dona, não tenha o receio; a senhora nos

considere irmãos nesta desgraça. Grande coração e sagrada compreensão do dever moral!

Lutamos com as ondas desde as 9 horas da noite do sábado até as 8 horas da manhã de segunda-feira, quando fomos dar à praia. Só ai, deitada na praia, sem roupa, morta de fome e sede, com os meus generosos companheiros, eu tive a consciência perfeita da desgraça que me feriu profundamente. Onde estaria os meus idolatrados filhinhos e o meu desvelado e querido esposo!

Um menino apareceu na praia e nos conduziu à cabana próxima de uns caridosos praianos que nos deram alimento e algumas peças de roupas velhas, com que cobrimos a nossa nudez.

Horas depois, um caminhão de Estância nos conduzia aquela cidade, onde fomos recebidos carinhosamente pelo povo e pelas autoridades.

O resto o senhor já sabe. Estou aqui hospitalizada, sem saber onde me levará o destino, na esperança, entretanto de que a qualquer instante Maria Santíssima me trará o meu Luiz e os meus inocentes filhinhos, que é possível, eu creio, que estejam vivos, recolhidos por alguma embarcação ou despejados em alguma praia, à espera de socorro.

*Satisfeitos, despedimo-nos daquela desolada esposa e mãe, respeitável na majestade do sofrimento inigualável, vítima, como outros, da ferocidade dos inimigos da civilização, da humanidade.*²⁰³

As águas sergipanas são historicamente traiçoeiras, pois desde a colônia registraram-se muitos naufrágios nessa região atlântica. Do ponto de vista geográfico, ainda tem outras peculiaridades. A formação das ondas, por exemplo, inicia-se distante das praias. De acordo com as memórias de Mário Cabral, “as ondas são fortes e violentas, mas vem de longe, uma sobre as outras, sucessivamente, em uma cavalgada que não tem fim, rolando sobre um fundo plano e sem abismo”.²⁰⁴

Em mar aberto, por sua vez, os sobreviventes precisaram de um esforço dantesco para permanecer à superfície. Um dos aspectos mais angustiante para um naufrago era o olhar ao redor e perceber a desgraça coletiva. A estrutura psicológica de muitos foi abalada, alimentando angústias, despertando pânico ou medo, gerando violência, loucura e até suicídio. A instabilidade do mar, a exaustão física e a exposição ao sol trouxeram problemas aos naufragos: desorientados, desidratados, desnutridos, traumatizados, enlouquecidos, ofegantes, dentre outros.

Os naufragos dos navios torpedeados morreram por diferentes razões: “queimados” na detonação do torpedo ou na explosão da caldeira; “mutilados” pelas ferragens ou pela movimentação da hélice; “afogamento” devido a inundação do navio ou exaustão física em mar aberto ou sucção da embarcação ao ser tragada pelo mar; “metralhados” pelos submarinistas inimigos; e por fim, “distúrbios psicológicos” de não suportar uma situação extrema.

²⁰³ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 19 de agosto de 1942, pp. 1 e 3.

²⁰⁴ CABRAL, Mário, op. cit., p. 174.

Para quem estava à deriva, em um mar de guerra, o perigo poderia vir repentinamente de todos os lados: um submarino agressor, uma onda mais forte e um tubarão oportunista. O litoral de Sergipe é infestado de cações. As memórias de João Martins do Nascimento²⁰⁵ embarcaram esta pesquisa em histórias dramáticas, “se topas um camarada, um naufrago, por exemplo, vier se debatendo sobre a água nadando e encontrar um cação, o cação corta ele, e corta mesmo, meio a meio, comendo pedaços, e outros pedaços, deixando osso”.²⁰⁶

De acordo com acervo fotográfico do Arquivo Público do Estado de Sergipe, dezenas de cadáveres chegaram mutilados às praias locais. Através de uma rigorosa análise iconográfica foi possível identificar ataques de tubarão nas vítimas, pois elas tiveram o braço, o pé ou a perna arrancada do seu corpo. Outros apresentavam a pele deteriorada, os olhos espocados e a língua pinicada, eram sinais da interferência de peixes, de siris ou de caranguejos. Terceiro, as ossadas encontradas à beira mar pela polícia aracajuana, eram indícios da atuação de raposas ou de urubus, atraídos pelo forte odor dos cadáveres.

Os relatos de ataque de submarinos eram comuns entre os naufragos e os pescadores entrevistados. Com base em sua experiência de vida, João Martins do Nascimento explicou com riquezas de detalhes como identificar os ataques dos cações.

Por causa da mordição que a pessoa apresenta: comido pedaço, arrancado o pedaço. Aí já sabe que foi cação. Porque outro peixe não tem dente, não morde ninguém e nem tira pedaço de ninguém. Agora viu na praia um corpo tirado pedaço, sem a metade foi o cação, o tubarão. Existem muitas espécies de cação e tubarão. Aqui tem o chapela, cação-rubela, o águia-preta, tem muitas espécies de cação. E tudo aquilo morde (...) Os cações daqui são miudinhos. Os grandões só no oceano, ou estão em lugar onde tem lajedo de pedra no oceano.²⁰⁷

Em suas memórias traumáticas, o soldado Valter Ferreira não conseguiu se desvencilhar dos gritos desesperados de quem estava na água. Ele não iria esquecer nunca mais – e isso estava em sua mente o tempo todo – que vira Gastão, também soldado como ele, dar um urro de dor enquanto nadava e depois desaparecer, mortalmente ferido por um tubarão.²⁰⁸

²⁰⁵ João Martins do Nascimento nasceu no povoado Pontal, município de Indiaroba-SE, em 1914. Conhecido como Seu Joãozinho, exerceu várias atividades profissionais: pescador, roceiro, negociador, político, etc. Chegou a migrar para São Paulo, mas não se adaptou e voltou para vida simples em Pontal, às margens do rio Real.

²⁰⁶ Entrevista de João Martins do Nascimento realizada em Povoado de Pontal, município de Indiaroba-SE. 7 de julho de 2005.

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ Depoimento do naufrago Valter Ferreira, passageiro do Baependy, ao jornalista Narciso Baltar do *Jornal do Brasil*. 8 de julho de 1971. In: WYNNE, J. Pires, op. cit., pp. 92-98.

Quem teve mais sorte foi o cearense Valdemiro Pinheiro, 38 anos idade, casado e residente no Rio de Janeiro em 1942. Era foguista do Baependy e recordou-se da visão assustadora do peixe circulando a sua tábua. Conforme suas memórias, ele foi salvo pela providência divina:

Valdemiro Pinheiro foi salvo nadando, apoiado com uma taboa do quartel do porão do navio, tendo, despido e sem nenhum alimento, nadado 33 horas até alcançar a praia. Ao sentir pisá-la, em seco, de emoção, perdera os sentidos sendo então ali socorrido pelas turmas de homens que soube depois serem da Alfândega e da Capitania do Porto de Aracaju, em serviço de pesquisas de salvamentos.

Ao nos despedir do Sr. Valdemiro, disse-nos ainda ele: “moço ia esquecendo de dizer ao Sr. Que desta vez, não pereci no bojo do “Benevolo” nem ainda na barriga de um enorme tubarão por um milagre acrescentando pela manhã da 2ª feira, quando já avistava a terra, dele aproximou-se, sem que logo o tivesse notado, um enorme tubarão, que chegou mesmo a cheirá-lo nas costas, momento em que notou a frieza do seu sopro. E continuou: Fiquei imóvel, agachado à taboa que me ajudara a flutuar, ergui os olhos para os céus e pedi à Nossa Senhora dos Navegantes que me livrasse daquele peixe. Depois, quando apavorado olhei em torno de mim, vi que o tubarão se afastara tranquilamente, sem que tivesse voltado, como costumam fazer, para atacar as presas primeiro examinam.

Tão grande foi o milagre da Santa, que durante ainda todo o resto do meu percurso sobre as ondas, a lembrança do tubarão também se me apagou da memória, e assim pude nadar despreocupado até o fim da minha dolorosa jornada.²⁰⁹

Valdemiro Pinheiro e tantos outros náufragos compartilharam histórias terríveis. O Aníbal Benévolo foi o último navio atacado pelo U-507 em Sergipe. Por viajar tão próximo à faixa terrestre de Estância, os seus náufragos foram os primeiros a atingir a praia. O Baependy e o Araraquara também estavam mais distantes da costa, mas a correnteza favorável os levou até o território. Além do mais, os tripulantes do Araraquara visualizavam o clarão de Aracaju, quando foram alvejados pelos torpedos. Portanto, a ofensiva do U-507, tanto em Sergipe como a Bahia, representou o maior ataque submarino da história do Brasil.

A experiência trágica no mar mais parecia um “aviso nazista” à população costeira do Brasil, de que algo pior poderia acontecer em suas vidas. Enquanto em terra firme, as comunidades costeiras passaram a viver sobressaltadas, com a movimentação de tantos forasteiros. No mar, os náufragos contaram com a sorte ou com o auxílio de outras vítimas. O depoimento do Valter Ferreira revelou que os inimigos se multiplicavam quando se estava à deriva. Diante desse problema, o resgate em mar aberto aumentaria a possibilidade de sobrevivência dos náufragos, mas as autoridades sergipanas concederam assistência somente a quem conseguiu chegar às praias locais, mas até lá, eles ainda tinham muitos obstáculos a vencer.

²⁰⁹ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 21 de agosto de 1942, p. 3.

Na primeira classe, o Dr. Viterbo correra para o convés com o Dr. Zamir. Para os dois não havia dúvidas: o Baependy fora atacado pelos alemães. No corre-corre os dois médicos se desencontraram. Viterbo Storry foi levado para o mar por uma onda mais forte. O navio estava com o casco virado para cima.

O soldado Valter, em seu mergulho involuntário, quase perdia o fôlego, mas terminou voltando à tona para encontrar a tábua de salvação: um banco de madeira, sem encosto, onde, em situação normal, poderiam sentar entre cinco a seis pessoas. Na escuridão, em completo desespero, o soldado agarrou-se à armação de pinho, que servira de montaria para os dois filhos pequenos do Tenente Castelo Branco, que brincavam em todos os cantos do navio, inclusive nos alojamentos dos militares. A menina e o menino tinham menos de 10 anos. Os dois mortos afogados. Foi assim, agarrado ao velho banco de madeira da 3ª Classe, que Valter passou toda a noite. Veio então a madrugada, com os primeiros clarões do dia. Momentos antes ele ouvira alguém gritar: “Irmão vem pra cá, aqui tem uma baleeira”. Valter gritara, respondendo, mas sem saber para onde se dirigir, porque o vento e as ondas faziam a mesma voz vir de muitas direções.(...)

O dia clareou, e Valter, sozinho, sem noção de onde ficava a terra. Como se estivesse sonhando, via a costa que realmente não estava à vista; via aviões de salvamento que, na verdade, não existiam. De real o soldado viu apenas um gradeado de cama patente. Nesse barco improvisado estavam o Dr. Viterbo Storry, o soldado Valter Pinto Brandão, segundo os náufragos – e o sargento Alípio Levy.²¹⁰

Enquanto os tripulantes se sentiram aliviados em sentir os pés tocarem ao chão praiano, famílias inteiras de passageiros simplesmente desapareceram ou apenas um integrante familiar sobreviveu. Neste caso, “sobreviver” mais parecia uma punição. O 1º Tenente José Castelo Branco Vercoso, passageiro do Baependy, diariamente ia às praias em busca de notícias de sua esposa e filho. Eles escaparam de suas mãos no momento em que se lançaram ao mar. O tenente carregava um grande remorso e martirizava-se por não ter conseguido ajudá-los. No entanto, não perdeu a esperança de reencontrá-los, pois dia após dia, novos náufragos chegavam à capital sergipana.

ESTÁ NA PRAIA A PROCURA DOS CORPOS DA ESPOSA E DO FILHO

Episódios mais emocionados do estúpido torpedeamento dos navios vão chegando ao conhecimento da reportagem. Um deles é o caso do tenente Castelo Branco que perdeu a esposa e o filhinho na ocasião em que se jogara com eles ao mar, de bordo do Baependy, que afundava. No momento da confusão, iam-se uns e outros atirados ao mar. O tenente Castelo Branco também fez, com a esposa e filho. Tinha-os seguros pelos braços, quando um vagalhão mais forte os arrancou e distanciou, para não mais os vê.

O tenente foi apanhado pelos náufragos que já se achavam na baleeira. Estava excitado e gritava pela mulher, relutando aceitar o auxílio que, para salvar-se lhe davam os companheiros. _ “De que me serve a vida, sem a minha mulher e o meu filho?” – dizia.

A custo ele foi colocado na baleeira.²¹¹

²¹⁰ Depoimento do náufrago Valter Ferreira, passageiro do Baependy, ao jornalista Narciso Baltar do *Jornal do Brasil*. 8 de julho de 1971. In: WYNNE, J. Pires, op. cit., pp. 92-98.

²¹¹ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 19 de agosto de 1942, p. 4.

A insistência do militar Castelo Branco em ir às praias locais em busca dos seus familiares comoveu os aracajuanos. De repente, uma notícia o encheu de esperança. Uma baleeira abicou nas praias de Estância, trazendo uma naufraga de sobrenome “Castelo Branco”, mas era uma lamentável coincidência. Esta seguia a bordo do Baependy e era filha do Cel. Castelo Branco. O piloto Walter Baptista lembrou detalhadamente do naufrago José Castelo Branco Vercoso.

O Tenente Castelo Branco me deu um trabalho terrível. Ele estava de fato muito chocado porque as ondas o haviam afastado do local onde estava sua mulher e filhos, seguros a pedaços de madeira. Falava sem parar e explicava que a atriz Vilma Castelo Branco era uma atriz e não era sua parenta. Que ela pertencia a outra linhagem dos “Castelo Branco” etc. Queria por força que o levasse de avião até o local onde havia deixado a mulher e os filhos, e, mantinha a ideia fixa de salvá-los. O Tenente Castelo Branco ficou hospedado no Hotel Central de propriedade do Sr. Aciole e Dona Glorinha aqui, defronte ao Palácio do Governo.²¹²

Duas noites que ele não se movia da beira da praia, olhos abertos para o mar, calado e alheio a tudo que se passava a seu redor, simplesmente esperando que o mar lhe devolvesse a sua família.²¹³ Entretanto, aconteceu o que o naufrago José Castelo Branco Vercoso mais temia. “Chegando a esta capital, o tenente Castelo Branco quis ir logo até a Atalaia e Mosqueiro, ver se reconhecia nos cadáveres que ali chegam os corpos de sua mulher e filho. E lá se achavam.”²¹⁴ Quando ele reconheceu seus familiares entre os mortos ficou extremamente desolado.

Figura 8 - Naufrago José Castelo Branco Vercoso desconsolado ao encontrar os corpos de sua esposa e filho no litoral de Sergipe.²¹⁵



²¹² BAPTISTA, Walter de Assis Ferreira. Solicitação de Revisão sobre a pesquisa “Baependy” publicada na Revista O Expedicionário de junho de 1982. Documento Datilografado e endereçado para Dilton Feliciano Pinto – Diretor Responsável do “O Expedicionário”. Aracaju-Sergipe. 30 de agosto de 1982, pp. 2-3.

²¹³ SILVEIRA, Joel, op. cit., pp.72-73.

²¹⁴ BAPTISTA, Walter de Assis Ferreira, op. cit., , pp. 2-3.

²¹⁵ Agressão – documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

A imagem do tenente Vercoso cabisbaixo, de camisa xadrez, segurando o chapéu sentado à beira mar e chorando a morte dos seus familiares foi publicada pelo DIP em 1943. Com uma mão segurava o chapéu, e com outra, tentava conter as lágrimas. *“O abatimento em que se encontra é grande. Não fala a ninguém, não se maldiz. É um misto de tristeza e revolta, que o acabrunha”*.²¹⁶ O drama dele nas praias de Sergipe comoveu a sociedade brasileira. Uma breve nota comentava a sua foto publicada no livro *Agressão - Documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra*. *“O naufrago do Baependy, 1º Tenente do Exército, José Castelo Branco Vercoso, depois de verificar haver perdido sua esposa e um filho, com os quais viajava”*.²¹⁷

Ao longo da guerra marítima, baleeiras variadas abicaram as praias sergipanas. Algumas superlotadas, outras vazias. Nacionais e estrangeiras. Havia as de madeira ou as galvanizadas. Eram pequenas embarcações salva-vidas instaladas nas laterais do navio e destinadas a promover a segurança do pessoal embarcado, em caso de naufrágio. Com o passar do tempo, as baleeiras sofreram transformações estruturais e foram dotadas de qualidades excepcionais: flutuação, estabilidade e manobra.

Vários homens e apenas uma mulher espremidos a bordo da baleeira. Os instantes de desespero iniciaram quando a crescente instabilidade da água balançava fortemente a pequenina embarcação. Com a proximidade da praia, aumentavam as ondas e o desespero das pessoas em enfrentar a agitação da água novamente. Sob a instância do medo de morrer afogado, começou o empurra-empurra entre os naufragos e a briga se generalizou a bordo. Uma grande onda fez a baleeira emborcar, girando sobre os naufragos. O desespero tomou conta de todos novamente. Entre os naufragos do Baependy recém-chegados estava Vilma Castelo Branco. Walter Baptista relatou que

*Eram apenas três ou quatro sobreviventes. Uma moradora próxima da praia lhe deu um vestido. Vilma contava a seguinte história: na baleeira estavam 28 naufragos do Araraquara. As ondas, às vezes, jogavam água para dentro da baleeira já muito sobrecarregada. Houve discussão por motivo que não devo repetir neste relato, e, em consequência terminaram virando o barco e ela, a Vilma, ficou metida por baixo da baleeira num bolsão de ar da proa. Quem conseguiu sobreviver subiu na quilha e ela ficou por baixo no bolsão do ar.*²¹⁸

²¹⁶ BAPTISTA, Walter de Assis Ferreira. Solicitação de Revisão sobre a pesquisa “Baependy” publicada na Revista O Expedicionário de junho de 1982. *Documento Datilografado e endereçado para Dilton Feliciano Pinto – Diretor Responsável do “O Expedicionário”*. Aracaju-Sergipe. 30 de agosto de 1982, pp. 2-3.

²¹⁷ *Agressão – documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

²¹⁸ *Ibidem*, p. 2.

Esse bolsão de ar que Walter Baptista se refere é a baleeira emborcada em cima de Vilma Castelo Branco. Enquanto internamente, ela se desesperava dentro desse bolsão, batendo no fundo da embarcação e gritando por socorro. No exterior, os homens alcançaram o bote e sentaram em sua quilha. Na luta pela sobrevivência não havia espaço para cavalheirismos. No entanto, uma ondulação mais forte desvirou a baleeira e somente ela seguiu a bordo. A história dos naufragos em Sergipe foi de uma selvageria inesperada para homens e mulheres à deriva.

Batia muito no casco para ver se era socorrida. De fato estava com as mãos muito escoriadas. Alguns metros da praia de Mosqueiro a arrebentação desvirou a baleeira e os que estavam em cima foram tragados pelo mar e devorados por tubarões. Ela ficou dentro do barco. Somente 3 ou 4 conseguiram novamente subir no barco e salvaram-se. Essa narração de Vilma Castelo Branco os outros sobreviventes confirmaram como exata.²¹⁹

Não se tem exatidão ou imparcialidade nos relatos de época. A história de Vilma Castelo Branco evidencia que seguir a bordo de uma baleeira nem sempre era uma situação confortável, pois a realidade de um naufrágio era severa para todos. A impressionante vontade de viver alimentou a resistência do grupo. Estes seguiram em frente, mesmo quando o mar insistia em colocar tantas adversidades. Era necessário ficar atento às mudanças repentinas nas condições climáticas, no sentido da correnteza marítima; nas arrebentações das ondas próximas às praias; as áreas estuarinas e a força do vento.

Além desses aspectos geográficos, a potiguar Vilma Castelo Branco apresentou sua versão dos fatos. Eis o seu depoimento sobre a barbárie nazifascista:

- Eu me achava, há dias, na Bahia, em visita a amigos do meu metier artístico. Dedico-me, também, com proficiência, aos esportes, como sejam, de preferência hipismo, esgrima, basket e, sobretudo natação, em que sou perita. Os jornalistas da cidade de Salvador registraram, com fotografias, essas minhas predileções, entre outros.

Resolvi tomar passagem do Baependy, com destino a Recife onde tenho minha avó, de 80 anos, e dois filhinhos, um garoto de 3 anos e 4 meses e uma menina de 4 anos. Encontro, por coincidência, a bordo com meu pai, o Cel. da reserva do exercito José Valério Castelo Branco, residente em Niterói, de onde, após uma intervenção cirúrgica, ia repousar uns tempos em Recife. Alegrei-me como era natural. O Baependy navegava sem novidade quando, às 19 horas do sábado último, a 60 milhas da Barra do Rio Real, recebe um torpedo que o fez adernar e, em seguida, outro, que o partiu ao meio.

Acha-me no tombadilho e sem tempo de rever meu pai, lancei-me ao mar de uma altura de 10 metros. O navio submergia rapidamente, e eu, que sou uma excelente nadadora, a braçadas dele me afastei, indo encontra a uns 30 metros uma criancinha, presumivelmente de 3 anos, a debater-se. Agarrei-me, porém uma onda mais alta e violenta arrebatou-lhe. Eu ouvia somente gritos de socorro, suplicas lamentos angustiosos de cerca de 300 passageiros entre tripulantes, soldados, civis, senhoras e crianças.

²¹⁹ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 19 de agosto de 1942, p. 2.

Era um quadro dantesco, de cortar o coração! Com largas braçadas encontrei um remo. Agarrei-me a ele. Nisto ouço em meio à escuridão, uma voz pedindo-me auxílio. Era o 1º radia-telegrafista Baltazar Santos Pereira.

Gritei-lhe que se segurasse nos meus pés. Ele assim o fez. E continuamos a vagar, assim, até que alcançamos muito longe, uma prancha com três náufragos, que nos recebeu também.

Topamos, mas adiante, já de madrugada, uma baleeira tripulada por 23 náufragos. Incorporamo-nos, os cinco a ela. Éramos agora 28. Esta embarcação estava com um enorme rombo, prestes a soçobrar. Tirei os meus vestidos leves para tapar a grande breca, ficando eu apenas com a simples calça. Os meus companheiros dedicados e honestos, também seminus, me viam ali, com olhos de crianças inocentes, como se eu fosse sua irmã. Nesses momentos os instintos inferiores cedem e passa à piedade, à virtude que sublima o homem.

Só as 10 horas do domingo alcançamos a praia. Um dos companheiros, oficial, cedeu-me a sua túnica para cobrir-me o busto. E viajamos, exaustos, famintos, sequiosos, pela orla deserta do oceano, até que às 5 horas da tarde do domingo, quando chegamos ao povoado Coqueiro, onde o Sr. Salgadinho, proprietário ali, nos deu generosamente alimento e roupa. Rumamos em canoa até Estância, onde o povo, autoridades, médicos no cumulavam de finezas que não se apagam.

Saímos às 13 horas para aqui, aonde chegamos às 15. Eu e meus companheiros de infortúnio temos recebido todas as atenções do governo, nada nos faltando, desde a hospedagem, o vestuário e até a hospitalidade.

Como perguntássemos se não estava resignada com a sorte que o destino lhe reservou, a senhora Vilma respondeu:

- Francamente não. Julgo-me uma criatura infeliz. Única sobrevivente do meu sexo no torpedeamento, eu devia também ter perecido com os outros desgraçados. Sobretudo sinto o fim trágico de tantas criancinhas, imagens de meus filhos, para quem faltou a piedade dos monstros totalitários. E desatou a chorar. Despedindo-nos, respeitando aquela dor que era sagrada.²²⁰

A campanha dos U-boots em Sergipe ceifou a vida de centenas de brasileiros e geraram relatos traumáticos. Após essa experiência dramática, Henrique Francisco dos Santos voltou a morar no sítio da sua família em Aracaju. No entanto, sentia falta da vida que levava no Rio de Janeiro, dos colegas marinheiros e das atividades no Lloyd Brasileiro. Então, resolveu voltar, esta decisão do tio causou muita preocupação à avó de Salvelina, pois muitos colegas dele perderam a vida nos torpedeamentos. Ela ainda recordou: *A minha avó ficou muito triste, chorava muito para ele não embarcar. Ele não embarcou, parou quase um ano. Depois ele disse que não se acostumava mais com a vida no sítio.²²¹* Quando chegou à capital federal, o moço de convés foi agraciado com o apelido de “peixinho do mar”. Salvelina explicou essa história.

Vilma Castelo Branco disse que era a maior vontade de conhecer ele. Ela perguntou quanto ele queria. Ele disse que não queria nada. Que ali naquela aflição ele tinha que salvar quem viesse. E que não queria nada. Então, de presente, ela mandou fazer um peixe e botou na frente da casa dele. Com o nome “Peixinho do Mar”. E

²²⁰ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 20 de agosto de 1942, pp. 1 e 3.

²²¹ Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju-SE, 19 de julho de 2006.

*todos do Lóide se você perguntasse: - Conhece Henrique? Não. E Peixinho do Mar? Eu conheço. Todo mundo conhecia no Rio de Janeiro.*²²²

Em meio aos ataques nazistas era possível encontrar exemplos de superação, de resistência e de solidariedade. Mais do que gratidão, “peixinho do mar” era uma forma mais amena de se contar a história da Guerra Submarina em Sergipe. O aracajuano Henrique virou herói por conseguir cortar as cordas da baleeira e ajudar a recolher quem estava na água. Entretanto, seria necessário um cardume de “peixinhos do mar” para salvar tantas vidas.

Centenas de brasileiros se transformaram em náufragos graças ao poder transformador da guerra. No intervalo entre o rompimento diplomático com as nações do Eixo (28/01/1942) e a declaração formal de guerra à Alemanha e à Itália (31/08/1942), dezenas de navios foram atacadas por submarinos eixistas. Entender esses torpedeamentos sob o prisma da História Social significou não apenas visualizar navios afundados, mas perceber a luta dos sobreviventes no mar, a dor dos familiares que perderam seus parentes nos naufrágios, os conflitos sociais nas cidades costeiras e as respostas da população às agressões submarinas. Os homens, as mulheres, os jovens e as crianças do Brasil não ficaram indiferentes aos ardores da Batalha do Atlântico.

²²² Idem.

CAPÍTULO III

ARACAJU TORPEDEADA:

O PERIGO DOS INIMIGOS INTERNOS

*Os espiões, os quinta-colunistas e os denunciantes
das partidas dos nossos navios, irão de pá e
picareta, abrir estradas no interior do Brasil.
Presidente Getúlio Vargas²²³*

Como as práticas beligerantes dos submarinistas alemães na costa de Sergipe repercutiram no cotidiano de Aracaju? Por que esse evento naval teve o poder de alimentar o caos? De que forma se luta contra um inimigo invisível? Enfim, como diferentes grupos sociais construíram suas memórias sobre os torpedeamentos? A chegada dos naufragos representou a comprovação do irromper da guerra e o desmoronamento da ordem social dos aracajuanos.

Tantas vítimas da Guerra Submarina exerceram uma influência fatídica sobre os homens costeiros, incitando-os a perseguir estrangeiros, caçar integralistas e promover os quebra-quebras. Os sucessivos tumultos foram os primeiros sinais da emergência do caos na cidade de Aracaju. Os historiadores precisam analisar esses fenômenos microssociais de 1942, com mais profundidade e não encará-los apenas como ato de vandalismo ou de violência.

Após os torpedeamentos, os estudantes foram às vias de fato, e com truculência, invadiram casas, lojas e sítios dos suspeitos de serem comparsas dos submarinos agressores. Enquanto populares saqueavam a casa, os estudantes mais se preocupavam em encontrar provas que incriminassem os seus moradores suspeitos e demonstrasse que a estripulia juvenil não foi em vão. Essa sublevação em volta do prédio não era espontânea, pois os alvos eram previamente escolhidos: os proprietários alemães, italianos, espanhóis e sergipanos (integralistas e/ou simpatizantes da Alemanha Nazista).

Na casa dos Mandarino encontraram os seguintes materiais “subversivos”: radiotransmissor, foto de Hitler e Bandeira da Itália. Na fazenda em Colégio, dessa mesma família italiana, a polícia encontrou outro radiotransmissor e material bélico.

Encontrava-se aqui na cidade um cidadão com o nome de Nicola Mandarino. Ele tinha um armazém ali na avenida João Ribeiro esquina com a avenida Coelho Campos. Ainda hoje existe esse prédio lá onde está instalado o Banco do Brasil (...)

²²³ Discurso de Getúlio Vargas. *O Nordeste*. Aracaju-SE, 20 de agosto de 1942, p. 1.

Ele fazia desse prédio um armazém, ali tinha muita mercadoria, produtos alimentícios. Aonde ele, segundo se dizia, reservava aquilo como estoque para poder suprir as necessidades da guerra, mas nesse período houve uma revolta popular que muitos jovens procuravam pela cidade, com pedaço de pau na mão, aquele grupo de jovens, saindo pela cidade procurando nazistas, os fascistas, os falsos patrióticos, os quinta-colunas, os integralistas... E Nicola Mandarino era um quinta-coluna. Uma multidão de gente com pedaço de pau na mão e arrebentaram tudo, muitos produtos foram jogados na rua, mas não encontraram nada e nem Nicola Mandarino.²²⁴

Ao lado dos estrangeiros perseguidos estavam os sergipanos adeptos do integralismo. João Alves da Costa Ouro também sofreu a depredação do seu estabelecimento comercial e os invasores encontraram: cartões de propaganda da Alemanha de edição espanhola. Ao promover a depredação dos lares suspeitos, os estudantes não se viam como arruaceiros, ladrões ou vândalos, mas sim como verdadeiros patriotas. Claro que entre a multidão sempre havia aqueles homens mais oportunistas, esperando o momento certo para surripiar o bem alheio. Já os estudantes vinham de famílias estruturadas e seus pais dissentiram que seus filhos se transviassem para o mundo do crime. Portanto, os quebra-quebras nasceram do movimento estudantil e se transformaram tumultos sociais.

Com os ânimos mais calmos, o policiamento sergipano ganhou o reforço de tropas militares da Bahia. Com um efetivo militar maior, as autoridades políticas se manifestaram contrárias ao pandemônio que se instalou no cotidiano de Aracaju. Então, o governo estadual procurou combalir os quebra-quebras. Os cidadãos deveriam seguir as orientações de segurança com ordem e disciplina, pois as depredações foram consideradas comportamentos inaceitáveis.

As autoridades do Estado estão com o povo, em sua indignação e repulsa, contra os atos de pirataria bárbara que acabam de ser praticados pelos inimigos da Pátria. Com o povo estão prontos para a luta e para todo sacrifício a bem da integridade e da honra nacionais. Mas, advertem que será mantida a maior ordem e disciplina. Não há razões que justifiquem as depredações e os atentados aos bens de qualquer natureza. Que o povo saiba respeitar a propriedade particular, não permitindo que alguns inescrupulosos se intrometam em seu meio, aproveitando a mais justa indignação, para rebaixar o sentimento da sua repulsa. Com o povo a autoridade marchará sempre a caminho da defesa da nação, porém, não pode e não deve permitir a destruição de um patrimônio que poderá ser utilizado pelo Estado para a justa compensação dos prejuízos sofridos. Assim é que se espera de todos os sergipanos a disciplina necessária para enfrentar o momento. Este é o desejo e a ordem do GOVERNO.²²⁵

A leitura dessa nota oficial deixou transparecer que o governo maynardista “ordenou” o respeito às propriedades privadas, às leis vigentes e à política compensatória em relação aos

²²⁴ Entrevista de Paulo de Oliveira Santos realizada em Aracaju-SE, 10 de agosto de 1999.

²²⁵ Nota do DEIP-SE publicada pelo *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 21 de agosto de 1942.

prejuízos gerados pela guerra marítima e pelo cancelamento das atividades navais no ancoradouro urbano. As sucessivas ondas de vandalismo levantaram questões importantes: quem eram os moradores das casas depredadas? Haveria uma célula nazista atuante em Aracaju? Como identificar um comparsa dos submarinistas no meio social? Algum suspeito era perito na arte da radiotelegrafia? Enfim, a espionagem militar do Terceiro Reich foi ou não uma realidade entre os aracajuanos? Em busca dessas respostas, a Chefatura de Polícia de Sergipe prendeu 57 suspeitos, estas pessoas tiveram suas residências vasculhadas pelas autoridades e elas foram divididas em dois grupos: estrangeiros eixistas e brasileiros.

De acordo com o Inquérito Policial instaurado logo após os torpedeamentos, os prisioneiros foram divididos em três categorias: 1 - os estrangeiros eixistas (alemães, italianos e espanhóis); 2 - os integralistas fervorosos (sergipanos e brasileiros de outros estados); e por fim, o 3 - os amigos comerciais da Alemanha (comerciantes aracajuanos). Enoque Santiago, então Chefe de Polícia de Sergipe, explicou os critérios para se chegar aos suspeitos.

A princípio tínhamos procedido ao inquérito englobando alemães, italianos, brasileiros, integralistas, e brasileiros que não sendo integralistas, se devotam pela Alemanha, explicando a sua devoção como uma chamada simpatia... comercial. Depois, por determinação que recebemos, separamos as indagações, autuando os estrangeiros em um volume em separado, e seguindo com o inquérito dos nacionais, até seu devido termo". Ouvimos, então, cinquenta e sete pessoas, na sua maioria gente qualificada (...). Então, procedidas algumas prisões, feitas algumas buscas e apreensões, ouvidas alguns alemães, italianos e nacionais, vimos relatar o quando podemos observar, que seja merecedor de apreciação.²²⁶

Diante de um clima de insegurança generalizado, o imaginário social dos aracajuanos urdiu complôs, tramas e emboscadas. De súbito, qualquer pessoa poderia se tornar um espião, um nazista, um fascista, um quinta-coluna... enfim, um traidor da pátria. Em virtude dessa peculiaridade, alguns “maus brasileiros” se tornaram vítimas da ira popular. Em caráter de urgência, a polícia sergipana averiguou a procedência ou não das acusações.

Era perturbador saber que os assassinos eixistas poderiam ter comparsas infiltrados entre os sergipanos. No entanto, havia também os semeadores de discórdia, que se aproveitavam da perseguição aos suspeitos para atingir seus objetivos inescrupulosos: saquear a casa do infrator; pilhar objetos; apedrejar as vítimas; promover quebra-quebra; comprar prédios ou sítios.

Dentro da perspectiva de Michel de Certeau, pode-se analisar as anormalidades que envolveram o espaço urbano de Aracaju na conjuntura da guerra.

²²⁶ Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942, p. 1.

A “cidade”, à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. Nesse lugar organizado por operações “especulativas” e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação. De um lado, existem uma diferenciação e uma redistribuição das partes em função da cidade, graças a inversões, deslocamentos, acúmulos etc.; de outro lado, rejeita-se tudo aquilo que não é tratável, e constitui, portanto os “detritos” de uma administração funcionalista (anormalidade, desvio, doença, morte etc.)²²⁷

A anormalidade dos torpedeamentos trouxe consigo o desconhecido, o estranho, o assustador, o novo e fez inimigos múltiplos saltarem aos olhos assustados dos sergipanos, justamente porque a Guerra Submarina era um tipo de confronto que desafiava o entendimento coletivo, que insistia em trazer o conflito para a vida social. Como enfrentar inimigos invisíveis no mar e camuflados em terra? De que maneira se pode garantir a segurança coletiva? Em 18 de setembro de 1942, as autoridades policiais apresentaram as razões para abertura do inquérito:

Em consequência dos torpedeamentos dos navios nacionais de cabotagem, em águas do nosso Estado, pelos submarinos alemães, ocorreram nesta cidade acontecimentos populares, que determinaram a abertura de um inquérito, para apurar as responsabilidades, de quem as tivesse, em face ao inimigo agressor, ou contra a Pátria.

Nada mais justo neste momento, em que os laços de patriotismo se afrouxam, e indivíduos sem escrúpulos e falhas de dignidade põem-se, às vezes, a serviço do invasor, como temos a experiência em vários países que foram ocupados, com a ajuda de seus nacionais.

Dessa maneira todo cuidado seria preciso, para o bem do Brasil, neste recanto da nacionalidade, que é Sergipe, escolhido pelo destino para sofrer a agressão; e, então era de mister, conhecer o procedimento e analisar as atitudes de certos indivíduos, que, pelos seus modos na sociedade, pudessem seguir o exemplo dos que ajudaram a trair as suas próprias pátrias: a Holanda, a Bélgica e a França.²²⁸

Diante dos “laços de patriotismo frouxos”, as palavras iniciais do inquérito revelaram a maior preocupação das autoridades locais: o inimigo interno. Era preciso analisar as atitudes de certos indivíduos suspeitos, para estes não mirarem o exemplo dos que ajudaram a trair as suas próprias pátrias e fizeram a Holanda, a Bélgica e a França caírem sob o julgo do domínio nazista.

O torpedeamento dos navios foi uma realidade “de fora para dentro” e os aracajuanos precisavam criar um alinhamento interpretativo “de dentro para fora”. Nesta via de mão dupla, os documentos do judiciário permitiram visualizar as práticas dos policiais, o interrogatório dos suspeitos, o arrolamento de provas, as discussões ideológicas e a visão social sobre o governo

²²⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1- Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 173.

²²⁸ Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942, p. 1.

varguista. Portanto, o mundo Atlântico e a cidade de Aracaju não eram localidades ladeadas, marginais ou distantes, mas vinculadas uma à outra.

As informações documentais colhidas no fundo do Departamento de Segurança Pública de Sergipe estavam em sintonia com os interesses institucionais do Estado Novo: exaltar o regime varguista, cultivar o nacionalismo, criticar os regimes totalitários e perseguir os opositores. Elas defendiam a ditadura varguista, apresentando-a como “um momento de liberdade” e “tempos de felicidade” para os brasileiros. Portanto, os documentos oficiais mais refletiam a si mesmos, do que a realidade conflituosa do cotidiano.

*Em nossa Pátria, somos tão livres e tão felizes, que mesmo respondendo a processo, gozamos dos maravilhosos dons de liberdade, aquela que não castiga, que não possui a organização da Gestapo, antes assegura aos acusados os meios de defesa, e, sobretudo se distancia das doses de óleo de rícino e do pescoço ao cepo para o golpe do machado, fervorosas instituições do integralismo e do nazismo.*²²⁹

Os documentos do judiciário costumavam descrever Getúlio Vargas como “democrata de raça, batizado de sangue em duas revoluções liberais, imprimiu em sua segunda administração o culto do direito, com que ficara sagrado na primeira”. O Estado Novo asfixiou o espírito de liberdade, subverteu informações a seu bel-prazer, perseguiu os criminosos políticos e lançou-os nos silenciosos cárceres penitenciários ou em isolados campos de concentração ou em distantes colônias rurais de detenção.

Após os torpedeamentos, estrangeiros ou brasileiros detidos por suspeita de *crimes de guerra* foram submetidos a punições severas. Inversamente do que apontou o inquérito instaurado em Sergipe, os acusados não tinham meios plenos de defesa. Alemães e italianos enfrentaram dificuldades variadas na Penitenciária de Aracaju: celas atulhadas, péssimas condições higiênicas e convívio com presos violentos, dentre outros.

O tratamento severo que alemães e italianos receberam do governo varguista foi alvo das análises do *brasilianista* Stanley Hilton. Ele compartilhou informações documentais sobre a situação dos presídios nacionais, a exemplo de uma mensagem do embaixador Pruefer enviado à Buenos Aires, em fins de julho de 1942. Neste documento, o diplomata alemão mostrou-se indignado com as práticas de torturas: “o mau tratamento consiste em golpes com uma clava, pontapés nos órgãos genitais, deslocação de dedos, picadas com agulhas, extração

²²⁹ Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942, p. 2.

de cabelos corporais, queimaduras com cigarros, e em ser obrigado a ficar em pé, nu, por período até de 48 horas”²³⁰

A violência das ruas se apresentava pior do que a dos presídios. Era só saber que outro navio brasileiro foi torpedeado, para inflamar a ira social. De acordo com a nota emitida pela Agência Nacional do Brasil, e publicada no Correio de Aracaju, em 23 de março de 1943, a aversão aos estrangeiros existia em muitos casos, chegou-se ao extremo:

*As primeiras horas da noite do dia 20 de março de 1943, José Evaristo Pacheco, maranhense, padeiro, casado, com 32 anos de idade, tomando de alucinação ao saber do afundamento do navio “Afonso Pena”, assassinou, com oito punhaladas, na Praça João Lisboa, o ponto mais concorrido da cidade, um engraxate italiano. Preso em flagrante, declarou que, após ler a reportagem do torpedeamento do Afonso Pena, saiu de casa com o propósito de matar italiano, alemão ou japonês, o que encontrasse. Defrontando-se com a vítima em sua engraxataria, executou o seu projeto, cravando uma faca no peito da vítima.*²³¹

Em face da crescente “política de desgermanização”, ignorou-se a importante contribuição dos alemães na sociedade sergipana. Com base nas alterações emanadas pelo Decreto Lei Nº 39, de 19 de agosto de 1940, a Prefeitura Municipal de Aracaju, mudou o nome da antiga rua Vila Nova para rua Altenesch, em homenagem ao engenheiro civil Hermann Otto Wilhelm Aredt Von Altenesch, por ocasião de sua morte, cidadão alemão que aqui viveu na década de 1930, dedicado aos ramos da arquitetura e construção.²³² A modernização da Ponte do Imperador, a construção de residências e o 1º Jardim de Infância Augusto Maynard foram exemplos de seus trabalhos arquitetônicos. Dois anos depois, o decreto foi anulado, em virtude das práticas nacionalistas do prefeito José Garcez Vieira. Homenagear os inimigos existia era considerado um ato ultrajante, então, o Decreto Lei Nº 22, de 21 de agosto de 1942 denomina rua Duque de Caxias a antiga rua Altenesch e a inaugura em 25 de agosto de 1943.

Diante dos vários nomes recebidos pela rua aracajuana (Vila Nova, Altenesch e Duque de Caxias) e os interesses políticos embutidos em apagar a memória de uma época para outra, Pierre de Nora atribuiu o importante papel do historiador em entender essas mudanças. “À medida que desaparece a memória tradicional em detrimento de outras novas, nós nos

²³⁰ HILTON, Stanley. E, op. cit, p. 290

²³¹ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 23 de março de 1943, p.4.

²³² PORTO, Fernando de Figueiredo. *Alguns Nomes Antigos do Aracaju*. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda, 2003, pp. 21-22.

sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi”.²³³

3.1 – Quinta Coluna: a ameaça do inimigo interno

Enquanto externamente os submarinos alemães representaram a maior ameaça à vida dos brasileiros no tempo da Segunda Guerra Mundial, no interior das cidades costeiras de Sergipe, as autoridades policiais se preocuparam em identificar as quintas-colunas. À época, acreditava-se que esses indivíduos (nacionais ou estrangeiros) colaboraram, secretamente, com os agressores navais. Dissimulados, os supostos adeptos do quinta-colunismo foram acusados de desenvolver as seguintes atividades subversivas: disponibilizar as rotas dos navios mercantes em Sergipe e na Bahia; informar o deslocamento de tropas militares a bordo do Baependy; auxiliar uma provável invasão nazista às praias nordestinas; espionar as ações militares das Forças Armadas do Brasil; fomentar boatos desordeiros entre a população civil; cooperar com a ação de forasteiros; e por fim, enviar códigos através de radiotransmissores. Em outras palavras, a força do quinta-coluna residia tanto na possibilidade de “atacar de dentro”, como na capacidade de desmobilizar uma eventual resistência dos brasileiros ao desembarque repentino das tropas alemãs em sua costa atlântica.

Afinal, o que significa quinta-coluna? A ameaça do “inimigo interno” nasceu na Espanha, no tempo da Guerra Civil (1936-1939), atribuída aos simpatizantes do general Franco que residiam no interior da cidade de Madri. Em direção a ela, marchavam “quatro colunas”, alimentando a expectativa de um intenso confronto dentro da capital hispânica. No entanto, as tropas fascistas tinham uma arma secreta contra seus opositores: os madrilenos que os apoiavam como “quinta-coluna”. Esse elemento surpresa no interior social foi determinante para a vitória dos franquistas. Esse e outros eventos deixavam claro que o mundo marchava firmemente em direção à maior conflagração bélica da História moderna.

Na busca de respostas para entender o perigo representado pelo submarino, os sergipanos encontraram outros inimigos em seu cotidiano: o quinta-coluna, o camisa-verde, o boateiro e o espião. Em batalha contra esses inimigos invisíveis, o imaginário social aumentou o clima de desconfiança. Portanto, o quinta-coluna existia não para si só, mas para auxiliar em tempo de guerra uma provável invasão inimiga do exterior para o interior. De acordo com as análises de Jean Delemeau,

²³³ NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*. PUC-SP. São Paulo. Nº 10.1993, p. 15.

*Quanto mais for intenso o medo coletivo, mais se terá tendência de acreditar em várias conjurações apoiadas em ramificações adversas. Não que a quinta-coluna seja um mito. Mas em qualquer tempo, o temor que dela se teve ultrapassou os limites do real e do possível. Assim, um rumor é na maioria das vezes a revelação de um complô, isto é, de uma traição.*²³⁴

A caçada ao quinta-coluna de fato intensificou-se com a opinião pública à medida que a febre do quinta-colunismo emocionava o país inteiro e a polícia brasileira, de uma extremidade à outra, redobrava esforços para neutralizar agentes inimigos.²³⁵ Diante desse mar de insegurança, o “quinta-coluna sergipano” emergiu no meio social e espalhou a desconfiança com o outro, o colega, o vizinho, o forasteiro, o amigo e o parente. A sua ação não se limitava ao plano militar, mas também em minar as estruturas sociais. “O povo deve estar alerta contra as denúncias infundadas. Essa é um das modalidades de ação da quinta-coluna, a fim de cavar a desconfiança e a discórdia entre todos”²³⁶, nota de esclarecimento enviada pelo gabinete do Interventor Augusto Maynard Gomes aos jornais aracajuanos. No tempo do Estado Novo, muitos cidadãos nutriram um ódio feroz pela ditadura varguista e criticaram a presença crescente dos norte-americanos no país. Então, alguns brasileiros – nem sempre descendentes de alemães – também se prestaram à infâmia de nutrir simpatia pelo nazismo e estavam dispostos a trair a própria pátria.

Clandestinamente, acreditava-se que o quinta-coluna agia sorrateiro no interior da sociedade brasileira. Esse temor serviu para recrudescer, ainda mais, as práticas ditatoriais, incentivar a perseguição a grupos suspeitos e discriminar os estrangeiros taxados de “eixistas”. Evidentemente, que as células de espionagem atuaram no Brasil, mas o olhar de desconfiança social estava impregnado de subjetividades: inveja, intolerância, raiva, cobiça, preconceito, oportunismo, prazer, retaliação e não apenas de dever patriótico, como afirmava o DIP. Ou seja, o governo varguista silenciava e censurava o que o próprio poder desejava esconder. Além dos estrangeiros, dois grupos políticos também foram acusados de agirem contra o Brasil: os comunistas e os integralistas. *A ninguém mais, diante dos fatos concretos, é dado negar que, no Brasil, existe realmente uma quinta-coluna e que esta se compõe não só de estrangeiros, mas, na sua maior parte de maus brasileiros, a maioria dos quais pertencentes à extinta AIB.*²³⁷

²³⁴ DELUMEAU, Jean, op. cit., p. 184.

²³⁵ HILTON, Stanley E, op. cit., p. 320.

²³⁶ *O Nordeste*. Aracaju-SE, 31 de agosto de 1942, p. 1.

²³⁷ MONTEIRO, Araújo. *O Nordeste*. Aracaju-SE, 20 de agosto de 1942, p. 2.

A imprensa teve um importante papel na desmobilização da AIB, através das suas propagandas nacionalistas. Nesse jogo de ilusões, o inimigo se camuflava ao seio social assim como o submarino que se escondia debaixo d'água. Protegidos pela invisibilidade, eles costumavam criar suas emboscadas no mar ou suas dissimulações em terra. Somou-se à ameaça externa registrada no Sergipe-Jornal como a “ação destruidora e subterrânea dos inimigos internos, sabotadores da unidade nacional, quinta-colunista. Além da atividade policial contra elementos organizados de espionagem, é preciso que todos os brasileiros se transformem em soldados ativos da campanha anti-colunista”.²³⁸ Integrante dessa campanha em 1942, o sergipano Mário Cabral poetizou: “eu, muitas vezes, contemplo uma árvore e nela não distingo o camaleão. A polícia, muitas vezes, observa um agrupamento e nele não distingue o quinta-coluna. O quinta-coluna, como o camaleão muda de cor sob a influência de causas acidentais”.²³⁹ Portanto, era preciso estar atento às astúcias, aos disfarces e às peripécias camaleônicas.

Afinal, haveria “homens camaleônicos” infiltrados na sociedade sergipana? Como as causas acidentais influenciavam no comportamento dos sergipanos, tidos como comparsas dos submarinos? Dentre os estrangeiros detidos (alemães, italianos e espanhóis), por que as suspeitas se centralizaram em Nicola Mandarino e Herbet Merby? Alguém realmente imitiu informações privilegiadas através de radiotransmissores? Qual a finalidade dos sinais luminosos emitidos em direção ao mar no tempo do blecaute? Por que alguns sergipanos preservaram reuniões integralistas, mesmo quando a AIB caiu na clandestinidade? O que explica a devoção dos comerciantes locais à Alemanha Nazista? O arco de dúvidas vai do individual ao coletivo, da realidade microssocial de Aracaju até a macroconjuntura da Segunda Guerra Mundial. As informações advindas do oceano mais pareciam flechas certeiras para alimentar a suspeita coletiva que havia inimigos dispersos por toda a parte.

As percepções amedrontadas dos aracajuanos fizeram os submarinos alemães saltarem das águas do Atlântico para penetrar profundamente nas tensões sociais. Dentro de Aracaju, criou-se uma histeria coletiva, que alimentou o caos urbano. Assim como os navios torpedeados, a capital sergipana parecia engolida pelo mar da guerra, transformando-se em uma cidade sitiada. A princípio, o torpedeamento dos navios foi uma realidade “de fora para dentro”, mas pouco a pouco os aracajuanos criaram respostas e representações, para tentar dominar a força desestruturizante do novo, do assustador e do desconhecido. No segundo momento, eles criaram uma linha interpretativa “de dentro para fora”.

²³⁸ *Sergipe-Jornal*. Aracaju-SE, 19 de agosto de 1942, p. 4.

²³⁹ CABRAL, Mário. Arame Farpado. *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 23 de setembro de 1942, p.3.

Nesta via de mão dupla, os documentos do judiciário permitiram visualizar as práticas dos policiais, o interrogatório dos suspeitos, o arrolamento de provas, as discussões ideológicas e a visão social sobre o governo varguista. Portanto, o “mundo da Batalha do Atlântico” e a “cidade naval de Aracaju” não eram localidades ladeadas, marginais ou distantes, mas intimamente vinculadas uma à outra, graças aos ataques do U-507.

3.2 - O Sigma ainda vive entre os aracajuanos

A Ação Integralista Brasileira²⁴⁰, secção Sergipe, tinha sua sede no edifício Macedo, em frente à antiga Estação da Estrada de Ferro Leste Brasileiro, na rua Jose do Prado Franco, esquina da Avenida Coelho e Campos., centro comercial de Aracaju. Pouco a pouco o número de adeptos cresceu tanto a nível estadual quanto nacional. “O integralismo foi o principal movimento de orientação fascista da América Latina. Em 1935, Plínio Salgado avaliava haver 1.123 grupos organizados em 548 municípios, com 400 mil adeptos”.²⁴¹ Em virtude desses números, os partidários do sigma desfrutaram de prestígio inigualável na fase mais democrática da Era Vargas.

Com poderes ilimitados, o governo getulista jogou os integralistas na clandestinidade. Indignados com o fim da AIB, os seus militantes radicais promoveram um ataque ao Palácio do Catete em 11 de maio de 1938. Essa oposição de forças demonstrou claramente um distanciamento de Getúlio Vargas do principal movimento fascista brasileiro. Finalmente, o Presidente Vargas saiu do terreno das ideias para o da ação. Vale assinalar que apesar das semelhanças no tocante ao cerceamento da liberdade individual, percebe-se assim que tanto do ponto de vista doutrinário como da realidade histórica, o Estado Novo brasileiro não foi a reprodução literal do fascismo italiano.²⁴²

A extinção da AIB - Ação Integralista Brasileira não representou o fim das práticas integralistas entre os sergipanos, foi o que averiguou o inquérito policial de 1942. O movimento político-partidário se transformou em sociedade secreta. Na clandestinidade, homens e mulheres continuaram obedientes aos valores fascistas do sigma. Os integralistas mais fervorosos deram trabalho ao DOPS em todo território nacional, pois nos primeiros anos

²⁴⁰ Foi um movimento político de extrema direita baseado nas ideias fascistas. Foi fundado em 1932 e extinto em 1937, no entanto, os integralistas continuaram atuantes na clandestinidade.

²⁴¹ SILVA, Paulo Sérgio da. *A Constituição brasileira de 10 de novembro de 1937: um retrato com luz e sombra*. São Paulo: Editora das UNESP, 2008, p. 69.

²⁴² Para mais detalhes, ver as análises políticas sobre *Estado Novo e Fascismo - A Era Vargas*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br>

da ditadura varguista, generalizavam-se as apreensões e abria-se um período de buscas policiais nos núcleos associativos, pondo-se em custódia os suspeitos, dando a todos uma sensação de insegurança e exibindo um fluxo de forças nas ruas e locais de reunião.²⁴³

O lema “Deus, Pátria e Família” se infiltrou nos lares sergipanos. Antes das perseguições governistas, o ato de vestir a camisa verde do integralismo era uma prática de grande significação social. Alinhado da cabeça aos pés, a indumentária mais parecia uma pele que se prendia à alma do sujeito, que ostentava com orgulho, a honra de servir à AIB. Os seus tentáculos se entenderam para o sertão e o litoral. No extremo sul de Sergipe, nas singelas povoações às margens do Rio Real, as pessoas mais idosas sabiam explicar toda simbologia do integralismo. João Martins do Nascimento se lembrou das práticas fascistas deles e da perseguição varguista.

Deus, Pátria e Família né? Esses dizeres é o que Deus quer que habite entre nós! Deus, é ele o supremo. Pátria, nós com nossas irmandades e com nossas Famílias. (...) Rapaz, eu conheci integralistas por aqui uma porção. Aqui em Pontal mesmo não tinha, mas ali do outro lado, em algumas famílias, tinha integralistas Eu conheci dois ou três. Gentil, Bizuca e outro que tou esquecido eram integralistas. (...) Agora quando foi descoberto e o governo ia meter tudo na cadeia [risadas intensas de Seu Joãozinho]. Acabaram! Acabaram! Acabaram com o integralismo. No Pontal não tinha, agora na ponta da Bahia tinha. Eles eram proprietários de lá do outro lado. Há ainda tinha o Mane Júlio de Terra Caída. Que quando soube da notícia que o governo ia prender, abandonou. Eles eram trajados de verde e tinha um distintivo né? E agora eu tou esquecido como era, mas eu ainda tou lembrado da saudação deles. Quando ele vinha. Um de lá e outro de cá. Falavam Anauê! Anauê! Você sabe o que significa? A nossa Pátria vai em paz! A saudação deles! Acabou o Anauê! [risadas intensas de Seu Joãozinho] (...) O governo botou fiscalização para ser descobertos. E aqueles que fossem descobertos foi tudo detido. [Depois de revelar tantos detalhes sobre a ação do integralismo na região sul de Sergipe, perguntamos se ele também não foi membro do integralismo. O sábio pescador não gostou da nossa pergunta]. “Quem? Eu? Deus me livre”! [feição mais séria de Seu Joãozinho].²⁴⁴

Enquanto alguns indiciados tentaram apagar seu passado integralista, outros mais fervorosos persistiam com suas práticas políticas. Declararam apoiar o Estado Novo, porque este “veio de encontro à principal ideia do integralismo, como a unificação do Brasil”. De acordo com outras investigações policiais, a região portuária de Aracaju foi visualizada como um lócus privilegiado de conspiração. Reuniões secretas, na calada da noite, eram realizadas na Draga das Obras do Porto, fato que não ficou comprovado por que

²⁴³ Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho pronunciado no Estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro 1º de Maio de 1940. In: VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. Volume VII. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1940, pp. 291-295.

²⁴⁴ Entrevista de João Martins do Nascimento realizada em Povoado de Pontal, município de Indiaroba-SE. 7 de julho de 2005.

Naturalmente que as reuniões secretas hoje aqui, amanhã ali, poderiam ser mais possíveis, que as efetuadas na Draga das Obras do Porto.

As primeiras pelo fato de serem em pontos móveis escapariam da vigilância policial. As segundas, em ponto fixo, passaram a ter crença, porque, amarrada a draga à ponte do Trapiche Brown nela foi instalada luz elétrica, e por isso, e ainda pela crença nos sentimentos integralistas do doutor Sérgio Valério, algum passaram a dizer que lá se reuniam os adeptos do sigma.

Pedro Alcântara de Oliveira Neto depôs sobre a veracidade deste fato, dizendo que via quando os parlamentares iam para a Draga, pela sapata lateral do trapiche. E afirma que Celso Clemente dos Santos, o canoieiro Estáquio, Manoel Bertoldo, Manoel Marinho, sabiam desse fato.

Todos estes, chamados a depor, não o confirmaram. Ficou Pedro de Alcântara com um depoimento isolado.

A Polícia intimou o pessoal da Draga, o vigia das Obras, e todos declararem ser inexatos. O maquinista, esse chegou a dizer: - Que protesta, quanto a esta história de reuniões que lá houvessem, isto é, se tentassem fazer uma cousa dessa, seria o primeiro a cientificar a Companhia das Obras do Porto e as autoridades.²⁴⁵

Os integralistas fervorosos eram os sergipanos que mantinham acesa a chama do Integralismo, pois não conseguiam se desvencilhar dos seus princípios políticos. Nesse grupo se integrava: Gerônimo Moreno Garcia, Jacinto de Figueiredo Martins, Doutor Joaquim de Fraga Lima, Antônio Lima de Faria, Rosalvo Rosa Queiroz, Agnaldo Alves Celestino, João Alves da Costa Ouro, Carlos Augusto Travassos Serrano e Sérgio Valério. Desta lista, os dois primeiros consumiram mais tempo dos investigadores.

Gerônimo Moreno Garcia é considerado “mentor do integralismo de Sergipe”, “figura central do integralismo” e “conserva suas convicções e carinho pelo sigma”. Nas batidas policiais às residências dos camisas-verdes, encontrou-se na casa de Agnaldo Celestino, uma carta escrita por Moreno Garcia endereçada a Jacinto Figueiredo Martins. Ela foi arquivada como um “atestado vivo das suas convicções” ou uma “prova cabal que o incriminava”, eis as revelações consideradas surpreendentes para a política sergipana.

Depois de tudo o que tem ocorrido de 1938 pra cá, criando este ambiente em que tudo é dúvida e desconfiança, em que não sabemos se aquele que nos afaga sorrindo tem a intenção oculta de nos cravar um punhal pelas costas, nenhum companheiro pode nem deve, mesmo por um princípio de dignidade própria intitular-se chefe, orientador, pedra de toque, ou isto ou aquilo, estribando-se em que foi isto ou aquilo ou, porque A ou B diga que sim ou que não. Não há hoje A nem B que possa merecer confiança absoluta geral depois de tantas deserções, tantas traições e despistamentos, pois não podemos estar no íntimo de cada um. Só há um homem que, pelo seu passado, pelo seu presente, pelas suas afirmativas, pelas suas atitudes inconfundíveis, pelos seus sofrimentos, pela envergadura moral e intelectual que possui e prova possuir à sociedade, e porque principalmente, é o criador de nossa doutrina, e, mais ainda e por tudo isso é o único vulto que, evidentemente e nitidamente se destaca pairando muito acima de todas as misérias atuais, pode e deve merecer a confiança e a obediência, não digo já de todos os integralistas, mas de todos os brasileiros de bom senso que amam a sua Pátria.

²⁴⁵ Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942, p. 3.

*Portanto, só ele nesta hora pode indicar e distinguir hierarquicamente este ou aquele. Se o não pode ou acha que não deve fazer agora, temos que aceitar os fatos e esperar que o façam restabelecendo o que de direito lhe parecer. Enquanto isso, todo aquele que presume ter direitos ou superioridades, embora tivesse para isso as maiores razões pessoais, deve, mesmo por uma questão de escrúpulos e a bem ainda da própria dignidade, renunciar a seus supostos ou legítimos direitos, pois que a renúncia é um ato de nobreza e da ausência de nossa doutrina, e colocar-se em plano de igualdade, a todos os companheiros que não deram ainda de si provas negativas. É preciso, pois abandonar esse sistema irritante de intransigentemente e a todo o custo pretender-se impor uma autoridade que ninguém pode hoje confirmar, e que só serve para dividir, desunir, e mortificar.*²⁴⁶

A leitura da carta evidencia as mudanças oportunizadas pelo Estado Novo que atingiram os alicerces do movimento integralista. Com a instauração da ditadura varguista, a violência e a intolerância cresceram de modo assustador. Generalizaram-se as “dúvidas”, “as desconfianças”, “as deserções”, as traições, tanto que não existe mais AIB, A ou B, A nem B. Irônico e sensível à nova realidade, Moreno Garcia só sente firmeza nas ideias de Plínio Salgado. Sobre a ditadura varguista ele diz, “é preciso, pois abandonar esse sistema irritante de intransigentemente e a todo o custo pretender-se impor uma autoridade que ninguém pode hoje confirmar, e que só serve para dividir, desunir, e mortificar”.

Para confrontar as informações da carta com o depoimento dele, o delegado Enoque Santiago perguntou: - Como você recebeu a Nova Constituição Política? Você apoia o Presidente Getúlio Vargas? Sem cair na arapuca, Garcia Moreno respondeu: “Que recebeu a nova Constituição com o firme desejo de colaborar pela grandeza do Brasil (...), que dá apoio ao Presidente Vargas e está disposto à defesa da integridade do Brasil e da família brasileira”.²⁴⁷ Ainda disse que não realizava reuniões secretas, porque isso significaria estar fora da lei, apenas trocava ideias pessoais com aqueles com os quais o nosso espírito tem afinidade.

Nos autos do documento, Enoque Santiago revelou toda sua perplexidade diante da sua convicção ideológica. “Se, algum dia o integralismo ainda surgir em Sergipe, há de ser, fatalmente, pela mão de Moreno Garcia. Esse é o homem; penso que ninguém lhe colhe a palma da inteligência, no Integralismo”.²⁴⁸ No entanto, ele não viu motivos para condená-lo: “Nada foi colhido, de positivo, quanto ao seu exercício de atividade política subversiva, não

²⁴⁶ Carta do integralista Gerônimo Moreno Garcia endereçada a Jacinto Figueiredo Martins. 1942. In: SANTIAGO, Enoque. Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942, pp.6-7.

²⁴⁷ SANTIAGO, Enoque, op. cit., p. 7.

²⁴⁸ Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942, p. 7.

só no que tange ao movimento integralista, propriamente dito, como ao interesse pela Alemanha, ou pelo Nazismo, com o qual o credo de Plínio Salgado tem afinidade”.²⁴⁹

O segundo cabeça do referido movimento foi Jacinto de Figueiredo Martins. Ao ser interrogado se ele havia ou não, abandonado o integralismo, ele respondeu categoricamente: “- O que no integralismo, se refere diretamente à política, não lhe interessa mais. No entanto, quanto aos princípios doutrinários do integralismo referentes à crença em Deus, o amor à Pátria e respeito à Família, como católico e brasileiro, morrerá com eles”.²⁵⁰ Ele ainda foi acusado de distribuir folhetos com propaganda integralista entre 1939 e 1940. Eram textos mimeografados em papel amarelo. Em sua defesa, ele afirmou cautelosamente: “Logo depois que o Integralismo foi fechado, recolheu-se à vida privada e aos seus afazeres de funcionário público. E conclui que dá irrestrito apoio ao Presidente da República, como brasileiro, nacionalista e católico”.²⁵¹

Foram interrogados, ainda: Doutor Joaquim da Fraga Lima (“não conserva mais as ideias integralistas”); Antônio Lima (“o partido está suspenso, mas hoje ou amanhã ele surgirá”); Agnaldo Alves Celestino (“é integralista e nazista de ideia”, “adepto do eixo, manifestando-se favorável à vitória da Alemanha”, “chefiou o partido”); José Alves de Costa Ouro (“apaixonou-se pelo integralismo”, “é uma vítima do integralismo”, “desequilibrou os seus negócios”); Carlos Augusto Travassos Serrano (“fervoroso integralista” e “possui fortes tendências nazistas”), Sérgio Valério (“catarinense integralista transplantado para Sergipe”, “chefe integralista preso duas vezes em Laguna pelo DOPS”); Osmário do Prado Leite (“depois da extinção da Ação Integralista nunca mais se interessou por assuntos outros, senão pelo seu trabalho”), Rosalvo Rosa Queiroz (“pessoa em que os sentimentos do integralismo vivem latentes”). Este último ainda sofreu outras injúrias:

*Quando da notícia dos torpedeamentos, constatou que demonstrara ausência de sentimentos de piedade e de patriotismo. – Disseram que ele houvera, num dos armazéns do Mercado Municipal, no dia da horrível tragédia, apertado as mãos a Afonso Leonardo de Menezes, numa demonstração de solidariedade pela ‘vitória alemã’. Rosalvo, no entanto, protestou veemente, dizendo: - Que como brasileiro e nacionalista não ia apertar a mão de um patrício, como demonstração de regozijo, por uma miséria dessas, como foi a mortandade praticada pelos alemães.*²⁵²

²⁴⁹ Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942, p. 7.

²⁵⁰ Ibidem, p.8.

²⁵¹ Idem.

²⁵² SANTIAGO, Enoque. Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942, p. 9.

Os aracajuanos extraíram significados diversos da guerra marítima e criaram variadas conjecturas. O carroceiro Argemiro dos Santos, por exemplo, disse à polícia que tomara parte na mudança de residência do Doutor Fraga Lima da rua Estância para a travessa Martinho Garcez. Transportou dois caixões carregados de armamentos e balas. Em sua defesa, o Doutor Fraga Lima declarou que “mandou pelo citado carroceiro, caixões abertos com objetos de cozinha”. Enfim, de acordo com a conclusão dos autos.

Não podemos afirmar tenham sido balas, por quanto, o transporte fora feito de 1 e meia para 2 horas da tarde, a pleno sol, e o depoente diz que supõe. Temos ainda que fazer justiça ao senso do Doutor Fraga Lima, acreditando não fosse ele capaz, de em pleno governo do Dr. Eronildes de Carvalho, á luz do dia, transportar de uma casa para outra, dois caixões que o carroceiro supõe fossem de balas, junto com outro caixão grande, estreito, parecendo conduzir fuzil. Além disso, as debatidas armas do integralismo, não eram fuzil, sim pequenas metralhadoras, que propalam, tenham desembarcado d’um barco Sueco, acondicionadas como se fossem fardos de fazendas, segundo a versão popular.²⁵³

O discurso memorialístico de Argemiro dos Santos, que trouxe uma carroça de suspeitas contra o “doutor” não surtiu efeito nenhum. O texto evidenciou as palavras “supõe” e “parecendo”, levantando dúvidas em relação ao depoimento do carroceiro. Os aracajuanos construíram histórias de conspirações nos seus seguintes locais: nos encontros “casuais” nas esquinas; nos finais das missas; na Draga das Obras do Porto; nas residências dos camisas verdes; nas mesas de café e bilhares. Nas bancas do “Salão Recorde”, à rua João Pessoa, havia um círculo fechado do sigma, que conseguia se manter reservado e atentos aos *cabuetas* de plantão. A testemunha José Ribeiro de Franco afirmou que “os integralistas sempre se reuniam lá, mas, não sabe a finalidade, e que, quando estavam conversando e chegava uma pessoa estranha, paravam a conversa”.²⁵⁴ Entre os frequentadores do “Recorde” estavam: Antônio Lima, Agnaldo Celestino, Jacinto Figueiredo, Rosalvo Queiroz, Nicola Mandarino e Sérgio Valério.

Quando necessário, a polícia sergipana procurava informações no DOPS para desbaratar uma teia de integralistas. Da cidade de Campos/RJ, veio Augusto Travassos Serrano, funcionário do Banco do Brasil, conforme informações emitidas do DOPS-RJ: “ele fora fervoroso integralista, conformando-se assim, o motivo de sua constante afinidade com os remanescentes desse credo, em Sergipe, o que era ainda crescido com as suas tendências

²⁵³ SANTIAGO, Enoque. Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942, p. 8.

²⁵⁴ Idem, p. 9.

nazistas”.²⁵⁵ Em seu depoimento ainda firmou que desenvolveu atividades do sigma em Curitiba/PR, e depois, em Campos/RJ, percebeu que os núcleos integralistas cariocas estavam fechados.

Outro integralista migrante foi o engenheiro Sergio Valério. Procedente de Imbituba-SC, ele veio à Aracaju, em 6 de janeiro de 1939, para chefiar os serviços do porto. Não tardou em estabelecer contato com seus irmãos de doutrina. Enoque Santiago resolveu investigar seus antecedentes no estado sulino e recebeu a seguinte resposta do DOPS de Florianópolis sobre seu prontuário: “Foi chefe integralista em Laguna; duas vezes preso, de 19 a 23 de março de 1938 e a 30 de setembro do mesmo ano, sendo inquirido no dia 15 de outubro, também do mesmo ano”.²⁵⁶

Além do Rio de Janeiro e de Santa Catarina, os integralistas sergipanos mantinham forte aliança com seus irmãos da Bahia. Ao ser perguntado pela imprensa carioca se Sergipe ainda tinha adeptos do sigma, o interventor Augusto Maynard respondeu veementemente: - *Não só os há, como conhecemos a maioria deles. Aracaju figura como um dos pontos da 5ª coluna no Nordeste. Quem duvidar que procure conhecer a estreita relação dos núcleos integralistas da Bahia e Sergipe.*²⁵⁷

E, por fim, último prisioneiro, Waldemar Rodrigues. Ele foi detido por ser técnico de rádio amador licenciado. A sua habilidade em construir aparelhos transmissores era famosa entre os aracajuanos. A polícia sergipana achou melhor prendê-lo, porque chegou ao seu conhecimento que uma faixa de luz se projetou no sentido vertical sobre a antena de rádio da sua casa, seguida por outra horizontal.

Como era tempo de blecaute, a intensa luminosidade assustou os moradores do Santo Antônio, pois poderia ser obra de algum traidor. No entanto, Waldemar foi liberado porque “sempre serviu à Polícia de Sergipe, quando de exames de aparelhos de rádios, no Convento de São Cristóvão, na residência dos Franciscanos em Aracaju”.²⁵⁸ Ele integrou a comissão que examinou os aparelhos de Nicola Mandarino.

3.3 – Sergipanos simpatizantes da Alemanha nazista

²⁵⁵ SANTIAGO, Enoque, op. cit., p. 12.

²⁵⁶ Idem.

²⁵⁷ FIGUEIREDO, Ariosvaldo, op. cit., p. 83.

²⁵⁸ Ibidem, p. 14.

A elite aracajuana gostava de política, tanto que um mosaico de ideologias a envolveu nos de 1930 e 1940. Era possível encontrar na capital sergipana os representantes: anarquistas, varguistas, democratas, integralistas, comunistas, fascistas e nazistas. Este último grupo, embora pequeno e mal interpretado pela sociedade da época, foi dividido pela polícia sergipana em dois subgrupos: os sergipanos simpatizantes da Alemanha Nazista e os alemães adeptos do NSDAP – Partido Nacional Socialista Alemão do Trabalho. Nazistas em Aracaju? Sergipano compactuando com ideias arianas não seria um “paradoxo étnico”? Afinal, quem eram esses simpatizantes?

O relatório policial explica, eram os comerciantes que se “alegram com as vitórias das forças alemãs e culpam a América do Norte pelas cousas que acontecem ao Brasil. Desses, há os que chegam a dizer, que os últimos torpedeamentos de navios brasileiros foram feitos por submarinos americanos”.²⁵⁹ De certo, firmou-se entre diferentes grupos sociais de Aracaju, a tendência política de creditar unicamente aos norte-americanos os ataques submarinos de 1942.

Em relação ao paradoxo étnico e as influências ideológicas refletiram intensamente no mundo social aracajuano. “Observadas as mutações sociais do mundo, a tibiesa dos sentimentos patrióticos, o avançamento das ideias subversivas, não temos receio de dizer que, das atitudes dessa gente para o quintacolonismo, o passo é muito pequeno”.²⁶⁰

Dentro do inquérito policial, havia muitos sergipanos taxados de “*amigos comerciais da Alemanha Nazista*”. Eles não eram integralistas, mas sim comerciantes bastante conhecidos na cidade de Aracaju, que regozijavam por cada batalha vencida pelos alemães. Os nomes arrolados foram: Jaime Aragão, Manoel Ferreira de Santana, Raimundo Leituga, Valter Loeser, Amando Almeida Leão, Antônio Dutra de Almeida, Francisco Pereira de Almeida, Felismino Pereira de Almeida, José Vieira de Menezes. Eles ganharam a alcunha de “amigos”, “simpatizantes” ou “devotos” de Adolf Hitler.

No início da Segunda Guerra Mundial, os alemães acumularam vitórias em várias frentes. As armas, as estratégias e a mobilização das tropas eixistas eram discutidas em cafés, bares, praças, ruas e casas. Quando os Estados Unidos entram no confronto global, “os amigos dos alemães” acreditavam na derrota dos norte-americanos. Vários motivos justificam o apego germânico: o poder de atenção que a temática guerra desperta; uma questão de escolher uma das partes, visto que o Brasil assumiu uma postura de neutralidade; o prazer do brasileiro em apostar; a impressão que os alemães venceriam a guerra facilmente.

²⁵⁹ SANTIAGO, Enoque. Op. cit., p. 4.

²⁶⁰ Idem.

O que explica o desprezo aos estadunidenses? A crise de 1929 desferiu um golpe avassalador sobre a praça comercial de Aracaju. Os principais negociadores amargaram dívidas ou pouco faturamento devido a crise desencadeada pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque. Do ano de 1929, a crise financeira se alastrou até os primeiros anos da década de 1930. Nessa época, os negócios com os alemães ajudaram a reverter essa situação conjuntural e contribuíram para reaquecer o comércio fluvial-marítimo. Entre 1934 e 1939, por exemplo, as relações comerciais entre o Brasil e Alemanha foram intensas. Em 1938, o Brasil forneceu mais de trinta por cento das importações do Reich, e este foi o maior comprador da borracha brasileira.²⁶¹

Quando a guerra eclodiu em 1939, a priori “os simpatizantes eixistas dos trópicos” não imaginaram que ela se voltasse contra suas vidas. A América do Sul parecia distante e intocável pelos ardores da guerra europeia. No entanto, após os torpedeamentos dos navios mercantes, os sergipanos clamaram por uma resposta ao atentado nazista: a declaração de guerra.

*A cada hora espera-se a declaração de guerra, única medida compatível com os brios da nacionalidade. Estou convocado e aguardo o momento de ir para as trincheiras. Lá, a voz será a do fuzil; o brado será o ronco da metralha. Todos os moços querem morrer pelo Brasil. É uma glória poder derramar-se o sangue na defesa dos sagrados princípios do direito, da liberdade e da justiça. Tenho certeza que o povo sergipano, que está sentindo de perto toda a tragédia que se desenrola, está ansioso por empunhar uma arma para revidar o atentado nazista. Os filhos da terra de Fausto Cardoso e de Tobias Barreto aguardam como os demais brasileiros, a hora definitiva de vingarem-se a afronta totalitária. E esta hora é certa, não tardará.*²⁶²

Então, o olhar de ódio recaiu sobre cada torcedor fanático pelos súditos do Reich. A *deduragem*, a cabuetagem, a boataria e a *fofocagem* fluíam para condenar o outro e levantar calúnias. A imprensa sergipana via o boateiro como “o inimigo número um da tranquilidade pública. A ação perigosa dos propagadores de falsas notícias faz-se sentir principalmente, no receio sagrado dos lares constituindo uma ‘perigosa frente de combate’, dado a insuportável tensão de nervos”.²⁶³ Para Jose Calazans, o boateiro era uma questão cultural: “parte integrante da paisagem de Aracaju, como a roupa nova da Procissão de Bom Jesus, os jogos das férias de Natal, o Ponto Chique, a retreta da Praça do Palácio, a loja de João Mascarenhas, o rolete de cana, o beiju d’Atalaia, a manga espada, o doce caju”.²⁶⁴

²⁶¹ HILTON, Stanley. E. op. cit., p. 22.

²⁶² *O Nordeste*. Aracaju-SE, 25 de agosto de 1942, p. 1.

²⁶³ *Sergipe-Jornal*. Aracaju-SE, 29 de agosto de 1942, p. 4.

²⁶⁴ CALAZANS, José. Temas de ontem e de hoje. *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 05 de janeiro de 1943, p.2.

A perseguição insana gerou traumas em muitas famílias locais e histórias dramáticas. Manoel Ferreira Sant'Ana, arrolado como um dos devotos da Alemanha Nazista foi à imprensa se defender das calúnias que criaram sobre ele.

DECLARAÇÃO²⁶⁵

Faço ciente ao público de minha terra, em face de injustas suposições que tenho sofrido, de que nunca subordinei os interesses do meu país aos de nenhum país estrangeiro, principalmente agora que todos brasileiros sofrem indignados o criminoso ataque aos navios da nossa frota mercante.

*Afirmo perante Deus e minha consciência, que o Brasil e seu governo jamais encontrarão em mim sentimentos de traição aos meus patrícios.
Estarei com a minha Pátria, mesmo que isso me custe a própria vida.*

*Manoel Ferreira Sant'Ana
(Do Armarinho Sant'Ana)*

Na década de 1930, as ideias fascistas eram amplamente debatidas em círculos intelectuais dos quatro cantos do país. Em Aracaju não foi diferente, pois nessa época muito se falava a respeito de Adolf Hitler, Benito Mussolini e Plínio Salgado. Aprendia-se sobre fascismo e nazismo nas faculdades de Salvador e de Recife com bastante naturalidade, pois seus postulados científicos foram amplamente debatidos, especialmente nos cursos de medicina e de direito, sem a áurea de crime de guerra dos anos de 1940.

Nazismo, fascismo e bolchevismo eram palavras novas, mas manejadas erroneamente em muitos círculos sociais. Para tentar conscientizar especialmente os aracajuanos das apropriações ideológicas errôneas, o bacharel Luiz José da Costa Filho²⁶⁶, um dos fundadores da Academia Sergipana de Letras, escreveu o livreto “Sociogênese Soviética”, publicado pela Casa Ávila, na cidade de Aracaju, em 1933. Na visão de Costa Filho:

Pessoas até bem cotadas em assuntos de ponderação burguesa e sólida fé religiosa, usam de uma espécie tão delirante de algaravia lógica e de garabula científica quando se metem a opinar sobre marxismo, bolchevismo e nazismo, ou hitlerismo, que o observador e ouvinte não contaminado pela fobia ambiente, tem a impressão exata de que os opinantes de discutidores são mentecaptos, ou boçais. De um desses espécimes teratológicos da fauna referida, ouvi, estupefacto, “que Mussolini queria anexar São Paulo, Estado brasileiro, à Itália, e Lenine devorava

²⁶⁵ Sergipe Jornal. Aracaju-SE, 20 de agosto de 1942, p. 4.

²⁶⁶ O sergipano Luiz José da Costa Filho, nascido em 1886, na cidade de Propriá, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1917. Ele via a cidade do Salvador como “a mais celebrada entre as suas irmãs do Brazil, sinão dentre todas as cidades das Américas do Sul e Central, pois que de suas virentas e rochosas encostas, do seu mássico granítico osculado pelas vagas do Atlântico, foi que se derramou a seiva e irradiou a alvorada da civilização da América hespanhola e portugueza”. Em documento colhido no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro intitulado - *Reminiscências e Impressões 5º Congresso Brasileiro de Geographia pelo delegado do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe e seu 1º Secretário Luiz José da Costa Filho* (Lidas em sessão extraordinária do mesmo “instituto”, em 24 de Setembro de 1916)

sorvetes manipulados de carnes de crianças, derivando desse fato o nome SOVIET!

De boçalidade de tal marca, estimuladas pelos padres e pela irresponsabilidade de um número avultado de idiotas, nenhum argumento será possível levantar contra ou a favor das correntes novas, que, como perfeitos “golf-stream” sociais, trabalham poderosamente nas profundezas do preamar humano, nos presentes dias de imensa conturbação espiritual dos povos.²⁶⁷

Como se deu a penetração de ideias fascistas na sociedade sergipana? Convém esclarecer que no nordeste brasileiro, as ideias fascistas não estavam vinculadas apenas à questão de etnicidade, mas também às discussões do mundo acadêmico e às práticas políticas do integralismo. Nas Faculdades de Direito de Salvador e do Recife, estudantes e professores acompanhavam a expansão das ideias nazifascista pela Europa e traziam seus princípios para as aulas. Sergipanos, de diferentes gerações, estudaram nessas faculdades e levaram consigo diferentes influências políticas.

Antes das perseguições do Estado Novo iniciadas em 1938, o fascismo era apresentado como uma importante corrente de pensamento ou um sistema político condizente com os brasileiros ou simplesmente uma nova tendência europeia. Era assim, que elas eram debatidas pelos intelectuais da Academia Sergipana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Faculdade de Direito (Salvador e Recife).

Com o irromper da guerra em 1942, o antigermanismo se tornou mais forte e fez surgir conjecturas populares contra Tobias Barreto, que foi taxado de “germanófilo”. Em diferentes diários do país iniciou um debate ideológico em defesa dos pensadores brasileiros, que obviamente eram reproduzidos pela imprensa sergipana. No jornal *A Época* da cidade de Caxias do Sul/RS, Tobias Barreto foi retratado como “genial mestiço brasileiro”.

Alguém escreveu que Tobias Barreto de Menezes foi um germanófilo. Ignoramos os intuits dessa assertiva que não exprime a verdade é que necessita ser desfeita. O genial mestiço brasileiro foi exclusivamente brasileiro pela ação, pelo sentimento e pela ideia. Amou a terra em que nasceu e sua gente. Não foi um importador de camisas, de gestos e de palavras da Itália e da Alemanha. Não macaqueou vestes e trejeitos; não copiou concepções nem considerou o povo alemão como o melhor e mais culto da superfície da Terra.²⁶⁸

No mundo acadêmico brasileiro era difícil se desvencilhar das contribuições científicas alemãs. Além disso, o arguto Tobias Barreto lia e escrevia em alemão. O jornalista Joel Silveira chamou mais atenção para outros conterrâneos. “Sergipe tem coisas engraçadíssimas. Veja você, a terra de João Ribeiro, de Tobias Barreto, dois sujeitos liberais,

²⁶⁷ COSTA FILHO, Luiz Jose da. *Sociogenése soviética*. Aracaju: Casa Ávila. 1933, pp 4-5.

²⁶⁸ Transcrito do Jornal “*A Época*” de Caxias, Rio Grande do Sul. In: *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE. 19 de agosto de 1943, p.2.

e Silvio Romero, que era um rebelde, deu os dois maiores teóricos do fascismo do Brasil: Lourival Fontes e Jackson Figueiredo. Coisa esquisita, não?.²⁶⁹

Nesse arremedo de práticas ideológicas de seus contemporâneos, é preciso ter cautela com os rótulos e entender as características de cada pensador em sua época. A inclinação de Lourival Fontes era realmente voltada para o fascismo italiano e suas atividades a frente do DIP evidenciava essas escolhas políticas. Joel Silveira, conhecido como a víbora, sabia de muitas histórias do mundo jornalístico de Lourival Fontes, o homem forte do DIP.

O DIP foi ampliado, quase que com dimensão de Ministério, e controlado por um teórico do fascismo, chamado Lourival Fontes. Homem fabulosamente inteligente, cultíssimo, mas fascista. Ele mesmo me confessou: "Eu sou fascista". Ele já era fascista há muito tempo, desde 1924/25, quando foi diretor de uma revista chamada "Hierarquia", de orientação fascista, inclusive subvencionada pela embaixada italiana. Isso também ficou provado. Bem, mas ele assumiu o controle total da imprensa. Um ou outro jornal que tentou se rebelar foi imediatamente fechado. Mas a grande imprensa daquele tempo imediatamente aderiu ao Estado Novo. Toda. Com exceção de "O Estado de S. Paulo". É só você pegar as manchetes do dia 28.²⁷⁰

O fascismo era latente em alguns sergipanos, mas para os “amigos da Alemanha Nazista”, apenas laços econômicos os prendiam ao Terceiro Reich. Vale salientar que alguns integralistas também torciam pelo Eixo. “Josafá Carlos Borges e Osman Hora Fontes fazem referências a Agnaldo, como exaltadíssimo adepto do eixo, manifestando-se favorável à vitória da Alemanha. José Ribeiro da Franca declara que Agnaldo é integralista e nazista de ideia, aliás, clara e conhecida”²⁷¹ entre os aracajuanos.

Ser integralista não significa ser nazista, pois alemães mantiveram restrições aos adeptos do fascismo brasileiro. Além do mais, o integralismo se chocava com os princípios emanados do livro “Mein Kampf” (Minha Vida) que continha ideias racistas, antisemitas e, sobretudo, a ideia de que o povo alemão pertencia a uma raça superior. Defendia a superioridade da Raça Ariana, em detrimento de todas as demais, consideradas raças inferiores, os sub-humanos. O desejo de Hitler era o de dominar o mundo através da força, subjugando nações e exterminando povos e raças consideradas inferiores. E por fim, a imprensa sergipana conscientizava aos conterrâneos, simpatizantes da Alemanha, que “para Hitler a América do Sul é um aglomerado de índios e escravos negros”.²⁷²

²⁶⁹ Depoimento de Joel Silveira a Gilberto Negreiros. Jornalistas contam a história. Folha de São Paulo. São Paulo, 9 de janeiro de 1979. Disponível em <http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_5.htm> 16 de julho de 2012, 09:26.

²⁷⁰ Idem.

²⁷¹ SANTIAGO, Enoque, op. cit., p. 10.

²⁷² *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE. 20 de outubro de 1942, p.2.

Adolf Hitler afirmou ou não essa frase, não é a questão mais importante. No entanto, ele tinha reais ambições no mundo latino-americano. Tanto seus U-boots fizeram um estrago naval que marcou a sociedade da época. Em 9 de setembro de 1942, a Chefatura de Polícia de Sergipe fez assinalar nas sepulturas a seguinte inscrição: “*vítima do Nazismo*”²⁷³ Pela primeira vez, centenas de brasileiros foram mortos em uma ação militar empreendida pela Alemanha Nazista na América do Sul. Então, vários “cemitérios improvisados” foram abertos à beira mar. Covas individuais e coletivas, com cruzes toscas e improvisadas.²⁷⁴

O ato de fazer dezenas de cruzes, cravar no chão praiano e afirmar que elas foram vítimas da loucura insana de Führer são aspectos representativos, que nos remetem à História da Segunda Guerra Mundial. Em 1972, o Cemitério dos Náufragos foi erguido no povoado Mosqueiro, área de expansão de Aracaju. A história dos três torpedeamentos (Baependy, Araraquara e Aníbal Benévolo) foi materializada em uma pequena construção em mármore. Ele é simbólico, pois seus túmulos estão vazios. No entanto, não deixa de ser um *monumentum*.²⁷⁵ Nele encontra-se uma placa tumular com a seguinte inscrição: “aí está o golpe mais traiçoeiro e terrível vibrado contra o coração da nacionalidade”.²⁷⁶

3.4 – Os nazistas detidos em Sergipe

A Alemanha Nazista conseguiu organizar um amplo serviço de informações na América Latina. Dentro do Brasil, os mandatários varguistas não proibiram e nem colocaram

²⁷³ *Diário Oficial do Estado de Sergipe*, Aracaju-SE, 16 de setembro de 1942. s/p.

²⁷⁴ “Um sinal de luto e um símbolo de fé”, pequena manchete de *O Globo* e abaixo dela, a seguinte transcrição da praia sergipana: “Não faz muitos dias que, na silhueta dos seus coqueiros e no horizonte infinito de seus mares franjados de espuma e ricos de legendas românticas, essa praia do Nordeste apresentar simplesmente a grandiosidade típica que faz das nossas marinhas uma sedução repousante para os olhos, para o espírito e para o coração. Já agora, porém, um detalhe novo e triste se acrescenta às demais visões imutáveis dessa paisagem encantadora e sugestiva. A cruz tosca piedosamente erguida sobre a sepultura, cavada na areia, de uma das vítimas da estúpida agressão eixista. Não sabemos o nome desse morto. Mas não importa o nome. Ele era uma vida brasileira aberta às atividades cotidianas e sensíveis de uma pátria laboriosa e pacífica. E seu fim, assim brutal e traiçoeiro, indica, infelizmente, que alguma coisa cruel e desumana tenta se impor, nos mundos de nossos dias, às tradições e princípios que fazem a garantia e ventura de povos livres e soberanos. Essa cruz, por isso mesmo, não pode ser vista como uma expressão isolada de uma praia distante. Ela simboliza uma contingência irremediável de discurso e de lutas. Sua sombra se projeta muito além, pela terra e pela alma. Não apenas, todavia, como um sinal de luto. Porque na cruz o sentimento cristão encontra também um símbolo de fé de esperança. A fé e a esperança que, sobre o túmulo dos que já tombaram, suportam e galvanizam os ânimos do que ficam para aquelas lutas e novos sacrifícios, que tanto há de ser o preço da vitória da sua causa humana sobre as forças da estupidez e da violência.” *O Globo*. Rio de Janeiro-RJ, 22 de agosto de 1942, p 1.

²⁷⁵ AIRÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 78.

²⁷⁶ Cemitério dos Náufragos dos Navios Mercantes Baependy, Araraquara e Aníbal Benévolo. *Monumento Histórico de Aracaju*, erguido com recursos do Ministério da Marinha e do Governo do Estado de Sergipe. Povoado Mosqueiro. 1972.

empecilhos às atividades partidárias dos nazistas nas principais cidades e em suas áreas coloniais. Após a instauração do Estado Novo, especialmente a partir de 1938, no entanto, o governo brasileiro mudou de postura e iniciou uma perseguição aos alemães e seus descendentes. Getúlio Vargas e as autoridades militares demonstraram sua firme intenção de “não permitir interferência da Gestapo em assuntos internos brasileiros, lançando uma vigorosa campanha contra as atividades de agentes do Partido Nazista e contra o isolamento cultural da comunidade germânica no Sul do país”.²⁷⁷

De acordo com um recenseamento nacional, realizado em 1940, procurou-se saber quantos brasileiros natos utilizavam o “alemão” como língua principal no lar. Na região Nordeste, eis o resultado: Bahia (268), Pernambuco (265), Paraíba (31), Ceará (25), Sergipe (18), Rio Grande do Norte (18), Alagoas (9), Piauí (5) e Maranhão (2). Esses números se tornavam inexpressivos se comparados aos estados brasileiros que receberam levadas e levadas de imigrantes alemães: Rio Grande do Sul (393.934), Santa Catarina (176.762), São Paulo (26.565), Espírito Santo (24.659), Paraná (11.111), Rio de Janeiro (7.249) e Minas Gerais (2.818).²⁷⁸

A mobilização dos alemães, adeptos ao ideário nazista, era intensa no território nacional, criando ramificações internas com seus compatriotas. Apenas à guisa de exemplo, a historiadora Ana Maria Tucci Carneiro publicou um inventário sobre os prontuários do DEOPS-SP, onde foi possível perceber essa mobilidade. Em 1943 e 1944, o alemão Albert Falk solicitou transferência de residência, sendo o pedido deferido. Então, solicitou vários salvo-condutos, em seu nome e em nome da Importadora e Exportadora de Material Ferroviário Ltda, para viajar para Campos (RJ), Salvador (BA), Recife (PE), Maceió (AL) e Aracaju (SE), com o objetivo de tratar de negócios.²⁷⁹ Contudo, em tempo de guerra submarina, os estrangeiros existentes não eram bem-vindos à região litorânea.

Além da forte vigilância policial, a língua alemã era outro obstáculo. Se os imigrantes italianos falavam uma língua latina e com algum esforço podiam estabelecer uma comunicação verbal com os habitantes brasileiros, o entendimento entre brasileiros de língua portuguesa e os alemães era muito difícil. E a impossibilidade de comunicação é o primeiro passo para o estranhamento. Essa realidade linguística preocupava o governo getulista, que

²⁷⁷ HILTON, Stanley. E, op. cit., p. 22-23.

²⁷⁸ IBGE, Recenseamento de 1940. RODRIGUES, Lêda Boechat (org.). *Uma história diplomática do Brasil (1531-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, p. 381.

²⁷⁹ Prontuário do DEOPS-SP Nº 22735. São Paulo-SP. Início: 01 de outubro de 1943. Final: 11 de janeiro de 1944. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Inventário DEOPS: Alemanha. Módulo I*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997, p. 136.

iniciou uma campanha nacionalista aos teuto-brasileiros, obrigando-os a se adaptar à linguagem, à cultura, aos costumes e aos hábitos do país.

*Os imigrantes alemães constituíam um setor populacional relativamente “exótico” no contexto humano brasileiro. Se imigrantes italianos falavam uma língua latina e com algum esforço podiam estabelecer uma comunicação verbal com os habitantes brasileiros, o entendimento entre brasileiros de língua portuguesa e os alemães era muito difícil. E a impossibilidade de comunicação é o primeiro passo para o estranhamento.*²⁸⁰

A cidadania desses “brasileiros natos” foi outro aspecto importante avaliado pelo historiador René E. Gertz. Na tradição brasileira, a cidadania é pensada basicamente como uma questão ligada ao território, o que no jargão jurídico é denominado *jus soli*, isto é, brasileiro é todo aquele que nasce em solo brasileiro. Inversamente, na tradição alemã domina o *jus sanguinis*, o que significa que se considera “alemão” todo aquele que possui “sangue alemão”, independente do solo em que tenha nascido. Nesse caso, admite-se que uma pessoa pode, juridicamente, ser cidadão de outro Estado que não a Alemanha, mas continuar pertencendo à abstração “povo alemão”.²⁸¹

A problemática sobre a nacionalidade e o isolamento das colônias alemãs foram avaliadas com preocupação pela elite intelectual brasileira nas primeiras décadas do século XX. Para Silvio Romero, por exemplo, a dupla nacionalidade era considerada intolerável e indício de enquistamento lesivo à soberania nacional. Localizados em áreas compactas, tais imigrantes poderiam formar um estado dentro do Estado, jamais seriam abrasileirados. Nesse contexto, abrasileirar significava tanto assimilação cultural quanto a miscigenação.²⁸²

Inversamente do que afirmou Silvio Romero, Arthur Blasio Rambo defendia que a fidelidade à nacionalidade alemã em nada impede que um alemão ou seu descendente assuma, na plenitude, a condição de cidadão do Estado brasileiro ou de qualquer outro, no qual nasceu e foi registrado como cidadão ou no qual tenha conquistado a naturalização. E conclui, o *jus sanguinis* “com suas sequelas étnico-culturais e linguísticas, por si só, não inviabiliza nem diminui as consequências jurídicas e legais que pelo *jus soli* definem a cidadania brasileira. Nesses termos é possível ser alemão e ser brasileiro ao mesmo tempo”²⁸³

O perigo alemão ganhou múltiplas leituras ao longo do século XX. As áreas coloniais do interior brasileiro, os grandes centros urbanos, as cidades portuárias e as áreas atingidas

²⁸⁰ GERTZ, René E. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p. 30.

²⁸¹ Idem.

²⁸² Ver: ROMERO, Sylvio. *O allemanismo no sul do Brasil. Seus perigos e meios de os conjurar*. Rio de Janeiro: Heitor Ribeiro, 1906.

²⁸³ RAMBO, Arthur Blasio. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira, op. cit., 1994, p.52.

pela guerra naval receberam ou criaram representações de ameaça no tempo da Segunda Guerra Mundial. “Para americanos e britânicos, a questão da espionagem alemã no Brasil era motivo de graves preocupações, tornando este país um importante campo de batalha na guerra secreta”.²⁸⁴

As manifestações de preconceito, o vandalismo nas residências, o quebra-quebra das lojas, o cerceamento dos colonos, as práticas de tortura dos policiais e o assassinato de imigrantes evidenciavam as práticas de violência, que se intensificaram em 1942, pois acreditava-se que os “súditos do eixo”, pois estes foram suspeitos de auxiliar “os submarinos atacantes, avisando-os da partida e do destino dos navios, com informes relativos à qualidade e quantidades das cargas; e tem sido constante a apreensão, no Rio e nos Estados em poder deles, de excelentes aparelhos transmissores”.²⁸⁵

*Não se podem fechar os olhos à ação do “perigo alemão”, mito soreliano que dá sentido a uma série de eventos singulares, impondo certa lógica a um mundo pleno de incertezas. Esse seria um caso particular do mundo do complô, no qual um grupo planejará dominar o mundo. O idioma “incompreensível” permitia que se armasse o complô sem incômodos, pois o plano vingava, a cada passo, às escondidas. Era assim, às escondidas, sob termos de uma língua incompreensível ou sob as águas, com submarinos invisíveis aos mercantes neutros que navegavam na superfície, que os “alemães” agiam.*²⁸⁶

Apesar de ser um grupo limitado - cerca de 50 alemães - ele deixou sua marca na sociedade sergipana. Em 1940, a cidade de Aracaju possuía cerca de 60.000 habitantes (11% da população total do Estado), sendo que 50.700 habitantes já se encontravam em sua zona urbana (94,5% do total) que se estendia por uma área de aproximadamente 10 km². Nesse pequeno espaço urbano, os germânicos eram facilmente reconhecidos pela fisionomia europeia e pelas habilidades técnicas. Eles exerceram importantes atividades profissionais em Sergipe: comerciante de diferentes setores, caixeiro viajante, técnico das máquinas industriais, consertador de pianos, engenheiro da construção civil, profissional das artes (arquitetura, música, pintura, etc), representante do consulado, servidores públicos em diferentes funções e frades franciscanos.

Nessa época, o Terceiro Reich fez um esforço sistemático para recrutar alemães fiéis que trabalhavam nos ramos de indústria e de comércio nos respectivos países, já que tais indivíduos costumavam ter os conhecimentos, contatos e fontes de informações necessárias à

²⁸⁴ HILTON, Stanley. E, op. cit., p. 242.

²⁸⁵ *Agressão – Documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1943, p. 14.

²⁸⁶ SILVA JR, Adhemar Lourenço da. O Povo X der Pöbel. In: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira, op. cit., 1994, p.98.

criação de uma eficaz rede de espionagem.²⁸⁷ As investigações históricas de Ana Maria Dietrich ajudaram a compreender esse mundo nazista no Brasil, especialmente no Nordeste.

No universo de 47 alemães residentes em Sergipe, ela encontrou apenas um nazista, mas com a mobilidade dos partidários entre os estados, o número poderia ser inferior a 10. Essas “pistas” estimularam a desenvolver algumas hipóteses. A célula sergipana poderia dialogar com as da Bahia (39 partidários), do Rio de Janeiro (447 partidários) e de São Paulo (785 partidários). Após a ofensiva submarina, “a polícia baiana deteve a pedido da polícia de Sergipe, o súdito alemão Erich Hagengurg da gatunagem internacional. O detido dedicava-se a transações comerciais, fazendo constantes viagens em todo o Brasil”.²⁸⁸

Era reduzido o número de alemães, mas eles deixaram suas marcas na História de Sergipe. No cotidiano dos aracajuanos dos anos de 1940, os relatos de nazistas eram reais e assustadores. Como recordou Paulo de Oliveira Santos.

*Nesse período havia uma grande movimentação na cidade, aqui em Aracaju, especialmente quando se procurava alguns nazistas, aqueles que estavam traindo a pátria e podiam estar passando informações para os alemães em pontos estratégicos da cidade para talvez facilitar os possíveis bombardeios dos alemães em Aracaju. E na hora sabemos que foram bombardeados o Aníbal Benévolo na costa de Estância, o Baependy, agora me parecia que teve outro navio, são três, que eu não lembro o nome.*²⁸⁹

De acordo com os estudos históricos de Ana Maria Dietrich, essa agremiação política atuou nos seguintes estados da federação: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco, Espírito Santo, Bahia, Mato Grosso, Pará, Goiás, Paraíba, Ceará, Amazonas, Sergipe e Alagoas.²⁹⁰ A referida historiadora revelou um ambicioso plano de Hitler: a internacionalização da ideologia nazista, através do povo alemão, não importava onde ele estivesse. Ao ter acesso a fontes originais, na Alemanha, a pesquisadora conseguiu não só entender como funcionava o Partido Nazista no Brasil, que chegou a estar estruturado em dezessete estados, mas descobriu como os alemães fiéis a Hitler enxergavam o país.²⁹¹

Mesmo com o grande agrupamento de alemães nos estados do Sul e Sudeste, não se pode desconsiderar a presença de representantes desta comunidade nos estados do Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Destes, Bahia e Pernambuco apareciam com maior reunião de alemães (mais de 500), seguidos do Mato Grosso (426). Também, neste caso, o número de alemães foi proporcional ao de partidários. Em alguns destes estados, o total de partidários não chegou a 10 (Ceará, Amazonas, Sergipe e

²⁸⁷ HILTON, Stanley. E, op. cit., p. 18.

²⁸⁸ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 9 de outubro de 1943, p.2.

²⁸⁹ Entrevista de Paulo de Oliveira Santos realizada em Aracaju-SE, 10 de agosto de 1999.

²⁹⁰ DIETRICH, Ana Maria. Nazismo tropical? Partido Nazista no Brasil. São Paulo: USP. 2007, p. 58. (Tese de Doutorado em História Social em História Social – FFLCH/USP).

²⁹¹ CARNEIRO, Marcelo. III Reich à brasileira – Documentos inéditos mostram que a seção do Partido Nazista no Brasil foi a maior fora da Alemanha. *Veja*. São Paulo-SP, 18 de fevereiro de 2004.

*Alagoas) e em outros não foi registrada a presença do partido (Rio Grande do Norte, Acre, Maranhão e Piauí).*²⁹²

Esse mapeamento dos nazistas iluminou o caminhar desta pesquisa para localizar os súditos do Terceiro Reich no nordeste brasileiro, especialmente no estado de Sergipe, onde, segundo as pesquisas de Ana Maria Dietrich, havia menos de 10 partidários nazistas. Em nossas entrevistas orais, a palavra nazista ou nazismo era recorrente no imaginário dos aracajuanos.

As histórias sobre os torpedeamentos inundaram Aracaju com um clima de medo generalizado. Instigados pelas análises de Ana Maria Dietrich e atentos às pistas lançadas por Paulo Oliveira Santos, resolvemos procurar os alemães adeptos do nazismo. Graças à revisão literária e à pesquisa documental encontramos quatro partidários: Gunther Schmekel, Paul Hagenbeck, Rodolfo Von Doehn e Herbert Merby. Este último não se apresentou como nazista, mas foi o principal alvo das desconfianças sociais.

O primeiro foi Gunther Schmekel, representante do Consulado Alemão, instalado na Bahia²⁹³, viajava constantemente para Sergipe. Era casado com uma brasileira e residente na cidade de Salvador. Gunther Schmekel afirmou que adotou o sistema nazista “em parte”, divergindo quanto à questão de raças, perseguição aos judeus e à igreja. Antes de encerrar o seu depoimento pediu para fazer a seguinte declaração: “Declaro que jamais pratiquei, nem praticarei qualquer ato que possa prejudicar os interesses do Brasil, que considero minha nova Pátria”.²⁹⁴

Em seu interrogatório, Paul Hagenbeck confessou adotar o Partido Nacional-Socialista Alemão e por isso sofreu fortes retaliações tanto da sociedade sergipana quanto do governo varguista. Ele era bastante conhecido em algumas cidades do Vale do Cotinguiba, especialmente no mundo do agronegócio.²⁹⁵

Rodolfo Von Doehn, que ao ser inquirido, disse que “quando a guerra começou, para orientar alguns amigos sobre a Geografia da Europa, mostrava um atlas geográfico e discutia guerra, deixou de mostrar mapas e de discutir. Não é contrário ao regime nazista. Acha que

²⁹² DIETRICH, Ana Maria, op. cit., p. 157.

²⁹³ Para saber mais sobre os alemães na Bahia durante a Segunda Guerra Mundial, ver: SILVA, Marina Helena Chaves. Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II guerra mundial. Salvador: UFBA, 2007. (Tese de Doutorado em História)

²⁹⁴ SANTIAGO, Enoque. Relatório do Inquérito instaurado pelo Departamento de Segurança Pública de Sergipe em consequência dos torpedeamentos dos cinco navios brasileiros e no qual se acham envolvidos vários estrangeiros (alemães e italianos). Aracaju-SE, 10 de outubro de 1942. Arquivo do Judiciário de Sergipe, p. 5.

²⁹⁵ SANTIAGO, Enoque. Relatório do Inquérito instaurado pelo Departamento de Segurança Pública de Sergipe em consequência dos torpedeamentos dos cinco navios brasileiros e no qual se acham envolvidos vários estrangeiros (alemães e italianos). Aracaju-SE, 10 de outubro de 1942. Arquivo do Judiciário de Sergipe, p. 5.

ele pode dar resultado benéfico para Alemanha”.²⁹⁶ A efervescência da discussão da guerra fez Rodolfo Von Doehn conviver com muitos sergipanos, que passaram a torcer pela vitória alemã. A leitura de mapas das regiões europeias que serviam de cenário da guerra, a comparação militar entre países beligerantes, a mobilização das tropas e a compreensão da importância do nazismo para a Alemanha foram habilidades apreendidas entre seus amigos sergipanos.

Dentre os alemães arrolados nesta pesquisa, quem despertou mais suspeita das autoridades sergipanas foi o consertador de pianos Herbert Merby. A sua habilidade em lidar com máquinas, o ato de fixar residência na praia 13 de julho próximo ao mar e o estilo de ser levantaram várias suspeitas. Na ânsia de resolver as investigações, o delegado Enoque Santiago viu em Herbert Merby o seu suspeito número um. As falas das testemunhas pareciam confirmar suas suspeitas.

Um consertador de pianos que aqui apareceu, despertando a maior curiosidade, pelos seus modos, suas declarações arrogantes nas casas onde trabalhava e seu sistema de viver.

Em cada casa em que ia concertar piano, deixava sempre a marca de sua suspeita. Enquanto isso, suas mais íntimas relações eram com o Senhor Nicola Mandarin. No dia em que o povo, num arranco incontido, invadiu a residência de Nicola, Herbert tremia de ódio, como disse o Senhor Antão Correia de Andrade: - “O governo há de pagar”.

E como lhe aconselhasse que serenasse na sua cólera, ele repetiu para dona da casa: - “A senhora sabe o que é um alemão?”

Irreverente, incrédulo, mal educado, disse em casa do Senhor Roldão Fragoso, na Rua de Laranjeiras, olhando para um quadro do Coração de Jesus pendendo da parede, o seguinte: - “Tire esse judeu cretino da parede”.

Herbert não cessava de deprimir o Brasil, aconselhando aos filhos do senhor Antão para aprenderem a língua alemã, pois justificava: - “A Alemanha vai tomar conta do Brasil”.

Tudo está bem demonstrado pelas declarações a que aludimos.²⁹⁷

Essas frases das testemunhas criaram representações exageradas de Herbert Merby. Eram construções tendenciosas, pois serviam mais para manipular resultados do que esclarecer a investigação de espionagem. Inversamente do que apurou o inquérito, o prático José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) afirmou que Herbert Merby foi apenas mais vítima da desconfiança popular e da ira gerada pelos torpedeamentos, pois não ficou nada comprovado contra ele. Afinal, quantas imagens de Herbert Merby foram construídas em uma Aracaju amedrontada? Inúmeras, pois o imaginário social fez o aracajuano ver o invisível ou a entender o desconhecido com as representações que ele criou ou se apropriou em sua leitura dos conflitos.

²⁹⁶ SANTIAGO, Enoque, op. cit., pp. 4-5.

²⁹⁷ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 16 de outubro de 1942, p. 2.

As lutas contra os alemães saíram das manchetes dos jornais para ruas de Aracaju, tornando-se uma experiência dramática para a coletividade. José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) ainda afirmou que Merby testemunhou a invasão à casa de Nicola Mandarino - que terá sua história analisada nos próximos capítulos – e ficou impressionado com a torpe selvageria. Depois desse quebra-quebra, a caçada insana se estendeu para todos os estrangeiros taxados de eixistas. De acordo com Zé Peixe.

Teve alemães aqui no tempo da guerra. Um consertava piano, mas não ficou provado nada contra ele. Quando tavam quebrando a casa de Nicola Mandarino. Ele tava consertando um piano aqui. Esse alemão andava com pastas. Nós tínhamos um piano aqui. Ele disse que viu tudo de uma casa que tem do outro lado da casa de Nicola Mandarino. Ele vendo aquilo. Eles quebrando tudo. Depois ia sempre passando por aqui porque morava na praia 13 de julho. Quem tinha piano, ele consertava. Esse alemão consertou o piano daqui, que era da minha irmã mais nova. O alemão morava na praia de Formosa, mas desapareceu daqui.²⁹⁸

Os alemães suspeitos de espionagem viviam com pastas ou maletas, levando consigo seu material secreto. De acordo com análises de Stanley E. Hilton, o aparelho de rádio transceptores “pesava apenas treze quilos e podia ser facilmente escondido numa maleta, tornando o ideal para a pessoa que não quisesse chamar a atenção. Os transceptores viriam se tornar a mais importante arma dos espíões enviados pela ABWEHR ao Novo Mundo”.²⁹⁹ Morar na praia 13 de Julho, antiga Formosa, era um ponto estratégico para se observar as atividades portuárias no estuário do Rio Sergipe. “Era de importância para o Alto Comando Naval da Alemanha ter um quadro completo das rotas marítimas inimigas nas águas sul-americanas”.³⁰⁰ E por fim, a casa do alemão estava bem próxima à Capitania dos Portos de Sergipe.

Outros alemães foram detidos em Sergipe, mas logo liberados. Estes alegaram não ter qualquer vinculação com o nazismo. Eis os estrangeiros arrolados: o alemão Carl Oscar Backhaus: casado com brasileira há 17 anos, têm seis filhos brasileiros e nada contra; o austríaco Carlos Satler: ex-integralista e técnico de rádio. Foi empregado público do telégrafo na Áustria. Nenhuma acusação das que pesavam sobre os seus ombros se concretizou, nem tão pouco auxiliou ou coparticipou dos torpedeamentos. Casado com brasileira e têm filhos brasileiros; o frei alemão Euzébio Valter: nas investigações policiais no Convento de São Francisco e em Aracaju, não foi encontrado nenhum indício de culpabilidade do referido religioso; o alemão Otto Apenburg: não fez o serviço militar na Alemanha e disse considerar o regime nazista uma praga para o mundo e não abraça o comunismo porque ele elimina o

²⁹⁸ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju/SE, 07 de abril de 2004.

²⁹⁹ HILTON, Stanley, op. cit., p. 21.

³⁰⁰ Idem.

indivíduo. Disse ainda que as leituras de seu agrado são as obras que tratam dos problemas sociais do mundo; o alemão Otto Carl Weide: chefe da seção de eletricidade da Fábrica de Tecidos São Gonçalo, em São Cristóvão. Fez uma declaração escrita ao Delegado de Polícia e ao Prefeito Municipal da cidade. Ele era casado com brasileira; Kurt Michel natural do Sudeto, na antiga Tchecoslováquia. Empregado da Fábrica de Tecedo São Gonçalo, em São Cristóvão, também escreveu cartas de solidariedade ao Delegado de Polícia e ao Prefeito Municipal. Casado com brasileira; o alemão Oscar Besthner. Nenhuma culpa foi apurada. Casado com brasileira e têm filhos brasileiros.³⁰¹ De acordo com os autos do inquérito não foi encontrado nenhuma prova de culpabilidades desses alemães. Por esta razão, o delegado Enoque Santiago solicitou a José de Melo, então, Diretor da Penitenciária do Estado, a liberação dos seguintes presos:

*De acordo com o despacho proferido pelo Exmo Senhor Coronel Interventor Federal em o inquérito aqui instaurado sobre a participação de auxílio por estrangeiros no torpedeamento dos nossos navios, autoriza-vos a esta chefia sejam postos em liberdade os de nome Frederico Gentil, Vicente Mandarino, Otto Apenburg, Rodolfo von Doehn, Paulo Hagenbeck, Otto Carl Weide, Kurt Michel, Carlos Sttler, Gunther Schmekel, Frei Euzébio Valter, Oscar Benthner, Oscar Backaus e Vicente Fischina, contra os quais nada ficou apurado.*³⁰²

Esse primeiro grupo de estrangeiro se livrou das acusações pendentes, mas precisou de mais tempo para reintegrar-se novamente à sociedade sergipana. Permaneceram presos Nicola Mandarino e Herbert Merby, o primeiro possuidor de armar e, o segundo, por exercer atividades contrárias à segurança nacional. O inquérito de ambos foi enviado para a apreciação do Tribunal de Segurança Nacional³⁰³.

³⁰¹ Ver relação completa dos estrangeiros eixistas em SANTIAGO, Enoque. Relatório do Inquérito instaurado pelo Departamento de Segurança Pública de Sergipe em consequência dos torpedeamentos dos cinco navios brasileiros e no qual se acham envolvidos vários estrangeiros (alemães e italianos). Aracaju-SE, 10 de outubro de 1942. Arquivo do Judiciário de Sergipe.

³⁰² Ofício N^o 1.539 redigido por Enoch Santigado. *Documento oficial do Departamento de Segurança Pública*. Aracaju, 12 de outubro de 1942. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

³⁰³ Órgão específico da Justiça Militar, com sede no Rio de Janeiro. Tratava-se de um tribunal de defesa do Estado que durou de 1938-1946, cuja existência se justificaria por ser necessário tratar dos crimes de natureza política. O objetivo era organizar um tribunal de exceção que fosse eficaz no julgamento mediante processos rápidos com tramitação que variava de três a seis meses entre a fase de inquérito e a de julgamento. ALVES, Paulo. O poder judiciário no Estado Novo (1937-1945). *Revista História*. São Paulo. N^o. 12, 1993, p. 262

Tabela 2 - Averiguações Policiais Contra Nicola Mandarino

1ª Acusação - Possuir um Rádio-Transmissor
<p>Acusado de ter uma estação de rádio transmissora.</p> <p>Diante da perícia procedida, como se verifica na folha 20, ficou logo de parte, desde quando, os técnicos declararam examinando detalhadamente os aparelhos e material de rádio existentes nas residências do Senhor Nicola Mandarino:</p> <p>Ficou apurado - inocente</p> <p><i>“Que nos mesmos não existiam nenhum vestígio de servissem para transmissão”</i> (Vide fls 20 e 21)</p>
2ª Acusação - Ter hospedado tripulantes do submarino em Colégio
<p>Acusado de hospedar em sua fazenda agrícola, situada no município de Itaporanga, tripulantes do submarino alemão que bombardeara os nossos navios mercantes.</p> <p>Esta acusação foi a mais polêmica, pois apareceu uma mulher que afirmou ter visto um navio semelhante à foto de um submarino e que conversara com dois tripulantes. (Vide depoimento da folha 97)</p> <p>Ficou apurado – inocente (provas insuficientes)</p> <p>“Por tudo mais quanto está descrito no depoimento, redobram os indícios de alguma ponderação de que os tripulantes do submarino conheciam o rio Vasa-Barris, por onde navegavam e causa espécie recusarem água da fazenda de Senhor Nicola Mandarino”. (folhas 95 e 103.)</p> <p>“A verdade é que, além de Maria Joana da Conceição, ninguém mais viu o mencionado barco de guerra, que pela sua descrição, tem-se como um submarino alemão”.</p>
3ª Acusação - De possuir grande cópia de armas e munição
<p>A outra acusação, a de posse de armas e munições de guerra, essa é a única sobre que não há discrepância. Basta o auto de apreensão de fls. 13 e as duas fotografias, de folhas 87 e 88, para comprová-la.</p> <p>Observa-se que em seu depoimento a fls. 6 e 7, as declarações do Senhor Nicola Mandarino são todas desencontradas, no referente às armas e munição apreendidas em sua fazenda pela Polícia. Disse, por exemplo, que possuía alguma munição de guerra caída do bernal de um soldado em 30 de Maio de 1930, quando ao contrário disso, foram apreendidas 485 cartuchos de guerra orgivais; 1. 402 balas de rifles; 745 cartuchos de guerra ponteagudas, além de 19 dinamites.</p> <p>Ficou apurado - culpado</p> <p>Esta última acusação ficou plenamente constatada. Os cartuchos pontiagudos foram encontrados dentro de um caixão, bem condicionados, o que indica, não terem caído de bernal algum.</p>

Organizado por Luiz Antônio Pinto Cruz. 2012.

No entendimento dos juízes do TSN, as acusações careciam de maior fundamentação e não viam fundamento na prisão de Nicola Mandarino. Em 11 de fevereiro de 1943, os magistrados excluíram o processo jurídico N^o 2.661 e ordenaram a imediata liberação do italiano através de um telegrama emitido pelo Ministro Barros Barreto a Enoque Santiago, então Chefe de Polícia de Sergipe.³⁰⁴ Portanto, o veredito do TSN não foi capaz de encerrar os rumores de espionagens ainda fortes atualmente. Nicola Mandarino, no imaginário social, continuava no banco dos réus.

³⁰⁴ FIGUEIREDO, Ariosvaldo, op. cit., p.86.

3.5 – Os judeus e a cidade de Aracaju

Ao longo do século XX, uma pequena comunidade judaica ocupou um lugar de destaque na sociedade sergipana, especialmente em relação às atividades mercantis e culturais. Contudo, pouco a pouco ela ganhou notoriedade por suas ações políticas nos anos de 1940, aqui analisaremos, brevemente, as manifestações israelitas publicadas nos jornais aracajuanos no tempo dos torpedeamentos. Diante da carência de mais informações documentais, a análise aqui desenvolvida serviu para desbravar uma temática nova dentro do campo historiográfico estadual e apontar caminhos mais com a intenção de para contribuir para o debate acadêmico.

Ao longo da Era Vargas, por que os judeus se fixaram em Sergipe? Quais foram as suas principais atividades trabalhistas? Os negócios entre as cidades do Vale do Cotinguiba e o comércio marítimo exterior atraíram brasileiros de outras regiões e imigrantes europeus para a cidade de Aracaju. Atento a esta realidade socioeconômica, Pires Wynne afirmou que “sempre havia lugar para os que chegavam com os navios”.³⁰⁵ Dentre suas feições, Aracaju era uma cidade de forasteiros, que iam ou vinham, mas havia aqueles que optaram morar e investir em terras sergipanas.

A imagem do “judeu mascate” indo de casa em casa, rua em rua, vendendo seus produtos ou atendendo encomendas era marcante no imaginário coletivo dos entrevistados para esta pesquisa. Uma gente que fez fortuna a custa de muito trabalho, sorte e fé. Embora discretos nas práticas religiosas e nas questões políticas, paulatinamente eles começaram a se organizar enquanto grupo social. No dia 6 de junho de 1925, foi fundado o Centro Israelita de Sergipe³⁰⁶ e, em seguida, ergueram o Cemitério dos Judeus em Aracaju, onde foram sepultados vários irmãos da fé, a exemplo de integrantes da família Milstein, Chitmann, Schuster, dentre outras. Como guardião dos restos mortais estava, no alto dos portões, a estrela de Salomão, símbolo marcante do judaísmo.

A história dos judeus radicados em Sergipe no tempo da Era Vargas, ainda requer estudos mais aprofundados para identificar suas origens e suas distinções. No entanto, a presença da etnia moldava foi marcante no cotidiano dos aracajuanos, especialmente na arte da marcenaria e na fabricação de móveis. Saul Kaminsky, Elias e Marcos Roitman e Maurício

³⁰⁵ WYNNE, J. Pires, op. cit., p. 422.

³⁰⁶ FIGUEIREDO, Ariosvaldo, op. cit., p. 172.

Lerner, oriundos da Bessarábia, enquadraram-se, portanto, dentro desse grupo étnico moldaviano. Outros judeus vieram da Rússia, da Ucrânia e da Síria.³⁰⁷

O intenso comércio naval, a inexpressiva presença de estrangeiros eixistas e a força da colônia judaica foram aspectos que exerceram um poder de atração para Aracaju. Na capital sergipana, as suas práticas religiosas eram publicadas livremente nos jornais ou atos públicos. Em 12 de setembro de 1942, eles comemoraram a entrada de ano novo de 5.705, com trajes característicos e entoando hino sagrado.

Os Israelitas expulsos de suas terras, há cerca de dezenove séculos, sofrendo uma perseguição atroz, exilados de um país para outro, não deixaram e nem deixarão de existir.

A sua união e a inabalável fé constituem a principal razão de sobreviverem até os nossos dias.

Hoje os Israelitas celebram a entrada do novo ano, o 5.705, de acordo com os cálculos do povo de Israel, que conta desde o início do mundo neste momento grave da humanidade, em que o banditismo sanguinário dos nazifascistas desencadeou a mais terrível das guerras, os Israelitas sofrem impiedosa perseguição nos campos de concentração da França ocupada. E por este motivo rezaram eles hoje, vestidos em seus trajes característicos e entoando hinos sagrados que há mais de 5 mil anos seus antepassados aprenderam nos areais ardentes do Egito, pedindo a Deus que a Paz volte a reinar em todos os quadrantes da terra e, uma vez, acabados esses dias tormentosos pelos quais está passando o mundo, voltando a reinar a paz na terra e a fraternidade entre os homens e continuando unidos pela fé indiscutível, poderá realizar-se a profecia de Isaías: “Como diante de mim durarão os céus e a terra nova, assim durará a vossa posteridade e o vosso nome que eu hei de fazer.

*Sergipe é testemunha dessa qualidade dos Israelitas, que aqui vivem em grande número, pacífico e devotado ao trabalho construtor.*³⁰⁸

Quais as leituras dessa comunidade judaica diante da barbárie nazista na Europa? Como o Centro Israelita de Sergipe facilitou a entrada e a adaptação de refugiados da guerra para a cidade de Aracaju? Quais as impressões deles sobre os ataques de submarinos alemães

³⁰⁷ *A Família dos Udermann.* Isaac Udermann, nascido em Kalins, na Ucrânia (Rússia), em 10 de janeiro de 1890, era judeu e veio para Sergipe com Isaac Shuster, também russo, também judeu, que exerceu, informalmente, um papel de chefe da colônia judaica, e que teve uma casa comercial – Casa Oriental - na rua de Laranjeiras, 318. Udermann foi iniciado na Loja Cotinguiba em 8 de outubro de 1921, casou-se em Aracaju, em 16 de junho de 1925, estabelecendo-se como comerciante de móveis, na rua de João Pessoa. Integrou o corpo de sócios e de dirigente da Associação Comercial de Sergipe, vice-presidente do Cotinguiba Esporte Clube, integrado na vida aracajuana. Nos anos de 1940 era proprietário da loja “A Bela Aurora”, situada na Avenida Sete de Setembro, 77, em Salvador na Bahia, especializada em tecidos – brins e casemiras. Isaac Udermann viveu até a década de 1960. *A Família dos Abud.* Rachid Abud, filho de Abraão Abud e de Helena Abud, nasceu em Safita, na Síria, em 3 de outubro de 1898. Era solteiro, comerciante, proprietário da Casa Abud, na Rua de Laranjeiras, 77. Em 3 de fevereiro de 1923 iniciou-se na Maçonaria. Casou-se com Maria Augusta Cerqueira Abud, em 9 de setembro de 1943. Rachid precedeu a Sami Abud Ezarini, a Jorge Abud e a Miguel Housi Abud, e também a Kalil Abud, do Armazém Abud, da Rua de Laranjeiras, 97, nascidos, todos eles, em Alep, na Síria, no comércio de miudezas, armazéns, na capital sergipana. A família Abud sobrevive com novas gerações integradas na vida sergipana em múltiplas atividades, inclusive comercial. BARRETO, Luiz Antônio. *Estrangeiros em Aracaju (III)*. 09/05/2005, in: Pesquisa – Pesquisa de Sergipe. Disponível em: http://www.infonet.com.br/luisantonioabarreto/ler.asp?id=34995&titulo=Luis_Antonio_Barreto 11:31 16 de julho de 2012.

³⁰⁸ *Correio de Aracaju.* Aracaju-SE, 12 de setembro de 1942, p.4.

aos navios mercantes brasileiros? Após a Segunda Guerra Mundial, por que alguns judeus locais se mudaram para o Rio de Janeiro? Existiram conflitos religiosos entre judeus e católicos no tempo republicano? Ou eles partiram para a capital federal em busca de melhorias de vida? Essas questões foram levantadas diante dos poucos documentos encontrados nos arquivos e nas bibliotecas. A carência de mais detalhes impossibilitou responder essas problemáticas plenamente, mas as análises desenvolvidas ajudaram a apontar caminhos para novas investigações históricas.

Quando a angústia da guerra vicejou-se entre os aracajuanos no tempo dos torpedamentos, os judeus se sensibilizaram e ofereceram apoio aos cidadãos. Em 21 de agosto de 1942, o Correio de Aracaju publicou a carta de H. A. Gunzburger, gerente da loja 4.400, localizada centro comercial da capital sergipana. Eis o conteúdo desta correspondência, que foi publicada em sua íntegra:

Aracaju, 18 de agosto de 1942. Pela presente tomo a liberdade dirigir a V. Excia estas linhas, representando nesta hora de profunda dor para Nação Brasileira o sentimento de um dos milhares de refugiados da Europa Nazista acolhidos com braços abertos pelo generoso povo brasileiro.

Nós, que já conhecemos de experiência própria os métodos bárbaros da “Civilização Hitlerista”, nós que temos perdidos na Europa escravizada parentes, casas e haveres; nós sentimos com todos os sergipanos e todo povo brasileiro a profunda dor pelo sacrifício de valiosas vidas e ajusta indignação pela agressão do “Eixo” a vapores indefesos.

Nosso coração está cheio de gratidão a esta terra abençoada, que ficou para nós mais que um simples refúgio, que ficou para nós não uma segunda, mas sim A NOVA PÁTRIA. Nós, as primeiras vítimas do nazismo, cerramos fileiras ao lado do povo brasileiro, confiando e esperando que o Exmo. Sr. Presidente da República nos dará oportunidade de poder provar nossa gratidão e devoção ao Brasil conforme a exemplo da grande Nação Norte-Americana incluem os estrangeiros-vítimas do Hitlerismo – na legião dos defensores da liberdade humana e da democracia, para que possamos ajudar com todo o nosso esforço e até com a nossa vida na defesa da terra, que sempre deu refúgio aos oprimidos de todas as Nações, Crenças e Raças; da nossa nova Pátria:

- BRASIL – GRANDE, FELIZ E VITORIOSO.

Peço a V. Excia, caso for possível, transmitir estas linhas ao Exmo. Sr. Presidente da República, ajudando deste modo todos os estrangeiros, que esperam ansiosos a hora de poder lutar ao lado da Nação Brasileira pelo restabelecimento da verdadeira liberdade humana em todo mundo. Agradeço de antemão sua valiosa ajuda e subscrevo-me, de V. Excia. Admirador – H. A. Gunzburger.³⁰⁹

A carta de H. A. Gunzburger é ilustrativa para compreender o processo de apropriação do evento bélico na cidade de Aracaju. Além de expressar sentimentos de solidariedade e de nacionalismo, a carta também deixa claro que o “mundo da guerra”, tão familiar para esse refugiado judeu, tornou-se parte integrante da sociedade sergipana. Os inimigos, os sofrimentos, as vítimas e o luto dos aracajuanos eram os mesmos da sua comunidade. “Nós,

³⁰⁹ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 21 de agosto de 1942, p. 3.

as primeiras vítimas do nazismo, cerramos fileiras ao lado do povo brasileiro, confiando e esperando que o Exmo. Sr Presidente da República nos dará oportunidade de poder provar nossa gratidão e devoção ao Brasil”.

Na obra “Soldados que vieram de longe”, o historiador Israel Blajberg³¹⁰ destacou os soldados brasileiros judeus que lutaram nas tropas nacionais no tempo da Segunda Guerra Mundial. Em terra, mar e ar, esses homens lutaram em todas as frentes: na defesa do litoral brasileiro, na campanha antissubmarina e proteção de comboios no Atlântico Sul; e no Teatro de Operações Europeu, integrando a Força Expedicionária Brasileira, a FEB. Aqui, eles chegaram como refugiados, mas depois voltaram à Europa, na condição de soldados brasileiros.

Os “pracinhas judeus” eram filhos de imigrantes vindos de diversas partes do mundo. Enquanto isso, internamente, formou-se um corpo de voluntários, empenhado no esforço de guerra.

Propôs-se a formação de um corpo de voluntários composto de vítimas do nazi-fascismo para servir no momento atual, ao Governo e ao Brasil os quais poucos dias depois já começavam a inscrever-se nas listas particulares para tal fim. Nos primeiros dias o número de voluntários que já começavam a inscrever-se nas listas particulares para tal fim ultrapassava trezentos.³¹¹

Dentre as vítimas da Guerra Submarina em Sergipe, uma se tornou especial para a Comunidade Judaica do Brasil: Maurício José Pinkusfeld. Ele era tripulante do Aníbal Benévolo e desapareceu em meio às ondas, quando o seu navio foi alvejado pelos representantes do Terceiro Reich. Na visão de Israel Blajberg, “*Maurício José Pinkusfeld. 2º Comissário da Marinha Mercante. O único herói Brasileiro Judeu na II Guerra Mundial que se sabe desaparecido em decorrência de operações bélicas. O mar foi o túmulo de um jovem sonhador*”.³¹² Percebeu-se nesta análise, que recordar a história de Maurício não significou necessariamente rememorar a seu fim, mas sim, uma postura de construir um símbolo de resistência, um elemento formador de uma identidade comum.

Para uma comunidade ameaçada, a memória também servia para amenizar o sofrimento ou despertar para luta. A angústia da família Pinkusfeld comoveu os sergipanos e israelitas. Em diferentes jornais aracajuano, a senhora Berta Pinkusfeld pedia, insistentemente, notícias boa ou má do seu ente querido. A falta do corpo ampliava a dor e o luto. Eis a pequena nota que circulou na imprensa local:

³¹⁰ Ver: BLAJBERG, Israel. *Soldados que vieram de longe: os 42 heróis brasileiros judeus da 2ª guerra mundial*. Resende: AHIMTB, 2008.

³¹¹ Ibidem, p. 27.

³¹² Ibidem, p. 119.

*Ao povo Sergipano, a família angustiada do querido jovem Maurício José PINKUSFELD, de 17 anos de idade, 2º Comissário do vapor “Anibal Benévolo”, apela para o bondoso coração de todos que esta notícia lerem, a grande caridade de fornecer qualquer notícia boa ou má para o seguinte endereço: Berta Pinkusfeld, Av. Maracanã, 1 350. Tijuca. Rio de Janeiro-RJ. Que o bom Deus vos proteja.*³¹³

As informações da carta de Gunzburger e as significações judaicas construídas para a morte do jovem Maurício evidenciaram novos comportamentos dos israelitas locais. Outrora mais discretos, eles ganharam visibilidade em várias ações políticas no cotidiano de Aracaju. Em 4 de fevereiro de 1943, por exemplo, os judeus encerraram suas atividades comerciais para chamar a atenção dos aracajuanos e sensibilizá-los para o antissemitismo na Europa.

A Segunda Guerra Mundial atingiu um grau de crueldade até então desconhecido, em que as populações civis foram as principais vítimas.³¹⁴ A história não deve apenas confortar; deve apresentar um desafio, e uma compreensão que ajude no sentido da mudança.³¹⁵ Representantes de uma instituição tradicionalíssima, os israelitas se sentiram desafiados a protestar contra a barbárie nazifascista na Europa. Então, as suas lojas comerciais do centro aracajuano tiveram suas portas fechadas e nelas foram fixadas panfletos com os seguintes termos:

Fechado em sinal de protesto

A coletividade israelita do Brasil deliberou fechar suas portas no dia 4 de fevereiro, em sinal de protesto contra o massacre aos judeus da Europa, praticado pelos desumanos nazistas.³¹⁶

A princípio, o “mundo da guerra” e a “sociedade brasileira” eram realidades opostas, como a guerra e a paz, a morte e a vida, a fuga e o refúgio, a intolerância e a liberdade... Todavia, esses mundos se fundiram, graças às atrocidades navais proporcionadas pelos submarinos alemães. A guerra estava em toda parte e os judeus refugiados cansaram de fugir, então, eles resolveram enfrentar os seus maiores medos: a guerra, o nazismo, o fascismo, o submarino, o preconceito, e, principalmente, a si mesmos. Com as ações de protestos no centro de Aracaju, os manifestantes levantaram profundas reflexões sobre sua condição diante do ódio cego do arianismo e da maldição representada por Adolf Hitler.

³¹³ *Correio de Aracaju*, Aracaju-SE, 2 de outubro de 1942, p. 4.

³¹⁴ DROZ, Bernard & ROWLEY, Anthony. *História do século XX*. Lisboa: Dom Quixote, 1988, v.2, p. 116.

³¹⁵ THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.43.

³¹⁶ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 5 de fevereiro de 1943, p.4.

CAPÍTULO IV

OS ARACAJUANOS E SUAS MEMÓRIAS MALAFOGADAS

O navio afundou na barra de Aracaju, trazendo os malafogados pra vestir os nus.

Idalina Lima de Sousa.³¹⁷
Porto Alegre-RS, 15 de julho de 1999.

Ao longo da Segunda Guerra Mundial, os aracajuanos estavam atentos e sensíveis às histórias que vinham do mar, por isso a sua região praiana se tornou um “lócus privilegiado” para o encontro de evidências sobre ação militares no Atlântico Sul. O fio do relato (fala dos sergipanos) e sua relação com os infundáveis rastros (os salvados) nos ajudaram a percorrer o labirinto de tensões sociais estabelecidas naquele momento. Lá, foi possível perceber como os aracajuanos criaram suas explicações para entender a tragédia naval.

O material que se despreendeu dos navios alvejados e flutuou até as praias sergipanas, foi chamado de *malafogados*³¹⁸. Eram tantos entulhos na areia da praia (malas, caixotes, mercadorias avariadas, material do navio, dentre outros), que os aviões do Aero clube de Sergipe não conseguiam aterrissar e quanto mais se investigava os salvados mais suspeitas eram levantadas pela elite intelectual e publicadas nos diários locais.

Em 19 de agosto de 1942, o Correio de Aracaju noticiou o aparecimento de uma baleeira norte-americana, do navio “S.S. George Clymer”, na praia da Barra dos Coqueiros, portando muitos objetos suspeitos. A ronda policial alarmou os moradores da ilha, pois se acreditava na presença de estrangeiros na região. De acordo com a nota publicada no jornal,

A bordo dessa embarcação, a autoridade policial da Barra – Sr. Antônio Prudente – encontrou os seguintes objetos: uma pequena metralhadora portátil com bastante munição, um foguete de sinalização, 3 bússolas, sendo um pequeno, outra maior e uma grande, ainda encontra aquela autoridade mantimentos, bastantes para 30 dias, bem como 2 barris com água, uma carta de navegação, uma carteira de piloto,

³¹⁷ Idalina Lima de Sousa nasceu na cidade de Aracaju, no dia 30 de julho de 1933. Ainda adolescente se tornou operária na Fábrica de Coco, localizada no Bairro Industrial. Casou-se com Paulo Otacílio de Souza, jogador de futebol. Em 1961, o seu esposo foi transferido para o time do Grêmio, na cidade de Porto Alegre-RS, onde ganhou fama nacional como Paulo Lumumba. Desde então, eles fixaram residência na capital gaúcha.

³¹⁸ Malafogado representa aquilo que não se afogou completamente, que voltava à tona, trazendo, porém, a marca do mal da tragédia naval: torpedeamento ou encalhe. Em meio ao desespero dos marinheiros em salvar seu navio do encalhe, os aracajuanos se animavam pelos salvados jogados na água. Era uma franca oposição de valores entre a dor dos “homens do mar” e a alegria dos “homens do mangue”. Estes recolhiam as fazendas variadas, os enlatados de manteiga, a caixa de utensílios, os frascos de perfumaria, as bagagens, os baús, as bonecas, as camas e as cadeiras, que chegavam às mãos oportunistas de quem viviam à margem do mundo naval.

com um recibo de sindicato da classe, e ainda as seguintes peças de vestuário: 1 paletó de mescla, 1 pedaço de lona escura, cosido em forma de saco, 1 calça de marujo, também de mescla, 1 blusa de flanela azul-marinho, bastante espessa, com vários orifícios, 1 caneca de aghata, 1 pedaço de lona, com ilhozes de metal amarelo, tendo a uma das extremidades a inscrição S.S. George Clymer”. Ainda 2 calças de brim de ótima qualidade (...) 1 calção e 1 camisa seda, completamente aos farrapos.³¹⁹

Por que essa baleeira apareceu na Praia da Costa, no município da Barra dos Coqueiros, se o navio SS George Clymer não foi torpedeado pelo U-507? O barco carregava suprimentos alimentares e bélicos, mas onde se localizavam os seus tripulantes? O que a Marinha do Brasil poderia esclarecer sobre os dos naufrágios na costa brasileira no tempo da Segunda Guerra Mundial? Em diálogo com pesquisadores navais, ampliamos o olhar para essa misteriosa aparição. A carga encontrada dentro dela (armamento pessoal para proteção dos náufragos, roupas e sinalizadores) evidencia que se tratava de uma embarcação salva-vidas. O que motivou esse naufrágio? O que aconteceu com os seus tripulantes? Será que eles não resistiram à exposição ao mar ou foram metralhados pelos seus inimigos? Sem sinais de violência no barco, acreditava-se que as pessoas a bordo foram resgatados em alto mar.

Em busca de respostas mais coesas para essas questões, encontramos nas análises navais de James P. Duffy, um manancial de informações sobre os momentos finais do SS George Clymer no Atlântico Sul, no tempo da Segunda Guerra Mundial. Conforme suas ponderações:

The American Liberty ship George Clymer was launched from the Oregon Ship Building Company's Portland yard on February 19, 1942. She was one of 330 Liberty ships built at the yard during the war, and was delivered for service on April 8, 1942. Soon after, she sailed from Cape Town. She passed through the Panamá Canal without incident and sailed into the Atlantic heading south. On May 30, when she was about 400 miles from de Ascensions, and just beyond the air cover offered by the air base there, the freighter's main shaft and thrust block bearings split, leaving her without the ability to move under power. She immediately sent out an SOS, giving her present position. The distress signal was responded to by Cape Town, but the freighter heard little else.

Unable to maneuver under her own power, the George Clymer was under control of the ocean currents and during the next few days drifted more than 200 miles from her original position. On June 2, another SOS was broadcast in the hope there was a ship nearby that could lend a hand. This time the signal was picked up by the Michel. The freighter was about 900 miles to the north. Ruckteschell considered the possibility that it was a trap, but decided to investigate. En rout to the George Clymer's location, the Esau was lowered into the water and sent ahead of the raider.

The torpedo boat arrived near the freighter on June 6, and found just what had been reported, a loaded Liberty ship adrift. The Esau fired her two torpedoes into the freighter and then withdrew just beyond the horizon to await events. In a sorry case of everyman for himself, several members of the crew quickly lowered boats and

³¹⁹ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 19 de agosto de 1942, p.4.

*abandoned ship without waiting for orders. Left behind were the remaining the George Clymer's single gun. The following morning, with the freighter still afloat, the crewmen returned to her, and the attempt to make repairs continued. Later that morning a British reconnaissance plane flew over and reported that help was on the way. Early that evening the British Armed Merchant Cruiser Alcantara, arrived to remove the crew. Because the Liberty ship was too damaged to be able to be towed into port, she was sunk by the AMC. Believing the torpedoes had been fired from a U-boat that might still be in the area, the Alcantara left the scene hastily, which was good judgment because minutes later the Michel approached the position just in time to see the twin masts of the AMC rushing off.*³²⁰

Danificado e à deriva, a tripulação do o SS George Clymer baixou as suas baleeiras e resolveu abandoná-lo. O navio inglês Alcântara recolheu esses naufragos e os barcos salvavidas se dispersaram pelo Atlântico Sul. Um deles seguiu ao sabor das ondas até a praia da Barra dos Coqueiros, tornando-se popular entre os aracajuanos pelas seguintes razões. 1 – O barco salva-vidas se misturou aos destroços dos navios brasileiros torpedeados pelo U-507 na costa sergipana; 2 – Os moradores da ilha dos Coqueiros ficaram amedrontados com a aparição; 3 – Como se tratava de uma baleeira enorme e com inscrições estrangeiras, as autoridades policiais ficaram apreensivas com a possibilidade de desembarque inimigo nas praias; 4 – Havia uma arma portátil a bordo dela, e como já foi dito nesta pesquisa, os naufragos dos navios torpedeados foram metralhados pelos agressores estrangeiros Esses

³²⁰ O navio da Classe Liberty George Clymer partiu de Portland, dos pátios da Empresa de Construção Naval do Oregon, em 19 de fevereiro de 1942. Ele era um dos 330 navios da Classe Liberty construídos nessa companhia durante a Guerra; ele foi entregue para uso em 8 de abril de 1942. Logo depois, rumou à Cidade do Cabo. O navio passou pelo Canal do Panamá sem incidentes e navegou pelo Atlântico em direção ao sul. Em 30 de maio, a cerca de 400 milhas (aproximadamente 645 quilômetros) de Ascensions, e fora do campo de cobertura aérea oferecida pela base aérea de lá, os rolamentos do eixo principal e do bloco de apoio do cargueiro quebraram, impossibilitando-o de mover-se com o auxílio do motor. Imediatamente, um aviso de socorro, com sua localização, foi enviado. A Cidade do Cabo respondeu a esse sinal, mas o cargueiro pouco pôde captar.

Sem poder operar com o auxílio do motor, o George Clymer passou a ser controlado pelas correntes do oceano, e, durante os dias subsequentes, permaneceu à deriva, ficando mais de 200 milhas (cerca de 320 quilômetros) distante de sua posição original. Em 2 de junho, outro aviso de socorro foi transmitido, na esperança de que houvesse algum navio nas proximidades que pudesse auxiliar. Desta vez, o sinal foi captado pelo cargueiro Michel, que estava a cerca de 900 milhas (aproximadamente 1.450 quilômetros) ao norte. Ruckteschell considerou a possibilidade de o sinal ser uma armadilha, mas resolveu investigar. Ao rumar à posição do George Clymer, o Esaú foi baixado para dentro d'água e enviado à frente do corsário.

O barco-torpedo aproximou-se do cargueiro em 6 de junho, encontrando apenas o que havia sido reportado, um Liberty carregado, à deriva. O Esaú lançou dois torpedos contra o cargueiro, e então retirou-se para além do horizonte, para esperar pelos eventos. Tristemente, para cada um daqueles homens, vários membros da tripulação rapidamente baixaram as baleeiras e abandonaram o navio, sem esperar por ordens. Para trás ficou o restante da única arma do George Clymer.

Na manhã seguinte, com o cargueiro ainda à deriva, os homens da tripulação retornaram a ele, e as tentativas de consertá-lo continuaram. Mais tarde, na mesma manhã, um avião de verificação britânico sobrevoou a área, e avisou que a ajuda estaria a caminho. No início da noite, o navio mercante armado britânico Alcântara chegou para remover a tripulação. Como o navio Liberty estava muito danificado para ser guinchado até o porto, ele foi afundado pelo Alcântara. Acreditando que o Liberty havia sido afundado por um submarino que ainda poderia estar rodeando a área, o Alcântara deixou a cena apressadamente; uma sábia decisão, pois, minutos depois, o Michel aproximou-se, ainda a tempo de ver os mastros gêmeos do Alcântara partindo rapidamente. DUFFY, James P. *Hitler's Secret Pirate Fleet: The Deadliest Ships of World War II*. Publicação original: Westport. Conn/Praeger, 2001, pp. 171-172.

aspectos reunidos demonstravam como os aracajuanos estavam integrados ao mundo da Batalha do Atlântico. Por não saber os limites de uma guerra submarina e por carregar um forte sentimento de vulnerabilidade, a baleeira embarcou muitas suspeitas dos repórteres, militares, comunistas e estudantes.

Com título “Chegou a Baleeira”, o Correio de Aracaju apresentou novos detalhes sobre o barco, que foi encaminhado à Capitania dos Portos de Sergipe e gerou expectativa entre os cidadãos. “Quando íamos encerrar a nossa edição de hoje, chegava a este porto, puxada pelo Rebocador Coió, a baleeira que, apareceu na praia da Barra dos Coqueiros com a inscrição SS Clymer. Um caminhão foi buscá-lo na praia até defronte desta capital”.³²¹ Novos objetos foram periciados: um maço de recibos de um sindicato, todos com o nome W. Hadmmond, e um cartão impresso, com os seguintes dados: “Sam L. Levison. Attonney At Law. 1602 Northern Life Tower. Seattle Ellioto 626”.³²²

A desconfiança com os norte-americanos prosseguiu. Em 1º de setembro de 1942, uma bota apareceu na praia de Atalaia Velha e ganhou destaque no Correio de Aracaju. Diante de tantos salvados recolhidos, por que aquele calçado conquistou espaço na imprensa local? De acordo a nota:

*Em plena costa sergipana, o subdelegado de polícia do povoado Atalaia Velha, na sua ronda habitual, encontrou um pé de bota, todo de borracha. É de cano bem alto, do tamanho da perna de um homem de estatura normal, número 41 calculadamente. É de cor amarela e em regular estado de conservação. Na parte externa do cano, têm-se a etiqueta: Ozark Ripley – Made in U.S.A. Não se sabe a procedência ou os motivos que originaram a aparição desse objeto. Alguns “entendidos” opinam que pertence a algum dos navios torpedeados. Porém, nada de exato se sabe ao certo, reinando uma atmosfera de mistério em torno do fato. Afinal, quem será o dono da Bota?*³²³

Após a leitura da reportagem, foi possível perceber que o litoral sergipano se tornou um lugar privilegiado para se discutir histórias de conspirações e traições. Esta primazia transformou uma bota em implicações políticas maiores. Depois de lançar várias pistas de se tratar de um objeto proveniente dos Estados Unidos, o jornal queria fazer o leitor pensar em outras possibilidades interpretativas. Afinal, quem seria o dono da bota? Diante de milhares de destroços que chegaram às praias sergipanas, por que ela sobressaiu e tornou-se caso de polícia? A singela bota mais parecia “um conto da Cinderela às avessas”, pois o seu dono, poderia ser o responsável pelas agressões marítimas. Essa recusa interiorizada em não admitir o atentado eixista e nem aceitar a versão varguista, demonstrava a resistência de alguns

³²¹ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 21 de agosto de 1942, p. 4.

³²² Idem.

³²³ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 1º de setembro de 1942, p. 4.

grupos sociais em Sergipe. O DEIP-SE condenava essa recusa e perseguia em vão, os autores anônimos desses boatos.

Há quem diga em público que o atentado corre por conta de submarinos americanos ou ingleses. Tudo isso revela, o jogo da quinta-coluna em suas formas mais insidiosas e mais venenosas. Denunciamos aqui esse jogo. Os submarinos que afundaram os navios brasileiros até agora sempre foram teutos. Submarinos ceifadores de vidas brasileiras, assaltantes embaçados nos mares traiçoeiros empreitadores da morte e da destruição, na covarde tocaia sem fim daquilo que o “eixo” denomina inconscientemente de Guerra Submarina.³²⁴

Essa suspeita se ligava à vertente antivarguista: intelectuais, marxistas, militantes comunistas, anarquistas, integralistas, estudantes e estrangeiros. O alemão Kurt Michel³²⁵ foi detido pela Chefatura de Polícia de Sergipe e ao ser interrogado sobre as agressões dos submarinos nazistas, ele afirmou que “acredita não terem sido submarinos alemães que torpedearam os navios brasileiros, porque alemães não matam crianças, nem corresponde ao sentido de honra do soldado alemão”.³²⁶ Há, portanto, uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com o poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade aquela classe.³²⁷

Afinal, os submarinos eram americanos, ingleses, alemães ou italianos? Encontravam-se diversas versões que atendiam aos diferentes interesses. Entre a realidade e a ilusão, não cabe ao historiador o papel de julgar o falso ou o verdadeiro, mas entender o processo de construção e apropriação dessas versões. De acordo com Paul Thompson, “a descoberta de distorção ou de supressão numa história de vida, uma vez mais é preciso ressaltar, não é puramente negativa. Até mesmo uma mentira é uma forma de comunicação”.³²⁸

A baleeira, a bota e, até mesmo, a mentira podem ser analisadas dentro de um olhar micro-histórico, pois a suspeita dos aracajuanos que o submarino agressor era norte-americano não se voltou apenas para o seu mundo social, mas também, para as questões sociopolíticas do tempo do Estado Novo. Ricardo Seitenfus afirmou que após a Segunda Guerra Mundial, ocorreram tentativas de considerar a Marinha de Guerra dos Estados Unidos responsável pelas perdas sofridas pela Marinha Brasileira.³²⁹ Evidências documentais

³²⁴ *Folha da Manhã*. Aracaju-SE, 26 de agosto de 1942, p. 2.

³²⁵ O alemão Kurt Michel, natural do Sudetos, região da Tchecoslováquia, empossada pela Alemanha Nazista foi empregado da Fábrica de Tecidos São Gonçalo, na cidade de São Cristovão.

³²⁶ SANTIAGO, Enoque, op. cit., p. 5.

³²⁷ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 18.

³²⁸ THOMPSON, Paul, op. cit., p.191.

³²⁹ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003, p. 292.

sergipanas demonstraram que a desconfiança com os norte-americanos não nasceu no pós-guerra, mas no calor da emoção dos torpedeamentos, na cidade de Aracaju.

Quem registrou os pormenores dos naufrágios na costa do Brasil foi o jornalista Mauro Santayana³³⁰, que encontrou o diário de bordo do submarino agressor, quando era correspondente do Jornal do Brasil na Alemanha. Graças às suas investigações, os brasileiros descobriram em 1971, que o “submarino desconhecido” era alemão e chamava-se U-507, capitaneado por Harro Schacht. O jornalista Mauro Santayna concedeu o seguinte depoimento sobre os bastidores desse achado documental:

*O diário de Schacht me chegou às mãos depois de exaustiva pesquisa nos arquivos alemães de Coblenz, e é apenas um dos documentos importantes. Ele foi o responsável pela caça maior, aí, na costa de Sergipe, mas outros submarinos, alemães e italianos, puseram a pique dezenas de navios brasileiros em todos os mares do mundo, até mesmo no Mediterrâneo.*³³¹

Enquanto a suspeita da autoria norte-americana foi forte, muitos historiadores preferiram silenciar-se sobre o assunto ou conduziram suas análises de forma a transparecer sua desconfiança. *Certos tabus criam raízes que, ao longo do tempo, se contorcem, estrangulando pequenos brotos que mal conseguem alcançar a luz. Invisíveis a olho nu, transformam-se em mitos entregues ao sabor de interesses. Do mito à razão vai um passo.*³³² Historiar o principal acontecimento militar que levou o Brasil à Segunda Guerra Mundial, parecia ser proibido e/ou impensado entre os brasileiros, pois as opiniões conflitantes se transformaram em tabu.

*É na trama de interesses velados que os mitos ganham forças, e a coletividade deixa de saber exatamente quem ela é. Equivocada pelos silêncios, a sociedade mergulha na alienação, alimentando a persistência dos interditos: acredita, sem ousar dizer, por mais absurda que seja a condição da história. Torna-se conivente com os carrascos interessados em se fazer passar por vítimas.*³³³

Os silêncios propositais sobre algumas temáticas da Era Vargas, a falta de transparência do poder estadonovista, o temor de uma ação imperialista dos EUA e o desprezo em reconhecer a guerra submarina do Eixo negligenciaram o desenvolvimento de uma

³³⁰ SANTAYANA, Mauro & BALTAR, Tarcísio. Assim foi iniciada uma guerra. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro-RJ, 8 a 10 de junho de 1971, p. 15.

³³¹ Depoimento do Jornalista Mauro Santayana ao Professor Luiz Antônio Pinto Cruz. Quarta-feira, 2 de novembro de 2005. Mauro Santayana foi colunista político do Jornal do Brasil, correspondente na Europa no período de 1968 a 1973. Ele foi um dos primeiros brasileiros a ter acesso aos documentos da *Kriegsmarine* sobre os torpedeamentos dos navios brasileiros.

³³² CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Prefácio. In: FERRO, Marc. *Os tabus da história: a face oculta dos acontecimentos que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p.8.

³³³ *Ibidem*, 2003, p.9.

interpretação histórica múltipla a respeito de como a Segunda Guerra Mundial chegou ao Brasil. Os pesquisadores militares ignoram os que ainda insistem em suspeitar dos submarinos norte-americanos. Por esta razão, as Forças Armadas avançaram em seus estudos sobre a guerra submarina no Atlântico Sul, enquanto os historiadores sociais começaram a desenvolver suas pesquisas regionais somente nas últimas décadas. Refletir sobre um assunto antes de conhecê-lo era estupidez e a mídia continuou a despertar intrigas com os militares, no afã de vender seus produtos jornalísticos. De acordo com Plínio Pitaluga,

*hoje ainda, e infelizmente, a falta de maior atividade da nossa mídia, em fase que continua a desafiar a ignorância histórica, subsiste a lenda de que os submarinos aliados, americanos e ingleses, com a finalidade de forçar o Brasil a declarar guerra ao Eixo, teriam torpedeado os nossos navios, numa ação que, se realizada por aliados tradicionais e leais, seria vil e covarde. Nada mais inverídico.*³³⁴

A historiografia brasileira ajuda a entendermos as circunstâncias dos torpedeamentos na costa nordestina, como também, os aspectos políticos criados pelo Estado Novo e pela Política da Boa Vizinhança. Para Gerson Moura³³⁵, o ano de 1942 foi de importância vital para as relações Brasil-EUA, pois foram tomadas decisões sumariamente difíceis pelo Governo Vargas, entre janeiro e agosto daquele ano, no sentido de aproximar-se e, finalmente, alinhar-se à política norte-americana.

O Brasil desenvolveu uma política de barganha arriscada, assinando acordos com os EUA. Com um olhar desarmado das paixões partidárias e livre dos estereótipos políticos criados para Getúlio Vargas, o historiador consegue aprofundar suas pesquisas e renovar a sua visão sobre essa batalha naval no tempo do Estado Novo. Para Ricardo Seitenfus, *apesar da escassez de pesquisas históricas sobre a guerra marítima contra a marinha mercante brasileira, existem indicações sobre as atividades da marinha de guerra do Eixo.*³³⁶

A maior lição deixada pelos sucessivos torpedeamentos foi a de despertar uma consciência coletiva de que a guerra chegou ao mar territorial do Brasil. Içar essas histórias na atualidade significa evidenciar como elas foram marcantes para geração contemporânea dos torpedeamentos. Para se aprofundar nesta temática um dos caminhos é destacar as leituras sociais, pois os inimigos navais despertaram diferentes impressões entre os brasileiros. Para Jardimino Marques, por exemplo, “o submarino vinha da Alemanha e dos países favoráveis à

³³⁴ PITALUGA, Plínio. Torpedeamento dos navios brasileiros – Uma lenda ainda em voga. *Revista do Clube Militar*. Ano LXXI, Nº 349. Julho de 1998, pp. 14-15.

³³⁵ MOURA, Gerson. *Sucessos e Ilusões: Relações Internacionais do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora da FGV. 1991.

³³⁶ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003, p. 292.

Alemanha, que tava em contato com a Alemanha na guerra, para tomar o universo, porque ela queria tomar tudo. A Alemanha só queria ser Alemanha e mandar no mundo, mas não pode ser assim”.³³⁷

Em áreas isoladas da costa sergipana, em colônia de pescadores, o homem comum sabia explicar, a seu modo, o que aconteceu no "tempo de Hitler". Em nossas andanças pelo litoral sul do estado, encontramos João Martins do Nascimento, no povoado Pontal, município de Indiaroba/SE. Ele nos recebeu em sua casa, à beira do rio Real, região fronteira entre Sergipe e Bahia. Ele explicou, ao seu modo, a definição de submarino.

O povo mais antigo sabia o que era submarino. O submarino é uma espécie de embarcação. Agora que ele é todo fechado. É todo fechado. Uma embarcação grande, agora cheio de artilharia. Eu não vi o submarino. Agora o pessoal que andava vendo o movimento deles aí pela beira da costa, por aí afora. Os embarcadiços que navegavam nas barcas, navegavam no oceano, viam eles [os submarinos]. Que quando eles boiavam assim que viam aquelas barcas. Eles olhavam pronto, depois desciam. Quando eles desciam não faziam mau a ela, deixava [a barca seguir viagem]. Agora, quando uma barca carregava dinamite, bomba, combustível ou pólvora para canhões. Eles torpedearam três ou quatro barcas de vela. (...) Eles sabiam que elas vinham carregadas de combustível de guerra. Era só levantar, quando levantava assim, [faz gestos dos submarinos com as mãos] tinha os canhões de atirar para fora e os canhões de atirar por baixo com o submarino mergulhado. No tempo da guerra, quando os embarcadiços transitavam no Atlântico. (...) Os embarcadiços, os pescadores não viam, quem via era os embarcadiços. Então, viam eles [os homens do submarino]. E quando eles boiavam verificavam aquele navio, aquele barcadiço. E via que não tinha vestígios de nada da guerra. Eles não faziam nada, ele aí mergulhava. Agora, quando eles reconheciam que aquele barco ia carregado de combustíveis de guerra, tudo etc. Era somente levantar e meter os canhões de proa. Eles tinham canhões pela proa, pela popa, pelos lados e para cima. - Seu João e como o senhor sabe tudo isso? [Pergunta do entrevistador] Porque o povo que sabia daquilo dizia. O povo dizia. Que tudo era daquele jeito.³³⁸

A leitura do depoimento de João Martins do Nascimento permite visualizar como o “submarino” se popularizou em diferentes rincões atlânticos de Sergipe. A operação do submarino alemão se relacionou intimamente com o universo social praiano e imprimiu a possibilidade do sergipano criar diversos significados para essa arma naval. O estanciano Eliseu Timóteo afirmou que “o povo sabia o que era esse navio de guerra porque a história que se contava era que o submarino vinha por debaixo d’água. Era uma embarcação que andava por debaixo d’água. E de vez em quando ele subia, entendeu? Era o que o povo dizia”.³³⁹ A aracajuana Salvelina Santos de Moraes, por sua vez, afirmou: “Eu ouvi dizer que

³³⁷ Entrevista de Jardilino Marques realizada em Aracaju/SE, 23 de agosto de 1999.

³³⁸ Entrevista de João Martins do Nascimento realizada em Povoado de Pontal, município de Indiaroba-SE. 7 de julho de 2005.

³³⁹ Entrevista de Eliseu Timóteo realizada em Aracaju-SE, 28 de maio de 2005.

o submarino era igual a um navio dentro. Ele baixava na água, mas é o mesmo que um navio”.³⁴⁰

Ao entrevistar os homens costeiros, percebe-se a distinção entre o conceito militar de “submarino” e o apreendido pelo mundo social, entre o significado de “torpedeamento” e os múltiplos signos reinventados por uma cidade amedrontada. Nessa pluralidade de compreensões (ou incompreensões), as palavras navais ganharam novas vestimentas de uma cultura tipicamente nordestina e de uma sociedade que se sentia ameaçada pelos *U-boots*.

Ao longo das últimas semanas de agosto de 1942, os sergipanos recolheram os destroços navais, acudiram os sobreviventes e sepultaram os mortos. Salvelina Santos de Moraes, filha do faroleiro Teodoro José dos Santos, lembrou-se de que seu pai foi convocado a auxiliar os policiais nas rondas praianas. “O capitão o chamou e botou na praia com o esquadrão. Três soldados e ele. Os faroleiros, os marinheiros e tudo não ficavam nenhum em casa. Tudo na capitania, armado. Todos de prontidão na capitania porque disseram que o submarino ia entrar aqui na barra”.³⁴¹ As atribuições do faroleiro se multiplicaram no tempo dos torpedeamentos. Uma delas foi o recolhimento de cadáveres na região praiana entre a Barra do Vaza-Barris e a Barra de Aracaju. “Papai não dava conta da praia do Mosqueiro até aqui [Atalaia]. Porque vinha pegando os mortos. O caminhão vinha e trazia. Quando voltava já tinha não sei quantos mortos de novo”.³⁴²

Salvelina Santos de Moraes ainda recordou o peso da missão imposta ao seu pai, “quando papai chegava em casa ninguém aguentava o fedor. Era ui, ui, ui. [nesse exato momento Dona Salvelina tapou o nariz com a mão]. Era um fedor, dos mortos que ele pegava na praia. (...) Foi muito triste, era muita gente morta”.³⁴³ Seu Teodoro recolhia os corpos nas praias de Atalaia, Mosqueiro, Caueira e Saco. A putrefação dos cadáveres grudava-se às suas roupas. O cheiro e as imagens impactantes abalaram a estrutura psicológica do faroleiro que, para cumprir suas obrigações e controlar seus nervos, bebia cachaça. “Ele dizia que se o soldado pegava, ele também tinha que pegar.(...) Ele bebia um bucado, mas ele dizia que se não bebesse, não pegaria o defunto não, eu morro. Se eu não beber, eu não pego defunto não, eu morro”.³⁴⁴

³⁴⁰ Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju/SE, 19 de julho de 2006.

³⁴¹ Idem.

³⁴² Idem.

³⁴³ Idem.

³⁴⁴ Idem.

Figura 9 - Vala coletiva para o sepultamento dos naufragos na costa de Sergipe.³⁴⁵



Centenas de passageiros e tripulantes sumiram nos naufrágios. Os parentes dos desaparecidos enviaram uma enxurrada de telegramas aos aracajuanos em busca de notícias sobre a relação de sobreviventes.³⁴⁶ Como os corpos chegaram desfigurados, a imprensa local foi orientada pelas autoridades sergipanas, a publicar os pertences pessoais recolhidos, visando facilitar a identificação das vítimas. Dentre os materiais recolhidos juntos aos cadáveres constavam: anéis, correntes, medalhas, pulseiras, relógio de pulso e etc. Na costa de Estância, também chegaram cadáveres. O Correio de Aracaju foi até o povoado do Crasto e descreveu o estado do naufrago: “um rapaz, de cor branca, cabelos pretos, lisos, tendo na roupa as iniciais R. V., e usando na mão direita uma aliança onde se lê o nome Zilah, e um relógio de pulso, dourado, marcado 4 horas. O outro não foi identificado, tendo sido ambos sepultados em Estância”.³⁴⁷

Cada cadáver jogado pelas ondas na praia era um sinal de alerta: a guerra chegou ao mar do Brasil. Essa situação alimentou ainda mais o clima de insegurança na cidade de Aracaju. Do ponto onde o navio afundou até a capital sergipana, catalogou-se uma variedade de medos.

³⁴⁵ *Agressão – documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

³⁴⁶ Em 20 de agosto de 1942, o professor Epifânio Dória recebeu dois telegramas pedindo notícias dos naufragos. Um da cidade de João Pessoa/PB, que dizia “procure verificar entre os naufragos da barbárie nazista P. B. Dias Júnior, cercando-o todas atenções. Trata-se grande amigo nosso. Abraços. Newton Lacerda”. Outro telegrama veio da capital pernambucana. “Recife, 20/08/1942 – Obséquio notícias Gaspar Monteiro Pinto, Cacilda, Jaime, naufragos Araraquara. Responda endereço telegráfico Jucassa Alíope. Pede-nos o nosso referido colaborador a colaboração dos conterrâneos para obter notícias dos referidos naufragos”.

³⁴⁷ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 20 de agosto de 1942, p. 4.

Tabela 3 - Medos comuns identificados e ligados aos acontecimentos

A BORDO DO NAVIO TORPEDEADO	NÁUFRAGOS À DERIVA	NO TERRITÓRIO SERGIPANO
Submarino	Submarino	Submarino
Navio afundar	Naufrágio da baleeira	
Morte	Morte	Morte
Sufrimento	Sufrimento	Sufrimento
Escurecimento	Escurecimento	Escurecimento
Solidão	Solidão	Solidão
Mar	Mar	Mar
Perder os parentes.		Perder seus parentes na Itália
	Morrer de fome	Fome
	Loucura	Loucura
	Violência	Violência

Organizado por Luiz Antônio Pinto Cruz e Lina Maria Brandão de Aras. 2012.

Nesse mar de subjetividades, os naufragos flutuaram entre o “mundo da guerra naval” e o “social dos homens costeiros”. Eles compartilharam suas experiências e evidenciaram uma realidade de beligerância no país. A singularidade dos medos sergipanos se associou aos de projeção universal. Essa via de mão dupla permitiu ao homem costeiro ver o invisível e pensar a guerra no mar. O exercício de apropriação requeria um esforço coletivo em responder ao desconhecido, por esta razão, pontes simbólicas foram formadas e conduziram os sergipanos ao entendimento de uma nova emoção: o medo do submarino.

A ameaça invisível alterou a rotina dos aracajuanos e alçou a cidade à condição de vítima da Guerra Submarina. Segundo o Correio de Aracaju, “*o inimigo pode realmente estar em todos os pontos do mar brasileiro, no desaguadouro dos rios, nas praias desertas, sob os coqueiros ou sob as areias, esperando o momento de atacar pela traição, de afundar navios, de matar brasileiros*”.³⁴⁸ A costa sergipana inspirava várias desconfianças no tempo da guerra. Uma delas foi revelada pelo jornalista David Nasser, que veio à Aracaju averiguar se “haveria a possibilidade de encontrar vestígios da existência de bases clandestinas para submarinos alemães no litoral sergipano? Os homens do submarino poderiam buscar refúgio e mantimento em algum lugar de Sergipe?”³⁴⁹ As agressões alimentaram suspeitas para o interior, pois se acreditava que o inimigo adentrou estuários do rios Real, Vaza-Barris e São Francisco para se abastecer de víveres. Enoch Santiago, Chefe de Polícia do Estado, foi entrevistado pelo referido jornalista e constou da reportagem:

*No litoral brasileiro, desde o Rio até o extremo Norte, existirão bases de abastecimento para os submarinos inimigos? O Chefe de Polícia de Sergipe, no que diz respeito a este estado, afirma que não. Nos outros Estados, afirma-se a impossibilidade de existirem as mesmas bases que não foram jamais vistas pelos pescadores e pelos aviões de patrulhamento.*³⁵⁰

A natureza da guerra marítima desafiava a compreensão dos homens costeiros, pois o U-boot simplesmente aparecia e desaparecia. Raramente se via a sua aproximação ou o seu afastamento.

4.1 – O comércio dos malafogados em Aracaju

Simbolicamente, o mundo portuário aracajuano também foi torpedeado pelos submarinos nazistas e fragmentou-se em escombros: ruínas dos navios, mercadorias avariadas e objetos pessoais. Tudo se transformava em malafogados. As ideias do filósofo alemão

³⁴⁸ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 30 de setembro de 1942, p. 2.

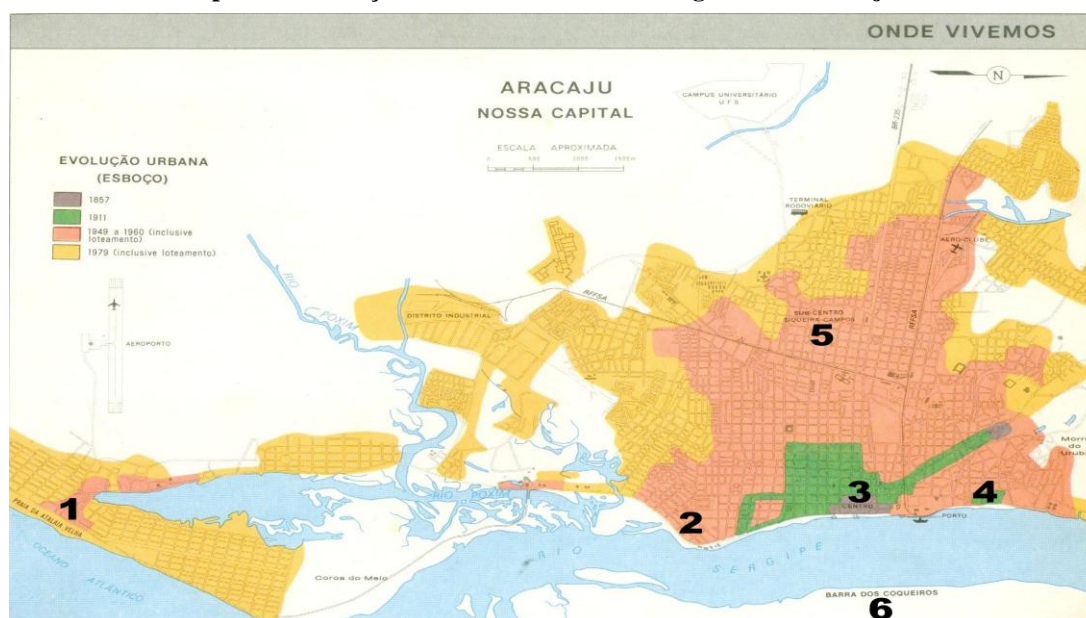
³⁴⁹ NASSER, David. Vigilância sem trégua. Jornal *O Globo*, Rio de Janeiro. 1942. Sábado, 22 de agosto de 1942, p.1.

³⁵⁰ Idem.

Walter Benjamin ajudaram a interpretá-los. Não se deve atentar a um destroço em especial, mas às histórias que emergem do conjunto deles, num todo inteiramente outro. Essa relação permite visualizar não apenas a catástrofe marítima, mas também, a identidade dos aracajuanos. Portanto, “é sob a forma de fragmentos que as coisas olham o mundo”.³⁵¹

Antigos moradores dos bairros 13 de julho e São José mostraram os seus malafogados: xícara, pratos e talheres. No entanto, como esses utensílios domésticos poderiam flutuar? O prático Zé Peixe foi esclarecedor ao responder essa questão. “Como pode uma coisa pesada boiando? Vinha xícara, prato, fazenda tudo dentro de caixotes e envolvidos por capim e vinha tudo boiando, flutuava”.³⁵² Os destroços navais eram comercializados pelos pescadores ou negociadores em várias localidades.

Mapa 5 - Circulação das Mercadorias Malafogadas em Aracaju³⁵³



O comércio dos malafogados se estendeu às feiras locais. 1- povoado Atalaia; 2 – Praia de Formosa através dos práticos e pescadores; 3- Mercados Municipais de Aracaju; 4 – Pescadores da praia do Aracajuzinho; 5 – Comerciantes do Aribé; 6 – Moradores da Barra dos Coqueiros.

A cor abóbora do mapa evidencia a expansão de Aracaju nos anos de 1940. Os números também possuem significados específicos para esta pesquisa. O número 1 destaca a área praiana de recolhimento dos salvados. Já o 2 corresponde à região do inflamável, próximo à praia 13 de Julho e à Associação de Praticagem, foi o lugar escolhido pela Capitania dos Portos de Sergipe para aglomerar malas, caixotes, mercadorias e destroços

³⁵¹ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 208.

³⁵² Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 7 de abril de 2004.

³⁵³ ATLAS ESCOLAR DE SERGIPE. *Nossa Terra Nossa Gente. Aracaju*: Departamento de Geografia / UFS / SEED. 1982, p. 39. (Adaptado por Luiz Antônio Pinto Cruz).

navais. Os materiais recolhidos ilegalmente pela população, por sua vez, espalharam-se pelas feiras aracajuanas (3- Mercados Centrais; 4 - Pescadores do Aracajuzinho e 5 - Feira do Aribé). O número 6 demonstra que os moradores da Ilha dos Coqueiros também foram integrados a esse comércio. No meio social, portanto, os rastros navais continuaram a flutuar de mão em mão, ajudando a compor os lares locais. Idalina Lima de Sousa se recordou de um vestido que fez, do tecido malafogado, comprado lá em baixo, no centro da cidade.

*Lembro-me de um navio que afundou na barra de Aracaju. O pessoal falava. Naquelas lojas do Mercado venderam muito tecidos. Eu ainda vesti um, mas tinha gente que não conseguiu nem fazer o vestido porque pegava no tecido ele se abria por causa do sal. Tanto que fizeram uma música. Não sei se era dessa forma que vou te dizer ou era mais. Eu sei que dizia assim. É pra cantar? Mas eu não sei cantar! Dizia assim: ‘- O navio afundou na barra de Aracaju, trazendo malafogados pra vestir os nus’.*³⁵⁴

Acompanhar a mobilidade dos salvados se mostrou muito significativo, pois eles foram apropriados e ressignificados pela população local. A prática de coletar os malafogados despertava uma “alegria oportunista” e amenizava a condição social e garantir um dinheirinho extra. Idalina ainda recorda seu vestido azul. Jardimino Marques, outro entrevistado para esta pesquisa, apresentou uma explicação para esse costume aracajuano: “malafogado porque o navio se afoga, se afunda. Então tirava do navio, aí vinha malafogado. Era a roupa, o cascalho, a comida. Tudo, tudo que o pessoal aproveitava”³⁵⁵.

Atento aos problemas sociais da cidade, o jornalismo do Correio de Aracaju visualizou a apropriação dos salvados não como uma prática ilegal, mas como uma estratégia popular de amenizar a sua situação de penúria.

*A carga que foi lançada n’água, composta de fazendas, calçados, perfumarias, papéis para aplicação diversa, louça, velas, etc., era pescado por dezenas de pescadores humildes, que permaneciam durante dias e noites nas imediações do encalhado barco (...). Os mal-afogados, como batizou o povo os salvados do “Comandante Capela”, deu margem que muito pobre pudesse comprar a sua roupa e o seu calçado natalino, sem que o que ficaria em casa por não poder arcar com os preços astronômicos atuais em disparidade com os ganhos.*³⁵⁶

Se por um lado o navio encalhado representava uma desgraça para sua tripulação, que imediatamente, procurava desprende-lo. Por outro, na borda dos rios ou da praia, a população se aglomerava para pegar a carga lançada n’água. Diante de tantos navios afundados, os aracajuanos recordaram com viva memória dos “homens nus”, “piratas do

³⁵⁴ Entrevista de Idalina Lima de Sousa realizada em Porto Alegre-RS, 15 de julho de 1999.

³⁵⁵ Entrevista de Jardimino Marques realizada em Aracaju-SE, 23 de agosto de 1999.

³⁵⁶ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 27 de novembro de 1943, p. 4.

mar”, “Maria Malafogada” e “Zé Malafogado”. Essas representações sociais foram designadas aos homens e mulheres que se apropriaram dos restos navais. Percebeu-se nesse comportamento coletivo, que a palavra malafogado foi transferida às pessoas que cataram ou compraram os salvados. Na visão de Edmundo Rodrigues da Cruz³⁵⁷, era fácil saber quem era um malafogado na cidade de Aracaju, pois a indumentária que ele vestia possuía sinais que o identificava. O tipo do tecido e os pontos de ferrugem nas roupas denunciavam: “As pessoas diziam assim: - Tá vestido do malafogado! [risadas sucessivas de Edmundo!]. Eu mesmo tinha uma roupa feita do malafogado”.³⁵⁸

Paulo de Oliveira Santos, também entrevistado para esta pesquisa, revelou com bastante irreverência, outra expressão de época, mas com o mesmo sentido de malafogados. Era *Só-assim-tu-tinha*, segundo Paulo, também era muito falado no tempo da guerra: *mercadorias ou como se falava muito, coisas que só-assim-tu-tinha*. Ouviu-se também, o vocábulo onomatopéico *tchi-bum*, um som recordado com muitas risadas pelo prático Zé Peixe.

*Você vinha caminhando pela rua. Aí na roupa malafogada às vezes tinha um pontozinho de ferrugem. Por causa da água, as vezes tinha prego de ferro. Aí as pessoas passavam por você e faziam: URÉU, URÉU, URÉU! TCHIBUM! TCHIBUM! TCHIBUM! Sabe o que é? Uréu, Uréu, Uréu era o guindaste, chegava a uma certa altura, aí o guindasteiro soltava Tchibum, Tchibum, Tchibum! O povo não gostava, reclamava dizendo que a roupa não era Tchibum não! Olha a ferrugem aqui! [risadas de Zé Peixe]*³⁵⁹

Esta lembrança de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) evidencia como os aracajuanos criaram suas próprias categorias culturais até para brincar com os tantos naufrágios em sua costa. Com o mesmo sentido das outras palavras e expressões aqui analisadas, o “*Uréu, Uréu, Uréu! Tchibum, Tchibum, Tchibum!*” indicava as mercadorias reaproveitadas pela população mais carente. Submarino, torpedeamento e bombardeamento também passaram a compor o linguajar cotidiano dos aracajuanos. Portanto, a situação traumática dos torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros irradiou novos conceitos na vida cotidiana. Conceitos esses, nem sempre relacionados ao medo, mas também ao espírito inventivo dos aracajuanos.

³⁵⁷ Edmundo Rodrigues da Cruz nasceu na cidade de Simões Dias, em 16 de janeiro de 1918. Policial militar, e depois, comerciante. Compôs a tropa do Esquadrão da Cavalaria, que patrulhava o município de Aracaju e exigia da população o cumprimento das medidas de segurança no tempo da Guerra Submarina.

³⁵⁸ Entrevista de Edmundo Rodrigues da Cruz realizada em Aracaju-SE, 06 de maio de 1998.

³⁵⁹ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

Criou-se um clima de tensão e desconfiança popular. Aracaju era uma cidade atormentada pela Guerra Submarina e o seu litoral se tornou uma área costeira fortemente guarnecida. A primeira escolta da polícia estadual, que chegou à vila de Mosqueiro, deparou-se com uma cena chocante: *mais de cinquenta cadáveres, alguns já meio devorados pelos peixes e pelos siris. Corpos que haviam sido atirados a praia, de mistura com restos de navio, salva-vidas, fardos e malas. Também havia corpos de soldados do Exército, inclusive oficiais.*³⁶⁰ No tempo dos torpedeamentos, Edmundo Rodrigues da Cruz recordou das idas e vindas da região praiana.

*Naquele tempo eu era cabo da cavalaria, só fomos até o Mosqueiro. Naquele tempo o Mosqueiro era uma estradinha estreita, cheia de areia fina, só ia pra lá de cavalo e era longe viu? Então nós fomos até a praia do Mosqueiro, encontramos peças de fazenda, charque e inclusive eu me lembro de uma moça muito linda, morta. Com os olhos comidos por siri. Que tinha um anel de brilhante.*³⁶¹

Outro lugar para se ouvir histórias dos naufrágios era o povoado de Atalaia, próximo à região do antigo farol da Cotinguiba. De acordo com Salvelina Santos de Moraes, “*teve muita gente que ficou rica no Mosqueiro, no Robalo. De comprar sítio e tudo, com esse negócio dos naufrágios dos navios*”.³⁶² Os malafogados gerados pelos ataques dos submarinos alemães eram “os mais valiosos” do que os costumeiros naufrágios acidentais na Barra de Aracaju. Além de mortos e feridos, os torpedeamentos oportunizaram a chegada de malotes de dinheiro, caixa de joias e bagagens pessoais boiaram até a praia.

Aos olhos da justiça, a prática dos malafogados era ilegal e seus infratores estavam sujeitos à punição. Uma apelação criminal, do tempo dos torpedeamentos, detalhou como anel de brilhante e uma aliança de prata foram furtados de uma naufraga morta. O relato a seguir, comoveu a sociedade aracajuana da época.

No dia dezoito de agosto deste ano, quando uma justa indignação pública a todos assaltava pelo covarde e traiçoeiro torpedeamento de cinco pacíficas unidades da nossa marinha mercante em águas territoriais brasileiras. Horácio Nelson Bittencourt, mais conhecido por Nelson de Rubina, acompanhado de pessoas outras, dirigiu-se de automóvel à Praia de Atalaia Velha, no município da Capital, a ver se dentre os naufragos encontrava um viajante de nome Fonseca, conhecido de Josefina Matos, sua companheira de viagem.

Às dez horas mais ou menos, de volta da Barra de São Cristóvão, nas proximidades do lugar onde está assentada a torre da “Itatig”, Nelson de Rubina desce do carro, e, puxando para a praia o cadáver de uma mulher alva, muito inchada e semi-nua, já agora identificado como sendo o da excelentíssima senhora D. Virgínia Auto de Andrade (documento de folha 53), dele subtraiu três anéis, furtando-os assim, cientemente, aos herdeiros de uma das vítimas das muitas atrocidades hitleristas,

³⁶⁰ SILVEIRA, Joel, op. cit., p. 72.

³⁶¹ Entrevista de Edmundo Rodrigues da Cruz realizada em Aracaju-SE, 06 de maio de 1998.

³⁶² Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju-SE, 19 de julho de 2006.

*vilipendiando mais o cadáver a que deveria antes honrar e respeitar, em sinal de educação e de acendrado patriotismo, porque nele se refletia, naquele instante como ainda hoje, a mais torpe e ignominiosa afronta lançada contra a soberania nacional.*³⁶³

Os corpos dos naufragos foram duplamente agredidos. No mar, pelos submarinos alemães. Em terra, pela avareza fratricida de homens como Nelson de Rubina. As circunstâncias dos torpedeamentos evidenciaram como os navios afundados alegraram os submarinistas (que foram condecorados na Europa pelo sucesso da missão na costa do Brasil) e alguns sergipanos (ávidos pelo enriquecimento fácil).

Os salvados dos navios foram recolhidos pelos militares e enviados para a Capitania dos Portos. As autoridades sergipanas, quando conseguiam identificar os mortos, notificavam aos seus parentes e recebiam respostas telegrafadas. “Em resposta ao telegrama de vossência. Referência de um anel roubado de um cadáver. Era de minha inditosa senhora. Foi apreendido pela Polícia de Aracaju”. E o telegrama ainda conclui: “Solicito a vossência que queira entregar referida jóia à Agente Panair nessa Capital para ser remetida com valor de seguro: vinte mil cruzeiros para pagamento. Consignado meu nome”.³⁶⁴

Diante dos assaltos aos corpos e da cultura dos malafogados, a tensão entre militares e civis aumentou na região praiana de Sergipe. Para conter os atritos, a vigilância costeira foi ampliada, quando tropas de outras guarnições chegaram à Aracaju. De imediato, o litoral sergipano se transformou em zona de segurança nacional, os civis estavam temporariamente proibidos de circular pelas praias. Entretanto, José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) recordou que os aracajuanos jamais deixariam os malafogados escaparem de suas mãos. O ato indisciplinar da população irritava o Capitão dos Portos de Sergipe, Gentil Homem de Menezes, que não escondia a sua vontade de arrancar à força, os civis das praias.

*Quem quisesse pegar, pegava. Ia lá pro oceano, a costa era cheia de mercadorias. O povo ia catando, mas quando a Capitania via proibía. O Capitão dos Portos era homem valente, mas tinha caso que ele afrouxava. Quando ele via o povo na praia dizia: ‘Bandido! Ladrão! O que vocês estão fazendo aqui? Não embora porque é proibido tá na praia!’ Quando o camarada o enfrentava, ele afrouxava.*³⁶⁵

Pela posse dos malafogados, os indivíduos enfrentaram a vigilância costeira, a concorrência entre seus iguais e a valentia das autoridades sergipanas. Normalmente, eles conseguiam o “afrouxamento” das normas praianas, essa conquista evidenciava traços

³⁶³ *Apelação Criminal*. Documento. 17 de dezembro de 1942. 2ª Vara da Comarca de Aracaju. 1942. Arquivo do Judiciário de Sergipe.

³⁶⁴ Telegrama recebido pela Chefatura de Polícia. *Diário Oficial de Sergipe*. Aracaju-SE, 4 de novembro de 1942.

³⁶⁵ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

marcantes da cordialidade brasileira. Quando homens e mulheres se utilizavam dessa prática como uma necessidade, uma peça de resistência ou uma máscara social.

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, *armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. E, efetivamente, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo*³⁶⁶. Essa presença soberana da população carente nas praias locais demonstrava claramente que o aracajuano resistia à padronização comportamental do tempo da guerra marítima e não temia a valentia dos superiores. Dois mundos marginais se encontravam nas praias sergipanas.

Do lado do mar, “o salvado” que se desprendia do navio soçobrado e boiava até encontrar alguma mão oportunista. Do outro lado, o mundo social de Aracaju, onde homens e mulheres saíam da periferia para o litoral, onde encontravam o salvado para amenizar sua vida cotidiana. Quem o recolhia também se tornava um malafogado, pois era um código socialmente compartilhado. Nas ruas aracajuanas, chamavam-no de “Maria Malafogada” ou “Zé Malafogado”. As histórias naufragadas não se encerraram quando o navio foi engolido pelo mar, devido a problemas técnicos ou torpedeamento, pois na praia, alguém estava atento aos afundamentos. Estes costumes locais criavam laços entre mundos aparentemente opostos: o mar e a terra, os marítimos e os aracajuanos, os ricos e os pobres.

O antigo costume dos malafogados era fruto da identidade cultural do tempo em que Aracaju ainda era uma cidade naval. Enquanto durou o sonho de Inácio Barbosa, a coleta dos salvados marcou vida cotidiana dos catadores, dos marítimos e dos comerciantes. No tempo da guerra, por sua vez, travaram-se vários confrontos pelos objetos que deram à praia. Para amenizar essa situação, os militares cederam as mercadorias para a população, ficando somente com o material bélico e naval. A cordialidade emergiu, nesse caso, mais como “oportunidade”, “jeitinho” ou “fresta” em meio à tensão de um naufrágio. Ainda segundo Sérgio Buarque de Holanda:

*No “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro tende a ser a que mais importa. Ela é antes um viver nos outros.*³⁶⁷

O Capitão de Corveta Gentil Homem de Menezes e outros representantes da Marinha do Brasil foram muito exigidos no tempo dos torpedeamentos dos navios mercantes. Dentre

³⁶⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de, op. cit., p. 147.

³⁶⁷ Idem.

os homens da marinha, coube o trabalho sujo a Teodoro José dos Santos. Sua filha, Salvelina, Santos de Moraes tinha muito orgulho do que seu pai fez. *Ele foi muito elogiado pela Marinha lá do Rio de Janeiro. Ele recebeu até uma medalha muito bonita aqui na Capitania dos Portos. Ninguém queria fazer o serviço que ele fez. Agora ele não fazia sozinho não, fazia com o esquadrão.*³⁶⁸ Os marinheiros sabiam da magnitude das ocorrências bélicas em sua costa. Em 6 de outubro de 1942, o secretário da Capitania dos Portos de Sergipe, José Augusto Diniz de Aguiar Dantas, apresentou um edital com uma série de proibições, normas e posturas que obrigatoriamente deveriam ser seguidas pelos sergipanos naquele tempo de guerra submarina.

*De ordem do Senhor Capitão de Corveta Gentil Homem de Menezes, Capitão dos Portos deste Estado, comunico a todos a quantos possa interessar que esta Capitania dá por muito bem recomenda a proibição do corte de lenha de mangue por quem não esteja para isso legalmente habilitado, bem como a sua compra e venda fora de tais condições; a proibição de detenção em poder de particulares de quaisquer salvados de náufragos ou qualquer objeto ou embarcação que dê à praia; a obrigação que é imposta a quem quer que encontre objetos, salvados ou embarcações em tais condições, de promover a sua guarda e comunicar o encontro a esta Capitania com maior brevidade; que na forma das disposições do decreto 4557 de 10 de agosto último, todo movimento dos portos e águas interiores bem como a sua fiscalização e vigilância além da orla marítima, são a cargo desta Capitania e das entidades federais e estaduais que com ela colaborem, com o fim comum; que pelo cumprimento de disposições análogas às presentes e anteriormente tornadas públicas têm sido aplicadas às sanções regulamentares e multas a grande número de contraventores. Esta Capitania em benefício de serviço público e no cumprimento de suas atribuições não pode deixar de ser rigorosa com os infratores nem estes podem alegar ignorância das disposições legais.*³⁶⁹

O olhar de proteção das autoridades marítimas se voltou para o bom andamento do sistema de defesa passivo. Para tanto, os aracajuanos tinham ordens estritas de não cortarem os extensos manguezais que rodeavam o município de Aracaju. Esse documento da marinha mais parecia uma postura ambiental, mas se constituía em uma medida defensiva. Era importante manter as barreiras naturais (terrenos pantanosos, áreas alagadiças, mangues denso e mata fechada) para dificultar o acesso à capital sergipana, caso tropas inimigas desembarcassem nas praias locais.

A leitura desse edital também permitiu perceber como a Capitania dos Portos de Sergipe se tornou o centro das decisões militares, e dela emanava as orientações gerais de segurança antissubmarina. Diante do racionamento do querosene, as normas da Capitania não surtiram efeitos porque a madeira era um dos gêneros de primeira necessidade nos lares mais

³⁶⁸ Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju-SE, 19 de julho de 2006.

³⁶⁹ Edital de Normas organizados por José Augusto Diniz de Aguiar Dantas. Capitania dos Portos do Estado de Sergipe, Aracaju-SE, 6 de outubro de 1942.

humildes em Aracaju. Entretanto, o ponto mais agressivo do edital, sem dúvidas, foi a proibição dos civis se apropriarem dos salvados. O material recolhido pelos militares foi destinado para Capitania dos Portos ou para o 28^o Batalhão dos Caçadores. O general Eurico Gaspar Dutra enviou o seguinte telegrama ao interventor de Sergipe, o general Augusto Maynard Gomes:

Muito agradeço seu comunicado de 20 a cerca restabelecimento ordem Estado e recolhimento ao 28 BC material salvo últimos naufrágios. Sou muito mais penhorado medida tomadas essa Interventoria e meu distinto camarada contida acolhida nossos patrícios, companheiros de farda – vítimas torpedeamento nossos navios litoral Bahia-Sergipe; e carinhosa assistência moral e material lhes foi prestada no transe doloroso por que passaram, sob a nossa mais profunda consternação e repulsa.³⁷⁰

Enquanto durasse a Guerra Submarina, a população aracajuana deveria estar atenta às informações emanadas pela Capitania dos Portos de Sergipe. A praia oceânica era um lugar de choro, de dor e de sofrimento. No dia 16 de agosto de 1942, como as ondas continuaram a jogar na areia corpos, velas foram acesas na praia e um padre improvisou uma missa fúnebre diante de uma cruz rústica (dois pedaços de madeira preso com barbante) e do bramir do oceano, tão bravio ali nas noites de lua cheia. *Na manhã do dia 17, um salva-vidas jogado à praia pelo mar trazia pintado o nome Aníbal Benévolo, cuja chegada a capital era esperada para a manhã do dia 16.*³⁷¹

Em Sergipe, o mar aberto sempre trazia alguma novidade. Baleeiras estrangeiras sempre apareciam na costa, trazidas pela correnteza marinha. Normalmente quando elas eram encontradas, logo eram levadas pelos práticos à “garagem” da Capitania dos Portos na praia de Formosa. Nesse tempo o adolescente José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) acompanhava tudo de perto e revelou com um “ar traquino” o que encontrava dentro das baleeiras.

Eu comi tanto chocolate que vinha dentro da baleeira para os naufragos. Um chocolate daquele valia uma xícara de café com tantos pães. Pela vitamina que tinha dentro, alimento forte. O senhor comia um chocolate daquele e ficava sem querer comer. Tinha água, a água era para ser bebida como passarinho. A água doce o senhor pegava um copinho de nada. Era apertado que era pra não ter [que falar]. Você tava naufrago numa baleeira daquela não podia chegar e pegar um copo e beber um copo d’água, nem nada. Ali o senhor pegava aquele copinho pequeno ia tomando, controlado, pra aquele povo que tava ali, pra dá aquela água pra todo mundo. Biscoito, comi muito biscoito e chocolate. O alimento era chocolate e biscoito que vinha dentro. Se você fosse comer chocolate não ia ter sede não, aquilo é algum mistério dele no preparo. É um alimento forte, um chocolate daquele valia quase um prato de feijão, com osso e pedaço de carne. Cada coisa daquela era uma vitamina forte. Se eu comia, não precisava mais comer.³⁷²

³⁷⁰ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 22 de agosto de 1942, p. 4.

³⁷¹ SILVEIRA, Joel, op. cit., p.72.

³⁷² Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

Em suas lembranças sobre o tempo dos torpedeamentos, o velho prático escolheu momentos que lhe tocaram de perto: a visão da baleeira, o sabor do chocolate e a água para ser bebida como passarinho. Mais do que pensar o mundo marginal praiano da Batalha do Atlântico, as palavras de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) evocam a riqueza do detalhe, do pequeno, do micro. Os olhos curiosos dele "engoliram" esse mundo desconhecido. As histórias navais da Segunda Guerra Mundial nem sempre tiveram uma conotação trágica, a experiência da adolescência contada pelo prático é um bom exemplo disso. Quando se trata de história recente, disse Ecléa Bosi, “feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época! O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo”. A seguir, uma das baleeiras contemporâneas das histórias relatadas pelo prático sergipano.

Figura 10 – Baleeira abicada na praia sergipana. 1942.³⁷³



Diante de tantos salvados, os aracajuanos os recolhiam e por eles desenvolveram costumes, práticas e conflitos. A análise desses despojos navais, portanto, permitiu visualizar enorme quantidade de informações sociais, destacar a identidade cultural e fazer emergir uma visão de mundo peculiar dos sujeitos desta pesquisa. Diante de suas praias, os aracajuanos

³⁷³ Acervo fotográfico do Arquivo Público do Estado de Sergipe sobre os torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros na costa sergipana.

atalaiados precisaram enfrentar situações estranhas e até mesmo absurdas, como uma invasão nazista em seu território.

4.2 – Aracajuanos atalaiados

Atalaia é uma palavra antiquíssima na costa sergipana. Era designação oficial de uma elevada torre de madeira localizada na margem da embocadura do rio Sergipe. Em seu cume, um homem sempre atento aos que vinham do mar. A sua função era emitir sinais luminosos para os viajantes oceânicos. Estes luzeiros regiam a entrada ou o aguardo das embarcações a vapor nas regiões atlânticas próximas às barras fluviais. Como o porto de Aracaju dependia da maré, era preciso estar atento à vazão do rio Sergipe. Na maré baixa, a navegação dos vapores ficava impraticável. Então, os tripulantes lançavam as ancoras e aguardavam pela maré alta do outro dia. Após o amanhecer, quando o calado do estuário atingisse o nível máximo, a atalaia autorizava a entrada para as pontes fluviais aracajuanas.

José Martins Ribeiro Nunes³⁷⁴ informou que “*o Rio Sergipe é profundo e muito bom para os navios, o problema era a instabilidade da boca da barra*”. Clodomir Silva esclareceu que *sobre as condições de flutuação, o estuário apresentava ao nível baixo das marés 10 a 12 pés de profundidade, e em maré alta 16 pés.*³⁷⁵ As sentinelas da torre de Atalaia, os práticos locais e os tripulantes lutaram, durante mais de um século, para manter o porto de Aracaju ativo. Diante das barreiras naturais na boca da barra, a dragagem do rio Sergipe se tornou um sorvedouro de dinheiro público. Na década de 1930 e 1940, a barra de Aracaju era afamada entre os marujos brasileiros, como sendo um dos lugares perigosíssimos³⁷⁶ para as embarcações vapor. Todavia, as águas traiçoeiras do Vale do Cotinguiba foram singradas por diferentes gerações de viajantes oceânicos, pois esta era principal rota sergipana do açúcar desde os tempos coloniais.

Era só a atalaia fazer os sinais luminosos, que a entrada do navio a vapor estava liberada. Quando a imagem dele despontava no horizonte fluvial da rua da Frente, o mundo do trabalho se aquecia em Aracaju: os estivadores estavam a postos, os comerciantes locais se alvorçavam, os policiais marítimos fiscalizavam a embarcação, enfim, os aracajuanos se inquietavam. A Capitania dos Portos de Sergipe, principal autoridade naval do estado, enviava seus homens para averiguar o barco, perceber as condições navais, dialogar com os tripulantes

³⁷⁴ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

³⁷⁵ SILVA, Clodomir. *Álbum de Sergipe (1820-1920)*. Aracaju: Estado de Sergipe, 1920, p. 63.

³⁷⁶ A movimentação de submarinos nazistas teve o poder de deixar a barra do rio Sergipe ainda mais perigosa do que já era.

sobre novidades do mundo naval. Em sinal de respeito ou de aviso, quando o vapor cruzava com a sede da capitania emitia o seu apito rouco e prolongado. “*Como me alegra apito de navio se despedindo. É como se eu estivesse dentro dele*”. Nessa singela lembrança de Joel Silveira se apercebeu como as atividades navais moldaram a identidade dos aracajuanos.

De acordo com Elias Montalvão, *o povo, ansiosamente, esperava o vapor na maré da tarde; mas, este só deu entrada no dia seguinte, na maré da manhã. Visitado o vapor, foram logo as malas para a repartição dos Correios. Horas depois, estava distribuída e entregue a correspondência.*³⁷⁷ Em 1916, quando a navegação a vapor era o principal meio de transporte dos aracajuanos, Elias Montalvão apontou a localização das atalaias locais:

*As atalaias sergipanas são três, conforme vou explicar. Actualmente, a atalaia da barra do rio Sergipe funciona à margem esquerda deste rio, em uma torre situada na Ilha dos Coqueiros, município da Capital, já tendo funcionado antes, na torre do Pharól de Aracaju, quando a barra estava ao Sul. A atalaia que serve à Barra de Estância funciona na torre do Pharól do Rio Real. Há na margem direita do rio Vasa-barris, município de Itaporanga, uma torre sem pharól, a qual serve de atalaia à Barra de S. Christovam. As torres que servem de atalaia indicam, por meio de signaes semaphoricos, às embarcações o canal e o calado da respectiva barra.*³⁷⁸

Termo originário do universo árabe e registrado no antigo testamento da Bíblia, a palavra atalaia originou-se da expressão *at-talla-a(t)* – que significa “lugar alto”, “ponto alto de onde se vigia”, “torre nos ângulos dos baluartes em que se abrigam as sentinelas”, “guarita de observação”, “torre de vigia”. Appropriada pelo mundo militar do ocidente, *estar de atalaia* passou a designar quem estar de sobreaviso, à espera ou à espreita. Aquele que zela pela segurança coletiva, tanto interna como externamente. Ao longo da história de Aracaju palavra atalaia passou a designar: o antigo povoado da Barreta, a praia da torre velha, o bairro nobre da cidade, a bela orla recreativa e o nome de várias empresas privadas.

Após os sucessivos ataques do U-507 em Sergipe, a função de “olhar atentamente para o mar”, antes comum aos vigias da atalaia, expandiu-se para população costeira em 1942. De certo, porque os militares tomaram ciência que os submarinistas alemães tinham a cidade de Aracaju em seu campo de visão à noite. Isso explica o maior medo deles: pode ser que essa arma naval auxilie o desembarque de tropas nazistas às praias sergipanas, visto que essa região costeira era desguarnecida. Essa e outras dúvidas angustiantes pairavam sobre as águas do Atlântico. E se eles descobrirem a rota naval do mar até o rio Sergipe? Qual o alcance de um submarino? Os seus torpedos podem bombardear a cidade de Aracaju? Graças ao medo

³⁷⁷ MONTALVÃO, Elias. *Meu Sergipe*. Aracaju: Typographia Commercial. 1916, p. 62.

³⁷⁸ Ibidem, pp. 55-56.

coletivo, poderia ser qualquer coisa, que homens e mulheres imaginassem, exceto estar tranquilo em tempos de torpedeamentos.

A partir do dia 27 de agosto de 1942, antes da declaração de guerra do Brasil, as autoridades militares desenvolveram várias ações preventivas na zona litorânea de Sergipe. *Black-out a partir de hoje. O governo do Estado avisa a população que esteja preparada para o Black-out total a partir de hoje. Quer isso dizer que o povo deve preparar a iluminação residencial de maneira a não ser percebida externamente.*³⁷⁹ Os aracajuanos não estavam preparados para enfrentar os submarinos alemães ou o desembarque nazista em suas praias, mas poderiam, pelo menos, ajudar a combatê-lo, seja em casa, seja na rua. Era necessário seguir as orientações do *blecaute* e tirar Aracaju do campo de visão dos submarinistas à noite. A camuflagem não era mais uma especialidade dos submarinos, mas uma questão de sobrevivência e proteção. Aprender com o inimigo naval para combatê-lo de modo mais eficaz.

O escurecimento normal é fazer com que as luzes das casas não sejam vistas de fora, por qualquer frente que seja, devendo-se para isso pintar as vidraças de preto, usar cortinas escuras, papelão, papel, etc.

Nas ruas os postes de luz são reduzidos ao mínimo com vidro opaco

O escurecimento de alarme é total. A cidade fica completamente às escuras.

Durante o “black-out”, escolher um lugar para que todos de sua casa fiquem juntos;

Na rua, não acender fósforos, nem usar lanternas.

Não correr no escuro quando ouvir o alarme aéreo.

*Pensar primeiro aonde quer ir e como lá chegará, mantendo a sua direita, de acordo com a mão.*³⁸⁰

Diante da gravidade dos torpedeamentos, Aracaju se transformou em uma cidade sitiada. Vale salientar que os *U-boots* atacaram à noite e despercebidos pela maioria dos tripulantes e passageiros. A capital sergipana precisou ficar às escuras como medida cautelar e alguns entrevistados rememoraram as dificuldades dessa época. “Teve um tempo que apagou mesmo! Black-out mesmo! Quando viu a coisa feia, houve black-out mesmo! Apagou tudo, não acendia nada. No começo ainda pintava de pinche as laterais da lâmpada, deixando só embaixo para clarear só o pé do poste”.³⁸¹ As palavras de Dona Salvelina também foram reluzentes, como as da torre de atalaia. Elas direcionaram o olhar desta pesquisa histórica ora para ameaça naval ora para o interior da vida social.

Na época da guerra ninguém podia ter luz acesa aqui. Era assim, acendia luz ali pra tomar café. Luz de placa bem baixinha. A cidade toda, toda, em peso, não tinha

³⁷⁹ *Sergipe-Jornal*. Aracaju-SE, 27 de agosto de 1942, p.1.

³⁸⁰ *Sergipe-Jornal*. Aracaju-SE, 25 de agosto de 1942, p. 4

³⁸¹ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

*um lugar que você olhasse que tivesse luz. Era tudo assim. Tudo no escuro por causa do submarino que vinha pra aqui. Ia entrar na barra. Os marinheiros e os faroleiros não ficavam nenhum em casa. Ficava na Capitania, tudo armado. Apagou o farol também. O farol passou cerca de dois meses apagado. Todo mundo em prontidão na Capitania.*³⁸²

“Homens em prontidão”, “marinheiros armados” e “atentos à boca da barra”. A ofensiva submarina gerou um clima de guerra, os aracajuanos ficaram *atalaiados*, ou seja, cheios de cautela em relação ao mar, precavidos contra uma invasão às praias locais, e por fim, atentos à espreita dos olhos inimigos encobertos. O Estado Novo estava disposto a transformar o homem comum em soldado armado, pois em caráter de urgência, os mandatários perceberam a necessidade imediata de se guarnecer as águas territoriais brasileiras.

Diante do ataque do U-507, sergipanos e baianos viveram juntos os efeitos de uma guerra ainda não declarada do Eixo ao Brasil, sendo esta uma atitude considerada covarde pela sociedade da época.

*Os navios brasileiros foram afundados mais ou menos na mesma zona marítima. Embarcações costeiras transportando passageiros foram apanhadas de surpresa pelo torpedeamento indiscriminado. Isto ocorreu quase à vista de terra. Agressão típica do nazismo contra países neutros que procuram intransigentemente, manterem-se alheios aos conflitos. Não é mais guerra. É o crime à solta na sua forma mais infame, sob a visada do periscópio, o olhar do assassino encoberto... E o submarino não escolhe vítimas nem conhece bandeiras a respeitar. Sua missão é a de estabelecer o terror nos mares, que morram crianças, mulheres, pacíficos viajantes, marujos mercantes. É a guerra não declarada, a guerra por antecipação, mas é também a mais covarde e a mais revoltante das guerras.*³⁸³

Os U-boots cumpriram a sua missão de espalhar o terror nos mares da América do Sul. Em muitas cidades costeiras, a memória dos torpedeamentos ainda era muito viva entre os seus antigos moradores, tanto que mudou a forma de encarar o mar. De 1942 até a derrocada do Eixo em 1945, o medo foi um companheiro constante dos aracajuanos, que viviam em “estado de alerta”.

Vigiar o mar sergipano era uma prática comum no tempo da Guerra Submarina. Vira e volta, a imprensa local divulgava alertas aos seus leitores. A postura de vigilância para quem vinha do mar era um costume das atalaias, que se estendeu para toda sociedade aracajuana, mas com um sentido de beligerância. Em 30 de março de 1943, o Correio de Aracaju reforçou uma posição cautelar:

³⁸² Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju-SE, 19 de julho de 2006.

³⁸³ *Folha da Manhã*. Aracaju-SE, 26 de agosto de 1942, p. 2.

*Estamos atravessando um período de necessária vigilância em todos os setores de atividade, principalmente nas nossas praias, estuários, mananciais, rios, florestas, usinas geradoras de luz e força, represa, estações de filtragem hidráulica, bem como nas linhas telefônicas. O inimigo anda por aí disfarçado até de adversário dos próprios, discretos convertidos, a ultima hora, sob juramento solene, aos postulados democráticos. (...) O povo deve auxiliar as autoridades na fiscalização daqueles pontos acima mencionados, não esquecendo, também, que merecem atenção às pontes e entroncamentos ferroviários, principalmente, à noite. Estejamos vigilantes!*³⁸⁴

Após os torpedeamentos, aumentou-se o efetivo militar em Aracaju, soldados vigilantes na defesa costeira. A aparição repentina de qualquer navio desconhecido no horizonte marítimo dos aracajuanos colocava os soldados em prontidão. Em 27 de abril de 1944, a barcaça Brasil saiu do porto Caravelas/BA com destino ao porto de Salvador, mas foi surpreendida por um forte temporal que avariou a estrutura do barco. Desgovernada, a embarcação foi levada à costa de Sergipe. No dia 5 de maio, os barqueiros avistaram a barra de Aracaju, aflitos enviaram sinais luminosos de socorro à torre de Atalaia. Os tripulantes pensavam ter resolvido todos os seus problemas, mas eles só se agravaram com a indiferença da torre de Atalaia. À época, ninguém tinha a plena convicção de se tratar realmente de amigos ou inimigos a bordo. De suposto, as autoridades militares imaginaram se tratar de uma emboscada e preferiram avaliar o comportamento dos forasteiros.

Diante da situação desesperadora que viveu na barra de Aracaju, o naufrago Pedro Antônio da Costa, mestre da barcaça, relatou como foram os últimos dias do “Brasil”. Em seu protesto marítimo, ele revelou a sucessão de eventos dramáticos que enfrentaram como também o descaso das autoridades navais de Sergipe.

Dia 5 de maio de 1944:

Às 8 horas da manhã avistei quebrar pelo bom bordo, a grande distância os baixos de São Christóvão e as terras de Sergipe. Às 14 horas estava em frente a Barra de Aracaju. Com grande esforço procurei entrar na Barra, porém o mar muito agitado, as correntes das águas correndo para o Norte, e mesmo atualmente a direção do canal da Barra de Aracaju, se encontra em verdadeiro labirinto e estava fora das correntes do vento reinante, Assim, com toda terra a vista inclusive a Atalaia, que logo entrei a comunicar-me por meios de sinais de candeiras pedindo socorros, pedindo reboque, sem infelizmente ser atendido. Anoteceu e aumentou nossas aflições, pois o tempo cada vez aumentava sua fúria.

Dia 6 de maio de 1944:

Logo que o dia clareou, comecei a fazer novamente sinais pedindo socorros a Atalaia, debalde esperei e nada chegava de esperanças ou socorros. Estava ancorado por duas marras de correntes a dois ferros, às 11 horas partiu-se a amarra, do ferro de boreste, imediatamente substituiu por outro ferro guarnecido em uma espia de cabo de arame novo de 1½ polegada com 60 braças. Fugindo todas as nossas esperanças de qualquer socorro de terra pois já há 23 horas pedíamos socorros sem nos chegar. Reunimos toda guarnição e deliberamos: mandar por terra 3 homens da guarnição e um dos passageiros, no bote trazer uma

³⁸⁴ Correio de Aracaju. Aracaju-SE, 30 de março de 1943, p. 4.

mensagem ao Capitão dos Portos de Aracaju, comunicando nossa aflita e perigosa situação.

Às 13:40, avistamos quando o nosso bote chegou à costa norte da Barra de Aracaju a pouca distância da Atalaia. Anoiteceu, e não chegou nenhum socorro. A tempestade é furiosa, ventos, chuvas, e vagalhões completavam a nossa desgraça. A barça começou a desgarrar arriei todo filame para ver se conseguia estabilizar. Por 23 horas sentimos os primeiros banques do casco nos baixos e estávamos logo em seguida coberto pelos vagalhões da arrebentação na costa a uma distância aproximada de 5 quilômetros da Atalaia. O navio estava perdido. Procurei saber os cinco passageiros que estavam a bordo: duas mulheres, duas crianças e um senhor. Assim, tendo o mestre e guarnição esgotado todos os meios e providências ao seu alcance para reduzir ou evitar os feitos tão desastrosos, deste sinistro já minuciosamente declarado neste diário nas ocorrências dos dias 2, 3, 4, 5 e 6 de maio do corrente.³⁸⁵

Ainda segundo Pedro Antônio da Costa, nas condições em que se encontrava o barco não era possível transpor uma barra tão violenta. No dia 6 de maio de 1944, às 23 horas, na costa da Jibóia, a barça Brasil naufragou com perda total da carga: 1.289 sacos de café pilado, 60 caixas com garrafas vazias e 50 barris de vinho, mercadorias estas embarcados por três firmas comerciais da cidade de Caravelas, como tudo consta do protesto que a bordo se fez.³⁸⁶ Diante daquele quadro, os aracajuanos ficaram atalaiados porque “o inimigo pode realmente estar em todos os pontos do mar brasileiro, no desaguadouro dos rios, nas praias desertas, sob os coqueiros ou sob as areias, esperando o momento de atacar pela traição, de afundar navios, de matar brasileiros”.³⁸⁷ Graças ao evento dos torpedeamentos, o historiador pode avançar sobre as frestas da estrutura social dos aracajuanos e visualizar no interior da vida cotidiana: as práticas de violências urbanas, as perseguições aos estrangeiros, as manifestações estudantis, os aspectos da subjetividade e a superação dos sergipanos diante do medo da guerra submarina. Para o historiador Jean Delumeau, se uma sociedade atalaiada *não consegue afastar completamente o medo para fora de seus muros, ao menos enfraquecê-lo o suficiente para que possa viver com ele.*³⁸⁸

4.3 – Sob a mira da intolerância: as torres da discórdia

Ao longo da coleta de informações documentais e das entrevistas orais, três “torres arquitetônicas” apareciam com frequência na memória coletiva no tempo dos torpedeamentos: a torre da residência de Nicola Mandarino, a Igreja de Santo Antônio e a do Convento de São Francisco. Por que elas se transformaram em símbolos da ameaça eixista? O que explica tanta

³⁸⁵ Protesto Marítimo. *Documento Oficial*. Aracaju-SE, 10 de maio de 1944. Arquivo do Judiciário de Sergipe.

³⁸⁶ Idem.

³⁸⁷ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 30 de setembro de 1942, p. 2.

³⁸⁸ DELUMEAU, Jean, op. cit., p.12.

intolerância com esses edifícios? Afinal, o que havia dentro delas? Acreditava-se, na época, que os submarinos alemães e italianos interceptavam mensagens de radiotransmissores emitidas da região costeira. Havia uma guerra pela informação privilegiada e o Correio de Aracaju alertava: “qualquer pequena informação dada em conversa inocente sobre o embarque de um amigo ou parente, sobre a chegada de um navio a tal porto pode bater, de boca em boca, nos ouvidos dos espões, e daí ao comandante de um submarino é um passo”.³⁸⁹

Como identificar os representantes do serviço secreto em Sergipe? Espiões eram vistos como soldados sem fardas, quinta-coluna sem escrúpulos e homens de múltiplas faces, tudo isso complicava a sua identificação. Eles se disfarçavam de bom cidadão para fornecer informações privilegiadas aos inimigos navais, “avisando-os da partida e do destino dos navios, com informes relativos à qualidade e quantidades das cargas; e tem sido constante a apreensão, no Rio e nos Estados em poder deles, de excelentes aparelhos transmissores”.³⁹⁰

Os elementos suspeitos que transformavam uma “torre qualquer” em “símbolo de perigo” eram os seguintes: ter algum estrangeiro eixista dentro do prédio; possuir radiotransmissor; emitir sinais luminosos à noite; estarem próximas às áreas dos torpedeamentos; As casas de imigrantes com torres passaram a chamar a atenção dos aracajuanos. De acordo com as informações de Zé Peixe, “a casa dele tinha uma torre, mas outras casas por aí têm torre: na Barão de Maruim, na praça Camerino. Nunca viu não? Tudo feito por um engenheiro italiano”³⁹¹

Para desenvolver uma leitura mais ampla desses exemplares da arquitetura sergipana, convidei a pesquisadora artística Loíze Raquel Santos Silva para analisarmos juntos, cada torre, dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Enquanto ela se preocupou em descrever estilos arquitetônicos e perceber as diferentes interferências no prédio. As minhas atenções se voltaram para o mundo interior da torre e as polêmicas levantadas pela população.

A antiga Casa de Nicola Mandarino foi apropriada pela Igreja Católica, tornando-se a nova sede da Cúria Metropolitana de Aracaju. Uma construção em estilo eclético, que apresenta como característica marcante, uma cúpula. Essa edificação civil é um exemplo da mescla de ornamentos de estilos diferentes. É possível perceber em algumas partes da casa, a flor-de-lis, que apresenta várias simbologias (inclusive está relacionada ao poder, ligação com a monarquia francesa).

³⁸⁹ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE. 23 de março de 1943, p.2.

³⁹⁰ *Agressão – Documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1943, p. 14.

³⁹¹ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

Em diferentes momentos da história de Aracaju, os estrangeiros europeus tiveram um importante papel na remodelação arquitetônica das residências ou prédios públicos.³⁹²

Casa de Nicola Mandarino.

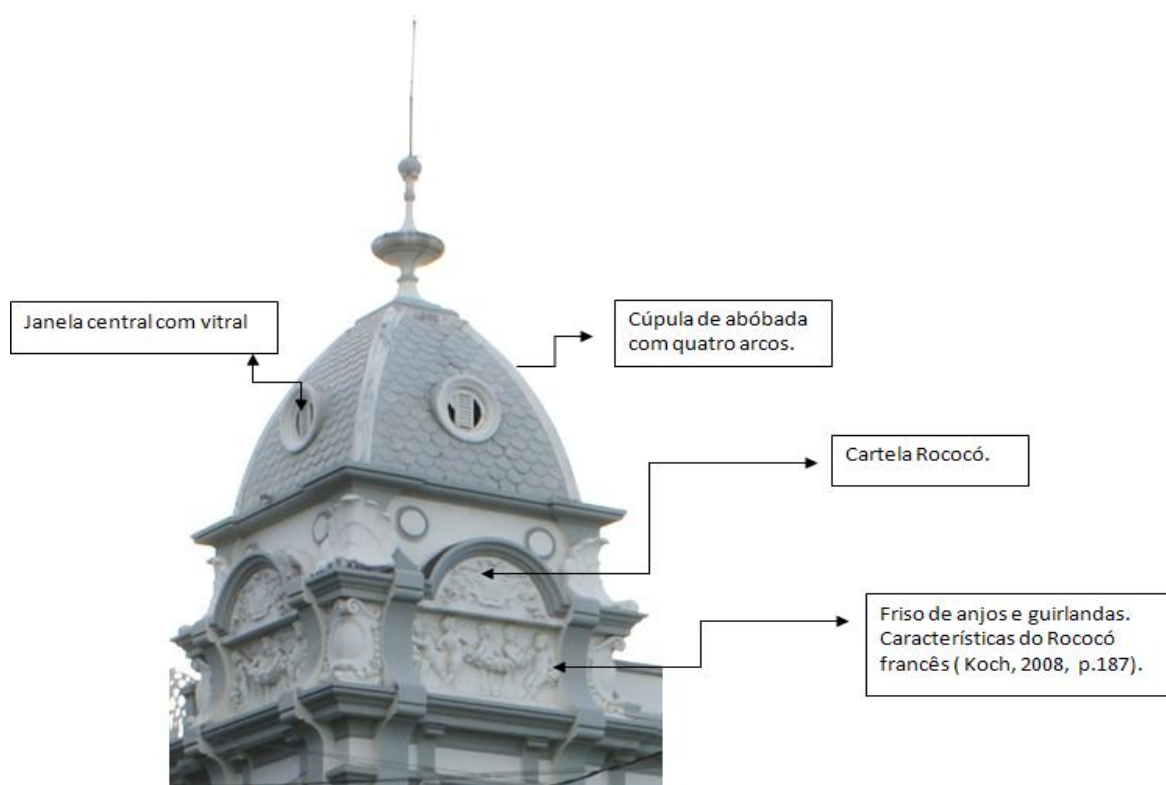


Figura 11 - Torre da Residência dos Mandarin. Aracaju, 2010.
 Descrição artística Loíze Raquel Santos Silva

Uma antena radiofônica, exposta no alto da torre da casa de Nicola Mandarino³⁹³, suscitou desconfianças e polêmicas entre os aracajuanos. Com muita sutileza em suas palavras, Salvelina Santos de Moraes recordou que *“muita gente dizia que lá em cima da casa de dele tinha um aparelho. Quando saía os navios daqui ele avisava. Quando saía os navios*

³⁹² Em 1918 o presidente Pereira Lobo facilitou a vinda para Sergipe de diversas pessoas, italianas, ligadas à construção civil. Bellando Bellandi, encarregado do revestimento das fachadas, Oresti Gatti, o pintor, Oreste Sercelli, decorador, Hugo Bozzi, construtor, com quem o Governo do Estado contratou várias obras, e outros, reforçados por construtores, marceneiros, carpinteiros locais, sob a coordenação geral de Firmino Barreto, empreiteiro da reforma do Palácio do Governo, que mudou a fachada, recebeu pintura interna de motivos europeus e foi finamente decorado e mobiliado.

³⁹³ O italiano Nicola Mandarino nasceu em Vibonati-Sardenha, no dia 19 de junho de 1883. Foi quase sempre um comerciante estabelecido, principalmente, em Aracaju e em Itaporanga. Na capital teve uma grande madeireira mecânica, na esquina das avenidas João Ribeiro e Coelho e Campos, que preparava forros, assoalhos, rodapés, cornijas, portas, janelas, tudo enfim necessário às construções. Tinha, também, Armazém de Tecidos, Fábrica de Sabão, dentre outros empreendimentos comerciais. Nicola Mandarino morreu octogenário no Rio de Janeiro, onde vivia. BARRETO, Luiz Antônio. *Estrangeiros em Aracaju (II)*. 09/05/2005, in: Pesquisa – Pesquisa de Sergipe / Infonet (www.infonet.com.br).

de lá ele avisava também aos submarinos. Isso foi dito na época, saiu no jornal e muita coisa". E levantou dúvidas se ele era ou não espião: "agora eu não tenho certeza se era mesmo. Eu sei que os estudantes quebraram lojas, a casa dele foi depredada"³⁹⁴.

Aos olhos da justiça, essa suspeita não tinha fundamento. Uma investigação policial severa foi feita em torno de Nicola Mandarino, ele foi acusado de possuir armamentos pesados e não declarar sua procedência. As suspeitas populares e as acusações policiais eram díspares, mas os aracajuanos ainda colocam o italiano no banco dos réus e o veredicto é o mesmo: culpado.

Igreja de Santo Antônio

Localizada na Colina de Santo Antônio, um dos lugares mais antigos de Aracaju. A Igreja, de mesmo nome, tem um estilo neogótico, bastante comum em edificações religiosas do Brasil, no período oitocentista. Os frades franciscanos exerceram um importante papel na vida sociorreligiosa da região. Durante a Segunda Guerra Mundial, eles sofreram forte repressão policial, especialmente, os frades estrangeiros.

O clima de tensão nasceu logo após os torpedeamentos, quando a cidade foi envolvida pelo manto negro do blecaute. Nesse tempo começou a surgir repentinamente sinais luminosos. O memorialista Mário Cabral preservou esse clima de tensão em seu livro, Roteiro de Aracaju, demonstrando que o olhar de desconfiança da população recaiu sobre os frades alemães.

*No Bairro Santo Antônio fica o Convento dos Franciscanos, com vários frades alemães. Durante a guerra, black-out dominando a cidade, o anseio e a desconfiança dominando todos os espíritos, afirmou-se, insistentemente, que alguém, do alto da colina, fazia sinais luminosos em direção ao mar. Vale lembrar, que, a esse tempo, os submarinos nazistas, faziam, da costa sergipana, seu ponto de partida para as tocaias noturnas. Muita gente, afirma, ainda hoje, ter visto esses sinais. Quem os fazia? Com que finalidade? De que lugar partiriam precisamente? É óbvio dizer que quase toda a cidade suspeitou dos frades alemães. Nada apurou-se, todavia. Apesar das "batidas" da polícia. Apesar dos "comandos" que penetravam todos os recantos do bairro e da colina, tentando, bravamente, localizar os sinais misteriosos feitos em direção ao mar...*³⁹⁵

³⁹⁴ Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju-SE, 19 de julho de 2006.

³⁹⁵ CABRAL, Mário, op. cit., pp. 286-287.

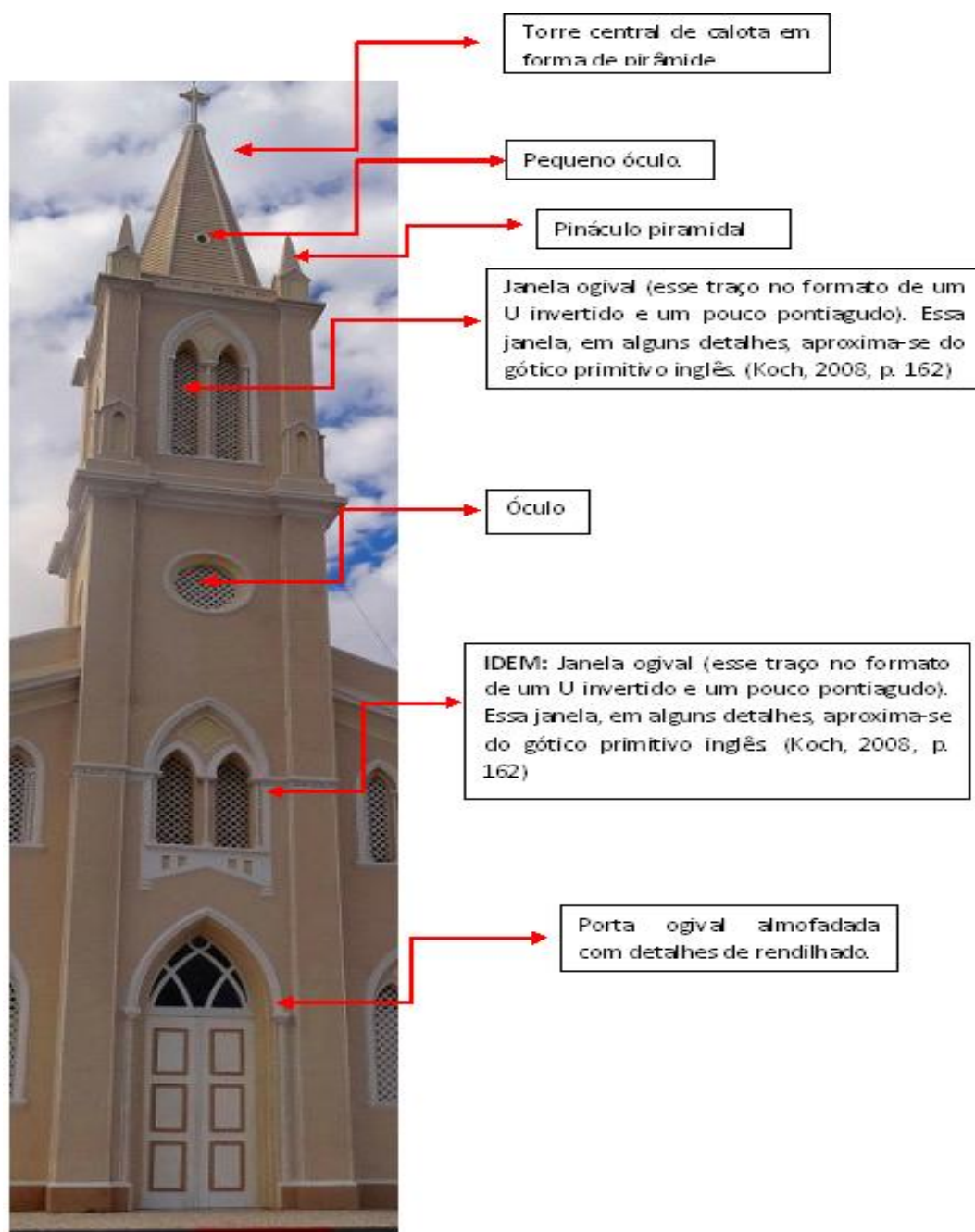


Figura 12 - Torre da Igreja de Santo Antônio. Aracaju, 2005.
 Descrição artística Loíze Raquel Santos Silva

Emitir sinais luminosos em direção ao mar era considerado um crime grave e a punição poderia ser de prisão perpétua ou, caso comprovado a intenção de se comunicar com o submarino, pena de morte. Moradores tradicionais na região, os frades franciscanos tiveram sua imagem abalada entre os moradores do Santo Antônio, pois as suspeitas de quintacolonismo também recaíram sobre os seus ombros naquele tempo do blecaute. Toda Aracaju foi alarmada, tanto a imprensa quanto nossos entrevistados rememoram esses luzeiros. O militar Edmundo Rodrigues da Cruz, soldado da cavalaria, lembrou-se das batidas

que fez para averiguar quem fazia tais luzes. O cinema São Francisco, casas de integralista, residência dos frades e os matagais da região foram vasculhados e nada. “Ah! Meu amigo, agente anoitecia e amanhecia na via. Apareciam aparelhos luminosos, era uma cachorrada da gota serena naquele tempo em Aracaju”³⁹⁶.

Igreja de São Francisco

Das três aqui analisadas, a do Convento de São Francisco alarmou a sociedade sancristovense e atualmente, ela não existe mais. Ao longo da sua história, a torre sofreu muitas remodelações, acarretando assim, um estilo híbrido e eclético. A torre, quadrada, tem em seus traços retilíneos e severos, a *Art Déco* como estilo principal em seu arremate.

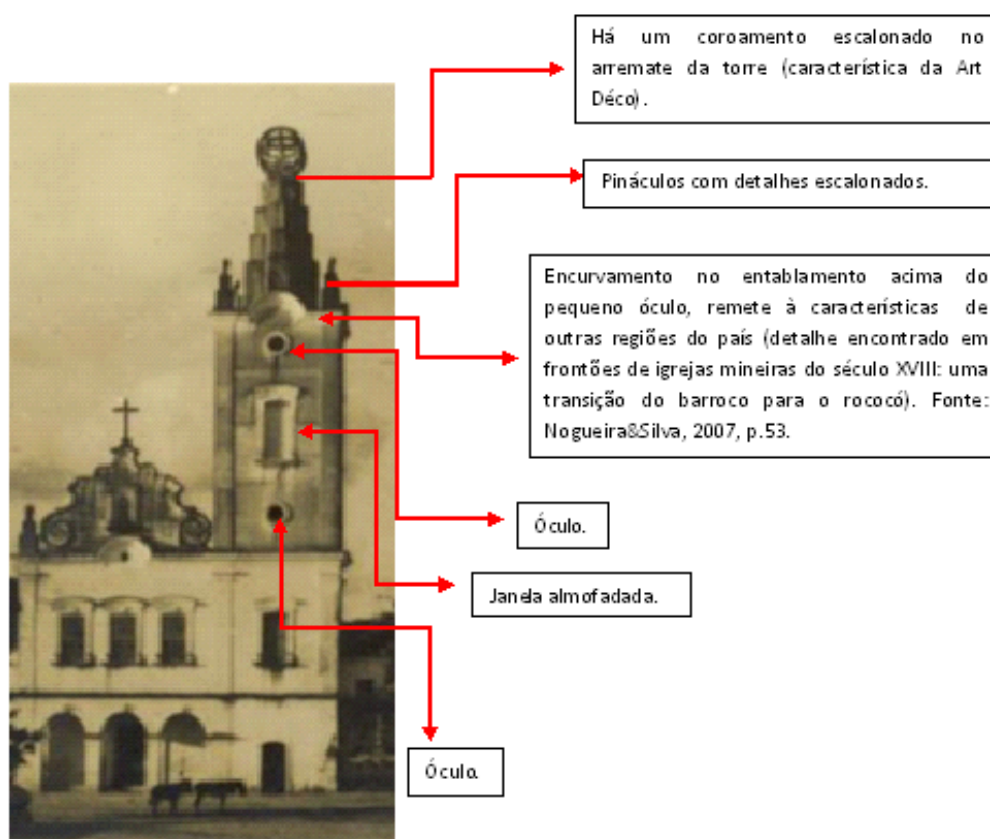


Figura 13 - Torre da Igreja de São Francisco
Descrição artística de Loíze Raquel Santos Silva

Após o tombamento do prédio em 29 de dezembro de 1941, o IPHAN decidiu retirar essa torre desproporcional e erguer a atual em 1943, pois se integrava melhor ao conjunto arquitetônico. No entanto, os antigos sancristovenses afirmam que foram eles que destruíram a torre, em protesto pelos torpedeamentos dos navios mercantes. Essa confrontação de

³⁹⁶ Entrevista de Edmundo Rodrigues da Cruz ao autor. Aracaju/SE, 06 de maio de 1998.

memórias, entre a oficial e a social, precisa ser melhor averiguada. Em meio às tensões sociais, surgiram boatos desordeiros. Os moradores de São Cristóvão nutriram uma grande desconfiança dos frades e surgiu a história de que encontraram no Convento dos Frades, ‘caminhões de perigosas armas’.³⁹⁷

De acordo com inquérito policial instaurado em 1942, o Frei Eusébio Walter foi detido e interrogado, apenas para averiguar as histórias populares. A residência dos frades, a documentação religiosa e o radiotransmissor foram analisados pelos investigadores. Os peritos avaliaram a potência em watts, mas percebeu que o aparelho não tinha alcance para se comunicar com os submarinistas inimigos. Diante da falta de provas, o referido frei foi logo liberado.

Outro ponto em São Cristóvão que despertou suspeita foi a Fábrica de Tecidos São Gonçalo, onde dois alemães exerciam funções técnicas: Otto Carl Weid e Kurt Michel. Além deles, sancristovenses também foram detidos por serem adeptos do integralismo ou simpatizantes do nazifascismo. Em 1942, o jornal o Nordeste anunciou a prisão de José Guimarães Bastos, quando o mesmo “se encontrava juntamente a um grupo de perigosos nazistas na cidade de São Cristóvão comungando como é bem de ver do mesmo credo integralista, acreditamos, que seu amigo chefe e protetor Sr. Lauro Ferani, não ignorava o seu paradeiro”.

Figura 14 - Fábrica de São Gonçalo S/A – Cidade de São Cristóvão³⁹⁸



No início da década de 1940, a fábrica de São Gonçalo³⁹⁹ figurava como um dos principais empreendimentos econômicos da antiga capital sergipana. Na documentação

³⁹⁷ FIGUEIREDO, Ariosvaldo, op. cit., p. 84.

³⁹⁸ Memória Fotográfica de São Cristóvão. Imagens cedidas por TELECENTRO (IPHAN). Disponível em: <<http://www.redepro.com.br/midiajovem/saocristovao/?p=37>> 14 de maio de 2012, 18:14.

primária e nas informações da imprensa, os sancristovenses se referiram à presença alemã entre os técnicos da fábrica como elemento ameaçador ao país.

4.4 – Amarga rotina: o torpedeamento do Bagé em 1943

Após os sucessivos ataques do U-507, os marítimos brasileiros foram orientados a seguir regras de seguranças antissubmarinas; a incorporar o sistema de comboios; a navegar próximo à costa; e por fim, interromper as atividades portuárias em áreas sujeitas à maré. Apesar de importantes, essas medidas não afastaram os nautas alemães da América do Sul, pelo contrário, eles consideravam a rota dos comboios na costa brasileira mais frágil do que as do Atlântico Norte. Tanto que apenas um U-boot era capaz de promover grandes estragos na marinha mercante do Brasil. Eliseu Timóteo rememorou essa época:

Eu conversei com um marinheiro velho nessa época. Conversei com ele aqui em Aracaju já de muito tempo. Conversei com ele. Ele disse: ‘- Olha rapaz fui marinheiro na gestão da Segunda Guerra Mundial. Acontece que, quando a gente entrava aqui, nas águas de Sergipe, o navio, quando o capitão via algum movimento estranho, ele parava o navio e mandava todo mundo ficasse quieto e apagasse todas as luzes. Com medo de serem torpedeados. Ele disse que muitos companheiros dele foram mortos aí, nessa beira de costa.’⁴⁰⁰

A Costa de Sergipe ganhou a fama de ser “um lugar de submarinos”. Os marinheiros brasileiros tinham razão de temê-la, pois em 1943, mais dois torpedeamentos foram registrados próximos à foz do rio Real. Em 1^o de março, o navio Fitz John Porter acabou surpreendido pelo U-518 e, no dia 31 de julho, o vapor Bagé⁴⁰¹ foi torpedeado pelo U-185, comandado pelo Capitão-Tenente August Maus.⁴⁰² Ainda há indícios do afundamento do o navio inglês Gotemberg.⁴⁰³ Sucessivas tragédias alarmaram os sergipanos. “Agora, mal decorridos doze meses da tragédia horrível, quando tivemos de voltar aos referidos mares para

³⁹⁹ BATISTA, Sônia Maria Soares (coordenadora) *Memória histórica da indústria sergipana*. Rio de Janeiro: Instituto Euvado Lodi/SENAI/UFS, 1986, p. 94.

⁴⁰⁰ Entrevista de Eliseu Timóteo realizada em Aracaju-SE, 28 de maio de 2005.

⁴⁰¹ “Sierra Nevada”. Este era o nome de batismo do navio mercante alemão, incorporado ao Loyd Brasileiro em 1917. O navio media 133 metros, 8,5 de comprimento, 17,7 de boca e 10,69 pontal. Sua tonelagem bruta era de 8 235 toneladas, sendo a líquida de 4 969.

⁴⁰² GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio, op. cit., p. 32.

⁴⁰³ BATISTA, Walter de Assis Ferreira. Solicitação de Revisão sobre a pesquisa “Baependy” publicada na Revista O Expedicionário de junho de 1982. *Documento Datilografado e endereçado para Dilton Feliciano Pinto – Diretor Responsável do “O Expedicionário”*. Aracaju/SE. 30 de agosto de 1982, p. 3.

salvar das garras da morte certa, outro punhado de brasileiros, dentro da noite escura, pelos criminosos nazistas”.⁴⁰⁴

Diante de um novo torpedeamento, por que o caos não se reconstituiu em Aracaju? Por que os torpedeamentos de 1942 ganharam uma representação diferente do de 1943? O que justifica o esquecimento das circunstâncias históricas do torpedeamento do Bagé em 1943? Por que os torpedeamentos de 1942 foram os mais lembrados? Esse “esquecimento” revelou uma situação importante, a impressão de que os primeiros torpedeamentos pegaram a sociedade aracajuana desprevenida, despertando o medo do desconhecido.

Constatamos especificidades entre esses dois momentos. Para a sociedade aracajuana os primeiros torpedeamentos foram mais assustadores porque era um medo diante do “desconhecido”. A explicação e o domínio desse desconhecido trouxeram uma sensação de segurança e de poder, o torpedeamento parecia não incomodar mais. Esse naufrágio de 1943 não era algo novo, a população passou por essa situação a um ano e criou suas próprias representações. Em 1943 os sergipanos superaram o medo e reestruturaram o seu sistema cultural. A Guerra Submarina não assustava mais, pois as pessoas bem ou mal conseguiam explicar o que era um torpedeamento.

Era um momento de crise sem precedentes, mas as pessoas se acostumaram a reavaliar seus problemas e aprenderam a conviver com as circunstâncias exigidas por um tempo de guerra. Entretanto, se analisarmos o significado social conferido ao torpedeamento do Bagé, percebemos que este não scandalizou tanto a população aracajuana porque as categorias culturais já estavam concebidas. Por mais estranho que isso possa parecer, a história dos torpedeamentos nem sempre teve uma conotação trágica. Quase todos os entrevistados lembravam-se do primeiro momento dos torpedeamentos de 1942, o segundo momento de 1943, com o naufrágio do Bagé, que quase passou despercebido. Portanto, no segundo momento, o torpedeamento não era mais um acontecimento desconhecido, pois já se encontrava inserido e ordenado culturalmente na realidade sergipana.

O navio Bagé era um dos maiores do Lloyd Brasileiro, carregava a bordo várias mercadorias (borracha, castanha, couro, fibras e algodão) e conduzia 134 pessoas⁴⁰⁵ (27

⁴⁰⁴ *Diário da Justiça*. Aracaju-SE, agosto de 1943.s/p.

⁴⁰⁵ Edmar de Andrade, Gilberto da Costa Freitas, José Dias de Azevedo, Alidou Diegoli, Nilton Bartholomeu Basílio, Luiz Augusto de Oliveira Lima, Martiniano Antônio da Silva, João Galdino de Mello, Agrício Miranda de Araújo, João Victoriano dos Santos, Domingos Fortes do Nascimento, Avelines Dantas de Araújo, Jayme José dos Santos, Antônio Oseas dos Santos, Pedro Gonçalves da Silva, Manoel Estevão de Souza, Antonio Gouvêa Leal, Florêncio Conceição, Honorato Aloísio de Almeida, João Pereira da Silva, Carlos Silveira do Monte, Lafayette Salvador Jesus Passos, Napoleão Paulino dos Santos, Amaro José de Sant’Anna, Amaro da Costa Lima, Miguel Arcanjo de Albuquerque, Joaquim Lopes de Araújo, Gilberto Prado de Sant’Anna, Luiz Adelino, Nicolau Lourenço Valle, Leônidas da Silva Santos, Celestino dos Santos, Sebastião Ayres Bulhões, Luis de Vasconcelos, Francisco

passageiros e 107 tripulantes). Ao expelir muita fumaça, a referida embarcação colocou em risco todo o comboio e foi orientada a seguir viagem isolada. Esta e outras situações foram analisadas pelos pesquisadores Arthur Oscar Saldanha da Gama e Hélio Leôncio Martins. De acordo com as suas investigações:

*Navegava de Recife para Salvador quando, na tarde de 31 de julho de 1943, recebeu ordens para deixar o comboio (por fumegar demasiadamente) e seguir viagem escoteiro, em navegação colada à terra. Às 21 horas desse dia recebeu um torpedo e, depois, uma granada incendiária atingiu o passadiço. Surgiu em seguida um submarino que, sem tomar nenhuma providência, e tirando fotografias com luz artificial, assistiu à cena do salvamento difícil, pois, devido à grande banda tomada pelo navio, as baleeiras não puderam ser arriadas, obrigando os sobreviventes a se lançarem no mar para alcançarem os destroços que boiavam.(...)
A impressão dos sobreviventes era de que havia um segundo submarino nas proximidades, o qual teria atirado a granada incendiária. Pesquisas posteriores provaram estar presentes apenas o U-185 (...). Os sobreviventes pensaram tratar-se de um navio italiano, pois ouviram seu oficial dizer, mostrando o litoral: stamos a el este del Rio Reale.⁴⁰⁶*

Assim, durante muito tempo, a região atlântica próxima ao rio Real ficou afamada como um lugar dos submarinos alemães. Tanto, que este espaço marítimo de Sergipe, fronteira com o estado da Bahia, ganhou dos historiadores militares a alcunha de “massacre do rio Real”. Além de torpedear, os tripulantes do U-185 desenvolveram outras práticas: lançaram uma granada incendiária; fotografaram os momentos finais do navio; pronunciaram palavras estrangeiras ouvidas pelos náufragos.

Entre os desaparecidos, estava o comandante Arthur Guimarães. De acordo com o depoimento dos tripulantes, o referido comandante ficou preso na cabine do radiotelegrafista, quando emitiu S.O.S. Algumas estações de rádio da região litorânea captaram o pedido de socorro. Quando ouviu as mensagens radiofônicas alertando sobre mais um ataque na costa, o piloto Walter Baptista resolveu patrulhar a costa litorânea de Sergipe:

Eu soube da noticia pelo radio, e voluntariamente procurei para companheiro nos voos o jovem Evandro Freire, aluno do Aero Clube. O acontecimento deu-se em 1º de agosto de 1943, um ano após os primeiros torpedeamentos. Nosso avião era um PIPPER CUB, e PP-TRF, de excelente manobrabilidade, e partimos as 11:45 horas. Ao chegarmos a foz do Vasa-Barris, um pequeno rio, notamos grandes manchas de óleo, pedaços de madeira e tonéis, ao sabor das ondas. Em evolução continuada localizamos uma baleeira, que dera a praia e o lado da qual pousamos. Com viva emoção, lemos sua inscrição: Bagé!⁴⁰⁷

Lopes, Gumercindo da Silva, Joaquim Oliveira Pessoa, Nahu de Manoel da Silva, João de Sousa Braga, Anselmo Silvino Maia, José Fernandes Pinto, Juvêncio Alves, Domingos Grego, Antônio Cabral, José Florêncio Bandeira, José Pereira Noronha, Acácio da Rocha, João Rodrigues Silva, José Miguel dos Santos, Francisco Ferreira Porto, Francisco, João Pedro de Lima, Carlos José de Carvalho, Cecílio Soares de Mendonça, José Antônio da Silva, Fortunato da Silva. *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 09 de setembro de 1943.

⁴⁰⁶ GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio, op., cit., pp.354-355.

⁴⁰⁷ Depoimento de Walter Batista. Documento Pessoal. Aracaju, 1943.

As baleeiras estavam lotadas e dispersas pelo litoral sul de Sergipe, chegando ao Arraial do Saco, município de Estância. O piloto Evandro Alcides Freire, que acompanhou Walter Baptista no patrulhamento litorâneo, disse que foi tomado por um espírito de horror ao encontrar as vítimas. “Tomamos nossos lugares e decolamos, fomos ter a primeira baleeira que já contava com 28 pessoas agrupadas, eram naufragos que tinham voltado pelo desânimo na areia da costa, aterrissamos novamente e desta vez o meu coração pulsou mais forte e o horror quis se apoderar de mim”.⁴⁰⁸ E por fim, concluiu que, “quando olhei aquelas criaturas tostadas do sol e com fisionomia de espectros clamando a vingança contra a barbárie do eixo, quase me desesperei, controlei um pouco o sistema nervoso e voltei à cabine do nosso aparelho para apanhar um pequeno frasco de mercúrio cromo e um pacote de algodão”.⁴⁰⁹

Quando a notícia do afundamento do Bagé chegou à Aracaju, o capitão Gentil Homem de Menezes providenciou as medidas cabíveis para socorrer os naufragos. Ele solicitou os barcos ancorados no cais urbano, mas encontrou a resistência dos seus proprietários. Estes só os liberariam, se a Marinha do Brasil arcasse com os prejuízos, caso suas naves fossem torpedeadas ou sofressem avarias. Diante da urgência do evento bélico e dos direitos dos barqueiros, o advogado Mário Cabral elaborou um Protesto Marítimo, em 2 de agosto de 1943, onde revelou o confronto entre o dever patriótico e o direito de propriedade, sobressaindo o poder federal do Capitão dos Portos.

*No dia de hoje, 2 de agosto de 1943, às 11:15 horas, recebeu, um componente da firma peticionaria, um chamado telefônico do Capitão de Corveta, Senhor Gentil Homem de Menezes, d.d. Capitão dos Portos do Estado de Sergipe, comunicando que determinara ao comandante do iate “Tomaz Machado”, de propriedade dos requerentes, que aprontasse o barco, para, imediatamente, zarpar deste porto em busca de naufragos de um navio torpedeado na altura da Barra do Rio Real. Que, diante disso, dirigiu-se, logo, um dos componentes da firma à sede da Capitania dos Portos, onde, pessoalmente, o Senhor Gentil Homem de Menezes, d.d. Capitão dos Portos, confirmou a sua determinação declarando, então, que não dava por escrito, em virtude da urgência do socorro que ia ser compreendido; Que, portanto, às 12 horas, pouco mais ou menos, partia, deste porto, o iate “Tomaz Machado”, indo, a seu bordo, além da tripulação normal, mais ou outras pessoas, entre as quais o Patrão-Mor da Capitania e um sargento do exército brasileiro, iniciando-se, destarte, a missão de salvamento, em virtude de força maior, originaria, assim, de expressa determinação superior.*⁴¹⁰

A investida nazista contra o navio Bagé, em 31 de julho de 1943, revelou vários aspectos sociais importantes. Primeiro, a cidade de Aracaju não se alarmou nas mesmas

⁴⁰⁸ FREIRE, Evandro Alcides. *Documento Datilografado*. Aracaju-SE, 12 de agosto de 1943.

⁴⁰⁹ Idem.

⁴¹⁰ Protesto Marítimo. *Documento Oficial*. Aracaju/SE, 02 de agosto de 1943.

proporções dos ataques de 1942. Em segundo lugar, as autoridades navais empreenderam respostas mais rápidas, visando socorrer os naufragos ainda no mar. Terceiro, enquanto durasse a guerra global, os submarinos alemães continuavam sendo uma ameaça real para os navegadores da costa brasileira.

Através de uma nota publicada no Correio de Aracaju, os naufragos do Bagé reconheceram a solidariedade prestada pelos sergipanos. “Agradecer de público, às autoridades do Estado, aos médicos e enfermeiros, ao Sr. Diretor Regional dos Correios e Telégrafos, aos militares, aos alunos do Colégio de Sergipe e ao povo em geral, a boa cuidadora e confortadora acolhida que todos lhes dispensaram”.⁴¹¹ Eles ainda realizaram uma missa em Ação de Graças. “Compareceram todos os sobreviventes presentes em Aracaju, representações de todas as autoridades civis e militares aqui sediadas, colégios e grande massa do povo em geral”.⁴¹² Os pilotos do Aeroclube de Sergipe receberam o maior carinho dos naufragos e os mais tocantes pedidos de gratidão. “Oficiais e tripulantes do Bagé vêm por meio desta agradecer penhoradamente e valiosamente serviço prestado pelo piloto Walter de Assis Ferreira Baptista, no salvamento dos naufragos e assistência moral que nos prestou”.⁴¹³

A intensidade das ocorrências bélicas afastou os viajantes marítimos de Aracaju, pois suas águas atlânticas exigiam certa dose de cautela. O isolamento naval asfixiou o comércio e encalhou a safra açucareira nos trapiches ribeirinhos. De acordo com o Correio de Aracaju, os cidadãos sabiam das razões da crise econômica estadual.

*A falta de transporte, determinada pela Guerra Submarina, vinha preocupando os produtores com a sobra dos seus produtos armazenada, sem saída. Aqui em Sergipe sentimos, em toda sua extensão, a gravidade do momento. A nossa safra de açúcar dormia nos trapiches esperando o transporte que não vinha e o produto já se ia deteriorando, resfriado pela demora do consumo. Não tardaram, felizmente, as providências. O porto de Aracaju, pela sua situação de porto sujeito à maré, não poderá ser incluído na rota dos comboios.*⁴¹⁴

Os embates navais no Atlântico Sul e a anormalidade da guerra refletiram diretamente na vida cotidiana dos sergipanos. O navio a vapor representava um dos elementos constitutivo da identidade coletiva e suas atividades portuárias alicerçaram práticas econômicas, políticas, sociais e culturais. Sem os vapores das companhias navais, os cidadãos se sentiam isolados e nostálgicos. De acordo com Ecléa Bosi, “a nostalgia revela sua outra face: a crítica da

⁴¹¹ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 13 de agosto de 1943, p. 4

⁴¹² *A Cruzada*. Aracaju-SE, 22 de setembro de 1943, p. 2.

⁴¹³ ANDRADE, Ademar. *Correspondência do Loyd Brasileiro endereçada ao Sr. Presidente do Aero Clube de Sergipe*. Aracaju-SE, 10 de agosto de 1943.

⁴¹⁴ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 2 de janeiro de 1943, p.4.

sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida”.⁴¹⁵

*Insulado quase do resto do Brasil, mantendo relações com os demais Estados somente pelos meios de comunicação de que dispõe, e com os próprios recursos, isto é, pelas estradas de rodagem que possui, Sergipe, nestes dois últimos anos, tem sofrido terrivelmente as consequências da ausência de transportes. A sua produção tem ficado, por longo tempo, nos armazéns e trapiches aguardando condução e o próprio chefe do governo se tem interessado junto às autoridades competentes do País para que as nossas mercadorias entrem e saiam do Estado pelo menos em média, que não venha causar um grave prejuízo. Mesmo com essas dificuldades decorrentes do estado de beligerância em que nos encontramos, Sergipe vai realizando o milagre de ir arrecadando regularmente os impostos legais, sem majorações extorsivas, pagando rigorosamente em dia todas as suas contas.*⁴¹⁶

Ao longo da Era Vargas, a seca e o banditismo eram os problemas sociais mais comuns em Sergipe, que foram enfrentados por governadores e interventores. Entretanto, o flagelo da guerra marítima era uma situação angustiosa, devastadora e desconhecida. Em 1945, Severino Uchoa afirmou: “a atual gestão de Augusto Maynard está a braços com um flagelo muito maior e cuja solução independe de sua vontade, da vontade dos seus conterrâneos, da vontade nacional: - o da guerra”.⁴¹⁷

“Além do vil assassinato de patricios em nossa costa sergipana, levado a feito pelo nazismo traiçoeiro, que abalou profundamente o espírito da nossa gente, fazendo maior o seu ódio aos totalitários”.⁴¹⁸ E a nota jornalística concluiu: “têm comércio e povo sofrido as consequências das irregularidades dos transportes a partir de agosto de 1942”.⁴¹⁹

Com o Atlântico Sul coalhado de submarinos, os comboios⁴²⁰ excluíram os portos das barras fluviais, pois não podiam esperar a maré alta para adentrar o cais da cidade, ainda mais se tratando do trecho costeiro mais perigoso do país. Sem a movimentação de carga a bordo dos navios, os estivadores sergipanos foram atingidos diretamente pela interrupção do transporte marítimo. Sem exercer o seu ofício, a estiva local se articulou junto à imprensa de esquerda, para exigir o cumprimento dos seus direitos trabalhistas e o recebimento dos seus salários atrasados.

⁴¹⁵ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, pp. 19-20.

⁴¹⁶ UCHOA, Severino. *Augusto Maynard, o Estadista e o Revolucionário*. Aracaju: DEIP. 1945, pp. 74-75.

⁴¹⁷ Idem.

⁴¹⁸ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 12 de janeiro de 1944, p. 2.

⁴¹⁹ Idem.

⁴²⁰ O sistema de comboios estabelecidos pela 4ª Esquadra Americana, a qual a FNNE - Força Naval do Nordeste da Marinha do Brasil se integrava, diminuiu expressivamente os torpedeamentos no litoral brasileiro em que pese a ação intensa dos submarinos alemães. BENTO, Cláudio Moreira. *A Saga da Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial*. (livreto) Rio de Janeiro: ANVFEB - Associação Nacional dos Veteranos da FEB. Rio de Janeiro. 1995.

As necessidades impostas pela conjuntura e pelo quadro de penúria motivaram os trabalhadores a unir às manifestações políticas. Assim como os seus patrões, eles também utilizaram os jornais para protestar perante a sociedade aracajuana,

*Assinada por 'Um Estivador', recebemos uma carta historiando a atual vida de aperturas da Estiva, em virtude da falta de vapores, e pedindo-nos sejam o seu porta-voz para a reclamação que se segue: 'É que os estivadores devem, por lei, receber o seu salário no prazo de 24 horas, o que não vem sendo observado aqui. Agora, essencialmente, que eles veem passando sérias dificuldades, quando acontece ter trabalho querem – e é justo – receber em dia! Principalmente quando veem passar os dias de feira com dinheiro ganho e não embolsado.'*⁴²¹

As ações beligerantes impuseram preocupações militares e despertaram intensos conflitos sociais em Aracaju. Diante dos salários atrasados dos estivadores e de outros problemas socioeconômicos, a elite intelectual produziu material de propaganda tendencioso que induzia os aracajuanos a mirarem no exemplo de Augusto Maynard Gomes. “Sergipe, sentindo que tem ao seu leme um guia e um timoneiro seguro, não se arreceia de tormentas sociais e adquire um entusiasmo verdadeiro febril no cumprimento dos sagrados e indeclináveis deveres deste momento histórico.”⁴²²

A glória dos Aliados em derrotar o nazifascismo gerou muitos discursos nacionalistas. Um deles foi realizado pelo tenente Damião Mendonça de Santana, pronunciado no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, a 29 de setembro de 1945, “nossa história está pontilhada de lances heroicos, inculpados em páginas brilhantes, pelas pontas das espadas e das baionetas dos nossos bravos de todos os tempos”⁴²³ e prossegue:

*Repelimos os destemidos franceses de Turim, expulsamos os audazes batavos de Van Dorth e Nassau, deitamos por terra os ímpetos expansionistas de López, e, em nossos dias, a desagrar a honra nacional, ultrajada nas praias de Sergipe e Bahia, içamos pelas mãos fortes dos nossos bravos soldados da FEB, na crista de Monte Castelo, aquelas mesma Bandeira que submergira, ativa e serena, no topo dos mastros de popa, amarrada à Drica do “Anibal Benévolo”, do “Araraquara”, do “Baependy”, do “Itagiba” e do “Arara”.*⁴²⁴

Um dos pontos mais interessantes, concernentes ao texto de Damião Mendonça de Santana, foi o fato de se relacionar a campanha da FEB- Força Expedicionária do Brasil a outras lutas navais na História do Brasil, em especial aos símbolos da guerra naval que chegaram às praias sergipanas e baianas. A “história heroica” servia para exaltar os vultos

⁴²¹ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 8 de abril de 1943, p.4.

⁴²² UCHOA, Severino, op. cit., p. 10.

⁴²³ SANTANA, Damião Mendonça de. *Os pioneiros do serviço militar*. Aracaju: Livraria Regina. 1945, p. 7.

⁴²⁴ *Ibidem*, pp. 7-8.

nacionais e seus feitos. A atuação da FEB rejubilava a força e a diversidade do homem brasileiro, que “ao lado dos americanos e ingleses, e enfrentando o alemão, demonstrou que nossos cafuzos, pretos, brancos ou índios, e aqueles descendentes de outras raças, são, na realidade, o homem brasileiro, tão bom, ou melhor, do que aqueles que se consideravam superiores”.⁴²⁵

Diferente da perspectiva ufanista e nacionalista dos militares, o poeta José Santos Souza foi irônico com as forças democráticas que abalaram as estruturas do Estado Novo. “De 1937 a 1945, nos tempos deliciosos, as palavras eram ditas de cima para baixo, isto é, desciam do Catete, entre aplausos, e tresmalhavam para todos os recantos do Brasil... açucaradamente”. E prossegue, demonstrando a inversão dos valores políticos no pós-guerra: “hoje, pelo contrário, elas sobem dos casebres mais longínquos em direção às portas do Catete, acrimoniosamente. Como se vê, houve apenas a inversão natural dos acontecimentos”.⁴²⁶

4.5 – A Campanha antissubmarina em Sergipe

A literatura naval, a documentação variada e a história oral disponibilizaram informações que ajudaram a perceber a intensidade da Batalha do Atlântico na costa de Sergipe. Este local teve a primazia de registrar vários ataques dos U-boots durante a Segunda Guerra Mundial. Em resposta, militares brasileiros e norte-americanos empreenderam uma intensa *ASW – Anti-submarine Warfare* (guerra antissubmarina). Essa campanha foi perceptível nos seguintes aspectos: 1 - soldados se dispersaram pela praia com armas, binóculos e canhões; 2 – alguns pontos das suas águas oceânicas foram minados; 3 – os *marines* americanos realizaram várias patrulhas aéreas; 4 – unidades da Marinha de Guerra rondaram a costa e os estuários locais; 5 – pescadores sergipanos se transformaram nos “olhos e ouvidos” do Capitão dos Portos, Gentil Homem de Menezes. Em Aracaju, a população foi orientada a adotar a DPAAe – Defesa Passiva Antiaérea.

Preocupados com a possibilidade de se defrontar com seu maior medo, os marítimos brasileiros perscrutavam as suas águas do Atlântico Sul em busca de algum sinal da presença inimiga: a antena branca do periscópio, a torre do submersível, o casco metálico, o som dos

⁴²⁵ ANVFEB – Associação Nacional dos Veteranos da FEB. *O Febrônio*. Número Especial. Rio de Janeiro: ANVFEB. Novembro de 1985. p. 32.

⁴²⁶ SOUZA, José Santos. *Alvorada*. Revista de Difusão Literária, Artística e Esportiva. Aracaju. Julho de 1946.

motores, as ondulações estranhas, as indicações do sonar, dentre outros. Com o passar do tempo, as operações navais dos U-boots diminuíram. A partir de 1943, a caçada aérea se intensificou na costa do Brasil: os lobos cinzentos se transformam em presas fáceis das águias norte-americanas. Graças às novas tecnologias navais, os aviões catalinas dos *marines* americanos passaram a bombardear os submarinos eixistas.

Em 16 de maio de 1943, a movimentação de um submarino alemão foi detectada pelo radar da aeronave VP-74. Este avião anfíbio estava embasado em Aracaju e os militares brasileiros iniciaram as suas buscas pelo submarino no litoral norte de Sergipe. Era o submarino alemão U-128, do comandante Heyse. De imediato, foram lançadas cargas de profundidade, que avariaram o barco. Sem conseguir submergir, o U-128 se tornou um alvo fácil. Então, a tripulação abandonou o barco. Os 51 submarinistas alemães foram resgatados e aprisionados pelos *destroyers* *USS Moffett* e *USS Jouett*, que haviam partidos da base naval de Aratu, região da grande Salvador/BA.⁴²⁷

O registro de novos embates navais preocupou as autoridades sergipanas. Em 21 de maio de 1943, a Prefeitura de Aracaju realizou algumas alterações no Código de Posturas do Município de 1938, especificamente no que concerne ao mundo da construção civil. De acordo com as novas normas, “*as paredes externas e as internas que interessarem também aos pavimentos superiores e suas respectivas fundações, serão construídas como se tratasse de prédio de vários pavimentos e suas dimensões, devidamente proporcionadas, constarão do projeto apresentado*”. E continua: “*fica suspensa, enquanto durar o atual Estado de Guerra, a exigência contida no parágrafo único do art. 12 do Decreto-Lei n. 37, de 26 de outubro de 1938*”, onde diz:

Art.12. As construções serão de alvenaria com fachadas encimadas por platibandas.

Parágrafo Único. *As construções que se fizerem na rua João Pessoa e na avenida Ivo do Prado terão no mínimo, dois pavimentos, sendo vedada a reconstrução total ou parcial dos edifícios aí existentes de um pavimento.*⁴²⁸

Enquanto vigorasse o Estado de Guerra, as paredes dos novos prédios ribeirinhos da cidade precisavam ser bastante rígidas, como se sustentasse vários pavimentos. Ao analisar essas normas urbanas, o historiador Waldefrankly Rolim de Almeida Santos percebeu como a ameaça da Guerra Submarina interferiu no modo de construir dos aracajuanos. Nos anos de

⁴²⁷ GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio, op. cit., p. 384.

⁴²⁸ *Diário Oficial do Estado de Sergipe*. Aracaju-SE, 28 de outubro de 1938, pp. 3017-3019.

1940, possivelmente, ampliaram-se os números das edificações em concreto armado, nas proximidades do estuário do rio Sergipe.

Entre muralhas simbólicas e reais, os aracajuanos tinham razões para se aquartelar. Em setembro de 1943, o U-161 atravessou o litoral sergipano de norte a sul. Nas imediações da foz do Rio São Francisco, ele afundou um mercante não identificado no dia 20. Logo depois, próximo à foz do rio Real, mas em lado baiano, o referido submarino, capitaneado por Albrecht Achilles, foi localizado e bombardeado no dia 27.⁴²⁹ As histórias de perseguição aos *U-boots* chegaram às populações costeiras. De acordo com José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe), “os aviões vieram guarnecer a costa. Quem botou o submarino a pique foram os americanos. O Brasil não tinha avião daquele. O avião veio pra aqui, dormia no Rio Sergipe. Corria a costa às 5 da manhã. Todo dia voava”.⁴³⁰ Contemporânea deste prático, Salvelina Santos de Moraes rememorou: “era avião direto em Aracaju. Ia pra lá, ia pra cá, pelo mar, rodando tudo”.⁴³¹

Tabela 4 - Cronologia dos Acontecimentos Navais em Sergipe

Data	Eventos Navais
15-08-1942	O U-507 torpedeia os navios Baependy e o Araraquara
16-08-1942	O U-507 torpedeia o navio Aníbal Benévolo
19-08-1942	Uma baleeira com identificação “S.S. <i>George Clymer</i> ”, apareceu misteriosamente na Barra dos Coqueiros.
16-05-1943	O U-128 foi bombardeado pelos aviões norte-americanos no litoral norte de Sergipe.
31-07-1943	O U-185 torpedeia o navio Bagé.
27-09-1943	O U-161 foi bombardeado pelos aviões norte-americanos entre a costa da Bahia e Sergipe, mas em lado baiano.

Organizado por Luiz Antônio Pinto Cruz. 2012.

Essa tabela evidencia a campanha dos submarinos alemães na costa de Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial. Nesta região atlântica, a foz do rio Real é um lugar emblemático. Tanto pelos torpedeamentos dos navios brasileiros quanto pelos bombardeiros de submarinos existas. João Martins do Nascimento, morador do povoado Pontal, rememorou a contraofensiva dos *marines* americanos. De acordo com suas palavras:

Você sabe quem evitou a guerra aqui? Quem acabou com o movimento do submarino aqui? Um avião de guerra, parecido com um charutão. Não vi, mas ouvi tiroteio por cima da barra. tra tra tra tra tra tra [faz som de tiros de metralhadora]. Dava tiro como diacho. A gente ouvindo e ele dava descarga. Tum! Tum! Tum! Tum! Tum! Eles deram os nomes de “Fortalezas Voadoras” dos americanos. (...) Os alemães tomaram medo viu! Tomaram medo porque ainda chegou a notícia

⁴²⁹ GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio, op. cit., p. 386.

⁴³⁰ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, em 07 de abril de 2004.

⁴³¹ Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju-SE, em 19 de julho de 2006.

*dizendo: - Olhe a Fortaleza Voadora em tal parte botou o submarino a pique. Tal parte assim afundou outro. Aí aquilo foi diminuindo, diminuindo, diminuindo. A guerra foi se retirando, se retirando, se retirando... Graças a Deus que a guerra acabou”.*⁴³²

Enquanto a guerra dos *U-boots* não cessava, os civis contribuíram com a campanha antissubmarina. A defesa da costa de Sergipe era questão de Segurança Nacional, pois o inimigo naval jamais deveria pisar em solo brasileiro. À frente desta tarefa estava o capitão de corveta Gentil Homem de Menezes, responsável pela Capitania dos Portos de Sergipe. Ele obteve o apoio dos jovens aviadores do Aeroclube e dos homens do mar (barqueiros, faroleiros, marinheiros, práticos e pescadores). Várias instituições auxiliaram o esforço coletivo de guerra: o Governo Estadual, a Prefeitura de Estância, a Prefeitura de São Cristóvão, a Prefeitura de Aracaju, a Liga de Defesa Estudantil, a Legião Brasileira de Assistência e a Cruz Vermelha Brasileira.

A questão crucial era: como se proteger das ameaças advindas do mar? A orientação da Marinha do Brasil era que se montasse um Sistema de Defesa Passivo em Aracaju. Algumas mudanças foram introduzidas. Em primeiro lugar, montou-se uma vigilância costeira, que foi reforçada com a chegada de tropas baianas e gaúchas. No mar, os pilotos civis auxiliaram as buscas pelos naufragos e os *marines* americanos realizaram a patrulha antissubmarina. Em segundo lugar, instituiu-se o *blecaute*, pois, sob o manto da noite, a cidade de Aracaju precisava ficar invisível de quem rondava a costa. Em terceiro, foram detidas mais de 57 pessoas suspeitas de cooperarem com os submarinos eixistas. E, por fim, organizaram-se ensaios antiaéreos (dois diurnos e dois noturnos). “Em matéria de defesa passiva nada pode e nem deve ser improvisado; tudo deve e pode ser antecipadamente organizado, antes que o perigo se concretize, pois que - em face do perigo toda a improvisação equivale a uma incorrigível sentença de morte”.⁴³³

A Defesa Passiva exigia disciplina e rigor no cumprimento das normas de segurança. Os aracajuanos ainda se recordam da extrema violência com que eram tratados pelos policiais da cavalaria. As palavras de Paulo de Oliveira Santos dissipam as trevas do *blecaute* e iluminam as rígidas práticas disciplinadoras da época.

No período da guerra, havia patrulhamento da polícia no sentido de orientar as pessoas como se conduziam nesse período porque estava na eminência da cidade ser bombardeada porque os alemães estavam realmente bombardeando várias cidades. E um dos países visados pelos alemães era exatamente o Brasil. Eu era pequeno, eu tinha doze anos quando morava aí e me lembro que pela noite, mamãe

⁴³² Entrevista de João Martins do Nascimento realizada em povoado de Pontal, Indiaroba-SE, em 7 de julho de 2005.

⁴³³ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 17 de abril de 1943, p. 4.

*com a luz acesa, amamentando o meu irmão. Os cavalos do Esquadrão pisaram na calçada, fazendo um momento de barulho e tal, porque mandaram que apagassem a luz: apaguem a luz! Mamãe de pronto apagou a luz. E nesse período já tinham sido bombardeados os navios por submarinos.*⁴³⁴

No discurso dos sergipanos entrevistados percebe-se que o submarino alemão ainda navega na memória coletiva ou ascende em territorialidades flutuantes, mesclando a experiência, o tempo e o espaço. O *U-boot* era um inimigo inteiramente desconhecido do homem comum, que utilizou sua tradição para organizar o elemento desconhecido.

Na iminência de um desembarque inimigo, postos de observação foram montados na região litorânea. “Cada posto deve ser constituído de um graduado e de um número de homens suficiente para assegurar a permanência da observação e das transmissões – dotado de material que facilite sua tarefa (binóculos, aparelhos de escuta)”.⁴³⁵ O bombeiro Jardimino Marques serviu em um posto de observação e recordou sua missão: “Eu ficava na beira do rio Sergipe, ali onde é hoje o Iate Clube, de vigília. O medo nesse tempo era que o submarino alemão viesse pelo mar, ou debaixo d’água e entrasse pela boca da barra e destruísse Aracaju”.⁴³⁶

Por esse tempo, as atividades da Marinha de Guerra chegaram ao estuário do Rio Sergipe, “caça-submarinos, chamados de Caçapau, porque eram navios de madeira, construídos nos arsenais nacionais, aportavam na capital sergipana, entravam e saíam, e pelo litoral buscavam os inimigos”.⁴³⁷ O submarino alimentou imaginário social dos aracajuanos. As histórias de homens loiros nas praias sergipanas foram tratadas como meros boatos desordeiros. “Essas conversas do perigo iminente, de assalto às nossas costas para o dia marcado, bem próximo, do aparecimento de homens loiros em tais lugares escusos, fazem parte do programa que compreende a guerra de nervos”.⁴³⁸ A nota do governo deixou evidente que puniria os inventores dessas estórias. “Estejamos alertas, é verdade, porém tenhamos cuidados ainda maiores com esses sutis boateiros, autênticos quinta-colunistas disfarçados”.⁴³⁹

Tanto na Marinha Mercante quanto na Marinha de Guerra foi possível localizar muitos sergipanos a serviço do Brasil. No final da guerra, por exemplo, alguns deles morreram a bordo do navio *Vital de Oliveira*⁴⁴⁰ (1944), do *Coverta Camaquã*⁴⁴¹ (1944) e *Cruzador Bahia*⁴⁴²

⁴³⁴ Entrevista de Paulo de Oliveira Santos realizada em Aracaju-SE, em 10 de agosto de 1999.

⁴³⁵ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 17 de agosto de 1943, p. 2.

⁴³⁶ Entrevista de Jardimino Marques realizada em Aracaju-SE, em 23 de agosto de 1999.

⁴³⁷ WYNNE, J. Pires, op. cit., p. 125.

⁴³⁸ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 04 de setembro de 1942, p. 2.

⁴³⁹ Idem.

⁴⁴⁰ Em 19 de julho de 1944, o navio auxiliar *Vital de Oliveira* (ex-Itaúba) foi torpedeado quando trafegava a 25 milhas ao sul do Farol de São Tomé, Rio de Janeiro. Morreram 99 homens, 9 eram sergipanos: Domingos Sérgio

(1945).⁴⁴³ Ainda se tem muito que fazer pela memória dos brasileiros que perderam suas vidas na Campanha do Atlântico Sul. Diante de tantas perdas e incertezas, as palavras do Almirante Henrique Aristides Guilhem procuravam tranquilizar a população brasileira: “posso assegurar a vossência que sejam quais forem os perigos que a marinha tenha de enfrentar, a gola azul do marinheiro e o botão dourado do oficial serão sempre motivo de orgulho para o povo brasileiro”.⁴⁴⁴ Para concretizar esse discurso, a Marinha do Brasil lançou os seus Submarinos Ceará S-14 e Rio Grande do Sul S-11, além do Contratorpedeiro Sergipe D-35. A renovação da frota brasileira era um dos acordos estabelecidos com os norte-americanos através da pela LLA – Lend-Lease Act.

Para os inimigos existas não atingirem a sua costa atlântica foi montada no Brasil uma das maiores linhas defensivas de toda a Segunda Guerra Mundial. Além dos homens de farda, o Ministério da Marinha ainda contou com o auxílio dos pescadores de diferentes rincões do país.⁴⁴⁵ Os pescadores representavam um elemento auxiliar das forças navais nos serviços de vigilância da costa e socorro aos naufragos. Esses homens costeiros eram os olhos e ouvidos das autoridades militares. “Para facilitar o conhecimento dos submarinos e aviões do Eixo tem a Capitania dos Portos mapas com desenhos e silhuetas de submarinos e aviões das potências do Eixo e da França para conhecimento não só dos marinheiros como de quaisquer outras pessoas”.⁴⁴⁶

Muitos brasileiros encararam com bastante seriedade os desafios daquela época. A luta contra os *U-boots* e a defesa do litoral nordestino evidenciaram uma concepção mais moderna de Segurança Nacional.

dos Anjos (3^º SG-CA), Antônio Pereira da Silva (CB-MA), Francisco Ribeiro (CB-MA), Raul Bispo dos Santos (CB-EL), José Ferreira Filho (1^º CL-MA), Pedro de Almeida (2^º CL-MA), Alcides Lopes Cavalcanti (GR), Luiz Batista de Jesus (GR) e Carlos Campos de Barros (GR).

⁴⁴¹ O *Corveta Camaquã* foi a pique em meio às péssimas condições navais, em 21 de julho de 1944. O naufrágio ocorreu na costa pernambucana. Dentre os 33 naufragos mortos, havia um sergipano: Celestino Bispo dos Santos (1^º CL-MA).

⁴⁴² O *Cruzador Bahia* sofreu uma violenta explosão no paiol de munições da popa no dia 4 de julho de 1945, naufragando próximo aos Rochedos de São Pedro e São Paulo. Dentre os 336 homens que perderam a vida neste acidente naval, arrolamos 18 sergipanos: Durval Fernandes Chaves (SO-ES), Maurindo dos Santos (1^º SGT-MO), Audálio Gonçalves dos Santos (3^º SGT-TM), Lourival Rodrigues da Silva (3^º SGT-TM), João Serafim de Oliveira (3^º SGT-MA), José Theodoro (CB-MR), João Gomes dos Santos (CB-MR), Cassiano Francisco dos Santos (CB-MR), Lauro José dos Santos (CB-MR), Jessé Chrysologo da Graça (CB-EL), Ludgero José dos Santos (1^º CL-MA), Ismael José dos Santos (1^º CL-MA), Antônio Brandão de Carvalho (2^º CL-MR), Antônio de Jesus (2^º CL-AT), Carlos Amarante dos Santos (2^º CL-TM), Vampré Siqueira de Jesus (GR), Alfredo de Oliveira (2^º CL-TA-AR) e Manoel Pedrosa (3^º CL-TA-AR).

⁴⁴³ Para saber mais detalhes históricos sobre esses naufrágios ver: BARRETO NETO, Raul Coelho. *Flores ao Mar: os naufrágios navais brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. Salvador: Presscolor, 2006.

⁴⁴⁴ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 14 de setembro de 1942, p.1.

⁴⁴⁵ Decreto Lei 4830-A, de 15 de outubro de 1942, subordina ao Ministério da Marinha, as colônias de pesca [até então subordinadas ao Ministério da Agricultura, Comércio e Indústria] In: GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio, op. cit., p. 57.

⁴⁴⁶ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 13 de novembro de 1942, p.2.

*Creio havermos aprendido que a defesa nacional não é propriedade exclusiva, nem incumbência peculiar dos homens de farda, mas que sua responsabilidade deve ser compartilhada pelo trabalho, o capital, a agricultura, a indústria e outros grupos que contribuem para o mosaico nacional. As guerras se travam e se ganham ou se perdem na terra, no mar ou no ar e nas linhas de batalhas situadas atrás da frente, onde estão as forças civis. Não basta mobilizar o poderio militar da Nação. Deve haver a mobilização de todos os seus recursos econômicos.*⁴⁴⁷

A campanha antissubmarina exigiu operações conjuntas das três forças militares. A Marinha do Brasil teve a incumbência de criar uma consciência coletiva e mobilizar a sociedade na luta contra os inimigos ocultos no mar. Era necessário cultivar o espírito de cooperação de “todos” para o esforço de guerra, pois o perigo era para “todos” e, no caso da batalha naval, se transferir às praias locais, havia a possibilidade de “todos” serem transformados em combatentes dentro de uma mobilização total.

Pouco a pouco o esforço conjunto das nações aliadas impôs a rendição da Alemanha, em 8 de maio de 1945. O Almirante Karl Dönitz, então Führer e Comandante-em-Chefe da Marinha Alemã, transmitiu “ordens a todos os U-boots que cessassem as hostilidades. Pela segunda vez em 30 anos os U-boots fracassaram em sua proposta de derrotar as marinhas do mundo e tiveram de acabar suas carreiras em portos inimigos”⁴⁴⁸.

⁴⁴⁷ FARIAS, Oswaldo Cordeiro de. Palestra sobre a organização da Escola Superior de Guerra em 1949. In: *Revista da ESG*. Rio de Janeiro: Alemgraf. V. 20, Nº 42. Jan/Dez. 2003, p. 154.

⁴⁴⁸ PRESTON, Antony, op. cit., 46.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O submarino alemão U-507, cuja ação na costa de Sergipe levou o Brasil à guerra.”

Arthur Oscar Saldanha da Gama e
Hélio Leôncio Martins⁴⁴⁹

Entre os trópicos da América do Sul, o litoral de Sergipe é um lugar excelente da costa do Brasil para se historiar as operações dos submarinos alemães no tempo da Segunda Guerra Mundial. Na noite do dia 15 para 16 de agosto de 1942, conforme já analisamos aqui, o U-507 empreendeu sucessivos ataques navais. Ao amanhecer, a correnteza marítima arrastou os primeiros sinais da tragédia às praias de Mangue Seco, Estância, Itaporanga, São Cristóvão, Aracaju e Barra dos Coqueiros. A princípio, chegaram os naufragos, logo depois os cadáveres, e por último, os salvados (mercadorias avariadas, destroços navais e pertences dos passageiros e tripulantes). Até os meses de setembro e outubro de 1942, as ondas insistiam em jogar objetos na areia, como se elas quisessem alertar sobre a presença inimiga debaixo d'água.

A praia é a “beira do mundo”, “lugar marginal”, “orla da terra”, “fralda do oceano”, “barbas do mar”, enfim, um espaço atlântico para se pensar as divergências sociopolíticas surgidas no tempo do Estado Novo. Ao longo desta dissertação, ela se apresentou como uma linha limítrofe entre o espaço líquido e o social, a guerra e a paz, o caos e a ordem, a certeza e as incertezas, enfim, a água e a terra. O medo do submarino teve o poder de unir esses mundos aparentemente opostos. A região praiana de Sergipe se tornou “objeto de atenção” porque foi um lócus privilegiado para se visualizar as representações construídas sobre o mundo atlântico da guerra. Para Roger Chartier, as lutas de representação têm tanta importância como as lutas contra o nazifascismo e a ditadura varguista, pois elas permitem compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.⁴⁵⁰

Diferente dos historiadores tradicionais que ignoraram os ataques dos submarinos alemães no Brasil, os sergipanos criaram suas explicações para entender a emergência da guerra em suas águas territoriais. A passagem do U-507 gerou um inventário de medos. De

⁴⁴⁹ GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio, op. cit., p. 316.

⁴⁵⁰ CHARTIER, Roger, op. cit., p. 17.

acordo com as memórias do prático José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe), os marinheiros alemães escolheram caprichosamente a Barra de Estância, a região mais deserta de Sergipe. Com sabedoria e prudência, o velho lobo do mar apresentou sua visão náutica sobre os torpedeamentos de 1942.

Eu não sei a história. Ninguém conta quem foi o submarino, mas dizem que foi alemão. Veio esperar aí na passagem da Barra de Estância. O lugar mais deserto de Sergipe era a Barra da Estância. De Estância para São Cristóvão. Quer dizer, como esse povo [os homens dos submarinos] sabia né? Bom, pela Carta de Navegação ele vê. Pela Carta de Navegação ele sabe. Sabia mais ou menos, porque a Carta de Navegação tem a cidade, o lugar mais deserto e a aproximação mais próxima à praia.⁴⁵¹

O mundo social dos aracajuanos e o espaço atlântico da guerra estavam lado a lado, num diálogo constante com o medo. Essa ligação ameaçadora fez o velho prático suscitar aspectos interessantes de uma Guerra Submarina “interiorizada” em Sergipe. Primeiro, a belonave esperou seus alvos na beira de costa, configurando uma emboscada. Em segundo lugar, a barra de Estância era uma área pouco povoada. Terceiro, o manuseio das cartas, a experiência da tripulação e os sinais do farol davam aos submarinistas as coordenadas navegacionais. E por fim, a operação de ataque foi minuciosamente planejada, pois seis embarcações foram atacadas, no intervalo de 48 horas, em águas territoriais brasileiras.

Uma teia de suspeitas se abriu neste cenário litorâneo. Em praticamente todas as suas barras fluviais, os homens costeiros teceram histórias sobre a ação de submarinos alemães. Essas informações se moviam entre a realidade e a imaginação, revelando a escalada do medo entre os sergipanos. Se por um lado, o prático Zé Peixe chamou a atenção para a Barra de Estância. Por outro, o documento policial de 1942 se preocupou com a Barra do Vaza-Barris. Em 8 de setembro de 1942, a testemunha Maria Joana da Conceição foi arrolada no inquérito aberto contra Nicola Mandarino. Ela residia no município de São Cristóvão e afirmou ter avistado a movimentação de um barco semelhante a um submarino. De acordo com o documento policial:

Em meio às águas do Vaza-Barris, uma embarcação grande, coberta de preto e de dentro saíram dois homens que tomaram um bote e chegaram até a costa. Eles perguntaram a Maria Joana se tinha água, tendo ela respondido que água só tinha no Colégio, propriedade de Nicola Mandarino. (...) Verdade é que, além da ribeirinha, ninguém mais viu o mencionando barco de guerra, que pela sua descrição, tem-se como um submarino alemão.⁴⁵²

⁴⁵¹Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, em 07 de abril de 2004.

⁴⁵² SANTIGADO, Enoque, op. cit., p. 3.

Considerando a gravidade dessas declarações, as autoridades locais se deslocaram para o estuário do Vaza-Barris. Ilhotas e bordas foram vasculhadas. Pescadores, barqueiros e práticos foram inquiridos, mas constatou-se que somente Maria Joana da Conceição avistou um barco semelhante à fotografia do submarino alemão disponibilizada pela Capitania dos Portos de Sergipe. Essas e outras histórias foram construídas visando criar uma explicação, um sentido ou uma representação. A relação de representação é assim confundida pela ação da imaginação, essa parte dominante do homem, essa mestra do erro e da falsidade, que faz tornar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não o é.⁴⁵³

Afinal, o inimigo mais perigoso dos sergipanos ousou navegar em águas fluviais? Convém esclarecer que não se objetiva aqui analisar se o depoimento da sancristovense era verdadeiro ou falso, mas sim, o de evidenciar explicações populares para o mundo da guerra naval. Tanto o relato de Maria Joana da Conceição quanto a averiguação policial nas barras fluviais ajudou a perceber como os sergipanos estavam mergulhados em um sentimento profundo de insegurança. O historiador Jean Delemeau alerta que o medo tem o poder de gerar histórias aberrantes e ainda esclareceu: “nada é mais difícil de analisar do que o medo, e a dificuldade aumenta ainda mais quando se trata de passar do individual para o coletivo”.⁴⁵⁴ Ao associar “imaginação” à “angústia”, o arguto pesquisador francês afirmou: “a imaginação desempenha um papel importante na angústia, esta tem sua causa mais no indivíduo do que na realidade que o cerca e sua duração não está, como a do medo, limitada ao desaparecimento das ameaças”.⁴⁵⁵

As ameaças da guerra marítima alimentaram o imaginário social dos aracajuanos, que visualizaram façanhas exageradas em seu território: a existência de base submarina; a circulação de homens loiros nas praias; o abastecimento de combustível dos U-boots, dentre outras. Para o prático Zé Peixe, os submarinistas alemães jamais transporiam as barras locais sozinhos, pois elas são repletas de obstáculos naturais. Ele ficou indignado com as histórias de nazistas nas águas do Vaza Barris. “É conversa! Que nada! Para o submarino entrar tem que ter um prático. O povo falava isso, mas não tinha prova não”.⁴⁵⁶ E sentença: “São Cristóvão entrou, encalha. Não é todo mundo que entra ali. A Barra de Estância, a mesma coisa. A Barra de Aracaju tem trechos que é bem raso. A Barra de São Francisco, ali é mais difícil”.⁴⁵⁷

⁴⁵³ CHARTIER, Roger, op. cit., p. 22.

⁴⁵⁴ DELUMEAU, Jean, op. cit., p. 22.

⁴⁵⁵ Ibidem, p. 25.

⁴⁵⁶ Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 7 de abril de 2004.

⁴⁵⁷ Idem.

Diante dessas impressões do prático Zé Peixe, tornou-se evidente que fenômeno dos torpedeamentos modernizou o conceito de guerra naval na contemporaneidade, e também, repercutiu intensamente nas comunidades costeiras do Atlântico. Na costa de Sergipe, por exemplo, o medo do submarino cresceu progressivamente à medida que a população se dava conta dos riscos que corria. Essa situação de anormalidade impôs várias medidas de segurança. “Eu ficava na beira do rio Sergipe, ali onde é hoje o Iate Clube, de vigília. O medo nesse tempo era que o submarino alemão viesse pelo mar, ou debaixo d’água e entrasse pela boca da barra e destruísse Aracaju”.⁴⁵⁸

O submarino nazista não invadiu o estuário do rio Sergipe, mas o medo disso acontecer foi forte o suficiente para guarnecer a boca da barra. Essa medida cautelar transformou a praia em uma área militarizada e com várias restrições de acesso para os civis. Por esta razão, as práticas de lazer se centralizaram nas praias fluviais: Formosa, Aracajuzinho e Taiçoca. Com o fim da guerra, os aracajuanos redescobriram os encantos das praias oceânicas. “Aos domingos e feriados, a praia de Atalaia fica formigando de gente. Dezenas de automóveis, de marinetes, de caminhões, transportam, para as areias douradas da praia imensa, toda uma multidão que foge ao calor asfíxiante da cidade”.⁴⁵⁹

Para os militares norte-americanos, “o perigo dos submarinos continuará sempre enquanto durar a guerra”.⁴⁶⁰ Quando a Alemanha Nazista capitulou, em 8 de maio de 1945, os aracajuanos caíram no samba, organizaram bailes, soltaram foguetes, formaram passeatas e até os sinos das igrejas repicaram pela vitória dos Aliados. “Em Sergipe, em todo o país, o entusiasmo é o mesmo, um só com a rendição da Alemanha. Aracaju é, toda ela, uma festa, faz o enterro simbólico de Hitler, organiza e vive o Carnaval da Vitória”.⁴⁶¹

Tanta festividade revelava o espírito de livramento do nazifascismo, o fim da ditadura do Estado Novo e esmaecimento da ameaça submarina. O fenômeno dos torpedeamentos foi um embate naval que deixou marcas profundas nos aracajuanos. Para Jardimino Marques, “a guerra é um sinal de perigo para toda geração. E jamais, diante do que se passou na guerra, dos torpedeamentos, de submarino emergir, de muita gente morrer e do avião bombardear submarino. O pessoal vivia assombrado. O pessoal vivia com medo.” E conclui: “essas coisas o povo não pode esquecer porque é parte principal de uma geração”.⁴⁶²

⁴⁵⁸ Entrevista de Jardimino Marques realizada em Aracaju-SE, 23 de agosto de 1999.

⁴⁵⁹ CABRAL, Mário, op. cit., p. 174.

⁴⁶⁰ *Em Guarda – Para Defesa das Américas*. Washington/USA: Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos/Business Publishers International Corporation of Philadelphia. Ano 3. Nº 6. 1944, p. 3.

⁴⁶¹ FIGUEIREDO, Ariosvaldo, op. cit., p. 120.

⁴⁶² Entrevista de Jardimino Marques ao autor. Aracaju/SE, 23 de agosto de 1999.

Ao analisar as dores, as perdas, os medos, os conflitos e os dramas dos sergipanos, percebemos que a guerra, de fato, chegou ao Brasil, e por isso, como sabiamente disse Jardimino Marques, ela é parte integrante da coletividade. Assim, cumprem-se dois papéis importantes desta pesquisa em História Social: lutar contra o tabu de se trabalhar esta temática dentro da historiografia brasileira e preservar as ricas memórias malafogadas dos aracajuanos. Portanto, espero que esta pesquisa contribua para a renovação do olhar historiográfico sobre o papel do Brasil na Segunda Guerra Mundial e ajude a conscientizar as novas gerações das sequelas geradas pela Batalha do Atlântico nas vidas e nos corações dos brasileiros.

LISTA DE FONTES:

a) IMPRESSAS/DIGITAIS

Agressão – documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

ANDRADE, Ademar. *Correspondência do Loyd Brasileiro endereçada ao Sr. Presidente do Aero Clube de Sergipe.* Aracaju-SE, 10 de agosto de 1943.

Apelação Criminal. Documento. 17 de dezembro de 1942. 2ª Vara da Comarca de Aracaju. 1942. Arquivo do Judiciário de Sergipe

ARANHA, Oswaldo. Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália. *Documentação Oficial.* Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1942.

Anúncio Institucional - York Refrigeração - Seleções Nº 1 - Fevereiro de 1942, s/p.

BAPTISTA, Walter de Assis Ferreira. *Documento.* Aracaju-SE, 30 de agosto de 1982.

BAPTISTA, Walter de Assis Ferreira. Palestra concedida aos rotarianos de Sergipe. *Documento Datilografado.* A preleção foi sobre sua vida e o que fez em benefício de Sergipe no tempo da Segunda Guerra Mundial. Na gestão de José Francisco Sobral, Governador do Distrito. S/d.

BAPTISTA, Walter de Assis Ferreira. Solicitação de Revisão sobre a pesquisa “Baependy” publicada na Revista O Expedicionário de junho de 1982. *Documento Datilografado e endereçado para Dilton Feliciano Pinto – Diretor Responsável do “O Expedicionário”.* Aracaju-Sergipe. 30 de agosto de 1982, pp. 2-3.

BARRETO, Luiz Antônio. *Estrangeiros em Aracaju (III).* 09/05/2005, in: Pesquisa – Pesquisa de Sergipe. Disponível em: http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=34995&titulo=Luis_Antonio_Barret o 11:31 16 de julho de 2012.

Carta do integralista Gerônimo Moreno Garcia endereçada a Jacinto Figueiredo Martins. 1942. In: Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942.

Cartão Postal de Aracaju. S/d. Disponível em: <http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2012/02/praca-de-automoveis.html> 8 de junho de 2012 17:38

Cemitério dos Náufragos dos Navios Mercantes Baependy, Araraquara e Aníbal Benévolo. *Monumento Histórico de Aracaju*, erguido com recursos do Ministério da Marinha e do Governo do Estado de Sergipe. Povoado Mosqueiro. 1972.

Comunicado do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1942.

COSTA FILHO, Luiz Jose da. *Sociogênese soviética*. Aracaju: Casa Ávila. 1933.

CUNHA, Vasco Leitão da. Documento confidencial endereçado ao Ministro da Justiça Francisco Campos. Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1941. IN <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil>> acessado em 20 de dezembro de 2011, às 19:20.

Declaração do Estado de Beligerância com a Alemanha e a Itália. Nota do Itamarati. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1942. In: *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1994.

Declaração do Estado de Guerra em todo o Território Nacional. Documento Oficial. Decreto No 10.358.31 de agosto de 1942. In: *Coleção das Leis de 1942*. Atos do Poder Executivo. Decreto de Julho a setembro.

Decreto Lei 4830-A, de 15 de outubro de 1942, subordina ao Ministério da Marinha, as colônias de pesca [até então subordinadas ao Ministério da Agricultura, Comércio e Indústria].

Depoimento de Joel Silveira a Gilberto Negreiros. Jornalistas contam a história. Folha de São Paulo. São Paulo, 9 de janeiro de 1979. Disponível em <http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_5.htm> 16 de julho de 2012.

Depoimento do náufrago Valter Ferreira, passageiro do Baependy, ao jornalista Narciso Baltar do *Jornal do Brasil*. 8 de julho de 1971. In: WYNNE, J. Pires. Augusto Maynard. In: *História de Sergipe (1930 – 1972)*. Vol. II. Rio de Janeiro: Pongetti. 1973, p. 92-98.

Diário de Getúlio Vargas. São Paulo / Rio de Janeiro, Siciliano/ Fundação Getúlio Vargas, 1995, vol. II,

Discurso de Getúlio Vargas no Dia da Marinha, a bordo do encouraçado Minas Gerais. Arquivo de Getúlio Vargas. 11 de junho de 1940.

Documento do Judiciário. Protesto Marítimo elaborado por Mário Cabral. Aracaju, 26 de setembro de 1942. Arquivo do Judiciário de Sergipe.

Edital de Normas organizados por José Augusto Diniz de Aguiar Dantas. Capitania dos Portos do Estado de Sergipe, Aracaju-SE, 6 de outubro de 1942.

Em Guarda – Para Defesa das Américas. Washington/USA: Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos/*Business Publishers International Corporation of Philadelphia*. Ano 4. Nº 11. 1944, p. 38.

Enoque Santiago. Relatório do inquérito policial sobre o envolvimento dos estrangeiros nos torpedeamentos dos cinco navios brasileiros. Departamento de Segurança Pública de Sergipe. Aracaju, 10 de outubro de 1942.

FREIRE, Evandro Alcides. *Documento Datilografado*. Aracaju-SE, 12 de agosto de 1943.

MELO, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de. *Telegrama endereçado a Walter Baptista*. Agosto de 1942.

MONTALVÃO, Elias. *Meu Sergipe*. Aracaju: Typographia Commercial. 1916.

Milton Fernandes da Silva. *Relatório da Última Viagem do Navio Motor Araraquara*. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1942

O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Ministério das Relações Exteriores. Volume II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944, pp. 76-77.

Ofício Nº 1.539 redigido por Enoch Santigado. *Documento oficial do Departamento de Segurança Pública*. Aracaju, 12 de outubro de 1942. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

Plano de Defesa do Nordeste. General Leitão de Carvalho. *Documento Confidencial*. 30 de maio de 1942.

Projeto dos Estados Unidos de enviar tropas para ocupação do Norte e Nordeste Brasileiros. Ofício Secreto do Ministro da Guerra ao Presidente da República. Número 77/53. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1941. In: LEITE, Mauro Renault, NOVELI JÚNIOR. *O Marechal Eurico Gaspar Dutra: O dever da verdade*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1983.

Protesto Marítimo. *Documento Oficial*. Aracaju/SE, 02 de agosto de 1943.

SANTANA, Damião Mendonça de. *Os pioneiros do serviço militar*. Aracaju: Livraria Regina. 1945.

Regulação das atividades da Comissão Mista Brasileiro-Americana de Oficiais de Estado-Maior. Documento oficial. Termo de Ajustes. 24 de julho de 1941. In: LEITE, Mauro Renault, NOVELI JÚNIOR. *O Marechal Eurico Gaspar Dutra: O dever da verdade*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1983, pp. 441-443.

Relatório do Almirante Jonas H. Ingram sobre a Área Equatorial. 4 de setembro de 1941. In: MORISON, Samuel E. *History of United States Naval Operations in Word War II*. Boston, 1948. Volume II.

Relatório do Inquérito Policial instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe contra brasileiros acusados de exercerem o integralismo no estado ou de serem simpatizantes das ideias nazifascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942,

RIBBENTROP, Joachim von. Documento Oficial. Declaração de Guerra Alemã aos Estados Unidos da América. Berlim, 11 de dezembro de 1941. Disponível em: <http://www.clubedogenerais.org/portal/modules.php?name=Conteudo&pid=461> 13:47 3 de julho de 2012.

SANTIAGO, Enoque. Relatório do inquérito policial sobre o envolvimento dos estrangeiros nos torpedeamentos dos cinco navios brasileiros. Departamento de Segurança Pública de Sergipe. Aracaju, 10 de outubro de 1942.

SERAFIM, Carlos Frederico Simões & BITTENCOURT, Armando de Senna. A Marinha na República. *A Importância do Mar na História do Brasil*. Brasília: Ministério da Educação. 2006.

SILVA, Milton Fernandes da. *Relatório da Última Viagem do Navio Motor Araraquara*. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1942, p. 2.

Telegrama de Assis Chateaubriand endereçado a Walter Baptista. Aracaju. Agosto de 1942.

Telegrama recebido pela Chefatura de Polícia. *Diário Oficial de Sergipe*. Aracaju-SE, 4 de novembro de 1942.

UCHOA, Severino. *Augusto Maynard, o Estadista e o Revolucionário*. Aracaju: DEIP. 1945.

VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. Volume VII. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1940.

B) JORNAIS (1942/1945)

A Cruzada

Correio de Aracaju.

Diário Oficial de Sergipe

Folha da Manhã.

O Nordeste.

Sergipe-Jornal.

C) ORAIS

José Martins Ribeiro Nunes, mais conhecido como Zé Peixe, nasceu na cidade de Aracaju, em 05 de janeiro de 1927. Ele era adolescente no tempo dos torpedeamentos e suas memórias são privilegiadas, pois sua casa se localizava próximo à Capitania dos Portos de Sergipe. Além disso, ele testemunhou as operações antissubmarinas na cidade, os ensaios antiaéreos, o movimento estudantil e a perseguição aos estrangeiros. Depois da guerra, Zé Peixe se torna prático, um dos mais conhecidos na Marinha do Brasil.

Paulo de Oliveira Santos nasceu em Aracaju, no dia 26 de novembro de 1933. Quando jovem fez curso técnico, mas se destacou mesmo, como comerciário. Era conhecido entre os aracajuanos como “Oliveira de A. Fonseca”, em alusão à loja onde trabalhou como gerente durante 30 anos.

Jardilino Marques nasceu no município de Santa Brígida (BA), no dia 12 de janeiro de 1916. Com 14 anos migrou para Aracaju, em busca de uma vida melhor. Na capital sergipana formou família e trabalhou como ajudante de pedreiro e foi integrado momentaneamente à guarda municipal em 1942.

Idalina Lima de Sousa nasceu na cidade de Aracaju, no dia 30 de julho de 1933. Ainda era adolescente quando se tornou operária na Fábrica de Coco, localizada no Bairro Industrial. Casou-se com o jogador Paulo Otacílio de Souza. Em 1961, o seu esposo foi transferido para Grêmio de Porto Alegre-RS, ganhando a alcunha de Paulo Lumumba. Desde então, eles fixaram residência na capital gaúcha.

João Martins do Nascimento nasceu no povoado Pontal, município de Indiaroba, em 1914. Conhecido como Seu Joãozinho, exerceu várias atividades profissionais: pescador, roceiro, negociador, político, etc. Chegou a migrar para São Paulo, mas não se adaptou e voltou para vida simples às margens do rio Real.

Salvelina Santos de Moraes nasceu na cidade de Aracaju, em 22 de fevereiro de 1932. No tempo dos torpedeamentos, o seu pai, o faroleiro Teodoro José dos Santos prestou variados serviços à Marinha do Brasil. Por esta razão memória dela apresenta detalhes ricos do que aconteceu nas praias sergipanas, as mercadorias malafogadas e as múltiplas atividades da Capitania dos Portos.

Edmundo Rodrigues da Cruz nasceu na cidade de Simão Dias, em 16 de janeiro de 1918. Policial militar, e depois, comerciante. Compôs a tropa do Esquadrão da Cavalaria, que patrulhava o município de Aracaju e exigia da população o cumprimento das medidas de segurança no tempo da Guerra Submarina.

D) MONUMENTOS

Cemitério dos Náufragos dos Navios Mercantes Baependy, Araraquara e Aníbal Benévolo.

Monumento Histórico de Aracaju, erguido com recursos do Ministério da Marinha e do Governo do Estado de Sergipe. Povoado Mosqueiro, 1972.

Casa dos Mandarino em Aracaju

Igreja de Santo Antônio em Aracaju

Igreja e Convento de São Francisco em São Cristóvão.

REFERÊNCIAS

- A Segunda Guerra Mundial – O Brasil em guerra I. *Revista semanal*. Rio de Janeiro: Codex, 1966.
- AIRÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003
- ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. *Esboço Biográfico de Inácio Barbosa*. Aracaju: Funcaju/Sercore, 2002.
- ALVES, Paulo. O poder judiciário no Estado Novo (1937-1945). *Revista História*. São Paulo. N. 12, 1993.
- ALVES, Vagner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial – História de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.
- AMADO, Janaína (coord.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- ANDRADE, Oswald de. *Obras completas VII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- ATLAS ESCOLAR DE SERGIPE. *Nossa Terra Nossa Gente*. Aracaju: Departamento de Geografia/UFS/SEED. 1982.
- BARRETO NETO, Raul Coelho. *Flores ao Mar: os naufrágios navais brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. Salvador: Presscolor, 2006.
- BATISTA, Sônia Maria Soares. *Memória histórica da indústria sergipana*. Rio de Janeiro: IEL/SENAI-DN/UFS. 1986.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENTO, Claudio Moreira. A Participação Militar do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942-1945). *Conflitos Externos Brasileiros*. Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/conflixt17.htm>> Acesso em 30 de junho de 2012, 16:06.
- BENTO, Cláudio Moreira. *A Saga da Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: ANVFEB, 1995.
- BLAJBERG, Israel. *Soldados que vieram de longe: os 42 heróis brasileiros judeus da 2ª guerra mundial*. Resende: AHIMTB, 2008.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1987.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.
- CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju: guia sentimental da cidade*. Aracaju: Livraria Regina, 1948.

- CAMBESES JR, Manuel. *A participação da Força Aérea Brasileira na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: INCAER – Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica. 2009.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: Novas Histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. *Revista USP. Dossiê 50 anos de final de Segunda Guerra*. São Paulo, 1989.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP. 1988.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Inventário DEOPS: Alemanha. Módulo I*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.
- CARNEIRO, Marcelo. III Reich à brasileira – Documentos inéditos mostram que a seção do Partido Nazista no Brasil foi a maior fora da Alemanha. *Veja*. São Paulo-SP, 18 de fevereiro de 2004.
- CARVALHO NETO. O Romance da História. A Proclamação da República em Sergipe, in: *Revista de Aracaju*. Ano III, 1949. Nº 2.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1- Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/USP. V. 5, n. 11, jan./abr.1991.
- CHAVES, Rubens Sabino Ribeiro. *Aracaju: pra onde vai?* Aracaju: Edição do Autor, 2004.
- CRUZ, Luiz Antônio Pinto. *Aracaju: memórias de uma cidade sitiada*. São Cristóvão: UFS. 1999. (Monografia).
- CRUZ, Luiz Antônio Pinto. Atentado Nazista em Sergipe: a história dos torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros (1942-1945). In: *Revista de Aracaju: PMA/FUNCAJU*. Ano LX. Nº 10. 2003.
- CRUZ, Luiz Antônio Pinto & ARAS, Lina Maria Brandão de. Submarinos Alemães e o Cotidiano de Aracaju. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju: IHGS. nº 40, 2010.
- CRUZ, Luiz Antônio Pinto & ARAS, Lina Maria Brandão de. A guerra submarina na costa sergipana. *Revista Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil*. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Nº 15, V. 128, 2012.

- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra – a mobilização e o cotidiano de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração/Edusp, 2000.
- D'ARAUJO, Maria Celina Soares. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DANTAS, José Ibarê Costa. *Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasiliense, 1989.
- DE LUCA, T. R. Histórias dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DIETRICH, Ana Maria. Nazismo tropical? Partido Nazista no Brasil. São Paulo: USP. 2007, p. 58. (Tese de Doutorado em História Social em História Social – FFLCH/USP).
- DINIZ, Diana Maria Faro Leal (coord.) *Textos Para História de Sergipe*. Aracaju: UFS/Banese, 1991.
- DROZ, Bernard & ROWLEY, Anthony. *História do Século XX*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- DUBY, Georges. *Atlas historique*. Paris: Larousse, 1987. p. 94-95.
- DUFFY, James P. *Hitler's Secret Pirate Fleet: The Deadliest Ships of World War II*. Originally published: Westport. Conn/Praeger, 2001.
- FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- FARIAS, Oswaldo Cordeiro de. Palestra sobre a organização da Escola Superior de Guerra em 1949. In: *Revista da ESG*. Rio de Janeiro: Alemgraf. V. 20, N^o 42. Jan/Dez. 2003
- FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.
- FERRAZ, César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.
- FERRO, Marc. *Os tabus da história: a face oculta dos acontecimentos que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Os interventores da ditadura de Getúlio Vargas e os interventores do golpe de 29/10/1945. In: *História Política de Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1989. Vol. II.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

- GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio. A Marinha na Segunda Guerra Mundial. *História Naval Brasileira*. Volume Quinto. Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha/Serviço de Documentação Geral da Marinha. 1985.
- GARRIDO, Joan Del Alcazar I. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História* 25/26, Dossiê e ensino de história – órgão da Associação Nacional do Ensino de história, São Paulo: p. 33-54 v13 set 1992/ago 1993.
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel. 1991.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Exercendo um ofício: entrevista com o historiador Jacques Revel. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo: ABHO. Nº 5. Jun, 2005, v 5, p. 197.
- HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- HILTON, Stanley E. *Suástica sobre o Brasil – a história da espionagem alemã no Brasil, 1939-1944*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1977.
- HOBBSBAWN, Eric J. *A Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. O homem cordial. In: *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JOFFILY, José. *Harry Berger*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Curitiba: Editora da UFPr, 1987.
- KOCH, *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 230 p.
- LE GOFF, Jacques “Memória” in *Enciclopédia Einaudi, Memória - História* (trad.) Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, vol.1.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp. 2003.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005.
- Macrodiagnóstico da zona costeira e marinha do Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2008.
- MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Editora ULBRA, 1994.
- MASON, David. *Submarinos alemães: a arma oculta*. Rio de Janeiro: Renes, 1975.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.) *(Re) Introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- MORAES FILHO, Evaristo de. *A Cigarra*. Rio de Janeiro-RJ, 1954.

- MOURA, Gerson. *Sucessos e Ilusões: Relações Internacionais do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1991.
- MOUTINHO, Augusto César Machado. *A Bahia na Guerra: o medo e a sobrevivência em Morro de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. Salvador: UFBA, 2002 (Dissertação de Mestrado em História)
- NASSER, David. Vigilância sem trégua. *O Globo*, Rio de Janeiro. 1942. Sábado, 22 de agosto de 1942.
- NUNES, Verônica Maria Meneses; NOGUEIRA, Adriana Dantas (org.). *O despertar do conhecimento na colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras*. São Cristóvão, SE: UFS, 2007.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*. PUC-SP. São Paulo. Nº 10.1993.
- Nosso Século 1930/1945 – A Era Vargas (2ª Parte). São Paulo: Abril Cultural. 1985.
- O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. In: *Brasil – 500 anos (1911-1939)*. Fascículo 11. São Paulo: Nova Cultural. 2000.
- PATERSON, Michael. Batalha do Atlântico. In: *Decifradores de códigos: a história e os relatos dos heróis secretos da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Larousse do Brasil. 2009.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *Prisioneiros da Guerra: os “súditos do eixo” nos campos de concentração brasileiros (1943-1945)*. São Paulo: Humanitas. 2009.
- PIERSON, Donald. *O Homem no vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972.
- PINSKY, C. B. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PITALUGA, Plínio. Torpedeamento dos navios brasileiros – Uma lenda ainda em voga. *Revista do Clube Militar*. Ano LXXI, Nº 349. Julho de 1998.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína (coord.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- PORTO, Fernando de Figueiredo. *Alguns Nomes Antigos do Aracaju*. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda, 2003.
- PRESTON, Antony. *Submarinos*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1983.
- REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala - a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.
- RODRIGUES, Lêda Boechat (org.). *Uma história diplomática do Brasil (1531-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

- SÁ, Xico. Arquivo exhibe guerra ignorada (Segunda Guerra Mundial). *Folha de São Paulo*. São Paulo-SP, 28 de junho de 1998.
- SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- SANI, Massimo. Karl Doenitz: o estrategista dos U-boots. In: *Os Generais de Hitler*. Rio de Janeiro: Editora Três. 1974.
- SANTAYANA, Mauro & BALTAR, Tarcísio. Assim foi iniciada uma guerra. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 8 a 10 de junho de 1971.
- SARTRE, Jean-Paul. *Diário de uma guerra estranha: setembro de 1939-março de 1940*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunhos da barbárie. In: *Revista Entre Livros*. São Paulo: Ediouro Gráfica. Nº 28, agosto de 2007.
- SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948). São Paulo: Annablume, 2009.
- SERAFIM, Carlos Frederico Simões & BITTENCOURT, Armando de Senna. A Marinha na República. *A Importância do Mar na História do Brasil*. Brasília: Ministério da Educação. 2006.
- SILVA, Clodomir. *Álbum de Sergipe (1820-1920)*. Aracaju: Estado de Sergipe, 1920.
- SILVA, Marina Helena Chaves. Acordos internacionais, mercado interno e cotidiano baiano - a crise nas relações teuto-brasileiras (1937-1945). *Textos de História*, vol. 16, nº 2, 2008.
- SILVA, Marina Helena Chaves. Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II guerra mundial. Salvador: UFBA, 2007. (Tese de Doutorado em História).
- SILVA, Paulo Sérgio da. *A Constituição brasileira de 10 de novembro de 1937: um retrato com luz e sombra*. São Paulo: Editora das UNESP, 2008.
- SILVEIRA, Joel. 16 de agosto de 1942. In: *A feijoada que derrubou o governo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TORRES, Sérgio. Naufrágio do Araraquara. Caderno Mais. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 8 de julho de 2007.
- VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. Volume VII. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1940

WYNNE, J. Pires. Augusto Maynard. In: *História de Sergipe* (1930 – 1972). Vol. II. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973.

ANEXOS

Memórias do naufrago Adolfo Artur Kern
 “*Baependy, o primeiro alvo do submarino alemão U-507 na costa de Sergipe*”⁴⁶³

Adolfo Artur Kern

Saímos do porto de Salvador, na Bahia, às 7 horas da manhã do dia 15 de agosto, a bordo do Baependí, que se destinava a Manaus e portos de escala. Íamos navegando normalmente, com destino ao porto de Maceió, sem nada haver-se registrado depois da saída.

Às 19 horas do mesmo dia 15, logo depois do jantar, sentimos o primeiro estampido forte, que, pelas características do som metálico, logo compreendemos que se tratava de um torpedo. Cinco segundos depois, provavelmente, desse primeiro estrondo, produziu-se outro estampido, correspondendo ao segundo torpedo, também assim presumido por se terem apresentado as mesmas características da detonação.

O primeiro torpedo, presumivelmente, deu-se na casa das caldeiras, e o segundo, também presumivelmente (porque foi tão rápido que não deu tempo para localizar nada), arreventou nos tanques de óleo combustível. Em consequência disso e simultaneamente com o estampido, registrou-se uma forte explosão, destampando-se a escotilha do porão nº 2, uma explosão acompanhada de labaredas, que iam até, quase, ao topo do mastro, provocando violento incêndio.

Desde o primeiro estampido, contando um minuto ou talvez dois, o navio submergiu completamente. Submergiu todo adernado para o lado de boreste, lado por onde foi agredido, arrastando todo mundo; porque dada a rapidez com que o navio foi tragado pelo mar, não houve tempo, sequer, de se iniciar o serviço de salvamento com as baleeiras. Todas as baleeiras foram arrastadas para o fundo com o navio, ficando uma única, que se desprendeu sozinha, por graça divina. Foi essa baleeira que recolheu os que iam surgindo à tona, numa noite escura e de mar agitado. Nessa baleeira salvaram-se vinte e oito pessoas.

Quanto à presença de navio de guerra agressor, submarino ou mina, nada posso, conscientemente, informar. Afirmo apenas que foram dois torpedos. Quando me encontrei dentro d'água, vi, naquele ambiente de destroços flutuantes, um resto de fogueira e compreendi que era óleo combustível em chamas, que se entornara com o movimento do navio. Ao lado dessa fogueira, notei 12 ou 15 velinhas acesas, parecendo velinhas de baleeiras, que acendem logo que estas batem na água.

Os que, por graça divina, se salvaram foram 28, sendo 15 tripulantes e 13 passageiros.

Não me salvei na baleeira. Depois de permanecer cerca de meia hora dentro d'água, no meio de todo mundo que estava na mesma situação angustiosa, veio para cima de mim, arrastado pela correnteza um pedaço de tolda de madeira da cobertura do passadiço. Não sei se foi a explosão ou se foi a força da água que a arrancou do navio. Era um pedaço de tolda de três ou quatro metros quadrados.

Depois de subir, para esse pedaço de tolda e de estar ali vogando durante meia hora, ouvi gritos perto. Nos primeiros momentos, nada pude distinguir. Passado algum tempo, vi um indivíduo na água, meio enregelado. Era um soldado. Ajudei-o a subir na taboa e aí ficamos, transcorrido muito tempo, sem saber determinar de onde partia, pois a noite estava fechada, ouvimos outro grito. Poucos instantes depois, no meio das ondas, observei um volume constituído de dois colchões. Nele se havia recolhido um terceiro naufrago, que era o enfermeiro de bordo. Ficamos nessa situação apenas com peças do vestuário, e aí nos mantivemos precariamente depois de 8 horas da noite. Fomos levados pelas ondas do mar,

⁴⁶³ Depoimento do Sr. Adolfo Artur Kern, chefe de máquinas do Baependy. *Agressão – documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: imprensa nacional. 1943. Relatório do Estado Novo produzido pelo DIP sobre os torpedamentos ocorridos no litoral sergipano e baiano em 15-16 de agosto de 1942, p. 89-90.

que, por sorte, eram favoráveis para a direção da praia, onde chegamos na segunda-feira, quase no clarear do dia, nas mais lamentáveis condições físicas.

Ao atravessar, porem, a arrebentação, provocada pelo vento sul que agita muito a praia, o soldado já tinha perdido a consciência, pela alta febre. Ficou alucinado, e nós tínhamos de segurá-lo constantemente para que pudesse ficar com a cabeça fora d'água. Resistiu à passagem da primeira arrebentação, mas, infelizmente, na madrugada de segunda-feira, logo depois da segunda arrebentação, quando chegamos para cima da taboa novamente, já o soldado não estava. Ficamos lutando, o enfermeiro e eu. Eu estava já perdendo o controle. De fato, enquanto o enfermeiro supunha ver luzes, eu me considerava estar no Chope da Brahma, e, quando senti a realidade, estava pra afrouxar. Era Deus que inspirava o meu dever de pai; porque, do contrário, não teria tido forças para chegar a praia. O esforço era superior a minha resistência física. Lembrei-me das minhas filhinhas.

Ao clarear de segunda-feira, pareceu-me ouvir gritos humanos. Como estivesse com os meus sentidos auditivos e visuais um tanto perturbados, consultei o companheiro, que, aliás, estava em idênticas condições. Ele também ouvira os gritos. Então, procurando reunir nossas forças, clamamos por socorro. Lembra-me bem que eu, em vez de pedir socorro, gritei: “Quero água!” Já estava quase inconsciente.

Fomos recolhidos numa pequena canoa, em uma paragem denominada Mangue Seco, no limite da Bahia e Sergipe, porem território baiano. Tivemos o primeiro socorro prestado por aquela gente muito humilde e modesta, mas que nos deixou a convicção de que é uma das grandes reservas do país. Gente sem cultura, porem cristã e humana, que sofria tanto quanto nós. O auxílio nos foi prestado por um grupo de pescadores e por uma velha cabocla. Esta, que possuía um oratório, foi logo agradecer à Virgem Nossa Senhora o nosso salvamento. O que eles possuíam ficou logo a nossa disposição.

Chegaram outros naufragos, também reconhecidos, inclusive o tenente Castelo Branco.

Ao meio dia, já por providências tomadas pela Interventoria do Estado de Sergipe, fomos conduzidos de Mangue Seco para a localidade sergipana da Castro, que é um porto.

De Castro, nos conduziram para Estância, cidade de Sergipe, onde passamos uma noite no hospital. Aí nos foram prestados socorros médicos, porque na tolda em que nos salvamos havia muitas pontas de pregos, e estas nos tinham deixado bastante feridos. Além disso, estávamos seminus. Quando caí na água, estava com o meu fardamento branco. Fiquei só com a camiseta e o dolman.

No hospital, fizeram-se os curativos, inclusive da minha vista, que estava inflamada, já pela ação do óleo, já pela ação corrosiva da água salgada. Tinha também queimaduras produzidas por águas vivas em todo corpo. Ficamos em tratamento no hospital até o momento em que locomover-nos novamente.

A respeito do comandante João Soares da Silva, devo dizer que tinha acabado de jantar quando o vi pela última vez. Foi da seguinte maneira: “encontrava-me no tombadilho, do lado de fora da sala de música, em uma reunião, numa reunião na qual se encontravam o tenente Castelo Branco e a sua família, um funcionário do Lóide Brasileiro, marítimo, que viajava a serviço. Estávamos reunidos quando o comandante, após ter acabado de jantar no salão, passou por nós. Tinha dado uns cinco passos, no máximo, quando se produziu a primeira explosão. Como todos os outros, foi colhido de grande surpresa, devido ao ataque inesperado. Voltou-se e perguntou-me: “Chefe como foi isso”? Percebi pelo cheiro de pólvora, que se tratava de torpedo, e respondi: “É fora de dúvida. Mande arriar as baleeiras”. Quando acabava de pronunciar essas palavras, deu-se a segunda explosão. Por isso, calculo cinco segundos o intervalo entre a primeira e a segunda explosão. A explosão do segundo torpedo, ele correu para a escada do passadiço. Ainda consegui vê-lo no alto da escada, já passando para o passadiço, que é a ponte do comando. E aí, de um salto, quando o navio já

adernava, ele segurou no apito. O navio começou a apitar e só deixou de fazê-lo quando foi tragado pelas ondas. O marinheiro, também sobrevivente, que estava a serviço do leme, viu-o agarrar no apito para dar o sinal de alarme. Notou que o comandante estava coberto de sangue, ferido, naturalmente, pelos estilhaços provenientes da explosão. Dai a razão por que afirmo que o comandante morreu no seu posto”.

LISTA OFICIAL DO BAEPENDY

Nº	NOME	ATIVIDADE	DESTINO	ESTADO
1.	João Soares da Silva (T)	Comandante	-	Desaparecido
2.	Antônio Diogo de Queiroz(T)	Imediato	-	Desaparecido
3.	Alicio Borges Tavares(T)	1º Piloto	-	SALVO
4.	Frutuoso Egidio Chaves(T)	2º Piloto	-	Desaparecido
5.	Balthazar Santos Pereira(T)	1º Radiotelegrafista	-	SALVO
6.	Lídio Freire de Carvalho(T)	2º Radiotelegrafista	-	Desaparecido
7.	Adolfo Arthur Kern(T)	1º Maquinista	-	SALVO
8.	Manuel Lelis de Assumpção(T)	2º Maquinista	-	Desaparecido
9.	Sebastião Moura de Andrade(T)	3º Maquinista	-	Desaparecido
10.	David Ferreira Gomes(T)	3º Maquinista	-	Desaparecido
11.	José Herculano Santos Dias(T)	3º Maquinista	-	Desaparecido
12.	Emanuel Levi Paiva de Morais(T)	3º Maquinista	-	Desaparecido
13.	Sebastião Ferreira Tarouquela(T)	1º Comissário	-	Desaparecido
14.	Mário Ferreira Barros(T)	2º Comissário	-	Desaparecido
15.	José Guerra(T)	2º Comissário	-	SALVO
16.	Stelio Peixoto de Azevedo(T)	Médico	-	Desaparecido
17.	Wagner de Oliveira Braga(T)	Conferente	-	Desaparecido
18.	Pascácio Calado(T)	Enfermeiro	-	SALVO
19.	Roberto Ferreira Salgado(T)	Contra-Mestre	-	Desaparecido
20.	José Rodrigues Campelo(T)	Carpinteiro	-	Desaparecido
21.	João Alves Caldas(T)	Marinheiro	-	SALVO
22.	Emílio Ferreira de Morais(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
23.	Antônio Joaquim dos Santos(T)	Marinheiro	-	SALVO
24.	Eustáquio Dias dos Santos(T)	Marinheiro	-	SALVO
25.	Manuel Francisco da Silva Pessoa(T)	Moço	-	Desaparecido
26.	Raimundo Corrêa da Silva(T)	Moço	-	SALVO
27.	Deoclides Gomes da Silva(T)	Moço	-	SALVO
28.	Napoleão Ferreira Nóbrega(T)	Moço	-	Desaparecido
29.	Henrique Francisco dos Santos(T)	Moço	-	SALVO
30.	Cícero Sebastião da Silva(T)	Moço	-	Desaparecido
31.	Arsênio José dos Santos(T)	Moço	-	Desaparecido
32.	Augusto Caetano de Medeiros(T)	Moço	-	SALVO
33.	Zacarias da Conceição(T)	Moço	-	SALVO
34.	Aristides Francisco de Almeida(T)	Cabo-foguista	-	Desaparecido
35.	José Quintino dos Santos(T)	Cabo-foguista	-	Desaparecido
36.	João Alves da Silva(T)	Cabo-foguista	-	Desaparecido
37.	Julio Gomes da Silva(T)	Cabo-foguista	-	Desaparecido
38.	Euclides Manuel do Nascimento(T)	Cabo-foguista	-	Desaparecido
39.	Antônio Ferreira da Silva(T)	Foguista	-	Desaparecido
40.	Alfredo Cardoso da Silva(T)	Foguista	-	Desaparecido
41.	Francisco de Castro(T)	Foguista	-	SALVO
42.	Minervino Severiano de Souza(T)	Carvoeiro	-	SALVO
43.	Raul Olimpio de França(T)	Carvoeiro	-	Desaparecido
44.	Severino Teles dos Santos(T)	Carvoeiro	-	SALVO
45.	José Vicente da Silva(T)	1º Cozinheiro	-	Desaparecido
46.	Eliodoro Lins Cavalcanti(T)	2º Cozinheiro	-	Desaparecido
47.	Antônio Luciano da Silva(T)	2º Cozinheiro	-	Desaparecido
48.	Arlindo Monteiro da Silva(T)	2º Cozinheiro	-	SALVO
49.	Luiz Vargas(T)	Adj. Cozinha	-	SALVO
50.	José Correia de Melo(T)	Padeiro	-	Desaparecido
51.	Joaquim Jesus de Brito(T)	Paioleiro	-	Desaparecido
52.	Deocleciano Ramos da Silva(T)	Botequineiro	-	Desaparecido
53.	Eduardo Rodrigues Uchôa(T)	Copeiro	-	Desaparecido
54.	Maria José Ferreira(T)	Camareira	-	Desaparecida

55.	José Joaquim Esteves Filho(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
56.	Joaquim Mendonça de Souza(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
57.	Francisco Rodrigues de Faria(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
58.	Manuel Messias dos Santos(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
59.	Francisco Marques Cavalcanti(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
60.	Luiz Vilanova(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
61.	Manuel Ribeiro da Silva(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
62.	José Mosqueira Gonzales(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
63.	Raimundo do Carmo Vidal(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
64.	Joaquim Correia de Oliveira(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
65.	José Bispo dos Santos(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
66.	Ulisses Chaves da Silva(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
67.	Antônio Torquato(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
68.	Raimundo Cavalcanti da Silva(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
69.	Manuel Ferreira Cavalcanti(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
70.	João Ribeiro de Souza(T)	Barbeiro	-	Desaparecido
71.	Clovis Brandão(T)	Pianista	-	Desaparecido
72.	Higino Severino Pessoa(T)	Baterista	-	Desaparecido
73.	Celso Andrade Pereira Lyra(T)	Saxofonista	-	Desaparecido
74.	Dulce Mota Haydt	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
75.	Major Landerico de Albuquerque Lima	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
76.	Cap. Nestor Góes Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
77.	Lailad Salgado Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
78.	Niréa Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
79.	Marion Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
80.	1 ^a Tte. José Joel Marcos	Passageiro	Recife-PE	SALVO
81.	1 ^a Tte. José Castelo Branco Verçosa	Passageiro	Recife-PE	SALVO
82.	Ruth Cruz Castelo Branco	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
83.	Nilson Cruz Castelo Branco	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
84.	Cap. Lauro Moutinho dos Reis	Passageiro	Recife-PE	SALVO
85.	2 ^a Tte. Luiz Claudino Assunção	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
86.	2 ^a Tte. José Alves Acioli	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
87.	Lucilia Lima Acioli	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
88.	Helena Ferreira Acioli	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
89.	Lourdes Acioli	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
90.	José Acioli	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
91.	Cap. I/E Oswaldo José Montana	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
92.	Gilberto Lima	Passageiro	Recife-PE	SALVO
93.	Pedro Dionísio Pereira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
94.	Pedro Pereira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
95.	Elcio Pereira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
96.	Manoel Pereira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
97.	Sub-Tte. Aginaldo Soares Pereira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
98.	1 ^a Sargt. Luiz França Corrêa	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
99.	Diva Baptista Corrêa	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
100.	1 ^a Sargt. Vicente de Paula Souza Pulcherio	Passageiro	Recife-PE	SALVA
101.	Djanira Baptista Pulcherio	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
102.	3 ^a Sargt. Jorge Tramontin	Passageiro	Recife-PE	SALVO
103.	3 ^a Sargt. Benjamim Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
104.	Lindonor Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
105.	Heleine Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
106.	Deidy Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
107.	Heloise Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
108.	3 ^a Sargt. Tadeu Ssocher	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
109.	3 ^a Sargt. Alípio Lavay	Passageiro	Recife-PE	SALVO
110.	3 ^a Sargt. Samuel Martins de Almeida	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido

111.	3 ^a Sargt. João Sampaio Alves	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
112.	Renato de Amorim Garcia	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
113.	Silvia de Amorim Garcia	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
114.	Zamir de Oliveira	Passageiro	Recife-PE	SALVO
115.	Viterbo Storry	Passageiro	Recife-PE	SALVO
116.	Apolinário Ribeiro Lima	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
117.	Aladel Sampaio	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
118.	José Octaviano Ferreira da Cruz	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
119.	Maria da Conceição	Passageiro	Recife-PE	Desaparecida
120.	José Gabriel de Souza	Passageiro	Recife-PE	SALVO
121.	Cabo Newton Mendonça Rezende	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
122.	Soldado Dalmo de Medeiros	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
123.	Soldado Pedro Melo Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
124.	Soldado Abel Dantas	Passageiro	Recife-PE	SALVO
125.	Soldado Adalberto José de Souza	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
126.	Soldado Alberto de Andrade Pereira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
127.	Soldado Alfredo Souza Filho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
128.	Soldado Altair da Cunha	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
129.	Soldado Américo Rodrigues	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
130.	Soldado Angelino Cassiano	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
131.	Soldado Arnol Silva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
132.	Soldado Ayrton dos Santos	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
133.	Soldado Benedito Paulo Viana	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
134.	Soldado Claudionor Amaral Soares	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
135.	Soldado Dario da Silva Dantas	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
136.	Soldado Djalma Dias	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
137.	Soldado Everaldo Cardoso Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
138.	Soldado Felipe Dias Ribeiro Sobrinho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
139.	Soldado Floriano Claudino da Silva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
140.	Soldado Francisco C. das Chagas Baptista	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
141.	Soldado Francisco Fernandes Ourique Jr	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
142.	Soldado Gastão dos Santos Filho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
143.	Soldado Gilberto de Oliveira Domingues	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
144.	Soldado Godofredo Pinto de Vasconcelos	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
145.	Soldado Guilherme Coelho Moreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
146.	Soldado Guilherme Gomes	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
147.	Soldado Hélio da Silva Lins	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
148.	Soldado Hermenegildo Francisco de Assis	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
149.	Soldado Jair de Souza Barros	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
150.	Soldado Jeremias Octavio de Carvalho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
151.	Soldado João Baptista Muniz de Amaral	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
152.	Soldado João de França Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
153.	Soldado João de Almeida	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
154.	Soldado João de Portugal	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
155.	Soldado Joaquim Figueiras Fernandes	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
156.	Soldado Jorge Gomes de Carvalho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
157.	Soldado Jorge Henrique dos Santos	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
158.	Soldado Gorgino Fonseca de Assis	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
159.	Soldado Jorge José de Oliveira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
160.	Soldado Joseph Correia de Melo Oliveira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
161.	Soldado Manoel Augusto Aguiar	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
162.	Soldado Manoel de Anunciação	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
163.	Soldado Manoel de Souza Filho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
164.	Soldado Maurílio Figueiredo Barbosa	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
165.	Soldado Milton Gemal	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
166.	Soldado Moacyr Gonçalves Rodrigues	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido

167.	Soldado Moysés Nunes Pereira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
168.	Soldado Natalino Pinto Inácio	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
169.	Soldado Nilton Louzada Teixeira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
170.	Soldado Norival da Silva Cardoso	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
171.	Soldado Orlando Teixeira Soares	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
172.	Soldado Odyr do Nascimento	Passageiro	Recife-PE	SALVO
173.	Soldado Oswaldo da Costa Oliveira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
174.	Soldado Paulo Martins de Abrantes	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
175.	Soldado Porfírio Mendes dos Santos Filho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
176.	Soldado Rubens Nunes de Oliveira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
177.	Soldado Sebastião Euzébio da Costa	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
178.	Soldado Sebastião Ferreira da Silva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
179.	Soldado Sylvio Gomes de Abreu	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
180.	Soldado Sylvio Morelli	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
181.	Soldado Valdino de Souza Ortiz	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
182.	Soldado Walter Pinto Brandão	Passageiro	Recife-PE	SALVO
183.	Soldado Oswaldo Ferreira Ariosa	Passageiro	Recife-PE	SALVO
184.	Soldado Mário Lúcio Barbosa Lima	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
185.	Soldado Bittencourt de Vasconcelos	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
186.	Soldado Pedro Menezes	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
187.	Soldado Osmar de Souza Ferraz	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
188.	Soldado Adalberto Ferreira dos Santos	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
189.	Soldado Anercides Garcia do Nascimento	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
190.	Soldado Antônio Abrahão	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
191.	Cabo José Araújo Guimarães	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
192.	Soldado Adherbal Francisco Coelho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
193.	Soldado Antônio Duarte Morgado	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
194.	Soldado Antônio José do Nascimento	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
195.	Soldado Aprígio Guilherme Victorino	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
196.	Soldado Bento da Silva Brito	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
197.	Soldado Davino Orozimbo Cardoso	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
198.	Soldado Edgard de Souza Pinto	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
199.	Soldado Pedro Corrêa Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
200.	Soldado Eurico Filho de Oliveira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
201.	Soldado Fernando Pedro de Carvalho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
202.	Soldado Flávio Vieira Gomes	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
203.	Soldado Geny Saraiva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
204.	Soldado Humberto Gonçalves Roma	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
205.	Soldado João Baptista Figueira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
206.	Soldado João da Silva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
207.	Soldado João Marques	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
208.	Soldado Jorge de Souza Martins	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
209.	Soldado José Luiz Mastrangelo Staneck	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
210.	Soldado José Marinho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
211.	Soldado José Salomão	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
212.	Soldado Joviniano José de Oliveira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
213.	Soldado Joviniano Marques da Silva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
214.	Soldado Marcelio Barbosa	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
215.	Soldado Manoel Rodrigues Vidal	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
216.	Soldado Maurício Ponciano dos Santos	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
217.	Soldado João Marques	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
218.	Soldado Nathaniel Felinto de Oliveira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
219.	Soldado Norival Santana	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
220.	Soldado Octacílio Soares	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
221.	Soldado Pedro Garcia de Araújo	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
222.	Soldado Raymundo da Silva Ramos	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido

223.	Soldado Renato Redes	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
224.	Soldado Roberto de Oliveira de Veiga	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
225.	Soldado Rogério Cardoso Parreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
226.	Soldado Rubens Domingues dos Santos	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
227.	Soldado Rubens Soares de Albuquerque	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
228.	Soldado Sílvio Cristóvão	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
229.	Soldado Ubaldo Mariano	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
230.	Soldado Waldir Cassiano	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
231.	Soldado Walter Pacheco	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
232.	Soldado Hilton Araújo	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
233.	Soldado José Teixeira de Souza	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
234.	Soldado Wilson de A. Teles de Noronha	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
235.	Soldado Eleutério Trindade	Passageiro	Recife-PE	SALVO
236.	Cabo Teofanes Bispo dos Santos	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
237.	Soldado Mozart Pereira da Luz	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
238.	Soldado João Alfredo Costa Filho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
239.	Manuel Henrique de Oliveira	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
240.	Jurandi Henrique Dias	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
241.	Maria Ramos	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecida
242.	Paulo Cezar de Paiva	Passageiro	Natal-RN	Desaparecido
243.	Venina Mendes	Passageiro	Natal-RN	Desaparecida
244.	Walter Mendes	Passageiro	Natal-RN	Desaparecido
245.	Dila Mendes	Passageiro	Natal-RN	Desaparecida
246.	Francisco Cirilo Bonfim	Passageiro	Natal-RN	Desaparecido
247.	Ana Bonfim	Passageiro	Natal-RN	Desaparecida
248.	Corina Paula Bonfim	Passageiro	Natal-RN	Desaparecida
249.	Jaci Batista Bonfim	Passageiro	Natal-RN	Desaparecida
250.	Doralice Nogueira Ribeiro	Passageiro	Natal-RN	Desaparecida
251.	Maria Barbosa dos Santos	Passageiro	Natal-RN	Desaparecida
252.	Teresinha Nogueira Ribeiro	Passageiro	Natal-RN	Desaparecida
253.	Clesia Nogueira Ribeiro	Passageiro	Natal-RN	Desaparecida
254.	Oswaldo Wethein	Passageiro	Natal-RN	Desaparecido
255.	Elena Fracho Werthein	Passageiro	Natal-RN	Desaparecida
256.	João Ibiapino do Nascimento	Passageiro	Natal-RN	Desaparecido
257.	Olegário Guedes	Passageiro	Natal-RN	Desaparecido
258.	Antônio T. Sobrinho	Passageiro	Natal-RN	Desaparecido
259.	Manuel S. das Chagas	Passageiro	Natal-RN	Desaparecido
260.	Valmaro S. Cardoso	Passageiro	Natal-RN	Desaparecido
261.	Moacir Drummond	Passageiro	Natal-RN	Desaparecido
262.	Pedro Fernandes da Costa	Passageiro	Fortaleza-CE	Desaparecido
263.	Isabel Fernandes da Costa	Passageiro	Fortaleza-CE	Desaparecida
264.	Francisco Mousinho	Passageiro	Fortaleza-CE	Desaparecido
265.	Floriano de Freitas Ceará	Passageiro	Belém-PA	SALVO
266.	Rosalina Sayd	Passageiro	Manaus-AM	Desaparecido
267.	Antônio Pinheiro de Lima	Passageiro	Manaus-AM	Desaparecido
268.	Manoel Cravinho Cavalcanti	Passageiro	Manaus-AM	Desaparecido
269.	Joaquim Reginaldo Souza	Passageiro	Manaus-AM	Desaparecido
270.	Severina Luiz e Araújo	Passageiro	*	Desaparecido
271.	Adão Benezath	Passageiro	*	Desaparecido
272.	José Augusto Almeida	Passageiro	*	Desaparecido
273.	João Mariano Santos	Passageiro	*	Desaparecido
274.	João Pereira Farias	Passageiro	*	Desaparecido
275.	Manoel Bezerra Filho	Passageiro	*	Desaparecido
276.	Irineu Alves Araújo	Passageiro	*	Desaparecido
277.	Esposa de Irineu (não consta o nome dela)	Passageiro	*	Desaparecida
278.	Filho (a) de Irineu (4 anos)	Passageiro	*	Desaparecido

279.	Filho (a) de Irineu (2 anos)	Passageiro	*	Desaparecido
280.	Filho (a) de Irineu (1 ano)	Passageiro	*	Desaparecido
281.	Manoel Costa Silva	Passageiro	*	Desaparecido
282.	Alípio Souza Leite	Passageiro	*	Desaparecido
283.	Maria Lourdes Araújo	Passageiro	*	Desaparecida
284.	José Ramos Araújo	Passageiro	*	Desaparecido
285.	Odete, com seis meses	Passageiro	*	Desaparecida
286.	Antônio Campos Ferreira Santo	Passageiro	**	Desaparecido
287.	Vilma Castello Branco	Passageiro	**	SALVA
288.	Arlindo Menezes	Passageiro	**	Desaparecido
289.	José Peixoto Souza	Passageiro	**	Desaparecido
290.	Walter Chaves Carvalho	Passageiro	**	Desaparecido
291.	Raymunda Pio da Silva	Passageiro	**	Desaparecida
292.	Zafira Pereira Lima	Passageiro	**	Desaparecida
293.	Ivonete Pereira Lima	Passageiro	**	Desaparecida
294.	Ivone Lima Guimarães	Passageiro	**	Desaparecida
295.	Eduardo Manoel Paiva	Passageiro	**	Desaparecido
296.	Lourenço Cavalcante Amorim	Passageiro	**	Desaparecido
TOTAL DE BRASILEIROS SALVOS			36	

Organizado por Luiz Antônio Pinto Cruz

(T) = Tripulantes

* = Embarcaram em Vitória-ES

** = Embarcaram em Salvador-BA

Memórias do náufrago Milton Fernandes da Silva:
“o Araraquara foi atacado diante do clarão de Aracaju”.

Milton Fernandes da Silva

Às 14 horas do dia 11 de Agosto de 1942, zarpou do porto do Rio de Janeiro, com destino ao de CABEDELLO e escalas em S. Salvador, Maceió e Recife, o navio-motor "Araraquara" sob o comando do capitão de longo curso, Lauro Augusto Teixeira de Freitas, levando á seu bordo 81 homens de guarnição e 96 passageiros.

No dia 13, quando em viagem RIO-BAHIA, ás 13 horas, achando-me de serviço, por ordem do Snr. Comandante, dei alarme para o serviço de salvatagem, o qual foi feito com a máxima presteza e absoluta ordem, não só por parte da guarnição como dos passageiros.

Fundamos ás 2 horas e 5 minutos, no ancoradouro do porto do SALVADOR no dia 14. Às 7 horas atracamos em frente do armazém n.º 5, iniciando-se, então, as operações de carga e descarga, ficando a saída marcada para o dia seguinte ás 11 horas. Conforme fora marcada no dia anterior, ás 11 horas do dia 15, deu o Snr. Comandante iniciou a manobra de desatracação, seguindo-se com destino ao porto de Maceió onde deveríamos chegar ao amanhecer do dia 16. Apesar de fortes ventos, mar e chuvas constantes, a viagem corria normalmente,

Às 21 horas, achando-se o navio quase de traves com a cidade de Aracajú, com o clarão da mesma á vista, eu dormia no meu camarote, quando fui despertado por um estampido oco, seguido de estremecimento do navio. Levantei-me incontinenti, ainda com o barulho da explosão e tentei acender a luz, mas já não havia energia elétrica. Compreendi, então, que o navio havia sido torpedeado. Vestia eu a calça do uniforme, por cima do pijama, quando se aproximou o Comandante perguntando ao oficial do quarto, 2.º. piloto, Benedito Lúnes, o que havia acontecido. Foram estas as suas palavras: -"Que foi isto, Benedito?"

O referido oficial preso de grande nervosismo nada respondeu, tendo eu dito então:

- Fomos torpedeados, e o navio está adernando consideravelmente. Á este tempo a guarnição já se aproximava do passadiço aguardando a ordem do comando, que foi a seguinte:

- Ponham os coletes salva-vidas e corram as baleeiras.

Foi executada imediatamente a ordem do Comandante:

Ao passar pela baleeira n. 1, em caminho da n. 3, da qual me cabia o comando, vi já iniciando o serviço de arriar a embarcação, o Comandante, o 1.º. maquinista e outros que faziam perto da guarnição da mesma.

Quando chegava á baleeira n. 3, após ter passado aproximadamente 1 minuto da 1.ª explosão, estando o navio já bastante adernado para boréste, lado do mar, onde bateu o torpedo, novo estampido foi ouvido, seguido logo por outra explosão que incendiou o porão n. 3, e derrubou parte do botequim, tendo a tolda do mesmo arriado sobre a minha baleeira, inutilizando-a completamente. Vendo a impossibilidade de arria-la, pensei em salvar parte da guarnição, e subi ao teto da ultima tolda á procura das balsas, as quais, não encontrei, pois, já haviam caído ao mar, dado a grande inclinação do navio. Voltei á baleeira, não encontrando mais a guarnição, pois, a mesma, vendo a impossibilidade de arria-la, procurara outros meios de salvação. Ordenei então, aos passageiros que estavam desorientados que fossem para o outro bordo, e procurassem salvar-se da melhor maneira possível, pois, aquela baleeira não seria arriada; dizendo mais, que me acompanhassem. Sai de gatinhas pelo convés, seguido de vários passageiros e descí cuidadosamente pelas balaustradas das toldas até chegar ao costado que já se achava na horizontal, estando, assim, o navio completamente deitado. Corri até a

quilha, fazendo-me ao mar, certo de que seria impossível salvar-me. Nadei um pouco auxiliado pelos vagalhões que me afastavam rapidamente do navio. Parei e pude presenciar o mesmo, enterrar, ou melhor, mergulhar a popa, ficando completamente em pé e desaparecendo.

Não houve tempo para ser arriada nenhuma baleeira, tendo sido empregado todos os meios para isso.

Com o vácuo produzido pelo afundamento do navio, fui um pouco ao fundo, tendo bebido bastante água com óleo e levado diversas pancadas com os destroços do mesmo. Quando voltei á superfície, e consegui respirar, agarrei-me a uma caixa que boiava, carga do porão n. 3. Nisto avistei um pedaço da tolda do botequim e nadei para ele, onde subi e pude recolher mais 3 pessoas, sendo: o 3º. maquinista, Eralkildes Bruno de Barros, o moço do convés, Esmerino Slina Siqueira e um oficial do exercito, passageiro do navio. Seguíamos à mercê das ondas, sem encontrar outras pessoas nas proximidades, á quem pudéssemos recorrer. Fui então apanhando e colocando sobre a tabua tudo que passava á meu alcance, e que julgava ter alguma utilidade. Assim foi que apanhei uma pequena prancha, um cavalete, um saco de farinha de trigo e um balão defesa, do qual aproveitei o chicote do cabo para amarrar sobre as taboas a pequena prancha e o cavalete, para que o mar não os levasse, pois, os mesmos serviam de lastro, isto é, faziam peso na taboa, afundando-a, evitando que a crista das vagas as arrebatassem.

Durante toda a madrugada avistamos constantes clarões de explosões no local onde afundou o navio, explosões estas, que creio terem sido nas garrafas de ar comprimido e nos tanques de óleo. Continuamos sobre as taboas, notando que o mar nos aproximava cada vez mais para terra, sempre em frente a barra do Aracajú.

Assim passamos o resto da noite de 15, todo o dia 16, quando aproximadamente, ás 2 horas do dia 17, o marinheiro começou á dar sinais de perturbação mental, pedindo alimento, dizendo ter ouvido bater a campainha para o café, depois tentou agredir o tenente, o que evitamos; em seguida, desesperado de fome e sede atirou-se ao mar, sendo impossível qualquer salvação. Logo após, o segundo tenente começou a demonstrar o mesmo sintoma, perguntando pelos colegas. Lembrei-me, então de indagar seu nome e ele respondeu ser Oswaldo Costa. Tentei acalma-lo, foi impossível, atirou-se n'água. Com cuidado para não haver desequilíbrio nas poucas taboas que nos restavam, agarrei-o pelas botas, conseguindo coloca-lo novamente sobre as mesmas. No entanto, poucos minutos depois, colocando-se numa atitude agressiva, dizendo que eu e meu companheiro estávamos embriagados, que ia para casa, fez-se novamente ao mar, sendo desta vez, impossível salvá-lo.

Restavam agora, na taboa, somente eu e o terceiro maquinista. Assim, continuamos sempre avistando o clarão da cidade de Aracajú, para onde éramos levados.

Ao clarear o dia, quando já avistávamos as casas da referida cidade, a vazante do rio COTINGUIBA e o vento terral nos afastou para fora, fazendo-nos cair na rebentação dos bancos. Esta acabou de destruir as taboas e nos atirou n'água. Lutamos com a dita rebentação nadando sempre em busca da prancha, pois, esta ainda nos oferecia resistência, mas ao aproximarmos, éramos atirados novamente á distancia, tornando-se, assim, impossível agarrarla. Continuamos nesta luta, até aproximadamente ás 9 horas, quando avistamos uma coroa, para lá nos dirigimos. Notei que a maré enchia, e calculando que na préa mar, talvez não desse pé na dita coroa, e que estando fracos, pois, a 36 horas não dormíamos, nem nos alimentávamos, convenci ao meu companheiro que não devíamos descansar e sim nadar para terra, da qual já avistávamos o coqueiros. Assim ficamos somente uns 10 minutos, afim de refazer as forças e fizemo-nos ao mar, nadando em direção da praia de ESTÂNCIA, onde chegamos ás 15 horas. Exausto, deitei-me na areia para dormir, julgando ter meu companheiro feito o mesmo, quando fui acordado para beber água de coco verde que ele havia apanhado. Reanimado subi também ao coqueiro, derrubando 4 cocos, dos quais

bebemos a água e comemos a polpa. Em seguida puzemo-nos à caminhar, e depois de andarmos 2-½ léguas, encontramos a fazenda da BARRA de propriedade de Manoel Sobral, onde o administrador, Snr. Luiz Gonzaga de Oliveira, preparou jantar e nos ofereceu. Terminada a refeição, o dito administrador mandou dois de seus empregados numa canoa nos levar á cidade de S. Cristovão.

Durante a viagem, foi que conseguimos dormir um pouco no fundo da embarcação.

Às 21 horas chegamos á dita cidade, e fomos recebidos pelo povo, apresentando-se, em seguida, o Snr. Prefeito, que nos encaminhou á sua residência, obrigando-nos a fazer uma pequena refeição, enquanto aguardávamos a condução para prosseguirmos a viagem até Aracajú. Pedi, então, que telegrafassem á minha família, participando que estava salvo.

Quando terminávamos a refeição, mais um sobrevivente do "Araraquara" apareceu; era o passageiro Caetano Moreira Falcão, que havia dado á praia, numa das balsas, e foi recolhido por um pescador. Na referida balsa, vinham mais dois passageiros, que morreram lutando com a rebentação. O Snr. Prefeito, levou-nos no seu automóvel para Aracajú, onde chegamos ás 24 horas, encaminhando-nos ao Governador do Estado, com quem conversamos alguns momentos. Depois de deixarmos em palácio o colete e a boia salva-vidas que trazíamos conosco, retiramo-nos para o hotel MAROZZI, onde ficamos hospedados.

No dia seguinte, fomos socorridos e medicados pelo médico do posto assistência Dr. Moysés.

Fiquei 10 dias impossibilitado de me locomover, por ordem do médico e durante este período, outros náufragos foram chegando á Aracajú; disto era informado pelo Snr. Agente, Dr. Carlos Cruz, ao qual pedi que telegrafasse á Companhia, cientificando-a de tudo, assim, como, ás famílias que me telegrafavam pedindo noticias dos seus.

Os outros sobreviventes foram os seguintes: José Pedro da Costa, barbeiro, que salvou-se sozinho em um pedaço de taboa; Francisco José dos Santos, marinheiro, e Mauricio Ferreira Vital, taifeiro, que salvaram-se numa das balsas, trazendo consigo a passageira, d. Eunice Balman; José Rufino dos Santos, marinheiro, José Correia dos Santos, moço, e José Alves de Móla, carvoeiro, que chegaram á terra montados na quilha da baleeira n. 4, que flutuou emborcada depois do navio submerso, e traziam consigo a passageira, d. Alaíde Cavalcante.

Vários cadáveres deram á praia, sendo fotografados pela policia e, dentre eles, pude identificar dois: o taifeiro, Celso Rosas e o cabo Caldeirinha, Pedro Vieira.

As baleeiras no. 1 e 2, também deram á praia, mas completamente vazias.

Dia 29, seguimos por ordem da Companhia, para a Bahia, ficando ai hospedados á bordo do navio "Itaquera", de onde saímos no dia 4 de Setembro, viajando por terra, com destino ao Rio de Janeiro, onde chegamos ás 23 horas do dia 10.

Consta na cidade de Salvador, que os tripulantes do iate e da barcaça que foram abordados, sendo a ultima bombardeada, identificaram como de nacionalidade alemã a guarnição do submarino, ficando assim provado e reconhecido os covardes que torpedearam no espaço de 48 horas, 5 navios de passageiros, completamente indefesos.

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1942.

LISTA OFICIAL DO ARARAQUARA

Nº	NOME	ATIVIDADE	DESTINO	ESTADO
1.	Lauro Augusto Teixeira de Freitas(T)	Comandante	-	Desaparecido
2.	João Fernandes Bio(T)	Imediato	-	Desaparecido
3.	Milton Fernandes da Silva(T)	1ª Piloto	-	SALVO
4.	Benedicto Iunes(T)	2ª Piloto	-	Desaparecido
5.	João Vassalo de Barros(T)	2ª Piloto	-	Desaparecido
6.	Jayme Teixeira de Freitas(T)	Pte. Piloto	-	Desaparecido
7.	Dr. Carlos Ramos de Azambuja(T)	Médico	-	Desaparecido
8.	Odilon Muniz Barreto(T)	1ª Rádio	-	Desaparecido
9.	Carlos Saraiva Alonso(T)	2ª Rádio	-	Desaparecido
10.	José Martins Reis Júnior(T)	C. Mestre	-	Desaparecido
11.	Octacílio Gomes da Silva(T)	Carpinteiro	-	Desaparecido
12.	José Rufino dos Santos(T)	Marinheiro	-	SALVO
13.	Francisco José dos Santos(T)	Marinheiro	-	SALVO
14.	Manoel Francisco da Silva(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
15.	Manoel Martins de Souza(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
16.	Melchizedeck de Carvalho(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
17.	Luiz Gonzaga Freire(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
18.	João Ferreira dos Santos(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
19.	Sebastião Simões dos Anjos(T)	Moço	-	Desaparecido
20.	Mário Gomes da Silva(T)	Moço	-	Desaparecido
21.	Jayme Gomes Pinto(T)	Moço	-	Desaparecido
22.	Pedro da Motta Silveira(T)	Moço	-	Desaparecido
23.	Esmerino Elias Siqueira(T)	Moço	-	Desaparecido
24.	João Dias Pinto(T)	Moço	-	Desaparecido
25.	Carlos dos Santos Pires(T)	Moço	-	Desaparecido
26.	Waldemiro Mattos(T)	1ª Maquinista	-	Desaparecido
27.	Christóvão Machado(T)	2ª Maquinista	-	Desaparecido
28.	Erothildes Bruno de Barros(T)	3ª Maquinista	-	SALVO
29.	Manoel Serejo Linhares(T)	3ª Maquinista	-	Desaparecido
30.	Amaro Antunes de Almeida(T)	3ª Maquinista	-	Desaparecido
31.	Aurélio Delgado Serviço(T)	3ª Maquinista	-	Desaparecido
32.	Luiz Rangel da Silva(T)	3ª Maquinista	-	Desaparecido
33.	Manfredo Bezerra(T)	3ª Maquinista	-	Desaparecido
34.	José Farias da Paixão(T)	3ª Maquinista	-	Desaparecido
35.	Graciliano M. Assumpção(T)	Pte. Maquinista	-	Desaparecido
36.	Acácio de Souza Machado(T)	1ª Eletricista	-	Desaparecido
37.	Olegário de Souza Júnior(T)	2ª Eletricista	-	Desaparecido
38.	Pedro Vieira(T)	C. Caldeirinha	-	Desaparecido
39.	Abdon Corcino de Medeiros(T)	C. Foguista	-	Desaparecido
40.	Henrique Guedes de Moura(T)	Foguista	-	Desaparecido
41.	Moysés Joaquim de Oliveira(T)	Foguista	-	Desaparecido
42.	Santino Vicente(T)	Foguista	-	Desaparecido
43.	Vicente Ferreira da Silva(T)	Foguista	-	Desaparecido
44.	José Alves de Mello(T)	Carvoeiro	-	Desaparecido
45.	Francisco Freitas Barbosa(T)	Carvoeiro	-	Desaparecido
46.	Enoch Sandes Oliveira e Silva(T)	1ª Comissário	-	Desaparecido
47.	Paschoal Visconti(T)	2ª Comissário	-	Desaparecido
48.	Francisco Xavier Dias(T)	1ª Cozinheiro	-	Desaparecido
49.	José Laurentino dos Santos(T)	2ª Cozinheiro	-	Desaparecido
50.	Jeronymo Benedicto da Silva(T)	2ª Cozinheiro	-	Desaparecido

51.	Manoel Rodrigues de Oliveira(T)	3ª Cozinheiro	-	Desaparecido
52.	Sebastião Jardim dos Anjos(T)	Padeiro	-	Desaparecido
53.	Irineu Pereira da Silva(T)	Paioleiro	-	Desaparecido
54.	Oswaldo Andrade(T)	Lavador	-	Desaparecido
55.	Amarílio Lins das Neves(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
56.	José Calazans dos Santos(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
57.	Milton Soares da Silva(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
58.	Antônio Tavares dos Santos(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
59.	Oliveiros Rodrigues Lucena(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
60.	Severino Chagas Coutinho(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
61.	Antônio Miranda da Silva(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
62.	Adão Brasil Rodrigues(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
63.	Celso Rosas da Silva(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
64.	Pedro Bezerra Wanderley(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
65.	José Elias Filho(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
66.	João Pereira de Lima(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
67.	Roque Martins da Silva(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
68.	João de Oliveira Filho(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
69.	Miguel Alves das Chagas(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
70.	Pedro Maurício de Souza(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
71.	Maurício Pereira Vital(T)	Taifeiro	-	SALVO
72.	Antônio Quirino da Costa(T)	Moço	-	Desaparecido
73.	José Corrêa dos Santos(T)	Moço	-	Desaparecido
74.	José Fernandes	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
75.	Manoel Barbosa dos Santos	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
76.	Wilson Pereira de Mendonça	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
77.	José Dutra	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
78.	Alirio Cerqueira	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
79.	Edelviro Sant'Anna	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
80.	José Pedro da Costa	Passageiro	Cabedelo-PB	SALVO
81.	Hermes Dantas da Silva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
82.	Francisco de Castro	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
83.	Antônio Campos de Arruda Beltrão	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
84.	Elisa Beltrão	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
85.	Gaspar Monteiro Oliveira Pinto	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
86.	Cacilda de Souza Pinto	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
87.	Jayme de Souza Pinto	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
88.	Paulo Moitinho Neiva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
89.	Roberto Ribeiro Carvalho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
90.	Odete Vieira Cunha Carvalho	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
91.	Maria de Lourdes Souza Rangel	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
92.	Oswaldo Machado	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
93.	Palmira Álvares Anciães	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
94.	Palmira Alvarez Anciães Filha	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
95.	Noberto Silvio Paiva Anciães	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
96.	Manoel Antônio Teixeira	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
97.	Aníbal de Souza Gonçalves	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
98.	Haydée Pitta Gonçalves	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
99.	Washington Nobre da Silva	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
100.	Virgínia Auto de Andrade	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
101.	Gustavo Gorge	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
102.	Beatriz Gorge	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido

103	Marilene Giorge	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
104	Marlene Giorge	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
105	Gildo Antunes da Silva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
106	Nelson Salles Pereira Leite	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
107	Alberto Elysio Silveira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
108	Waldemar Figueiredo Lemos	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
109	Luiz Eduardo Villafane Gomes	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
110	Carmem Mattoso	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
111	Hermencio Catanhede	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
112	Antônio Lins Cavalcanti	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
113	Alaíde Lins Cavalcanti	Passageiro	Recife-PE	SALVA
114	Antônio Cavalcanti	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
115	Hélio Cavalcanti	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
116	Noemi Cavalcanti	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
117	Constantino Pereira d'Almeida	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
118	Nancy Ferreira d'Almeida	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
119	Almerinda Nogueira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
120	José Baptista da Silva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
121	Caetano Moreira Falcão	Passageiro	Recife-PE	SALVO
122	Amélia Figueira Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
123	Eodizum Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
124	Edson Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
125	Weber Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
126	Arlete Ferreira	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
127	Heinrich Fahlbusch	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
128	Francisco José de Souza	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
129	Renato Cardoso Mesquita	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
130	Gilberto Costa	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
131	Murilo Gonçalves da Silva	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
132	Elza Boiss	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
133	Eduardo Alexandre Baumnn	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
134	Eunice Neiva Baumann	Passageiro	Recife-PE	SALVA
135	João Dias Júnior	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
136	Flavio Andrade Guimarães	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
137	José Dutra Pereira	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
138	Edelvíro Santana	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
139	Aloysio Oswaldo Cerqueira	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
140	José Gonçalves Fernandes	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
141	Wilson Pereira Mendonça	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
142	José Pedro da Costa	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
143	Manoel Barbosa dos Santos	Passageiro	Cabedelo-PB	Desaparecido
144	Virgílio Alves de Figueiredo	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
145	Annibal Whatley Dias	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
146	Jayme Sagorsky	Passageiro	Recife-PE	Desaparecido
TOTAL DE BRASILEIROS SALVOS		9		

Organizado por Luiz Antônio Pinto Cruz

(T) = Tripulantes

Memórias do naufrago Henrique Jacques Mascarenhas Silveira:

“Aníbal Benévolo seguia para Aracaju”⁴⁶⁴

Henrique Jacques Mascarenhas Silveira

No dia 10 de agosto de 1942, achando-se o navio fundeado em Caravelas, fiz executar, com a presença de passageiros e tripulantes, exercícios de salvamento e incêndio. Pequenas falhas foram por mim corrigidas, de sorte que o sistema de salvamento do Aníbal Benévolo estava em ótimas condições. No dia seguinte, 11, às 13 horas, levantei ferros, com destino ao porto da Bahia. A viagem decorreu normalmente, seguindo o navio a rota traçada de acordo com as instruções do Estado Maior da Armada. Salvador foi alcançada sem qualquer novidade. Nesse porto, porém, em consequência de acidente na rede de abastecimento d’água, acidente que não sei a que atribuir, todos os navios ali fundeados tiveram partida retardada. Assim, é que, devendo o Aníbal Benévolo zarpar às 6 horas da tarde do dia 14 de agosto, só pode fazê-lo ao meio dia de 15. O Baependí só saiu às 7 horas da manhã desse mesmo dia 15. O Araraquara, às 8 ou 9 da manhã. Houve, assim, por causa daquele acidente no encanamento d’água, um retardamento geral, que determinou o agrupamento de vários navios, todos eles saindo quase ao mesmo tempo, com pequenos intervalos. A viagem de Salvador para Aracaju processou-se, rigorosamente, em consonância com as instruções emanadas do Estado Maior da Armada, isto é, navegando-se bem próximo da costa, com as luzes dos camarotes e salões apagadas, conservando apenas acesos o que chamamos de “faróis de navegação”.

O fato – “Singrávamos a sete milhas da costa, na posição de 15 milhas ao sul do farol do rio Real, quando, precisamente, às 4 horas e 5 minutos da manhã do dia 16 de agosto, foi o navio violentamente sacudido, ouvindo-se forte estampido abafado. Nessa ocasião, eu achava-me no passadiço, assim como o imediato, Manoel Duarte Cordeiro. Este, percebendo que o navio afundava rapidamente, dirigiu-se, incontinenti, para a casa do leme, onde pôs a funcionar a sireia de alarma, enquanto eu tentava colocar fora da borda uma das baleeiras salva-vidas. Mas o navio, com incrível rapidez, enquanto se ouvia o continuo estridor da sireia de alarma, acionada pelo imediato, afundou todo, e eu fui lançado na água, descendo a uma profundidade que calculo em 10 metros. Procurei ter livres movimentos, nadando para chegar à tona. Aí, busquei atingir, dentro da escuridão reinante, qualquer coisa em que pudesse me apoiar, achando, por fim, um tambor, no qual logo me apoiei. Mas um tambor torna a pessoa cedo exausta, pois com um movimento das ondas gira continuamente. Pouco depois, divisei uma das quatro balsas salva-vidas que o navio possuía, nela conseguindo me apumar, e aí me mantive até ao clarear do dia, sempre perscrutando em volta, na ânsia de descobrir algum outro naufrago que tivesse logrado se desembaraçar do navio e a quem eu pudesse prestar qualquer auxílio naquela dolorosa contingência. Mas em redor, infelizmente, só vogavam destroços; apenas destroços me circundavam. O imediato, que, mal se produziu o choque do torpedo, acorrera para a casa do leme, a fim de fazer funcionar a sireia de alarma, desceu com o navio e dele não logrou sair. Foi um magnífico exemplo de civismo, bravura e patriotismo, pois a morte desse oficial ocorreu quando ele se achava no cumprimento do seu dever. Por mais que tentasse ouvir o grito angustiante de algum naufrago ou o gemido de algum ferido, nada ouvia. Apenas o marulho das vagas. Dai a pouco, porém, avistava dois tripulantes, e somente dois, do que se infere que todos os passageiros demais tripulantes, no curtíssimo lapso de tempo que mediou entre o torpedeamento e o afundamento, não tendo podido safar-se dos respectivos camarotes e alojamentos, sucumbiram dentro do próprio navio, que os levou para o fundo do mar. A tripulação compunha-se de 64 homens, dos quais

⁴⁶⁴ Depoimento do naufrago Henrique Jacques Mascarenhas Silveira, comandante do Aníbal Benévolo. In: *Agressão. Documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra*. Rio de Janeiro: DIP. 1943, pp. 92-94.

apenas quatro se salvaram (incluindo-me eu nesse número), e os passageiros ascendiam a mais ou menos 100, entre adultos e crianças.

Montando nessa balsa, havendo conseguido arrumar alguns pedaços de madeira, improvisei, com eles e o meu dolman (na ocasião do naufrágio eu estava de chinelos e calça de pijama, porém de dolman), uma vela, graças à qual pude alcançar a terra, que se achava à vista, o que só se verificou na noite desse dia, 18 horas depois do torpedeamento. Mas, antes de atingir terra firme, quatro vezes fui “embrulhado” com a balsa, na arrebentação, pois o mar, ali, é bem forte. Os outros tripulantes lograram também ajeitar-se em balsas. O foguista, Waldomiro Pinheiro, apegou-se a um “quartel” da escotilha (pranchão de madeira).

- Acha que o submarino tinha pleno conhecimento da rota desses navios?

- Creio que sim, pois, segundo os jornais tem publicado, eram transmitidas informações de terra sobre a rota dos vapores. Possivelmente a notícia criminosa foi para um ou dois, mas o submarino aproveitou a coincidência da passagem de vários navios para torpedear todos.

- Como explica essa coincidência de muitos navios?

- Deve estar lembrado de que, no começo de minhas declarações, aludi ao dês desarranjo havido no porto da Bahia no tocante ao encanamento para abastecer os navios de água. O desarranjo havido demandou muito tempo para ser reparado, e esse concerto determinou a retenção de todos os vapores e, conseqüentemente, o seu atraso na partida para procedimento da viagem. Friso desconhecer, até hoje, a causa do acidente que motivou a impossibilidade de nos abastecermos d'água a zarparmos na hora devida.

- Em quanto tempo calcula haja o navio afundado?

- Admito um tempo máximo de dois minutos. Tudo se passou com tanta rapidez que nem sequer, de nos utilizarmos do aparelho de telegrafia. O torpedeamento foi às 4 horas e 5 minutos da manhã, quando tudo estava escuro e todos acomodados nos seus camarotes ou alojamentos. Depois que voltei à superfície, cuidei logo de olhar em torno para lobrigar alguém, mas, como disse, não vi ninguém, a não ser, pouco depois, os tripulantes a que já me referi.

- A que ponto da costa chegou?

- Ao lugar chamado Mangue Seco. Ali, na Fazenda Santo Antonio, eu e os demais naufragos fomos carinhosamente recebidos pela população, que, num gesto generoso, nos forneceu roupas, sapatos, tudo enfim. Ainda ali, recebemos os necessários socorros médicos enviados pelo governo de Sergipe, que tudo nos prodigalizou. De Mangue Seco fui transportado para Estância e, dali, para Aracaju, regressando, posteriormente, ao Rio por avião. O Loide Brasileiro autorizou os naufragos e adquiriram tudo quanto precisam, e a todos dispensou a mais completa assistência.

LISTA OFICIAL DO ANÍBAL BENÉVOLO

N ^o	NOME	ATIVIDADE	DESTINO	ESTADO
1.	Henrique Mascarenhas Silveira (T)	Comandante	-	SALVO
2.	Manuel Duarte Cordeiro(T)	Imediato	-	Desaparecido
3.	Hélio Corrêa de Oliveira(T)	1 ^o Piloto	-	Desaparecido
4.	José Furtado Soares de Meireles(T)	2 ^o Piloto	-	Desaparecido
5.	Mathias Bandeira de Morais(T)	1 ^o Radiotelegrafista	-	Desaparecido
6.	Hugo Pedro Krapt(T)	2 ^o Radiotelegrafista	-	Desaparecido
7.	Osório França(T)	Médico	-	Desaparecido
8.	Sérvulo da Costa(T)	Conferente	-	Desaparecido
9.	Firmino Pereira da Silva(T)	Mestre	-	Desaparecido
10.	Antônio de Almeida(T)	Carpinteiro	-	Desaparecido
11.	Julio Alexandre de Carvalho(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
12.	José Rodrigues dos Santos(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
13.	Cristóvão de Deus Oliveira(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
14.	Amintas Ascendino dos Santos(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
15.	João Joaquim Sergio(T)	Marinheiro	-	Desaparecido
16.	Manuel Nunes da Silva(T)	Moço	-	SALVO
17.	José Bonfim da Hora(T)	Moço	-	Desaparecido
18.	Antônio Ferreira de Alcântara(T)	Moço	-	Desaparecido
19.	Francisco Fernandes(T)	Moço	-	Desaparecido
20.	Cosme de Oliveira Silva(T)	Moço	-	Desaparecido
21.	Heliodoro de Holanda Cavalcante(T)	1 ^o Maquinista	-	Desaparecido
22.	Raymundo Lira de Azevedo(T)	2 ^o Maquinista	-	Desaparecido
23.	Mariano Costa(T)	3 ^o Maquinista	-	Desaparecido
24.	José Gonçalo Duarte Lira(T)	4 ^o Maquinista	-	Desaparecido
25.	Thiago José da Silva(T)	Cabo-foguista	-	Desaparecido
26.	Manuel Vieira dos Santos(T)	Cabo-foguista	-	Desaparecido
27.	Josau de Brito(T)	Cabo-foguista	-	Desaparecido
28.	José Evaristo Gomes Filho(T)	Cabo-foguista	-	Desaparecido
29.	Valdemiro Pinheiro(T)	Foguista	-	SALVO
30.	Pedro Paulo Mota(T)	Foguista	-	Desaparecido
31.	Virgílio Pires(T)	Foguista	-	Desaparecido
32.	Inocêncio Alves dos Santos(T)	Foguista	-	Desaparecido
33.	João Laurentino da Silva(T)	Foguista	-	Desaparecido
34.	Olavo Pereira da Cruz(T)	Foguista	-	Desaparecido
35.	Zacharias Alves(T)	Carvoeiro	-	Desaparecido
36.	Antenor Manuel da Luz(T)	Carvoeiro	-	Desaparecido
37.	Inocêncio Severino dos Santos(T)	Carvoeiro	-	Desaparecido
38.	André Gomes Sena(T)	Carvoeiro	-	Desaparecido
39.	Manuel Severino da Silva(T)	Carvoeiro	-	Desaparecido
40.	Calmon Ferreira da Silva(T)	Carvoeiro	-	Desaparecido
41.	Antônio Santana Ferreira(T)	Carvoeiro	-	Desaparecido
42.	Manuel Vangeloti(T)	1 ^o Comissário	-	Desaparecido
43.	Maurício José Pindenfeld(T)	2 ^o Comissário	-	Desaparecido
44.	Firmino Gomes da Silva(T)	1 ^o Cozinheiro	-	Desaparecido
45.	Aristides Matos dos Santos(T)	2 ^o Cozinheiro	-	Desaparecido
46.	Ernesto de Azevedo Silva(T)	2 ^o Cozinheiro	-	Desaparecido
47.	José Muniz de Oliveira(T)	3 ^o Cozinheiro	-	Desaparecido
48.	José Souza(T)	Ajd. Cozinha	-	Desaparecido
49.	Carivaldo Francisco de Soledade(T)	Padeiro	-	Desaparecido
50.	Sergio Clementino Bezerra(T)	Paioleiro	-	Desaparecido
51.	Guilherme Ribeiro(T)	Botequineiro	-	Desaparecido

52.	Ozeas Góes(T)	Copeiro	-	Desaparecido
53.	José Marques da Costa(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
54.	Jônio Alves de Barros(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
55.	Carlos de Azevedo Coutinho(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
56.	Edgard Silva Ramalho(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
57.	Raimundo Ribeiro da Silva(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
58.	Pedro Martins Fonte(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
59.	Amaro Martins dos Santos(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
60.	Antônio Francisco dos Santos(T)	Barbeiro	-	Desaparecido
61.	Navaldo Navarro de Moraes(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
62.	Manuel Fernandes da Silva(T)	Taifeiro	-	Desaparecido
63.	Antônio Castanheira(T)	Barbeiro	-	Desaparecido
64.	Jonas Manuel dos Santos(T)	Praticante	-	Desaparecido
65.	Mário Gomes de Carvalho(T)	Barbeiro	-	Desaparecido
66.	José Antônio de Oliveira(T)	Moço	-	SALVO
67.	Manuel Gomes de Oliveira(T)	Cabo-foguista	-	SALVO
68.	Manuel Ferraz(T)	Foguista	-	SALVO
69.	Casimiro Manuel Lima(T)	Foguista	-	Desaparecido
70.	Wilson Gil(T)	Taifeiro	-	SALVO
71.	Armênio de Castro Bezerril(T)	Taifeiro	-	SALVO
72.	Benício Montes Flores	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
73.	Isabel Montes Flores	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
74.	José Lacerda Dantas	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
75.	Ieda Gomes Dantas	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
76.	Lucí Gomes Dantas	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
77.	Inéa Gomes Dantas	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
78.	Josias Alves de Souza	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
79.	Guilhermina Alves de Souza	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
80.	Lens Alves de Souza	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
81.	Fernando Oliveira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
82.	Evangelina de Barros Oliveira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
83.	Carlos de Oliveira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
84.	Manuel Messias de Souza	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
85.	Elisabeth Santos	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
86.	Edmundo Dantas	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
87.	Josefa Cardoso Santos	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
88.	José Carlos do Nascimento	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
89.	Jerônimo Alves Torres	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
90.	Valtércio José de Sá	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
91.	Aurora Santos	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
92.	Marlene Santos Pior	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
93.	Marilena Santos Prior	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
94.	Oswaldo Caldas de Assis	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
95.	José Alves	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
96.	Adelina Alves	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
97.	Derlin Alves	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
98.	Olga Alves	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
99.	Pedro Marinho da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
100.	Clarinha Rego Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
101.	José Soares de Brito	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
102.	José Gomes da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
103.	Severina Moreira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido

104	Maria Gomes	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
105	Alcides Gomes	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
106	Ismael Cordeiro	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
107	Acielé Cordeiro	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
108	José Gomes	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
109	José Aprígio	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
110	Wanda Lessa	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
111	Grácil Aprígio	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
112	Mário Aprígio	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
113	Ivo Aprígio	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
114	José Antônio Martins	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
115	Maria Martins	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
116	Cesaria Martins	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
117	Severina Martins	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
118	Joaquina Martins	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
119	Luzia Martins	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
120	Antônio Martins	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
121	Antônia Martins	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
122	Pedro Martins	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
123	Mariano Ramos M. Pereira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
124	Cecília Ramos Pereira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
125	Lourival Ramos Pereira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
126	Creusa Ramos Pereira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
127	Narciso Dias da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
128	Vitalina Dias da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
129	Maria Dias da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
130	Severino Dias da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
131	Maria Anunciada Dias da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
132	Aurora Dias da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
133	Maria José Dias da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
134	Octacílio Dias da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
135	Josefina Dias da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
136	José Martins dos Santos	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
137	Amara Martins dos Santos	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
138	Maria das Dores dos Santos	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
139	Severino dos Santos	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
140	Tompson Teles Vieira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
141	Clarice Prudente Vieira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
142	Marisete Prudente Vieira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
143	Maria dos Santos	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
144	Milton dos Santos Vieira	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
145	Antônio Ciriaco	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
146	Maria Alves	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
147	Maria José dos Santos	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
148	Francisco Garcia	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
149	João Ferreira da Silva	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
150	David Góes	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
151	João C. Castro	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
152	Antônio Fernandes Neto	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
153	Julio Alexandre	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
154	Manoel Messias dos Santos.	Passageiro	Aracaju-SE	Desaparecido
TOTAL DE BRASILEIROS SALVOS		8		

(T) = Tripulantes / Organizado por Luiz Antônio Pinto Cruz

DECLARAÇÃO DE ESTADO DE BELIGERÂNCIA EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL

Nota enviada pelo Ministro das Relações Exteriores do Brasil aos governos da Alemanha e Itália pela qual anunciou a declaração de guerra.

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1942.

Senhor Ministro:

A orientação pacifista da política internacional do Brasil manteve-o, até agora, afastado do conflito em que se debatem quase todas as nações inclusive deste hemisfério. Apesar das declarações de solidariedade americana, votadas na Oitava Conferência de Lima, e na Primeira, Segunda e Terceira Reuniões de Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, efetuadas, respectivamente, no Panamá, 1939, em Havana, 1940, e no Rio de Janeiro, 1942, não variou o Governo brasileiro de atitude, embora houvesse sido, insolitamente, agredido o território dos Estados Unidos da América, por forças do Japão, seguindo-se o Estado de Guerra entre aquela República irmã e o Império agressor, a Alemanha e a Itália.

Entretanto a Declaração XV da segunda daquelas reuniões, consagrada pelos votos de todos os Estados da América, estabeleceu “Que todo atentado de um Estado não americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território e contra a soberania ou independência política de um Estado americano será considerado como um ato de agressão ao Brasil, determinando a nossa participação no conflito e não a simples declaração de solidariedade com o agredido, seguido algum tempo depois, da interrupção das relações diplomáticas com os Estados agressores”.

Sem consideração para com essa atitude pacífica do Brasil e sob o pretexto de que precisava fazer guerra total à grande nação americana, a Alemanha (Itália) atacou e afundou, sem prévio aviso, diversas unidades navais mercantes brasileiras, que faziam viagens de comércio, navegando dentro dos limites do “mar continental”, fixados na Declaração XV do Panamá.

A esses atos de hostilidade, limitamo-nos a opor protestos diplomáticos tendentes a obter satisfações e justa indenização, reafirmando porém nesses documentos propósitos de manter o estado de paz. Maior prova não era possível da tolerância do Brasil e de suas intenções pacíficas. Ocorre, porém, que agora, com flagrante infração das normas de Direito Internacional e dos mais comecinhos princípios de humanidade, foram atacados, na costa brasileira, viajando em cabotagem, os vapores *Baependy*^x e *Anibal Benévolo*^x (do Lóide Brasileiro, Patrimônio Nacional), o *Arará* e o *Araraquara*^x (do Lóide Nacional S.A.) e o *Itagiba* (da Cia. Navegação Costeira), que transportavam passageiros, militares e civis, e mercadorias, para portos do Norte do país.

Não há como negar que a Alemanha (Itália) praticou contra o Brasil atos de guerra, criando uma situação de beligerância que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança e da América. Em nome do Governo brasileiro, peço, Senhor Ministro, se digne Vossa Excelência levar esta declaração ao conhecimento do Governo alemão (italiano) para os devidos efeitos.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta consideração.

OSWALDO ARANHA
Ministro das Relações
Exteriores do Brasil”

ⁱ Correio de Aracaju. Aracaju/SE, 16 de janeiro de 1943, p.4.

^x Os três navios torpedeados na costa sergipana em 15-16 de agosto de 1942.